

O Grupo Observatório da Mídia Esportiva foi criado em 2003 na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo hoje um grupo-parceiro junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Congrega professores de Educação Física em diferentes estágios de formação, da graduação ao doutorado, além de pesquisadores que obtiveram sua formação de mestrado em programas de pós-graduação da UFSC.

Contatos:
LaboMídia – Centro de Desportos – UFSC
CEP 88.040-900 – Florianópolis/SC
Tel. 48 - 3721 8615
www.nepef.ufsc.br/labomidia/portal

Ao pensarmos o esporte nos dias atuais, invariavelmente direcionamos nosso imaginário a grandes performances, a atletas renomados, a grandes conquistas, a momentos de superação e emotividade intensa e, num esforço concentrado, a grandes eventos esportivos internacionais, sobretudo, e de forma planetária, os Jogos Olímpicos (verão) e as Copas do Mundo de Futebol.

Neste contexto, temos no Brasil a possibilidade (ou a “missão”) de sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, a candidatura aos Jogos Olímpicos de 2016, entre outras ações de proporcional magnitude e representatividade. No bojo de toda essa “euforia esportiva nacional”, destaca-se uma série de elementos que descrevem a complexidade do que entendemos como o fenômeno esportivo polissêmico.

Observando esse cenário, chega às mãos do prezado(a) leitor(a) o trabalho de um conceituado, e porque não dizer consolidado grupo de pesquisadores que, com rigorosidade e competência científica, se preocupou com essa complexidade e analisou especificamente as principais características do discurso midiático nos Jogos Pan-americanos Rio 2007 em quatro consistentes subprojetos.

Cabe destacar que os resultados apresentados, e o fio condutor da pesquisa, respeitaram no seu percurso metodológico o objetivo de garantir a possibilidade de apropriação do conhecimento sistematizado e o fomento ao debate acadêmico, pautando sempre o (possível e necessário) compromisso educacional. Portanto, é muito oportuna, significativa e bem-vinda a contribuição do Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva – LaboMídia/UFSC, pelo qual tenho respeito e admiração cada vez maior.

*Curitiba, inverno de 2009.
Wanderley Marchi Júnior
Professor do DEF-UFPR*

ISBN: 978-85-62946-00-4



REDE CEDES

Centro de Desenvolvimento de Esporte Recreativo e de Lazer



OBSERVATÓRIO LABOMÍDIA

“Observando” PAN RIO/2007 na mídia



Este livro é constituído por artigos produzidos a partir da pesquisa “Os Jogos Pan-Americanos RIO/2007 e o discurso midiático-esportivo: observação e análise da cobertura na mídia nacional”, desenvolvida pelo Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC com apoio financeiro da Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer (Ministério do Esporte), que foi obtido através do Edital-2008 da Rede CEDES.

“OBSERVANDO” O PAN - RIO/2007 NA MÍDIA

GIOVANI DE LORENZI PIRES (org.)



GIOVANI DE LORENZI PIRES (org.)

“**O**bservando”
PAN RIO/2007
na mídia



Giovani De Lorenzi Pires
(organizador)

“Observando” **PAN** RIO/2007 na mídia



Florianópolis
2009

© Copyright by Giovani De Lorenzi Pires (organizador)

Revisão: Fabio de Carvalho Messa; Giovani De Lorenzi Pires

Projeto gráfico, diagramação e capa:

Editora Tribo da Ilha.

O14 “Observando” o Pan RIO/2007 na mídia / Giovani De Lorenzi Pires (organizador). – Florianópolis : Tribo da Ilha, 2009. 224p.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-62946-00-4

1. Jogos Pan-americanos (2007 : Rio de Janeiro, RJ).
 2. Jornalismo esportivo. 3. Comunicação de massa e esporte.
 4. Atletas – Brasil. 5. Jogos olímpicos – Brasil.
- I. Pires, Giovani De Lorenzi.

CDU:796.032.2

Catálogo na fonte por Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Proibida a reprodução parcial ou total, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfílmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos e outros. Vedada a memorização ou a recuperação total ou parcial e a inclusão mesmo parcial desta obra em qualquer sistemas de processamentos de dados. Essas proibições são aplicáveis às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (artigo 184 e parágrafos do Código Penal, c.c. Lei no 6.895, de 17.12.80), com pena de prisão e multa, em prejuízo da busca e apreensão e das indenizações pertinentes (Lei no 9.610, de 19.2.98).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	15
PARTE I	
JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007: os “locais” na mídia regional. Descrição e análise da cobertura em jornais das cinco regiões brasileiras Cristiano Mezzaroba; Paula Bianchi; Antonio Galdino da Costa; Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro; Daniel Minuzzi de Souza; Scheila Espíndola Antunes; Cássia Hack	29
JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007 E A COBERTURA DO JORNAL NACIONAL: ênfases e representações veiculadas Mariana Mendonça Lisboa; Cristiano Mezzaroba; Iracema Munarim	47
JORNALISMO DE OPINIÃO: o Pan RIO/2007 na visão de colonistas da mídia impressa brasileira Giovani De Lorenzi Pires; Paula Bianchi; Antonio Galdino Costa; Bianca Natália Poffo; Filipi Flor Teixeira; Daiane Raquel Vieiro Ricken; Huáscar Sidorak Castro	63
BLOGS E BLOGUEIROS DO PAN 2007: um estudo sobre os jogos no ciberespaço Diego S. Mendes; Rodrigo Duarte Ferrari; Rogério Santos Pereira; Víctor de Abreu Azevedo; Fábio de Carvalho Messa; Daniel Minuzzi de Souza	87

PARTE II

O PAN/RIO-2007 NA PERSPECTIVA DA MÍDIA IMPRESSA MINEIRA

Scheila Espindola Antunes; Ângelo Máximo da Silva, Luana Aparecida Ferreira Nunes e Valquíria da Cruz Moreira115

OS ATLETAS SERGIPANOS EM DEBATE: análise da cobertura jornalística do Pan RIO-2007

Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro; André Marsiglia Quaranta; Luciana Carolline Pina Garcia; Paula Aragão129

O HERÓI ESPORTIVO DEFICIENTE: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano/2007

Gisele Carreirão Gonçalves; Beatriz Staimbach Albino; Alexandre Fernandez Vaz149

O PAN RIO-2007 NA AGENDA MIDIÁTICO-ESPORTIVA: estudo de recepção midiática e (possíveis) repercussões para a Educação Física escolar

Cristiano Mezzaroba169

“OBSERVANDO” O PAN RIO/2007 NA MÍDIA: sínteses, comentários e novas demandas como considerações finais do estudo

Giovani De Lorenzi Pires; Fernando Gonçalves Bitencourt.....195

AUTORES221

PREFÁCIO

ESPORTE E MÍDIA: seus significados em tempos de grandes eventos

Os eventos esportivos no mundo inteiro são, atualmente, cada vez mais frequentes, mais abrangentes e mais divulgados. Isso, principalmente, porque eles foram descobertos pela mídia como uma enorme possibilidade de gerar publicidade e lucro. Por isso, especialmente a mídia eletrônica é hoje responsável por levar milhares de pessoas mundo afora em contato diário com o esporte. A poltrona da sala de televisão nos lares atuais transformou-se em uma espécie de palco de grande importância nas modernas sociedades de informação. Em nosso País, é mais do que evidente a influência que a mídia esportiva exerce não apenas sobre indivíduos de forma isolada mais sobre todo o contexto social. É pela mídia que o esporte atualmente adquire significados econômicos, sociais e culturais, que correspondem, nas sociedades pós-industriais, a uma fonte central de identificação e sentido para cidadãos consumidores acríticos e de formação cultural cada vez menor. A influência da mídia esportiva sobre não apenas o cidadão comum é tão grande que pode também influenciar necessidades e objetivos humanos assim como sobre toda a sua dinâmica de vida sócio-cultural.

Por outro lado, a organização e formas de realização dos esportes, em suas mais diferentes apresentações, mostradas pela mídia, provoca novas dinâmicas de profissionalização e comercialização das modalidades; que por sua vez produz um gradativo aumento de interesse e expectativas por parte dos espectadores midiáticos condicionando-os, ainda mais, a se tornarem contundentes e vorazes consumidores.

Pela ampliação dos lucros entre esporte e mídia, mídia e esporte, de forma extraordinária nos últimos anos, foi grande a expansão também dos canais televisivos especialmente, como também de outros meios de divulgação eletrônica e impressa para informar exclusivamente sobre o fenômeno esportivo. Com isso, é possível não apenas acompanhar múltiplas

formas de atividade esportiva em múltiplos eventos nos mais diferentes lugares do mundo, mas, também, de certa forma, influenciar as atividades esportivas dos praticantes “normais”, ou seja, daqueles que procuram imitar os grandes ídolos do esporte em suas praticas esportivas ocasionais, ou então, se exercitar em uma academia para, pelo menos, adquirir um corpo esportivo semelhante a seus ídolos.

A mídia, por sua vez, procura intensificar uma visão idealista de esporte propagada na maioria das vezes por profissionais sem a devida formação científica no esporte, nem no jornalismo, já que em nosso País a prerrogativa do diploma universitário para jornalismo não é mais necessário, conseguindo assim transferir para o publico uma idéia apenas instrumental e comercial do esporte. A combinação entre o enorme valor comercial do esporte e a falta de uma formação científica cultural mais abrangente e profunda dos agentes de informação midiática faz com que os responsáveis maiores por uma divulgação coerente e crítica do esporte na sociedade atual nem sequer consigam o necessário distanciamento profissional para suas informações e análises.

A existência em nosso país de mais de cinquenta cursos de pós-graduação de mestrado e dez cursos de doutorado em Educação Física e Ciências do Esporte não é levado em consideração quando o esporte é apresentado e analisado na mídia esportiva. Fica muito evidente na mídia televisiva, de forma especial, a grande diferença de tratamento quando assuntos de grande expressão política, econômica, social, urbanística, meteorológica, cultural, musical, educacional etc. são tratados por *experts* destas áreas, nomeadamente *PhDs* com formação inclusive no exterior, e quando o assunto é Esportes. Para os maiores eventos esportivos, os *PhDs* do esporte nem sequer são lembrados. O assunto é tratado com jornalistas sem formação acadêmica para o esporte, ex-atletas, eventualmente jornalistas de outras áreas (como as apresentações de entretenimento da mídia) e até mesmo por cantores ou cantoras de grande prestígio nacional.

Assim sendo, é chegada a hora para análises científicas pontuais e de aprofundamento teórico nas múltiplas questões que envolvem o esporte e os eventos esportivos. Não apenas questões específicas do esporte, mas suas relações sociais, culturais, econômicas e educacionais precisam ser levadas em consideração.

Por isso, tenho a honra de prefaciar este livro produzido por pesquisadores do grupo de estudos do Observatório da Mídia Esportiva, da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculado ao Núcleo de Estudos Pedagógicos da Educação Física (NEPEF), organizado pelo coordenador do

Laboratório de Mídia do Centro de Desportos da UFSC (LaboMídia), colega Prof. Dr. Giovanni de Lorenzi Pires. Nesta obra, os autores/ pesquisadores investigam e analisam aquelas categorias acima referidas como ausentes na mídia-show. Assim, pode-se perceber mais ainda o quanto estas formas de análises são importantes não apenas para o campo da Educação Física, mas para a Educação em geral. Por estas questões, é possível perceber que existe uma urgente necessidade de introduzir em todos os níveis de ensino uma Educação para a Mídia. A pesquisa/análise dos autores se concentra em um grande evento, o maior evento já realizado em terras brasileiras, os Jogos Pan Americanos do Rio 2007. Toda a cobertura jornalística deste evento é analisada e interpretada à luz de referenciais sociológicos, antropológicos, educacionais, bem como do campo específico da comunicação midiática. A profundidade destas análises nos leva a uma outra imagem do esporte e sua espetacularização pela mídia. Não vou me ocupar em apresentar ainda mais esta obra que precisa ser lida, como já mencionei não apenas por profissionais da Educação Física, mas por todos interessados em entender a mídia esportiva por uma perspectiva encoberta pelo espetáculo esportivo na forma como nos é apresentado pelos veículos de comunicação de massa.

Para concluir: parece que a mídia esportiva tem papel fundamental para uma humanidade sem rumo nem destino certo, pois assim ela consegue fugir da monotonia do tempo e de uma vida sem mistérios. Assim, todos nós de certo modo necessitamos cada vez mais da mídia esportiva para sobreviver ao mundo que nos oprime e que exige conquistas e vitórias, pois, na incerteza cada vez maior destas possibilidades, transferimos nosso olhar e atenção ao espetáculo esportivo e vivenciamos aquilo que se exige de nós e não podemos alcançar. Que haja cada vez mais pesquisas desta natureza para nos descondicionar da mídia, esclarecendo fatos e nos fortalecendo como seres humanos com potencial para as mudanças necessárias para um mundo melhor.

Florianópolis, julho de 2009

Elenor Kunz

Prof. DEF/CDS/UFSC

Coord. NEPEF/UFSC



APRESENTAÇÃO

Este livro é constituído por artigos/capítulos que foram produzidos tendo como referência uma pesquisa realizada pelo Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, cujo projeto original teve como título: *Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e o Discurso Midiático-Esportivo: observação e análise da cobertura na mídia nacional*. A pesquisa foi financiada pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e Lazer, do Ministério do Esporte, por sido selecionada em chamada pública, através do edital/2008 da Rede CEDES.

O Grupo Observatório da Mídia Esportiva foi criado em 2003, na Universidade Federal de Santa Catarina, com o objetivo de desenvolver estudos e projetos de intervenção (ensino/pesquisa/extensão) que tenham como referência as relações socioculturais entre temas da Educação Física e a mídia/novas tecnologias de informação e comunicação (e possíveis decorrências pedagógicas destas). O Grupo congrega preferencialmente professores de Educação Física em diferentes estágios de formação, da graduação ao doutorado, além de pesquisadores que obtiveram sua formação de mestrado em programas da UFSC (Educação Física, Educação, Antropologia). Institucionalmente, estamos ligados ao NEPEF/UFSC (Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física da UFSC) e nossa base operacional é o LaboMídia (Laboratório de Mídia do Centro de Desportos/UFSC) espaço didático constituído para introduzir e dinamizar o uso pedagógico dos meios tecnológicos na formação inicial e continuada do professor de Educação Física – graduação, pós-graduação e formação permanente.

Tem sido uma política do Observatório a garantia de visibilidade de toda a produção acadêmica desenvolvida por seus pesquisadores; neste sentido, temos publicado nossos estudos na forma de artigos, livros, capítulos de livros, comunicações em eventos, e principalmente em nosso “repositório digital”, que é a página do grupo na internet (www.nepef.ufsc.br/labomidia), onde são depositadas e disponibilizadas cópias de todas essas

produções. Na perspectiva de expandir e consolidar os estudos sobre mídia e Educação Física, o Observatório tem buscado estabelecer intercâmbios com grupos de pesquisa e pesquisadores da área em várias instituições do país. Além disso, há hoje um grupo-parceiro junto ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (Observatório/UFSC-UFS), sob a coordenação do professor Sérgio Dorenski Ribeiro.

A pesquisa aqui relatada foi desenvolvida de forma integrada por quatro subprojetos (descritos a seguir na introdução do trabalho), que continham, entre si, alguns aspectos comuns, embora cada subprojeto mantivesse também certa autonomia na construção da sua abordagem ao tema central do estudo, que foi a cobertura jornalística realizada por veículos da imprensa nacional quando da realização dos Jogos Pan-Americanos RIO/2007, em julho daquele ano.

Assim, o livro é constituído de duas partes principais: a primeira contém artigos/capítulos produzidos a partir dos relatórios finais de cada subprojeto, enquanto que a segunda apresenta artigos/capítulos decorrentes de relatórios parciais de um dos subprojetos e de duas outras pesquisas. Antes e depois destes textos, no intuito de promover uma articulação interna ao estudo, apresentamos: uma introdução, em que se destacam a problemática de pesquisa, nossos objetivos e aspectos mais gerais da metodologia; e no final, a título de considerações finais, realizamos uma tentativa de síntese superadora, destacando os principais achados da pesquisa, isto é, similaridades, contradições e novos questionamentos identificados na investigação.

Apresentamos a seguir sucintamente cada um dos textos.

Na primeira parte do livro, os artigos/capítulos abordam a temática central do estudo com base em quatro diferentes editorias e/ou suportes do jornalismo esportivo. Inicialmente, como resultado da abordagem que deu origem à pesquisa, é apresentado o texto *Jogos Pan-Americanos RIO/2007: os “locais” na mídia regional. Descrição e análise da cobertura em jornais das cinco regiões brasileiras*, texto que replica e amplia estudo já realizado pelo Grupo¹, tendo por base os jornais impressos. A seguir, considerando a importância do telejornalismo, vem o

¹ Cf.: BITENCOURT, Fernando Gonçalves *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. **Pensar a Prática**. Goiânia, vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun 2005.

PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos jogos olímpicos de 2004. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, **Anais...** Santa Maria: 20 a 23/setembro/2006.

estudo *Jogos Pan-Americanos RIO/2007 e a cobertura do Jornal Nacional: ênfases e representações veiculadas*. Tendo em vista a singularidade do trabalho dos colunistas, apresentamos *Jornalismo de Opinião: o Pan RIO/2007 na visão de colunistas da mídia impressa brasileira*. Fecha este primeiro segmento estudo que investigou um novo suporte tecnológico do jornalismo digital: *Blogs e Blogueiros do PAN-2007: um estudo sobre os jogos no ciberespaço*.

A segunda parte do livro inicia com dois textos que são relatórios parciais do estudo sobre “os locais” na mídia impressa regional, acima referido, elaborados por pesquisadores ligados ao Observatório e seus jovens parceiros locais de pesquisa. Um dos artigos trás a análise da cobertura do Pan no estado de Minas Gerais - *O Pan/Rio-2007 na perspectiva da mídia impressa mineira*; o outro evidencia os jogos na mídia em Sergipe - *Os atletas sergipanos em debate: análise da cobertura jornalística do Pan RIO/2007*. Na sequência, são apresentados dois estudos acadêmicos realizados no âmbito da pós-graduação em Educação Física da UFSC. *O Herói Esportivo Deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano/2007* é um artigo com origem em trabalho de conclusão da disciplina Educação Física e Mídia, do PPGEF/UFSC². Já o texto *O Pan RIO-2007 na agenda midiático-esportiva: estudo de recepção midiática e (possíveis) repercussões para a Educação Física escolar* representa um recorte de dissertação de mestrado apresentada naquele programa³.

Cabe ressaltar a importância que consideramos razoável atribuir a esta obra. Pesquisas realizadas a respeito da produção em Educação Física e Mídia nos dois principais eventos científicos⁴ mostram que se trata de campo de estudos de interface com trajetórias diversas: enquanto,

² Os autores deste texto são os únicos não ligados ao Observatório da Mídia Esportiva; eles integram o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea do Centro de Educação da UFSC.

³ MEZZAROBIA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: UFSC/PPGEF, 2008.

⁴ Ver: AZEVEDO, Victor; COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovanni De Lorenzi. Análise da produção em Educação Física/Esporte e Mídia veiculada nos congressos do CBCE e da INTERCOM. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 4, **Anais...** Faxinal do Céu - Pinhão/PR: CBCE, setembro/2008.

AZEVEDO, Victor; COSTA, Antonio Galdino; PIRES, Giovanni De Lorenzi. Dez anos do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia (CONBRACE/CBCE): análise de percurso e tendências. Congresso Brasileiro de Informação e Documentação Esportiva, 2, **Anais...** Belo Horizonte: UFMG/CEV/Ministério do Esporte, dezembro/2008.

no CBCE, o GTT Comunicação e Mídia, a cada congresso, tem visto aumentada em quantidade e qualidade a veiculação de pesquisas, na INTERCOM, o respectivo núcleo de pesquisa chegou mesmo a ser extinto, tendo seu retorno previsto para o congresso deste ano. Assim, entendemos que o esforço de aprofundar a observação e a reflexão sobre os discursos midiático-esportivos, tanto na Educação Física quanto na Comunicação/Jornalismo, visando melhorar a qualidade da produção e da recepção a estes discursos, é fundamental para a construção de uma cidadania que se faça mais esclarecida e participativa.

Finalmente, também queremos destacar que para nós, do Observatório da Mídia Esportiva, a estratégia de realizarmos pesquisas coletivas como essa é um desafio muito saudável e renovador. Todas as dificuldades com que nos deparamos, que são previsíveis em um trabalho com tais características, serviram para a maior capacitação em pesquisa dos acadêmicos, pós-graduandos e docentes envolvidos no estudo. Nosso compromisso com o rigor e a relevância do conhecimento acadêmico a ser produzido é inegociável. Mas, acima de tudo, com essas práticas coletivas de pesquisa pretendemos que resulte renovado nosso projeto de uma formação que se constitua e se expresse de forma mais ampliada, para além do âmbito acadêmico e profissional; uma formação em que a racionalidade como base do pensamento esclarecido não se restrinja à sua instrumentalidade; em que as dimensões da ética e da estética igualmente pautem nossas ações e nossas escolhas. Enfim, uma formação humana, a um só tempo, mais crítica, mais humanizada e solidária.

Florianópolis, Ilha da Magia, inverno de 2009.

O organizador.

INTRODUÇÃO

A Temática e sua Relevância

A realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro, em julho de 2007, mais do que o maior evento esportivo das Américas, constituiu-se naquilo que se pode classificar como um espetáculo midiático-esportivo, com ampla cobertura da imprensa brasileira. Antes mesmo do início das competições, a mídia já pautava sua realização através de diferentes matérias e enfoques, visando criar expectativas e garantir antecipadamente a audiência, numa planejada ação de agendamento (MEZZAROBBA, 2008).

A mídia televisiva, de forma especial, foi a que mais se destacou na cobertura propriamente dita, com várias transmissões ao vivo nas grades de programação de canais abertos e por assinatura. A Rede Globo de Televisão, além de ter feito talvez a maior cobertura do ponto de vista temporal e de abrangência de modalidades, havia sido escolhida previamente para, numa parceria com o COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e apoios institucionais de empresas estatais, realizar um trabalho de divulgação do evento em âmbito nacional, por meio de estratégias que reforçavam aspectos culturais regionais (p. ex.: o “passeio” da Tocha Olímpica pelo país) ou buscavam promover interatividade com a população (como a escolha do nome do mascote do Pan). Havia também, em tal iniciativa, uma tentativa de “nacionalizar” os Pan-Americanos, isto é, tratá-los como “o Pan do Brasil” (cumprindo a tradição olímpica, os jogos levavam o nome da cidade em que seria realizada: Rio/2007), para ampliar o alcance do apelo dos Jogos visando que eles fossem apropriados pelo conjunto da sociedade brasileira – especialmente consumidores e patrocinadores.

Independentemente do alcance e da qualidade técnica da cobertura televisiva, que em geral foi boa, ficou para os telespectadores mais atentos o desconforto de um patriotismo alguns tons acima do razoável, especialmente de parte de alguns jornalistas que buscaram criar

uma empatia com a população através de discursos ufanistas, denunciados, por exemplo, no texto de Alberto Dinnes (2007, s/d):

O ufanismo subverteu a cobertura, sobretudo a televisiva. Ao telespectador não foi oferecida uma visão ampla do Pan, mas sim uma visão dos feitos dos atletas brasileiros. [...]. A necessidade de criar ídolos faz parte da condição humana, mas a mídia não é obrigada a embarcar nesta perigosa aventura. Sua credibilidade pode ser posta em dúvida já no próximo ano, antes mesmo das olimpíadas de Beijing.

Também foi passível de crítica a forma de participação de alguns ex-atletas contratados por emissoras de televisão, que em inúmeras situações confundiram a tarefa de informar e comentar com o papel de animadores de torcida, inclusive demonstrando muito pouca cultura esportiva. Outra crítica à cobertura televisiva refere-se à quase total ausência de informações (e ainda menos de análises críticas) sobre problemas que antecederam o evento, muitos dos quais se evidenciaram também durante a sua realização, como a precariedade de algumas instalações, o orçamento extrapolado, os gastos sem licitações, a não concretização das reformas viárias prometidas, etc. Em nome de um suposto “legado do Pan”, justificaram-se diversas ações do CO-RIO, a empresa privada responsável pela organização do evento.

Diferentemente da televisão, orientada para a espetacularização em virtude da sua linguagem imagética, alguns veículos da mídia introduziram outras formas abordagens na sua cobertura dos jogos, explorando diferentes características e cumprindo outros papéis na tarefa de informar à população. É o caso, por exemplo, do jornalismo impresso, que dispõe de condições e interesses diferentes para executar sua tarefa. E é onde ainda existe o se pode chamar de jornalismo de opinião, através das colunas assinadas. Assim também pode ser identificado um dos fenômenos mais inovadores do jornalismo digital, que são os blogs, os quais assumem outra dimensão de autoria no espaço-tempo virtual. Dada a importância representada pela televisão no cotidiano da sociedade brasileira, mas procurando escapar do campo do entretenimento esportivo, é necessário considerar também os telejornais, em vista do tratamento jornalístico-informativo atribuído às abordagens do tema.

Assim, foi visando reconhecer e interpretar essas possíveis manifestações de uma informação mais qualificada na cobertura dos Pan-Americanos que justificamos a realização desta pesquisa. Nosso principal

argumento é que para que possamos pensar a análise da mídia como possibilidade pedagógica para a Educação Física, é preciso considerarmos todo o complexo de produção dos discursos midiático-esportivos, não apenas os mais superficiais e/ou ideologicamente comprometidos.

Alguns Elementos Teórico-Metodológicos

Há razoável consenso entre os pesquisadores do campo da Educação Física/Ciências do Esporte de que a esportivização da nossa cultura de movimento tem causas sócio-históricas internas e externas. Do ponto de vista internacional, o predomínio do modelo esportivo passa pelo confronto simbólico entre as duas correntes político-ideológicas hegemônicas que resultaram no pós-II Guerra Mundial (BRACHT, 1997). Internamente, a utilização do esporte pela ditadura militar pós-64, com o intuito de tirar do foco da sociedade as atrocidades cometidas, também resultou em diferentes estratégias de esportivização da cultura de movimento, especialmente na escola (PIRES, 1998; PIRES; SILVEIRA, 2007). Na década de 80 do século passado, o esporte tornou-se a principal representação das práticas corporais de movimento, socialmente reconhecida e compartilhada.

Foi também em torno dos anos 80 que se inaugurou um novo referencial para o esporte, que é seu envolvimento com a mercadorização, tornando-se primeiro veículo e depois o próprio produto a ser comercializado. Para tanto, o esporte passou a assumir os sentidos e códigos do espetáculo para, nesta condição, ser negociado com a participação crescente do capital privado e a mediação tecnológica da mídia televisiva, chamada a garantir a difusão cada vez mais globalizada do fenômeno esportivo. Isso fez com que a manifestação do esporte de alto rendimento, alvo do marketing esportivo, passasse à condição do que se pode denominar telespetáculo esportivo (BETTI, 1998) ou espetacularização da cultura esportiva (PIRES, 2002), fenômeno do qual os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 configuram-se como manifestação exemplar.

A mídia opera socialmente através da criação de necessidades de consumo e da oferta de produtos culturais simbólicos destinados a atender tais demandas. Neste sentido, há uma articulação perversa entre as dimensões da publicidade e do entretenimento, os quais, junto com a informação, compõem o tripé que configura discurso midiático (MORAES, 1998). Assim, fica claro que, para além da espetacularização do esporte, fruto da sua mercadorização como entretenimento, à mídia esportiva cabe também o papel de informar e formar a respeito da cultura (no caso, da

cultura esportiva), condição que historicamente fez da chamada liberdade de imprensa um ícone da democracia representativa.

Por tudo isso, acreditamos que a análise da cobertura midiático-esportiva dos Jogos Pan-Americanos pode representar uma contribuição significativa para a ampliação da reflexão de todos aqueles que reconhecem no discurso midiático-esportivo um interlocutor privilegiado da sociedade e, portanto, do interesse de diversos campos acadêmicos, na escola e em demais âmbitos educativos.

Neste sentido, a **situação-problema** da pesquisa se expressa na seguinte pergunta-de-partida:

- Quais as características predominantes que podem ser identificadas na cobertura jornalística realizada por determinada parcela da imprensa brasileira a respeito dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, especialmente durante o período da sua realização?

Nosso interesse, como um grupo de pesquisadores que têm na Educação Física a sua principal base teórico-metodológica, é tematizar a cobertura jornalística do Pan Rio/2007 a partir de uma abordagem sociocultural, com referência também na dimensão educativa que pode ser extraída da interpretação crítica da cobertura consubstanciada no discurso midiático-esportivo. Assim, nosso objetivo geral foi *analisar a cobertura jornalística esportiva brasileira dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007, destacando veículos tradicionais e novas mídias, com vistas a compreender quais os principais elementos socioculturais que foram utilizados para construir o discurso midiático-esportivo.*

Como desdobramento deste, indicamos objetivos específicos que orientam o processo investigativo:

a) *examinar, nos veículos midiáticos escolhidos para análise, como se deu a distribuição quantitativa das matérias nas categorias previamente delimitadas;*

b) *interpretar a construção do discurso midiático-esportivo dos meios analisados, em busca das suas bases socioculturais, de forma intra e inter-categorias;*

c) *estabelecer estudos comparativos entre os meios selecionados para cada subprojeto;*

Metodologicamente, entendemos ser possível classificar o estudo como uma pesquisa descritiva, integrada por quatro subprojetos interligados, descritos mais adiante. Tendo em vista a necessidade de delimitar o *corpus*

da pesquisa, nossa investigação optou por eleger algumas editorias e/ou suportes jornalísticos específicos, segundo diferentes justificativas, entre elas a representatividade dos veículos, a facilidade de acesso aos mesmos e o caráter inovador, no caso dos blogs. Em todos os quatro subprojetos, foi privilegiado o caráter jornalístico-informativo do material a ser analisado.

Como procedimento de construção do banco de dados adotou-se a consulta diária aos meios, com recolhimento do material disponível (clipagem). As informações, à medida que iam sendo obtidas, eram registradas em protocolos de pesquisa, contendo informações sobre o veículo analisado; a data do registro; a temática da matéria e outras informações relevantes. Para a análise, estes protocolos foram considerados textos (relatos cursivos) e o conjunto de informações constante deles foi analisado quantitativamente, através de estatística descritiva, e qualitativamente, por meio de elementos e técnicas da análise de conteúdo (BARDIN, s/d).

A produção de categorias para organização e análise dos dados seguiu duas direções diversas. Para o estudo dos atletas “locais” na mídia impressa regional, foram tomadas como referência categorias já estabelecidas em estudo do Grupo, com a mesma temática, conforme já se afirmou anteriormente (PIRES *et al.*, 2006). No desenvolvimento do estudo, todavia, os pesquisadores de alguns jornais/regiões sentiram necessidade e procederam pequenos ajustes nestas categorias ou introduziram novas.

Já para os demais subprojetos, uma primeira leitura do material, feita pelos respectivos grupos de pesquisa, ainda durante a fase de coleta, permitiu a construção de um novo conjunto de categorias comuns a todos estes subprojetos, que foi adotado e utilizado de forma bastante flexível pelos grupos responsáveis pelas análises do material recolhido. As categorias comuns aos três subprojetos, com exceção dos “locais”, foram:

1. *Técnica*: aspectos que tratam do rendimento, performance e treinamento dos atletas
2. *Infra-estrutura*: questões de infra-estrutura (espaço físico, logística e instalações).
3. *Política*: relações entre temas e personalidades políticas e o evento esportivo.
4. *Segurança*: sobre a segurança pública como questão do cotidiano da cidade durante os jogos.
5. *Econômica*: aspectos ligados a negócios, orçamento e marketing gerados pelo Pan ou envolvendo a imagem de atletas.

6. *Cultural*: manifestações sociais, apresentações artísticas e participação de pessoas envolvidas com o Pan.
7. *Turística*: referências de exaltação da natureza e da beleza dos principais pontos turísticos do Rio de Janeiro.
8. *Nacionalismo*: manifestações de patriotismo e de ufanismo brasileiro, pela participação medalhista dos atletas brasileiros, ou as condições de realização do Pan no Rio de Janeiro.
9. *Outros*: manifestações identificadas com o Pan, mas que não fazem parte das já referidas. Alguns subprojetos subdividiram essa categoria conforme as características típicas do veículo analisado.

A seguir, apresentamos uma breve síntese de cada subprojeto, a fim de oportunizar uma visão contextualizada do campo da pesquisa.

Os “Locais” na Mídia Impressa Regional

Este foi o subprojeto que gerou propriamente dita a pesquisa, tendo em vista o fato de que já havíamos realizado investigação coletiva com essa abordagem no Grupo: análise da cobertura dos catarinenses olímpicos pela mídia impressa regional nos Jogos Olímpicos de Atenas/2004 (PIRES *et al.*, 2006).

Nosso interesse neste enfoque está ligado à questão da relação dialética entre global/local, isto é, a interpenetração de interesses dos quais se vale a mídia para divulgar o evento global ao seu público local. Sumariamente, podemos caracterizar essa relação como uma estratégia da cobertura jornalística que visa despertar o interesse dos seus leitores pelo evento global a partir da identificação destes leitores com atletas “locais”, que lhes são próximos ou que proporcionem essa sensação de proximidade, pelo fato de competirem por algum clube do estado ou por terem nascido no estado. Por outro lado, reconhecida a importância do evento global por essa estratégia de aproximação, ocorre o inverso, isto é, passa a ser do interesse dos leitores acompanhar a cobertura jornalística para se manter informado sobre a participação dos “locais” na competição global.

Visando garantir maior representatividade do estudo de campo, a fim de verificar se e como esse procedimento era empregado em jornais das demais regiões do país, resolvemos analisar a cobertura jornalística referente a atletas “locais” de cinco Estados brasileiros, localizados um em

cada Região do país, sendo acompanhado um jornal de circulação estadual em cada um destes Estados. Uma característica comum para determinação de quais os jornais que seriam analisados foi que todos deveriam ser editados nas capitais de seus referidos estados, ainda que essa escolha não estivesse balizada necessariamente pelo critério de importância e representatividade do jornal escolhido em cada região.

Os jornais analisados foram:

- a) Diário Catarinense (Santa Catarina - Região Sul)
- b) O Estado de Minas (Minas Gerais - Região Sudeste)
- c) Jornal da Cidade (Sergipe - Região Nordeste)
- d) Gazeta de Cuiabá (Mato Grosso - Região Centro-Oeste)
- e) A Crítica (Amazonas - Região Norte)

O *corpus* de análise deste subprojeto foram as edições diárias de cada um dos jornais, durante todo o mês de julho/2007. Como já se informou, para classificação das matérias foram utilizadas as categorias empregadas no estudo antes referido, sendo necessárias adequações conforme a realidade de cada jornal.

As categorias pré-estabelecidas foram as seguintes:

- 1) *Referência ao local*: ênfase dada ao fato dos atletas serem “locais” e pelo estabelecimento de uma identidade com o povo da cidade e estado.
- 2) *Expectativas e realismo*: registros que geravam expectativas otimistas quanto à performance dos atletas locais ou destacavam as dificuldades enfrentadas.
- 3) *Preparação*: reportagens que se referiam ao treinamento – físico, técnico, tático ou psicológico – e às rotinas/rituais dos treinos e competição.
- 4) *Retrospecto*: referências à trajetória dos atletas anteriormente em jogos e campeonatos das modalidades, com colocações no ranking, resultados, etc.
- 5) *Feminino*: registros jornalísticos que destacavam a representação feminina nos Jogos.
- 6) *Avaliando a participação*: reportagens que destacavam vitórias, justificavam derrotas e eliminações, enalteciam participações honrosas, etc.

- 7) *Presente perpétuo*: reportagens que estipulavam novas metas aos atletas locais, projetando competições como os Jogos Olímpicos de Pequim-2008.

O Pan-RIO/2007 e a Cobertura do Jornal Nacional: ênfases e representações

Mesmo considerando as críticas recorrentes à cobertura do Pan na mídia televisiva, entendemos que os telejornais das emissoras de canal aberto tiveram tratamento diferenciado em relação às notícias dos Jogos. Portanto, decidimos contemplar a análise da cobertura do Rio 2007 no principal telejornal da televisão aberta do país, que é Jornal Nacional (JN) da Rede Globo.

Justifica-se essa escolha pelo fato de que, desde sua criação, o Jornal Nacional é a principal referência do telejornalismo no Brasil e dono da maior audiência. No ar há 40 anos, o Jornal Nacional carrega em sua memória fatos de grande significado político para o país como, entre outros, sua participação nos ideais do regime militar, assim como nos processos de abertura democrática, como o *Diretas Já* e a cobertura das eleições de 1989, seguidas pelo *impeachment* do ex-presidente Collor. Assim também se pode referir aos grandes eventos esportivos mundiais, como Copas do Mundo, Olimpíadas e outros, cuja cobertura jornalística o JN sempre promoveu. Para a pesquisa, interessava o reconhecimento da produção e veiculação de matérias esportivas praticamente diárias no JN. São notícias sobre competições, atletas e modalidades esportivas, principalmente se estas possuem alguma relação com a programação da emissora, como o campeonato brasileiro de futebol, os jogos da seleção brasileira de futebol e as corridas da Fórmula 1, cujos direitos televisivos são adquiridos, há bastante tempo, pela Rede Globo. Este enfoque dado às notícias esportivas tornou-se muito freqüente no decorrer dos Jogos Pan-Americanos.

Para a construção do banco de dados da pesquisa, delimitamos nossa abordagem ao período de realização dos Jogos, da edição do dia de abertura dos Pan-Americanos (13/07/2007) até a segunda-feira posterior ao seu encerramento (30/07/2007). Descontando os domingos, que não tem edição do Jornal Nacional, resultou em quinze (15) edições coletadas para análise. Para a realização deste estudo, 8 edições foram gravadas da tevê e as outras 7 foram observadas através do site www.globo.com/jornalnacional.

Foi feita primeiramente uma descrição quantitativa dos dados encontrados (tempo do jornal, das matérias, modalidades referidas, atletas

mais recorrentes) para, em seguida, ser realizada abordagem qualitativa dos mesmos, procurando descrever e analisar as matérias relacionadas aos Jogos Pan-americanos Rio/2007 que foram produzidas e veiculadas na cobertura deste grande evento esportivo pelo JN.

O Pan RIO 2007 na Visão de Colunistas da Mídia Impressa

A instantaneidade da informação, a partir do advento dos meios eletrônicos de comunicação, levou o jornal impresso à busca de alternativas de sobrevivência, entre as quais se destaca o investimento na histórica característica do jornalismo impresso, que é formar a opinião dos formadores de opinião, ou seja, focar em um público mais seletivo, que não deseja apenas informações breves, mas, sobretudo, elementos de análise para formar sua própria opinião. Neste sentido, os colunistas adquirem grande destaque.

Normalmente jornalistas mais experientes, que por relações de confiabilidade com suas fontes dispõem de informações privilegiadas e, com isso, gozam de grande credibilidade junto aos leitores. A coluna se constitui como uma possibilidade de jornalismo de opinião, em tempos de grande ênfase na neutralidade e objetividade da notícia. Uma característica dos colunistas de jornal é que estes profissionais tem maior liberdade para escolha dos seus temas, podendo abordar questões nas quais são considerados *experts* ou assuntos que estejam na ordem do dia, merecendo destaque maior (SOUZA, 2005, s/p).

Os colunistas estão presentes em todas as editorias do jornal, obedecendo a certa hierarquia que começa, especialmente, pelos campos econômico e político, e chega ao esporte com características muito próprias, até porque nem sempre ocupada por jornalistas, mas abrindo espaços para outros profissionais oriundos do campo esportivo (ex-atletas, ex-árbitros, etc.).

Assim, num evento como os Pan-Americanos, era de se esperar que os colunistas da mídia impressa, de todas as editorias, tratassem deste fato nos seus espaços jornalísticos. Deste modo, nosso objetivo neste subprojeto foi verificar como colunistas de jornais da considerada grande imprensa nacional enfocaram o Pan/2007, tentando interpretar e classificar as abordagens produzidas nas categorias previamente estabelecidas.

O *corpus* de análise constituiu-se das colunas de três (3) jornais selecionados, sendo consideradas apenas aquelas que de forma direta ou indireta referiam-se aos Jogos do RIO/2007. Foram escolhidos os jornais: *O Globo* (19 edições, de 13 a 31/7/2009); *Folha de São Paulo* (22 edições, 11/7 a 01/8/2009), e *Diário Catarinense* (17 edições, de 13 a 29/7/2007).

Blogs e Blogueiros no Pan RIO-2007

Diversos estudos na área de pesquisa em mídia e Educação Física têm privilegiado as chamadas análise de produtos da mídia, como programas televisivos, revistas, etc., sempre na relação que estes tenham com conteúdos da chamada cultura de movimento. Mais recentemente, observam-se novos interesses de análise deste campo midiático-esportivo, no âmbito da internet. O chamado jornalismo digital vem se utilizando destas novas ferramentas tecnológicas de informação, entre as quais se destacam os blogs.

De simples diário eletrônico à consolidação como mídia informativa, os blogs marcam a nova maneira de se comunicar, característica do século XXI: opiniões livres, baixo custo e rápida disseminação dos fatos, sobretudo jornalísticos. Na era de convergência das mídias, em que tudo acontece simultaneamente, as informações estão cada vez mais universalizadas e diversificadas. E nesse cenário multimidiático, repleto de novidades e desafios, os blogs se consolidam como ferramenta de mídia igualmente eficiente.

A realização de um trabalho de observação de blogs relacionados ao Pan se deve ao fato destes conterem algumas características que demarcam especificidades típicas do universo virtual, tal como a possibilidade de interação direta entre produtores e consumidores de notícias e a possibilidade de transitar por diferentes fontes de informações simultaneamente, através de redes de acesso interligadas por diferentes caminhos - links. Desta forma, o presente trabalho busca investigar de que maneira a cobertura dos Jogos Pan-Americanos RIO 2007 foi apresentada e discutida na esfera virtual, a partir de um recorte que delimita à análise de blogs específicos sobre a temática.

Sendo assim, o presente estudo acompanhou a cobertura do Pan em diferentes blogs, com o objetivo de verificar os sentidos expressos a respeito do evento entre os diferentes participantes dos blogs, além da forma como as estratégias comunicativas se articulam neste espaço através da expressão das experiências pessoais e nas trocas engendradas nos e entre os blogs.

Para realização do estudo foi realizado inicialmente um levantamento na internet dos blogs que tratavam especificamente dos Jogos Pan-Americanos, alguns deles pertencentes a sites de jornais impressos tradicionais como o *Blog do Estadão*, *Blog do Diário do Rio* e *Blog de Felipe Mendes* (colunista do jornal Lance); foi encontrado também um blog ligado às organizações Globo (*Blog do Galvão Bueno*). Além de blogs de cunho jornalístico, identificaram-se blogs de atletas participantes dos Jogos Pan-Americanos (Juliana Veloso e Mosiah Rodrigues). E foi

encontrado um blog denominado “*A verdade do Pan 2007*”, de conteúdo crítico, retirado do ar assim que foi encerrado o evento. Deste conjunto, foram selecionados cinco blogs: do *Diário do Rio*, do *Felipe Mendes*, do *Galvão Bueno*, do *Mosiah Rodrigues* e o blog “*A verdade do Pan 2007*”, que foram observados de 01 a 31 de Julho de 2007, mês de realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro.

Todas as postagens realizadas nestes blogs, neste período, inclusive os comentários de leitores, foram recolhidas e armazenadas em arquivos digitais, sendo estas informações tratadas da mesma forma que nos demais subprojetos, isto é, uma descrição quantitativa inicial e uma análise do conteúdo, a partir das categorias de análise comuns aos demais subprojetos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BETTI, M. *Janela de vidro: educação física, esporte e televisão*. Campinas: Papirus, 1998.

BITENCOURT, F. G. *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia, vol. 8, n 1, p. 21-36, jan/jun 2005.

BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória, UFES, 1997.

DINNES, A. *Um balanço da cobertura do Pan* (editorial do Observatório da Imprensa, 31/7/2007). Consulta: 11/12/2007. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=444JDB010>

MEZZAROBIA, C. *Os Jogos Pan-Americanos Rio 2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2008.

MORAES, D. de. *Planeta mídia: tendências da comunicação na era global*. Campo Grande, Letra Livre, 1998.

PIRES, G. L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. *Revista de Educação Física/UEM*, 9 (1), 1998.

_____. *Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória*. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2002.

PIRES, G. L. *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos jogos olímpicos de 2004. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, *Anais...* Santa Maria: 20 a 23/ setembro/2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVEIRA, Juliano. Esporte educacional ... existe? Tarefa e compromisso da educação física com o esporte. In: SILVA, Mauricio Roberto (org.). *Esporte, educação, estado e sociedade*. Chapecó: Argos, 2007.

SOUZA, R. M. A sedução do colunismo: uma análise das colunas de Ancelmo Gois e Ricardo Boechat. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, *Anais...* . Rio de Janeiro: INTERCOM, setembro/2005.

PARTE I



JOGOS PAN-AMERICANOS RIO/2007: os “locais” na mídia regional. Descrição e análise da cobertura em jornais das cinco regiões brasileiras¹

Cristiano Mezzaroba

Paula Bianchi

Daniel Minuzzi de Souza

Antonio Galdino da Costa

Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro

Scheila Espíndola Antunes

Cássia Hack

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Estudar e compreender o que dizem, como dizem e o real sentido daquilo que veiculam os discursos midiáticos sobre as diferentes manifestações da cultura esportiva não é tarefa fácil. Exige dos estudiosos da mídia distanciamento dos meios e poder de interpretação e análise crítica, características essas, às vezes, difícil de serem alcançadas, devido estarmos todos, pesquisadores ou não, imersos (em diferentes níveis de imersão, porém imersos) na sociedade midiática, na qual os meios de comunicação de massa detêm a centralidade e homogeneização da informação. No entanto, algumas medidas de mudança precisam ser construídas a fim de que possamos assumir uma postura compreensiva e crítica diante do discurso produzido pelas mídias.

Ao percebermos a grande exposição dos conteúdos da Educação Física nos diferentes veículos de comunicação de massa, muitas vezes emitindo informações equivocadas e fragmentadas, que repercutem no entendimento da sociedade sobre o que é Educação Física (e principalmente o esporte, seu conteúdo hegemônico – até porque é o mais espetacularizado)

¹ Uma versão deste trabalho foi apresentada no IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Faxinal do Céu/PR, em setembro de 2008.

é que entendemos necessário analisar e discutir qualitativamente o discurso midiático, compreendendo a mídia-educação como uma alternativa para a tematização e produção criativa a partir das mídias².

No tocante à pesquisa no âmbito acadêmico, desenvolvemos estudos que relacionam a Educação Física, esporte e mídia, onde se inserem os trabalhos realizados no *Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/UFSC*. Neste aspecto, este trabalho investigativo se configura em mais um destes campos, bem como, convida-nos a ficar com o olhar atento, “observando” o fenômeno esportivo em suas teias e tramas no jogo do poder, seja ele político, econômico, coercitivo ou/e principalmente simbólico³.

Nesta pesquisa, analisamos a cobertura jornalística da mídia impressa regional em torno dos atletas brasileiros que participaram dos Jogos Pan-americanos Rio/2007, com especial atenção aos “locais” – denominação que se refere aos atletas representantes ou de origem nos estados dos jornais. Tal estratégia caracteriza-se como uma das principais formas dos veículos midiáticos destacarem suas matérias sobre um acontecimento/evento global, sendo tais atletas o elo que o aproxima do público local (leitores). Tomamos como base pesquisa anteriormente realizada pelo *Observatório da Mídia Esportiva* - “Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004”, restrita a Santa Catarina, analisando os jornais *Diário Catarinense* e *A Notícia* (PIRES *et al.*, 2006).

Agora, aproveitando a realização dos Jogos Pan-americanos em território brasileiro, como ocorreu em 2007 na cidade do Rio de Janeiro, e em virtude de possibilidades que se apresentaram em relação ao acesso aos dados de veículos midiáticos impressos das outras regiões brasileiras, resolvemos analisar a cobertura jornalística referente a atletas locais de 05 (cinco) estados localizados um em cada região do Brasil, acompanhando-se um jornal de circulação estadual ou regional. São características comuns dos jornais analisados o fato de serem editados nas capitais e terem circulação estadual, os quais descrevemos abaixo:

Região Sul: *Diário Catarinense*, do estado de Santa Catarina;

Região Sudeste: *O Estado de Minas*, do estado de Minas Gerais;

Região Centro-oeste: *A Gazeta*, do estado de Mato Grosso;

³ A respeito do escopo do conceito mídia-educação, ver, por exemplo, Fantin (2006).

⁴ Ver Bourdieu (2002).

Região Nordeste: *Jornal da Cidade*, do estado de Sergipe;

Região Norte: *A Crítica*, do estado do Amazonas.

Apesar de conseguirmos abranger as cinco regiões geográficas do país, é necessário considerar que a opção pelos veículos midiáticos impressos aos quais tivemos acesso para análise não condiz com a representação total da região, ou, dito de outra forma, não traduz de maneira geral a representação simbólica de toda região. Por exemplo, em relação à região Sudeste, certamente jornais de maior abrangência, como *Folha de São Paulo* (SP) ou *O Globo* (RJ), teriam maior representatividade e maiores recursos ao elaborar seus discursos quanto aos atletas locais, de forma bem mais expressiva que o jornal *O Estado de Minas* (MG). Nossa hipótese, porém, é que estes jornais de circulação nacional abririam pouco espaço para os atletas “locais” em Estados como o Rio de Janeiro e São Paulo, que lhes dificultaria a cobertura específica destes atletas.

Nosso interesse com este trabalho investigativo foi observar e analisar a cobertura jornalística esportiva referente aos Jogos Pan-americanos Rio/2007 a partir de uma abordagem sociocultural que tivesse como referência o papel educativo que pode ser extraído da cobertura jornalística, consubstanciada no discurso midiático-esportivo. Para esta pesquisa, o foco foi saber como os órgãos midiáticos lidam com os atletas regionais em um evento que tem repercussão continental, numa *dialética global-local* (BITENCOURT *et al.*, 2005). Em alguns casos, são atletas de renome internacional, em outros simplesmente regionais ou locais. A condição de “locais” destes atletas decorre de uma dupla condição de inclusão: por serem nascidos nos estados em que são editados os jornais citados – mesmo aqueles que deixaram seus estados de origem há algum tempo são considerados como pertencentes ao local – ou porque competem por alguma equipe do estado, ainda que nascidos em estados diferentes dos que atualmente se encontram.

O *corpus* de análise foram as 31 (trinta e uma) edições diárias de cada um dos jornais, no mês de realização dos Jogos Pan-americanos (julho de 2007). Para esta pesquisa, foram utilizadas categorias de análise criadas e empregadas no estudo do Grupo antes referido, com possibilidade de surgirem novas categorias em todos ou em algum dos jornais, assim como as categorias consideradas a priori não aparecerem. As categorias consideradas a priori foram:

Referência ao local: reportagens com ênfase no fato dos atletas serem “locais” e pelo estabelecimento de uma identidade com o povo da cidade e estado.

Expectativas e realismo: conjunto de registros que ora geravam expectativas otimistas quanto à performance dos atletas locais, ora eram mais modestas, e destacavam dificuldades enfrentadas (oscilavam entre uma esperança, anterior às provas; e uma realidade, por meio das condições reais de disputa).

Preparação: categoria formada pelas reportagens que se referiam ao treinamento – físico, técnico, tático ou psicológico – e às rotinas/rituais, à cientificação, competição-treino entre outras.

Retrospecto: reportagens que se referiam às conquistas e derrotas ocorridas anteriormente em jogos e campeonatos das modalidades, colocações no ranking, entre outras informações sobre a trajetória desses atletas.

Ineditismo feminino: registros jornalísticos que destacavam o fato da representação feminina inédita nos Jogos.

Avaliando a participação: reportagens que justificavam as derrotas, que se referiam ao consolo, a participações honrosas, decepções e eliminações.

Presente perpétuo: categoria formada pelas reportagens que estipulavam metas a longo prazo para os atletas locais, projetando outras competições, como os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008.

Conforme indicado acima, para este trabalho surgiram outras categorias, as quais estiveram presentes nos jornais *O Estado de Minas* (as três primeiras da relação que segue abaixo) e *Diário Catarinense* (a última categoria da relação abaixo). São elas:

Avaliando o evento e suas instalações: por certa recorrência de matérias sobre atletas mineiros avaliando as instalações do evento e dificuldades encontradas durante a competição.

Dramas pré-competição: pela dificuldade que alguns atletas tiveram em garantir suas participações no evento, tendo a necessidade e mover ações judiciais contra o Comitê e/ou suas respectivas confederações.

Ineditismo Brasileiro: matérias que falaram sobre algumas conquistas que se configuraram como as primeiras no cenário esportivo brasileiro e/ou as primeiras conquistas brasileiras no cenário do esporte mundial e/ou pan-americano.

Eterno regresso: nesta categoria está presente a fala de ex-atletas medalhistas em outros eventos importantes, quase sempre como uma referência à dedicação e busca pelo resultado.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir de agora, portanto, apresentamos os dados sistematizados da cobertura jornalística dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 no tocante aos atletas locais dos referidos estados nos jornais de circulação local/regional, além de fazermos uma discussão conceitual que orienta nosso entendimento sobre o fenômeno esportivo e suas possíveis relações com a Educação Física.

A título de ilustração, apresentamos aspectos quantitativos da distribuição dos registros das matérias analisadas conforme as categorias presentes nos jornais pesquisados (Quadro 01).

Quadro 01: Aspectos quantitativos das categorias presentes nos jornais pesquisados

	<i>Diário Catarinense</i>		<i>O Estado de Minas</i>		<i>A Gazeta</i>		<i>Jornal da Cidade</i>		<i>A Crítica</i>	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Referência ao local	32	86,5	20	22,2	08	34,8	07	14,9	34	94,4
Expectativas e realismo	-	-	24	26,6	08	34,8	07	14,9	-	-
Preparação	-	-	02	2,2	04	17,4	09	19,2	-	-
Retrospecto	-	-	18	20,0	01	4,3	05	10,6	-	-
Ineditismo feminino	-	-	-	-	-	-	02	4,3	-	-
Avaliando a participação	03	8,2	16	17,8	01	4,3	05	10,6	01	2,8
Presente perpétuo	01	2,7	04	4,5	01	4,3	05	10,6	01	2,8
Avaliando o evento e suas instalações	-	-	-	-	-	-	05	10,6	-	-
Dramas pré-competição	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ineditismo Brasileiro	-	-	06	6,7	-	-	02	4,3	-	-
Eterno Regresso	01	2,7	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAIS	37	100	90	100	23	100	47	100	36	100

A seguir, passamos à discussão do material analisado e classificado nas categorias em cada jornal, começando pelo Diário Catarinense, representante da Região Sul.

Região Sul: a cobertura jornalística dos “locais” no *Diário Catarinense*

Este jornal, produzido e editado em Florianópolis/SC, tem sua distribuição em toda região sul, parte da região sudeste e centro-oeste do Brasil, não se limitando, portanto, apenas ao estado de Santa Catarina.

No dia 12/07, dia anterior à abertura do Rio/2007, o jornal publicou o *Guia do Pan*, uma agenda com toda a programação dos Jogos e a equipe de atletas catarinenses que competiria no evento, bem como a apresentação da equipe de jornalística da emissora RBS (Rede Brasil Sul) que faria a cobertura do mesmo. Neste mesmo dia o jornal anuncia que a partir do dia 13/07 estaria presente *O Diário do Pan*⁵ que seria veiculado a partir do início dos Jogos, complemento este que apresentava colunas e relatos dos resultados, quase sempre destacando o sucesso dos atletas catarinenses.

Neste encarte, assim como de resto em toda a cobertura dos Jogos, há um claro destaque para cinco atletas catarinenses: a) *Falcão*, do futsal, foi o que mais apareceu (13 vezes); b) *Fabiana Beltrame*, do remo (08 vezes); c) o nadador *Eduardo Deboni* (06 vezes) e d) a maratonista *Márcia Narloch* e o remador *Anderson Nocetti* (cada um citado 05 vezes).

O atleta *Falcão* aparece desde a passagem da tocha pelo estado, como o embaixador dos Jogos. A presença de grande parte destes atletas pode estar associada ao fato de a maioria serem atletas olímpicos com renome nacional e internacional, por exemplo, o próprio *Falcão*, que é considerado o melhor jogador de futsal do mundo, sendo este um esporte não olímpico. Uma suposição que podemos fazer aqui é o fato de Santa Catarina apresentar atualmente um dos melhores aproveitamentos no futsal nacional, e com isto a expectativa e também a busca por tornar esta modalidade em um esporte olímpico. O que é uma meta dos dirigentes do esporte brasileiro, pois tem no futsal quase que a certeza de uma medalha olímpica.

Um fato que merece destaque é o caso da atleta do caratê *Lucélia Ribeiro* que nem aparece na lista dos 46 atletas catarinenses presentes no Pan, mas que com o resultado obtido tem seu nome citado como “ouro com gosto catarinense” (capa, 26/07/07). Outra situação é a maratonista *Márcia Narloch* que nascida em Santa Catarina, mas morando há muitos anos fora

⁵ O *Diário do Pan* era composto por oito páginas, nas primeiras páginas destacava as fotos de alguns atletas principalmente os medalhistas do dia anterior ou a expectativa de algum atleta pela prova que viria a acontecer, enfatizando se fosse catarinense. Nas demais páginas, o relato, como já citado anteriormente, e algumas colunas que estiveram presente em quase todo o período do *Diário do Pan*, sendo que apenas um colunista teve a sua presença diária, sendo uma espécie de “enviado especial”.

do estado e mesmo assim é considerada catarinense, e também pelo fato deste ser seu último evento de caráter “olímpico”.

Na ênfase aos catarinenses como enfatizado pelo jornal, a categoria mais presente não poderia ser outra senão a *Referência ao Local* (32 vezes); poucas vezes apareceu a categoria *Avaliando a Participação* (03 vezes), e a categoria *Presente Perpétuo* também se fez presente neste evento (01 vez). Aparece uma nova categoria, a qual denominamos *Eterno Regresso*, por considerarmos como aquela que trata da aparição de atletas que obtiveram sucesso no passado, tais como *Fernando Scherer* (natação) e *Ana Moser* (vôlei).

Um dos pontos marcantes do DC é a simples apresentação de resultados, quase não há matéria escrita que pondere sobre o evento. O que aparece são os resultados e a presença dos títulos com destaque aos atletas locais que haviam obtido sucesso nas provas do dia anterior à edição. Fica bem limitada a coluna de jornalista que versa mais sobre a cidade do evento, do que sobre o próprio evento. O simples fato de relatar praticamente só os resultados aparece em uma avaliação que o jornal fez após os Jogos com alguns de seus leitores em que fica evidente a limitação da cobertura a apresentação dos resultados.

Região Sudeste: a cobertura jornalística dos “locais” em O Estado de Minas

Este jornal tem grande circulação dentre os veículos midiáticos analisados, ele é editado em Belo Horizonte, a capital mineira, sendo distribuído para vários estados além de Minas Gerais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás, Espírito Santo, Bahia e o Distrito Federal.

Os atletas mineiros mais citados pelo referido veículo midiático foram *Thiago Pereira*⁶ e *Flávia Delaroli*, ambos da natação, e o maratonista *Franck Caldeira*.

Já com relação às categorias presentes nas matérias jornalísticas, este veículo apresentou uma diferença em relação aos demais jornais aqui analisados, tendo em vista que a categoria *Referência ao local*, neste caso, apareceu em segundo lugar. A categoria *Expectativas e realismo* foi a que mais apareceu no *O Estado de Minas*. Em terceiro, aparece a categoria *Retrospecto*, seguida pela categoria *Avaliando a participação*.

⁶ O atleta é natural de Volta Redonda (Rio de Janeiro), mas por treinar no Minas Tênis Clube, foi considerado pelo jornal como um atleta representante do estado de Minas Gerais.

A pesquisa enfocada neste jornal encontrou outros elementos que aqui denominamos categorias, como por exemplo, *Avaliando o evento e suas instalações* (matérias recorrentes sobre atletas mineiros avaliando as instalações do evento e as dificuldades encontradas na competição), *Dramas pré-competição* (dificuldade que alguns atletas tiveram para garantir participação no evento) e *Ineditismo brasileiro* (reportagens que enfatizavam algumas conquistas inéditas do esporte brasileiro).

Vale ressaltar que esse jornal disponibilizou na edição do dia 11/07/2007, um caderno especial contendo informações básicas sobre o evento e informações sobre uma grande diversidade de modalidades esportivas. Sobre esse aspecto, subentende-se que tal estratégia pode gerar no receptor, consumidor do jornal, o desejo em consumir o evento a partir do momento em que ele se sinta preparado para compreender as diferentes situações que poderão se apresentar no decorrer das disputas nas modalidades. Isso porque muitas das modalidades esportivas nem sempre possuem visibilidade midiática cotidiana e por assim, acabam não fazendo parte da maioria dos repertórios de informação esportiva das pessoas. Consideramos, então, o fato de que a partir do momento em que um novo elemento é disponibilizado pelos meios de comunicação de massa às populações, há inegavelmente a necessidade de se disponibilizar, junto a ele, informações básicas para que se garanta um mínimo de entendimento sobre o assunto, o qual poderá garantir o consumo desse ‘novo produto’.

Porém, analisando a cobertura geral do jornal durante o período de realização dos jogos, foi possível perceber que alguns dos esportes apresentados no caderno especial do dia 11 não receberam o merecido destaque. Significa dizer que, embora informações básicas sobre as modalidades tenham sido disponibilizadas com uma perceptível preocupação em oportunizar ao leitor certo nível de conhecimento para facilitar a compreensão das disputas esportivas, pouquíssimas foram as matérias que deram algum tipo de retorno ao leitor sobre atletas e resultados de algumas das modalidades evidenciadas no caderno do dia 11 tais como, judô, tiro e hipismo.

Acreditamos que mesmo essas modalidades não apresentando resultados significativos (vitórias) deveriam ter sido mais noticiadas pelo veículo midiático em questão, uma vez que o mesmo ao apresentá-las ao leitor teria o compromisso de disponibilizar-lhe, mesmo que em pequenas notas, informações sobre a situação dessas modalidades durante o evento. Talvez tal comportamento possa ser justificado pela falsa necessidade, criada e coletivamente assumida, de veicularem-se notícias sobre o êxito, sobre a vitória, reforçando a lógica de que o esporte é elemento social significativo

quando oportuniza resultados positivos. A conquista de títulos torna-se mais importante que os caminhos trilhados para se obterem avanços.

Uma das características observadas na análise deste jornal é que houve um movimento de *agendamento*⁷ da cobertura, especialmente nos dias que antecederam a abertura dos Jogos. De 08 a 12/07/2007, por exemplo, na capa do caderno de esportes, no canto inferior direito da página, foi inserida uma foto de uma bandeira verde apresentando, no centro dela, a contagem regressiva para o início dos Jogos em letras amarelas e acompanhada da logomarca do jornal com frase: “Cobertura Especial PAN 2007”. Esta estratégia utilizada pelo jornal, assim como no decorrer dos Jogos, na divulgação dos atletas mineiros, foi uma tentativa de gerar expectativas em relação aos mesmos, a partir da exploração textual sobre esperanças de conquistas significativas para o cenário esportivo mineiro. Isso pode ter estimulado no leitor a curiosidade, oportunizando certo nível de fidelização com a cobertura oferecida pelo veículo midiático.

Por outro lado, dado o número de vezes em que a categoria *Referência ao Local* apareceu, pôde-se constatar que a definição dos atletas como representantes do estado de Minas Gerais foi outra estratégia muito utilizada pelo jornal *Estado de Minas*. Tal fato ficou particularmente evidente no caso de *Thiago Pereira*, atleta do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte, constantemente classificado como representante do Estado, embora ele seja natural do estado do Rio de Janeiro (Volta Redonda), informação que provavelmente alguns leitores não tenham conhecimento porque nunca foi referida na cobertura. Diga-se de passagem que *Thiago Pereira* foi o atleta local mais referido na cobertura, com cerca de 26% de todos os registros que nomeavam atletas considerados mineiros (ANTUNES *et al.*, 2008).

Região Centro-oeste: a cobertura jornalística dos “locais” no jornal *A Gazeta*

O jornal *A Gazeta* é de circulação/distribuição estadual, produzido e editado na capital matogrossense – Cuiabá – contudo reproduz muita notícia do eixo Rio-São Paulo, de articulistas e jornalistas daquela região. Na seção de esportes, o grande enfoque é dado ao futebol, campeonato brasileiro, campeonatos internacionais, e alguma coisa do futebol estadual, sendo que no período selecionado (julho/2007), em relação ao Pan Rio/2007,

⁷ O *agendamento* é a tradução do termo *agenda-setting* e se trata de um processo relacional entre a agenda midiática e a agenda pública, com o que alguns grupos (financeiros, econômicos, políticos e a própria mídia) objetivam pautar temas de seu interesse na esfera social, colocando desta maneira sua opinião, com o interesse de torná-la hegemônica (MEZZARROBA, 2008).

pouca coisa foi tratada em relação ao evento (apenas algumas coisas sobre a passagem da tocha olímpica pela cidade de Cuiabá).

Não houve uma intenção pedagógica deste jornal em tratar do Pan. As matérias veiculadas foram “apresentando” os atletas e modalidades (fulano representa o Brasil em tal modalidade), uma chamada grande na capa do jornal para a abertura do Pan (meia página) e depois matérias sobre alguns dos esportes em que havia representantes brasileiros e suas agendas de competição. No dia posterior a competição, os resultados. O voleibol masculino teve um destaque maior entre todos os esportes.

Neste veículo midiático, o atleta local mais mencionado foi *Felipe Lima*, nadador cuiabano que participou da equipe brasileira de revezamento (4x100 medley) e que não conseguiu medalha (ficou na fase eliminatória). Também apareceu uma vez a ciclista *Clemilda Fernandes*, quando a mesma ganhou a medalha de bronze no ciclismo. Já com relação às categorias que mais apareceram neste jornal houve empate com a *Referência ao Local e Expectativas e Realismo* (oito vezes cada uma delas, geralmente aparecendo nas mesmas reportagens).

Região Nordeste: a cobertura jornalística dos “locais” no *Jornal da Cidade*

O referido veículo midiático é um jornal de circulação estadual, produzido e editado na capital Aracaju, cuja distribuição se dá apenas no estado de Sergipe. Neste jornal, o foco das observações recaiu nos seguintes atletas: *Rogério Santana Alves* (goleiro do futsal); *Wagner Romão* (pentatleta); Nivalter Santos (canoísta); *Marcus Vinícius Correia de Alcântara*, “Manchinha” (ciclista); e *Hélio Lisboa Justino*, Helinho, (atleta de handebol) – Helinho e Rogério são os que receberam maior ênfase em destaques nas matérias, talvez pelo fato de se especular a certeza de medalha nestas duas modalidades. Na sequência, apresentamos a maneira como essa mídia impressa local cobriu os Jogos Pan-americanos no tocante aos atletas locais sergipanos⁸.

Sobre as categorias, especificamente a *Referência ao local*, percebemos que a mídia impressa local fez alusão aos atletas que estavam no Pan, dando ênfase ao seu aspecto regionalista, gerando nos leitores uma “falsa sensação” de estar presente neste evento esportivo. Porém, constatamos, nas reportagens referentes aos “sergipanos no Pan”, que os mesmos não mais residem em seu estado de origem, muito possivelmente

⁸ Para maiores detalhes, ver Ribeiro et al. (2008).

por não possuírem uma boa estrutura para sua preparação como atletas de alto rendimento. Apesar disso, as reportagens dão a impressão de que o sucesso destes atletas representa uma relação indissociável com o povo sergipano, significa que a vitória de cada um deles também é uma vitória de Sergipe.

Com relação às *Expectativas e realismo*, visualizamos uma espécie de *agendamento*, ou seja, uma maneira do veículo midiático pautar o evento, apresentando seus elementos e personagens, criando expectativa na opinião pública. A própria expectativa não nos parece “natural”, ela surge quase que impositivamente, como se necessitássemos criar o sentido da esperança, ou melhor, criam-nos o sentido de ficarmos ligados aos acontecimentos esportivos – os Jogos Pan-americanos Rio/2007 neste caso.

Região Norte: a cobertura jornalística dos “locais” no *A Crítica*

Constituiu-se como material de análise desta pesquisa na região norte do país o jornal *A Crítica*, produzido e editado em Manaus, com circulação em todo o Amazonas, podendo ser considerado o jornal com maior circulação no Estado. Ao todo foram analisadas 36 matérias relacionadas aos Jogos Pan-Americanos Rio/2007 e aos atletas regionais amazonenses. Uma característica marcante neste jornal que é das 36 matérias analisadas, apenas seis não possuíam fotos. Destacando, por intermédio das fotos coloridas e das inúmeras chamadas de capa no jornal, a importância dada aos atletas locais e a grande expectativa sobre eles. Além disso, é possível observar que o jornal busca através do uso constante de fotografias aproximar-se, cada vez mais, do modo televisivo de informar, explorando o recurso da imagem acompanhado quase sempre de matérias curtas, numa tentativa de despertar a atenção dos leitores, ampliar a sua audiência e criar condições para manter-se ativo diante da grande penetração das mídias eletrônicas na vida da sociedade contemporânea⁹.

Logo no início de julho, mês de realização dos Jogos Pan-Americanos no Brasil, o jornal veiculou uma matéria intitulada “*Amazonenses determinados e vitoriosos*” (01/07/2007, p.1, capa) com o objetivo de apresentar os quatro atletas regionais que representariam o Estado do

⁹ Observamos que existe uma grande quantidade de anúncios publicitários no jornal *A Crítica*, muitas vezes, ganhando mais visibilidade que as próprias matérias veiculadas pelo jornal. Isso pode ser explicado pelo fato de que o número de leitores de jornais impressos vem sofrendo um decréscimo nos últimos anos ocasionado pelo acesso as mídias eletrônicas e digitais (rádio, televisão e internet) como fontes de informação, dessa forma, a propaganda tornou-se um dos maiores investidores dos jornais e conseqüentemente viabilizam a sua publicação diária.

Amazonas nos Jogos, sendo eles: *Sandro Viana* (atletismo – velocista), *Waldecil Silva* (luta), *Ligia Santos* (tênis de mesa) e *Alexon Maximiniano* (atletismo – lançamento de dardo). Tal reportagem apresentou um enfoque anunciativo, ou seja, buscou agendar o evento junto ao público e, especialmente destacar a participação de atletas locais na competição. Todas as notícias referentes ao evento se fizeram presentes no caderno de esportes. Foi a partir do início dos Jogos Pan-Americanos que o jornal *A Crítica* passou a dedicar mais atenção aos atletas locais, além disso, à medida que os atletas conseguiam bons resultados, crescia o espaço destinado a eles nas reportagens veiculadas no jornal, muitas com chamada e foto na capa. O atleta amazonense mais destacado foi o velocista *Sandro Viana*, que disputou provas de atletismo e obteve a medalha de ouro na prova de revezamento 4x100m no Pan-Americano do Rio/2007, seguido do atleta de luta livre *Waldecil Silva*.

Uma particularidade é que no dia 13 de julho, quando os Jogos iniciam, mais uma atleta entra na disputa por uma medalha e integra o time dos competidores amazonenses, desta vez na modalidade de hóquei sobre a grama, é *Helena Betolaza*. Ela ganha espaço no jornal e é mencionada sempre como “a atleta manauense de nascimento”, pois Helena Betolaza mora e treina no Uruguai e veio ao Brasil especialmente para compor a equipe de hóquei sobre a grama. Também ganha destaque da imprensa por ser bastante jovem (15 anos) e já estar participando de grandes eventos esportivos, como é o caso dos Jogos Pan-Americanos.

Ao longo da competição, a atleta e sua equipe não conquistaram medalhas e sua presença nas matérias foi diminuindo, uma vez que o enfoque principal do jornal *A Crítica* dado aos Jogos foi o rendimento (conquista de medalhas) dos atletas nas provas esportivas. Dessa forma, considerando o material analisado podemos dizer que a participação da atleta de hóquei teve destaque principalmente sob dois aspectos: ser uma atleta local e por ser jovem.

A categoria *Referência ao local* foi a mais enfatizada no jornal analisado, que pouco mencionou aspectos das demais categorias, como *Avaliando a participação* e *Presente Perpétuo*. Geralmente no título da notícia ou então nas primeiras linhas do texto da matéria a ênfase estava em expressões tais como: “atleta amazonense”, “sangue baré”, “manauense nos Jogos do Pan do Rio” – evidenciando a referência ao local, ou seja, os atletas do Amazonas, Poucas foram as reportagens sobre o Pan-Americano que não abordassem aspectos/informações relacionados aos atletas locais, como nos mostra os exemplos a seguir: “*Glória Amazonense*” (30/07/2007, p.03, Caderno de Esportes); “*Tem sangue baré no hóquei?*” (13/07/2007, p. 03, Caderno de Esportes) e “*A nossa força no Pan do Brasil?*” (15/07/2007, p.03, Caderno de Esportes).

Praticamente todas as informações noticiadas estavam ligadas ao desempenho dos atletas amazonenses nos Jogos, sendo que os atletas mais citados nas matérias foram, na maioria das vezes, aqueles que tiveram melhores resultados na competição e/ou permaneceram mais tempo em evidência. Ao longo da nossa análise também verificamos que o jornal faz pequenas inferências às condições de treinamento dos atletas para as competições, chamando a atenção para a falta de recursos espaciais, materiais e financeiros que os competidores enfrentam no Estado e na repercussão disso nos resultados alcançados pelos atletas amazonenses.

Além disso, identificamos a presença da categoria *Presente Perpétuo* em algumas das matérias analisadas, sempre criando expectativas em relação a participação e desempenho de atletas amazonenses em competições futuras e com grande expressividade como os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Vejamos um exemplo dessa categoria veiculado no jornal *A Crítica*: “*Meta de Lígia é a classificação para jogos de Pequim*”, (30/07/2007, p.03, Caderno de Esportes).

A partir do material de análise foi possível perceber que durante o período que antecedeu a abertura dos Jogos até o seu encerramento, o jornal *A Crítica* buscou veicular reportagens relacionadas ao evento esportivo e atletas regionais que participariam do mesmo, apresentando aspectos referentes às modalidades esportivas e dos próprios atletas informando quem são, que modalidade praticam e como vivem, enfatizando a sua preparação e a expectativa em relação aos Jogos. Com o início das competições até o final, a ênfase passou a a participação dos atletas amazonenses, sendo que o velocista Sandro Viana foi o que mais se destacou no conteúdo analisado, seguido por Waldecil Silva. Acreditamos que isso tenha ocorrido porque esses atletas conquistaram medalha e/ou chegaram às finais na sua modalidade, respectivamente, e representaram o Estado do Amazonas por mais tempo na competição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de investigação, que é um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo sobre a cobertura midiática-esportiva em torno dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 realizada pela imprensa brasileira, procuramos analisar de forma detalhada a cobertura realizada pela mídia impressa nacional, especificamente como essa mídia aborda as questões relacionadas aos atletas locais, ou seja, os atletas representantes dos estados em que os jornais são produzidos/editados.

Percebemos que a presença do regionalismo é uma das marcas presentes nos veículos midiáticos analisados, o que corrobora a constatação de Rodrigues (1999, p. 19), ao escrever que “apesar da planetarização da informação, assistimos hoje ao recrudescimento dos regionalismos”.

Isso porque, resgatando os dados presentes nos jornais pesquisados, com exceção do jornal *O Estado de Minas*, todos os demais (*Diário Catarinense*, *A Gazeta*, *A Crítica* e o *Jornal da Cidade*) enfatizaram a figura de seus atletas locais (principalmente os de maior destaque), talvez numa tentativa de criar uma identificação do veículo midiático com seus leitores, aproximando-os do evento que estava acontecendo na cidade do Rio de Janeiro – com isso, podemos dizer que a categoria *Referência ao local* esteve muito presente nos jornais pesquisados.

Também visualizamos nos referidos veículos midiáticos impressos, diferentes estratégias de “contar” aos seus leitores os acontecimentos em relação aos Jogos Pan-americanos Rio/2007.

O *Diário Catarinense*, além das categorias *Avaliando a participação e Presente perpétuo*, abordou também a aparição de atletas que tiveram sucesso no passado, como o nadador Fernando Scherer e a jogadora de vôlei Ana Moser, o que, para nós, configurou-se como a categoria *Eterno Regresso*.

O jornal *O Estado de Minas*, por sua vez, tratou bastante dos elementos da categoria *Expectativas e realismo*, como também das categorias *Retrospecto* e *Avaliando a participação*. Neste veículo midiático, outros elementos, diferentes dos demais, aparecerem gerando categorias aqui denominadas de *Avaliando o evento e suas instalações*, *Dramas pré-competição* e *Ineditismo brasileiro*.

O jornal *A Gazeta*, seguindo a estratégia dos demais, de enfatizar o atleta local mais conhecido/popular, também deu maior destaque ao nadador matogrossense que estava representando o estado nos Jogos Pan-americanos, além de comentar a respeito das expectativas em relação ao seu desempenho (e de suas reais possibilidades). O motivo da pouca repercussão dos Jogos Pan-americanos no referido veículo midiático talvez seja a pouca tradição/representação do estado no cenário esportivo nacional.

Já o *Jornal da Cidade* privilegiou notícias referentes aos atletas locais, portanto, a ênfase em relação às categorias recaiu na *Referência ao local*. Mas também publicou reportagens que circulavam em torno das *Expectativas e realismo*, categoria que talvez tenha tido a intenção de “agendar” o evento esportivo em território brasileiro, gerando expectativas em seus leitores.

Completando o quadro dos cinco jornais impressos analisados, o jornal *A Crítica* pouco mencionou aspectos de outras categorias, senão a

ênfase nos atletas locais, evidenciando a ênfase na categoria *Referência ao local*. Provavelmente em vista da pouca tradição de representatividade de atletas relacionados de alguma forma ao Estado do Amazonas.

Ao analisarmos estes cinco jornais de diferentes regiões do país foi possível constataremos onze categorias diferentes, em que poderíamos esperar, se estivéssemos embasados na lógica do mundo globalizado da sociedade da informação, certa padronização no discurso e no trato com a informação. Nesse contexto podemos pensar que o papel do agendamento não estaria acontecendo da mesma maneira nos diferentes locais do Brasil, tendo em vista a amplitude desta pesquisa, a qual abarcou dados de cinco estados das diferentes regiões brasileiras.

Tal constatação nos permite inferir que as diferentes abordagens de cada um desses jornais estão relacionadas ao fato de que, sendo o Brasil um país de dimensões continentais e de uma ampla diversidade de manifestações culturais peculiares a cada região, os seus elementos específicos foram tematizados e veiculados procurando atrair a atenção de seus leitores de acordo com o contexto cultural específico – idéia esta que remete às mediações culturais, conforme Martín-Barbero (2003).

Ao entender que as mídias, como jornal e televisão e mais recentemente a internet, ocupam posição de destaque em todas as esferas da vida cotidiana na sociedade contemporânea e por reconhecer que esses suportes são dotados de sentidos, muitas vezes, subliminares, transmitindo idéias e valores que repercutem nas formas de pensar, agir e sentir do ser humano é que se compreende necessário intervir na forma como nos apropriamos dos discursos produzidos pela mídia, na maneira como somos educados para consumi-los e interpretá-los, considerando fundamental, nesse contexto, o papel do educador e da escola.

Nesse sentido, propõe-se a *mídia-educação* como uma possibilidade didática e pedagógica que os professores podem dispor para abordar de forma criativa, esclarecedora e colaborativa na escola tais conteúdos, envolvendo as mídias. A tarefa da mídia-educação é auxiliar na formação de leitores-autores críticos, capazes de estabelecer relações coerentes e críticas entre o que aparece nas mídias e a realidade do mundo fora dela.

Acreditamos que essa pesquisa possa colaborar com o processo de inclusão e tematização das mídias, especialmente do jornal impresso, no processo de ensino-aprendizagem da Educação Física, e ajudar professores e alunos a estabelecerem mecanismos de interpretação e reflexão crítica e de produção midiática, a partir dessa estreita relação entre a mídia e a

Educação Física e/ou Esportes. Propósito que vem pautando os trabalhos de pesquisa, ensino e extensão do Grupo Observatório da Mídia Esportiva, da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁰.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Scheila *et al.* OPAN/RIO-2007 na perspectiva da mídia impressa mineira. In: CONGRESSO SUDESTE BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2, **Anais...** Uberlândia/MG: CBCE, setembro/2008.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/global. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n.1, p. 21-36, jan/jun, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MEZZAROBIA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

_____. **Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física**. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* **Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004**.

¹⁰ No site do grupo, estão disponíveis, na íntegra, todos os trabalhos publicados pelos pesquisadores do grupo no período 2003-2008 (www.nepef.ufsc.br/labomidia)

In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., Santa Maria/RS, setembro 2006. **Anais...** Santa Maria: CBCE, 2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi (coord.) *et al.* **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o discurso midiático-esportivo: observação e análise da cobertura da mídia nacional.** Projeto de Pesquisa. Rede CEDES/Ministério do Esporte. Florianópolis: CDS/UFSC, 2008.

PIRES, Giovani De Lorenzi. O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão. Possibilidades de superação. In: GRUNENVALDT, T. et al (orgs.). **Educação física, esporte e sociedade:** temas emergentes. São Cristóvão: UFS, Departamento de Educação Física, 2007.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D.; QUARANTA, André M.; GARCIA, Luciana Carolline Pina. Os atletas sergipanamericanos a partir da cobertura jornalística na mídia impressa local. In: SCHNEIDER, O. *et al.* (orgs). **Educação Física, esporte e sociedade:** temas emergentes. V.2. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008, p.237-252.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura – a experiência cultural na era da informação.** Lisboa: Editorial Presença, 1999.



JOGOS PAN- AMERICANOS RIO/2007 E A COBERTURA DO JORNAL NACIONAL: ênfases e representações veiculadas¹

*Mariana Mendonça Lisboa
Cristiano Mezzaroba
Iracema Munarim ²*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Conhecido e admirado por grande parte da população, o esporte é tido como um fenômeno bastante marcante na sociedade contemporânea, pois basta um olhar mais atento para constatar o prestígio que é conferido às práticas esportivas (no cotidiano das pessoas, na centralidade deste conteúdo nas aulas de Educação Física escolar e principalmente nas transmissões esportivas realizadas pela mídia).

Outro fenômeno que caracteriza este momento contemporâneo está ligado ao campo das comunicações, ou melhor dizendo, o campo midiático, responsável pela produção e veiculação dos mais diversificados tipos de programas/produtos midiáticos, seja por meio da mídia impressa (jornais e revistas), dos rádios (AM/FM), da mídia televisiva ou mais recentemente por meio da internet.

Sabendo-se da especificidade de cada um destes veículos ao pautar/tratar seus temas e considerando-se, por exemplo, os dados divulgados recentemente, aqui no Brasil, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2006), o qual constatou que 93% dos domicílios

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Faxinal do Céu/PR, em setembro de 2008.

² Os autores registram a participação do professor Rafael Matiuda Spinelli na coleta e sistematização dos dados na versão preliminar deste estudo. De forma especial, agradecem a inestimável colaboração, na decupagem e transcrição dos vídeos, aos acadêmicos de Educação Física/UFSC e bolsistas de pesquisa do LaboMídia/Rede CEDES: Bianca Natália Poffo; Daiane Raquel Vieiro Ricken e Filípi Flor Teixeira.

brasileiros possuem aparelho televisor, acreditamos que a aproximação destes dois fenômenos – esporte e mídia – precisa ser analisado com maior atenção pelo campo da Educação Física, para além da explicação mercadológica/econômica que costuma se fazer a respeito. Assim, os profissionais atuantes neste campo do conhecimento poderão orientar suas ações no que tange à *mídia-educação*³, a qual surge como uma alternativa a mais para que os professores/profissionais articulem com os saberes/fazeres da Educação Física.

No que se refere à mídia televisiva, veículo ao qual fizemos nossa investigação, vemos um esporte que pode ser adjetivado como *telespetacularizado* (BETTI, 1998; 2005), ou seja, uma nova forma de tomarmos conhecimento através do discurso construído/reproduzido pela televisão, que procura utilizar modernos recursos audiovisuais e tecnológicos em suas transmissões (por exemplo: enquadramento de câmeras, virtualização, edição de imagens/sons/comentários e efeitos gráfico-computacionais, entre outros).

Dentre os programas costumeiramente oferecidos pelas emissoras televisivas, os *noticiários* costumam ter bastante audiência, e principalmente, certa “autoridade” em dizer às pessoas os fatos/acometimentos que aconteceram no mundo em determinado dia. Por isso, considerando-se a importância deste gênero televisivo e a realização dos Jogos Pan-americanos no Brasil em 2007, na cidade do Rio de Janeiro, é que achamos necessária uma investigação com o noticiário brasileiro que possui os maiores índices de audiência: o *Jornal Nacional*, produzido e transmitido pela Rede Globo de Televisão.

Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 envolveram países do continente americano (América do Sul, Central e do Norte) e são realizados de quatro em quatro anos, sempre nos anos anteriores aos Jogos Olímpicos. Em 2007, realizou-se em território brasileiro a 15ª edição destes Jogos, sendo que foi a segunda já realizada no Brasil (a primeira foi em 1963, na cidade de São Paulo). Foi um importante momento para o esporte nacional, bem como para a Educação Física, pois pôde possibilitar uma discussão e reflexão em torno do fenômeno esportivo em nossa sociedade, como por exemplo, as representações do esporte, os sentidos e significados que lhe são atribuídos e vinculados pelo discurso midiático, o que a população pensava a respeito do tema, entre outras questões. (MEZZAROBÀ, 2008).

³ Sobre o conceito de mídia-educação, ver Fantin (2006).

Assim, com esta pesquisa, nosso objetivo, além dos aspectos quantitativos (verificando o tempo destinado à cobertura dos Jogos Pan-americanos e o espaço relativo ocupado por esta temática quando comparado às demais notícias do dia), voltou-se também aos aspectos qualitativos, pois procuramos descrever e analisar o discurso midiático-esportivo da cobertura destes Jogos procurando identificar tendências e ênfases veiculadas.

Em relação aos seus aspectos metodológicos, a presente pesquisa caracteriza-se como sendo de caráter qualitativo, com abordagem exploratória e descritiva (GIL, 1996; TRIVIÑOS, 1995; BOGDAN & BIKLEN, 1994), pois uma das principais características da pesquisa qualitativa é o seu caráter descritivo, uma abordagem que exige do pesquisador que se “olhe” para os acontecimentos de forma não trivial, em que tudo pode constituir uma pista para que se estabeleça uma compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo.

Com o desafio metodológico de implementar a investigação quanto ao produto televisivo – Jornal Nacional (JN) – deparamo-nos com o *método compreensivo* proposto por Ferrés (1996), pois este autor sistematiza uma pauta para a análise crítica dos noticiários, e considera que “No gênero noticiários, a metodologia também é fundamental para uma análise coerente e exaustiva.” (Ibid, p. 153).

Tal abordagem metodológica considera dois princípios: inicialmente deve-se atentar para as reações que o programa/notícias despertam, em seguida pressupõe um distanciamento analítico para a realização da investigação. Como eixos de análise, o autor apresenta algumas formas para se analisar/compreender os noticiários, por exemplo: a questão do espetáculo informativo, as necessidades do telespectador, os efeitos que a informação produz (mobilizadores/ação ou sedativos/contemplação), a objetividade (falaciosa) dos noticiários, a dimensão ideológica dos programas/notícias, a questão da imagem e conotação, a presença governamental (jornalismo tendencioso), a análise formal (detectar recursos formais usados) e a comparação de noticiários.

Para a realização deste estudo gravamos todas as 15 (quinze) edições do JN (8 delas foram gravadas diretamente da televisão e as outras 7 foram acompanhadas através da internet)⁴, desde a edição da data de abertura dos Jogos Pan-americanos (dia 13 de julho de 2007) até a segunda-feira posterior ao encerramento dos Jogos (30 de julho de 2007). Quando nos referirmos à

⁴ Site: www.globo.com/jornalnacional.

categorização realizada dos programas analisados, estaremos nos referindo apenas aos 8 programas que foram gravados diretamente da televisão.

Em um primeiro momento fizemos uma abordagem quantitativa dos dados encontrados, para, em seguida, realizar a abordagem qualitativa dos mesmos, procurando analisar as matérias relacionadas aos Jogos Pan-americanos Rio/2007 que foram produzidas e veiculadas pelo JN à luz das categorias de análise da pesquisa matricial a qual este estudo específico está vinculado.

ENTRA EM CENA O JORNAL NACIONAL: uma breve contextualização

Desde sua criação, o Jornal Nacional (JN) ainda hoje é a principal referência do telejornalismo no Brasil. Teve sua primeira transmissão no ano de 1969, embora ainda não fosse assim denominado. De acordo com Barbosa e Ribeiro (2005) o jornalismo fazia parte da grade de programação da TV Globo desde sua criação, mas teve seu formato muitas vezes modificado até chegar ao que conhecemos hoje: programa diário, substituído apenas aos domingos por outra programação, apresentado em horário nobre por dois jornalistas – hoje representados pelo casal William Bonner e Fátima Bernardes, que se utilizam de uma linguagem narrativa (informativa) e intimista, criando um forte apelo e identidade com o grande público.

No ar há quase 39 anos, o JN foi a principal referência da televisão brasileira em fatos históricos e políticos e carrega em sua bagagem de memória – consideramos desde já que este é o principal telejornal da maior emissora de TV da América Latina – fatos como a participação nos ideais do regime militar (o tom modernista dos militares tinha a televisão como principal aliada no seu projeto de unificação nacional), assim como as coberturas de processos de abertura democrática, como o *Diretas Já* e a cobertura, intencionada ou não, das eleições de 1989, seguidas pelo processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Durante todo este tempo o programa experimentou mudanças até então inéditas no país, como a primeira transmissão a cores para a televisão, a inclusão da figura do repórter nas matérias, as chamadas ao vivo, a possibilidade de repórteres dispostos em cidades diferentes poderem conversar no ar, além das evoluções referentes à tecnologia que facilitariam ainda mais as transmissões da programação nas diferentes cidades do país.

Além de informativo, com o JN é possível acompanhar características próprias de noticiários televisivos, como o jogo de imagens, efeitos especiais, falas coloquiais e explicativas, entrevistas que trazem o

tom de cientificidade e veracidade da matéria e a idéia de imediatismo e ineditismo das notícias.

Outra característica atribuída ao JN é a sua relação estabelecida com o significado de hora, conforme evidencia a pesquisa realizada por Travancas (2006), a qual procurou verificar como acontecia a recepção de noticiários televisivos, principalmente do JN, em jovens universitários cariocas. A partir de tal pesquisa e das entrevistas que compunha esta, a autora pode confirmar o que já é apresentado em outros trabalhos sobre televisão, os quais caracterizam o telejornal como uma espécie de "relógio social" que organiza as rotinas, destaca os rituais e enfatiza os papéis na vida familiar.

É como se os programas já significassem a hora; como se ela estivesse implícita e fosse desnecessária dizê-la. No caso do jornal nacional é interessante destacar que para a maioria dos entrevistados ele correspondia a hora da chegada em casa (TRAVANCAS, 2006, p. 165).

Outro fator de destaque no telejornal e objeto de nossa pesquisa é a produção e veiculação de matérias esportivas. O JN veicula diariamente notícias sobre competições, atletas e modalidades específicas, principalmente se estas possuem alguma relação com a programação da TV Globo, como o campeonato brasileiro de futebol e corrida automobilística (Fórmula 1).

Este enfoque dado às notícias esportivas tornou-se muito freqüente nos dias em que se antecederam os Jogos Pan-Americanos bem como no decorrer das competições. Isto pode ser verificado, por exemplo, nas tabelas, quadros e análises a seguir, em que são demonstrados os tempos das matérias esportivas dos Jogos dentro do tempo total de apresentação do jornal – embora o destaque tenha diminuído com as notícias de um grave acidente aéreo, que tomou proporções maiores na programação diária da emissora. Com relação ao conteúdo veiculado nas mensagens informativas, as análises das modalidades e atletas mais enfatizados, bem como a categorização das temáticas tratadas pelo JN permitem aproximar-se do discurso construído e utilizado pelo noticiário esportivo em questão.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A partir de agora apresentamos os dados preliminares da cobertura televisiva dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 pelo JN,

ênfatizando neste momento as análises feitas a partir da estatística descritiva, que relacionadas a uma discussão conceitual do fenômeno esportivo e midiático, nos fornecem algumas reflexões para Educação Física/Espportes.

Quadro 1: Valores relativos ao tempo total do Jornal Nacional, tempo dedicado ao Pan e quantidade de matérias veiculadas sobre os Jogos

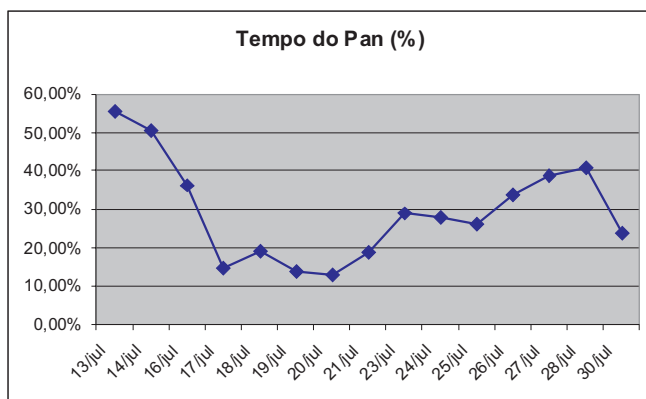
Dia	(A) Tempo total do Jornal Nacional (minutos e segundos)	Tempo do PAN		(D) Nº de matérias do PAN
		(B) minutos e segundos	(C) %	
13/07 (Sexta)	(34:23)	(19:01)	55,3%	11
14/07 Sábado	(30:23)	(15:22)	50,57%	11
16/07 Segunda	(33:29)	(12:11)	36,38%	8
17/07 Terça	(56:04)	(8:10)	14,56%	5
18/07 Quarta	(41:50)	(8:31)	19,2%	8
19/07 Quinta	(39:51)	(5:36)	14,05%	4
20/07 Sexta	(40:06)	(5:10)	12,88%	7
21/07 Sábado	(38:47)	(7:15)	18,69%	5
23/07 Segunda	(30:07)	(8:45)	29,05%	8
24/07 Terça	(31:43)	(8:51)	27,9%	12
25/07 Quarta	(31:45)	(8:17)	26,1%	8
26/07 Quinta	(34:42)	(11:44)	33,81%	7
27/07 Sexta	(30:31)	(11:50)	38,77%	10
28/07 Sábado	(30:18)	(12:22)	40,81%	9
30/07 Segunda	(31:04)	(7:20)	23,6%	3
Média	(35:40)	(10:00)	28,08%	6

O quadro apresentado nos fornece um panorama geral dos tempos do JN (A) e dos Jogos Pan-americanos neste mesmo noticiário (B), suas respectivas quantidades relativas (C), número de matérias por dia sobre a competição (D), e as médias do período observado.

De posse destes dados podemos verificar que a cobertura dos Jogos Pan-americanos no JN ocupou, em média, um espaço relativamente grande (28,08%), ou seja, pouco mais de um quarto (1/4) do seu tempo total esteve voltado para veiculação de, em média, 6 matérias diárias sobre a competição. Os maiores picos foram observados nos dias iniciais e finais do evento, em que verificamos que aproximadamente metade do seu tempo foi destinado a cobertura dos jogos. Cabe destacar ainda que, a diminuição apresentada a partir do dia 17 de junho se deve a grande repercussão nacional e midiática do acidente aéreo, de um voo da TAM, no aeroporto de Congonhas, envolvendo muitas vítimas fatais. Neste período as edições do noticiário apresentaram um tempo maior, e grande parte de sua cobertura foi voltada para este acontecimento, o que fez diminuir o tempo dedicado aos Jogos Pan-americanos. Podemos pensar que o espetáculo esportivo dos Jogos Pan-americanos deu lugar à espetacularização da tragédia, a qual abalou a população brasileira naquele período, gerando grande comoção nacional e tendo garantida, nos mais variados veículos midiáticos, seu espaço de reportagens e tematizações sobre o ocorrido no trágico acidente aéreo.

Para analisarmos melhor a cobertura dos jogos ao longo do período observado, apresentamos abaixo um gráfico do tempo relativo do Pan (%) no Jornal Nacional.

Gráfico 1: Tempo do Pan no JN



Podemos constatar através deste gráfico que a cobertura dos Jogos Pan-americanos pelo JN foi um pouco dispersa ao longo do período analisado, apresentando uma grande queda na semana seguinte ao dia 17 de julho, data em que houve o acidente com o vôo da TAM, e em que verificamos bastantes alterações nas pautas e tempos do telejornal. Contudo, mesmo considerando esta diminuição, podemos perceber a grande veiculação dos Jogos no conjunto do período, especialmente nos dias iniciais e finais da competição, em que quase metade de suas notícias estavam voltadas para a cobertura do evento.

A grande presença dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 no primeiro dia de observação do Jornal Nacional, que coincide com o dia da solenidade de abertura dos jogos, chegando a ocupar mais da metade de seu tempo (55,3%), já nos deixa perceber o tamanho da expectativa e interesse do telejornal pelo evento a ser realizado no Brasil. Tal pico, observado neste período, pode ser explicado pela necessidade de *agendamento*⁵ pela mídia dos assuntos que deseja pautar e cultivar nos seus telespectadores. Neste caso, a cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos simbolizava a instauração desta atmosfera propícia à audiência/consumo dos jogos e suas notícias, e que o JN se propunha a cobrir/noticiar/vender a milhões de brasileiros, e assim o fez!

Ao longo deste grande evento esportivo, mesmo com o acidente aéreo que ofuscou um pouco o interesse do telejornal pelos Jogos Pan-americanos, podemos perceber que o tema esportivo, aos poucos, vai voltando a ganhar mais espaço e tempo dentro do telejornal. Estratégia esta que, poderíamos dizer, é própria do “fato” em si, já que o produto midiático – a informação – depende de ‘fatos’, ou seja, naquele momento, o acidente aéreo ocorrido em São Paulo era o grande fato a ser noticiado e que chamava atenção dos telespectadores, sendo que os Jogos já estavam acontecendo e que continuariam até a semana seguinte.

Resta agora sabermos um pouco mais do que foi veiculado sobre os Jogos Pan-americanos, a partir da análise preliminar do conteúdo das matérias exibidas. Para tanto, apresentaremos nos quadros 2 e 3, respectivamente, as modalidades mais enfatizadas durante a cobertura dos Jogos e os atletas que receberam maior destaque na cobertura dos realizada pelo JN.

⁵ Sobre o agendamento esportivo Fausto Neto (2002) explica que seria a capacidade dos meios de comunicação de massa de organizar e dirigir alguns interesses, expectativas, e prazos de nossas vidas em relação à cultura esportiva, nos ofertando temas a pensar e produtos a consumir, que se tornam pautas da agenda de discussão social.

Quadro 2: Modalidades mais enfatizadas durante a cobertura dos Jogos Pan-americanos realizada pelo JN.

Modalidades mais enfatizadas	N	%
Atletismo	14	10,85
Vôlei	12	9,30
Natação	10	7,75
Futebol	10	7,75
Basquete	09	6,98
Ginástica	08	6,20
Tênis de mesa	07	5,43
Judô	05	3,87
Boxe	04	3,10
Esgrima	03	2,32
Handebol	03	2,32
Futsal	03	2,32
Hipismo	03	2,32
Taekondo	03	2,32
Vôlei de praia	03	2,32
Caratê	03	2,32
Remo	02	1,55
Outros ⁶	27	20,93
TOTAL	129	100

Como podemos perceber o *atletismo*, que engloba uma variedade de provas de campo e de pista, foi o esporte que recebeu maior destaque na cobertura do JN. Em torno de 10,85% de todas as reportagens sobre o Pan-americano tinham como foco alguma de suas várias provas, o que ajuda a explicar esta ênfase. Porém, podemos dizer ainda que, considerando a cultura esportiva brasileira, tais modalidades não são veiculadas com muita frequência e importância pela mídia, contudo, pela grande capacidade que possuem de congregarem as representações dos ideais olímpicos *do mais rápido, mais alto e mais forte*, sua visibilidade também ajudaria a construir a narrativa midiática, que encontra no *esporte telespetáculo* (BETTI, 1998), um elemento simbólico catalisador das idéias modernas⁷, como o progresso infinito.

O *voleibol*, considerado o segundo esporte mais praticado no Brasil, apareceu como a segunda modalidade que recebeu maior destaque na cobertura dos Jogos Pan-americanos realizada pelo JN, com um percentual em torno de 9,30%. Aqui é necessário frisar que a seleção masculina de vôlei, por todas as suas conquistas, e pelo favoritismo que lhe

⁶ Apareceram *duas vezes* as seguintes modalidades: levantamento de peso, badminton, saltos ornamentais, luta greco-romana, nado sincronizado e mountain bike. Já as seguintes modalidades apareceram *apenas uma vez*: maratona aquática, tiro, ciclismo, esqui aquático, tênis, boliche, canoagem, trampolim.

⁷ Para aprofundar a discussão sobre os rituais olímpicos e mitos da modernidade, ver Bitencourt *et al.* (2005).

é dada a cada competição, talvez fosse a grande estrela brasileira dos Jogos Pan-americanos, uma medalha de ouro “garantida”. Esperava-se apenas o momento para sua entrega.

Em terceiro lugar dentre as modalidades que foram mais enfatizadas pelo JN na cobertura dos Jogos Pan-americanos apareceram, empatadas, natação e futebol, ambas com 10 menções cada, representando 7,75% do percentual das modalidades veiculadas pelo referido telejornal. Uma curiosidade é que das 10 matérias que trataram do “futebol”, 8 delas referiam-se à seleção feminina, algo inédito, pelo fato de que a seleção masculina que estava representando o país não ser a “principal”. Por isso, acreditamos que ao tratar da seleção feminina de futebol, a tentativa foi de enfatizar a jogadora *Marta*, considerada a melhor jogadora de futebol do mundo no ano de 2007, pela sua técnica, habilidade e velocidade.

As reportagens que deram ênfase à modalidade basquete totalizaram 9 matérias, ou 6,98% do que foi veiculado no JN. A ginástica vem em seguida, com 8 matérias (6,20%) do que foi apresentado pelo telejornal. Com 7 matérias, totalizando 5,43%, apareceu o tênis de mesa. Sobre estas duas últimas modalidades, podemos apontar a repercussão da fase positiva dos(as) atletas brasileiros(as) de ginástica em competições pelo mundo, conquistando importantes vitórias, bem como o grande destaque dado ao mesa-tenista Hugo Hoyama (sendo o brasileiro com possibilidade de ter o maior número de medalhas de ouro conquistadas em Jogos Pan-americanos).

Um aspecto interessante a se destacar nesta análise refere-se ao fato de que as modalidades que receberam maior destaque na cobertura do JN são patrocinadas por empresas estatais brasileiras. O atletismo, por exemplo, recebe patrocínio da Caixa Econômica Federal; o vôlei, do Banco do Brasil; o basquete e a ginástica, da Petrobrás; e a natação, dos Correios.

Com tais relações, podemos dizer que houve uma tentativa bastante clara de despertar o nacionalismo brasileiro a partir da realização dos Jogos Pan-americanos, bem como de contar ao público brasileiro uma “história” a partir de um determinado olhar, atrelando aspectos políticos, nacionalistas, esportivos e culturais, dentre outros. Tal análise poderá ser confirmada mais adiante (Quadro 4), quando tratamos da categorização daquilo que foi veiculado pelo telejornal, em que a categoria “nacionalismo” apareceu em segundo lugar.

Também constatamos que, além dos interesses político-ideológicos ligados ao esporte (e vice-versa), há também os interesses comerciais de uma empresa midiática em veicular determinados assuntos, já que a emissora responsável pelo JN – a Rede Globo de Televisão – além de uma “mera” transmissora e veiculadora de tais Jogos, também era responsável pela promoção deste grande evento esportivo. Essa relação, tão próxima,

entre a promoção/organização do evento esportivo com a sua divulgação, é aquilo que Bucci (1998)⁸ citado por Pires (2002) identifica como uma das funções quase-ideológicas da mídia, ou “promotoras da notícia” – a mídia como promotora e divulgadora daquilo que ela mesma produz – o que significa que os interesses comerciais aparecem em primeiro lugar, em detrimento à ética e à transparência dos veículos midiáticos.

No quadro abaixo, apresentamos alguns dos atletas mais enfatizados durante a cobertura dos Jogos Pan-americanos realizada pelo JN, e em seguida, algumas considerações sobre os dados.

Quadro 3: Atletas mais enfatizados⁹ durante a cobertura dos Jogos Pan-americanos realizada pelo JN

Atletas mais enfatizados	N	%
Hugo Hoyama (tênis de mesa)	05	20,8
Giba (vôlei)	04	16,7
Thiago Pereira (natação)	04	16,7
Janeth (basquete)	04	16,7
Marta (futebol)	04	16,7
Diego Hipólito	03	12,4
TOTAL	24	100

De forma curiosa, considerando-se as manifestações esportivas brasileiras, em que geralmente há um predomínio de atletas do futebol ou do vôlei que acabam se destacando nos noticiários, constatamos que o atleta que recebeu maior destaque por parte do JN na cobertura dos Jogos Pan-americanos foi o mesa-tenista Hugo Hoyama, sendo mencionado 05 (cinco) vezes, ou em 20,8% das matérias. Isto se explicaria pelo fato de ser ele uma das figuras que ao término dos Jogos pode representar uma das glórias brasileiras personificadas, destacando-se como o brasileiro com o maior número de medalhas de ouro nos Jogos Pan-americanos em toda a história (superando o nadador Gustavo Borges).

Os atletas Giba (do vôlei), Thiago Pereira (da natação), Janeth (do basquete) e Marta (do futebol) apareceram empatados em segundo lugar com 4 matérias cada, totalizando para cada um, 16,7% das matérias analisadas.

⁸ BUCCI, Eugênio. Cinco funções quase-ideológicas na televisão. **Imagens**, n.8, p. 20-25, maio/ago., 1998.

⁹ Para este quadro, consideramos apenas os atletas que apareceram mais de uma vez, em função da diversidade de atletas que figuraram como ícones da reportagem por apenas uma vez. Apenas para exemplificar, atletas renomados, como Falcão (do futsal), Rebeca Gusmão (natação), Jade Barbosa e Daniele Hipólito (da ginástica) e Wanderlei Cordeiro (maratona) foram alguns dos atletas que tiveram destaque em alguma reportagem durante a cobertura dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 realizada pelo JN.

Com relação ao atleta Giba, da seleção masculina de vôlei, trata-se de alguém responsável por girar em torno de si uma publicidade muito grande, principalmente com relação a uma empresa de calçados (tênis esportivos).

O nadador Thiago Pereira foi bastante mencionado por ser esperança de muitas medalhas para a nação brasileira durante os Jogos, sendo, inclusive, uma “promessa olímpica” na tentativa de construção de novos ídolos.

E as jogadoras de basquete e futebol, Janeth e Marta, respectivamente, preenchem este quadro, que visualiza-se empate na segunda colocação dentre os atletas que mais foram mencionados pelo JN na cobertura do Pan.

Além disso, também apareceu, dentre os mais citados, o ginasta brasileiro Diego Hipólito, por ser uma das esperanças brasileiras de medalha, muito em função de seu desempenho naquele ano em competições internacionais.

A partir de tais dados, podemos fazer referência à idéia de personificação apresentada e reforçada pelo JN na cobertura dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. Trata-se de uma das principais estratégias dos veículos midiáticos, sejam eles televisivos, impressos ou via internet, ao pautar e cobrir qualquer evento esportivo. Apóia-se na figura individual dos atletas – os ídolos esportivos – para dar visibilidade ao grande evento esportivo (ou qualquer competição) e assim garantir uma determinada audiência, ligando o espetáculo esportivo ao público e gerando uma série de repercussões, sejam elas de âmbito pessoal ou social, mas que ao nosso entender, como pesquisadores/professores de Educação Física, geram uma série significados à Educação Física escolar.

Procura-se, através dos representantes locais personificados, “contar” uma história que está acontecendo em um nível mais geral, mais “global”, naquilo que Bitencourt *et al.* (2005) chamam de *dialética local-global*, ou seja, a história do grande evento esportivo contada a partir dos acontecimentos ocorridos com aqueles atletas que têm maior vínculo com nosso ambiente, com nossa cultura, com nossos interesses.

A construção da narrativa apresentada pelo tele-jornal, desta forma, utiliza-se de estratégias de identificação e sensibilização, a partir do reconhecimento e compartilhamento de elementos da cultura/sociedade local, atrelados aos símbolos e significados do nacionalismo que congregam a pátria/país numa perspectiva mais “global”.

O quadro a seguir apresenta um panorama das tendências apresentadas na análise de conteúdo das matérias veiculadas sobre os Jogos Pan-americanos no JN, a partir das categorias estabelecidas inicialmente,

a saber: técnica, infra-estrutura, política, segurança, econômica, cultural, turística, nacionalismo, variedades, humor e sobre a mídia¹⁰.

Quadro 4: Categorias operacionalizadas na interpretação das matérias veiculadas pelo JN.

Categorias	N	%
Técnica	62	53,9
Nacionalismo	27	23,5
Variedades	12	10,4
Infra-estrutura	05	4,4
Cultural	03	2,6
Humor	02	1,7
Segurança	02	1,7
Política	01	0,9
Turística	01	0,9
Econômica	00	-
Sobre a mídia	00	-
TOTAL	115	100

Esta sistematização nos aponta que a ênfase (53,9%) da cobertura do Jornal Nacional estava voltada para os aspectos técnicos que envolvem o rendimento/performance/ treinamento dos atletas e times na competição. A apresentação de informações factuais ligadas aos resultados das modalidades, desempenho dos atletas (pré, durante e pós-competição), e quadro de medalhas, compunha grande parte da cobertura realizada pelo tele-jornal.

Contudo, esta disposição em apresentar os elementos técnicos que compõe a organização e realização de competições esportivas não deixou de lado os aspectos relacionados à torcida nacional que acompanhava sua delegação. Desta forma, as representações vinculadas ao nacionalismo (que se desejava cultivar, especialmente em um evento realizado no Brasil) aparecem em segundo lugar, com 23,5% na interpretação das matérias sobre os Jogos Pan-americanos. Tal estratégia, articulada com a construção e exposição de ídolos esportivos nacionais, objetivava ampliar o alcance do apelo dos Jogos, para que ele fosse apropriado pelo conjunto da sociedade brasileira.

¹⁰ A explicação da organização e estruturação das categorias de análise utilizadas neste estudo pode ser encontrada na introdução do livro. Cabe destacar, que esta análise em categorias foi feita a partir de uma amostra de 8 edições do Jornal Nacional.

A articulação desta narrativa técnica e nacionalista também deixou espaço para momentos mais informais e de entretenimento, em que observamos chamadas “ao vivo” para entrevistas com atletas, bate-papos descontraídos e abordagens mais variadas de matérias, que aparecem com 10,4%, na categoria *Variedade*.

As demais categorias não apareceram tão significativamente, o que nos deixa perceber a pouca abordagem dos diferentes elementos e aspectos que integram os grandes eventos esportivos, como os políticos, econômicos, turísticos, ou que inferem um olhar mais crítico e reflexivo do acontecido, como os inúmeros problemas que envolveram a organização e realização dos Jogos. Fato este, alvo de inúmeras críticas de alguns representantes da opinião pública e movimentos sociais, mas que encontra suas justificativas na aliança estabelecida entre a Rede Globo de Televisão (responsável oficial pela promoção do evento) e o COB (Comitê Olímpico Brasileiro), atrelada a interesses econômicos e comerciais, que constroem e divulgam o suposto “legado do Pan”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de investigação, que é um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo sobre a cobertura midiática-esportiva em torno dos Jogos Pan-americanos Rio/2007 realizada pela imprensa brasileira, procuramos analisar a cobertura feita pelo Jornal Nacional (Rede Globo), no intuito de constatar, além dos aspectos quantitativos ligados ao tempo de transmissão, as questões relacionadas às tendências, ênfases e representações veiculadas.

De maneira sumária, podemos afirmar que constatamos a grande presença dos Jogos Pan-americanos na pauta de notícias veiculadas pelo JN no período analisado, sendo que sua grande visibilidade encontra respaldo nos processos de apropriação do fenômeno esportivo pela instância midiática que, além de veicular valores e representações, também age sobre critérios comerciais e mercadológicos, sendo assim também “promotora de notícias”, uma vez que, neste caso, a própria empresa “Rede Globo” ajudou a promover tais Jogos.

Sobre as tendências observadas na cobertura tele-jornalística do Pan-americano pelo noticiário, podemos verificar além da incorporação de inúmeros recursos tecnológicos nas transmissões, a ênfase em modalidades que geram expectativas e resultados positivos, necessários para a congregação do exercício da nacionalidade brasileira, que se desejava vitoriosa e integrada aos meios. Para tanto, uma das estratégias utilizadas continua sendo a personificação das vitórias (exaltação do nacionalismo)

e desempenhos em ídolos/atletas (ênfatisando aspectos técnicos) que tão bem interessam aos objetivos comerciais e simbólicos da televisão/mídia.

Por fim, acreditamos que essa pesquisa possa colaborar com o processo de inclusão e tematização das mídias, especialmente a televisão, no processo de ensino-aprendizagem da Educação Física, e ajudar professores e alunos a estabelecerem mecanismos de leitura e reflexão crítica, e de produção midiática, a partir da valorização da relação entre a mídia e a Educação Física e/ou Esportes. Propósito que vem pautando os trabalhos de pesquisa, ensino e extensão do Grupo Observatório da Mídia Esportiva, da Universidade Federal de Santa Catarina¹¹.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva; RIBEIRO, Ana Paula G. Telejornalismo na Globo: vestígios, narrativa e temporalidade. In: BRITTOS, Valério Cruz; BOLAÑO, César Ricardo Siqueira (orgs.) **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, 2005.

BETTI, Mauro. Esporte, entretenimento e mídias: implicações para uma política de esporte e lazer. **Revista Impulso**. Piracicaba, v. 16, n. 39, p. 83-89, jan./abr. 2005.

_____. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/global. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n.1, p. 21-36, jan/ jun, 2005.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. **Verso & Reverso Revista da Comunicação**, São Leopoldo: Unisinos, ano XVI, n. 34, p. 9-17, jan./jun. 2002.

¹¹ No site do grupo, entre outros dados, estão disponíveis, na íntegra, todos os trabalhos publicados pelos pesquisadores do grupo no período 2003-2008 (www.nepef.ufsc.br/labomidia).

- FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm. Acesso em: 25 set. 2006.
- LISBÔA, Mariana Mendonça *et al.* Jogos Pan-americanos Rio/2007 e a Cobertura do Jornal Nacional: ênfases e representações veiculadas. In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4, Faxinal do Céu/PR, setembro 2008. **Anais...** Faxinal do Céu: CBCE, 2008.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**, 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MEZZAROBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo**: um estudo de recepção com escolares. Dissertação (Mestrado em Educação Física). PPGEF/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.
- PIRES, Giovani De Lorenzi *et al.* Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. In: CONGRESSO SUL-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3, Santa Maria/RS, setembro 2006. **Anais...** Santa Maria: CBCE, 2006.
- PIRES, Giovani De Lorenzi (coord.) *et al.* **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o discurso midiático-esportivo: observação e análise da cobertura da mídia nacional**. Projeto de Pesquisa. Rede CEDES/Ministério do Esporte. Florianópolis: Centro de Desportos. UFSC, 2008.
- TRAVANCAS, Isabel. Vendo o “Jornal Nacional” com jovens universitários cariocas. In: JACKS, Nilda; SOUZA, Maria Carmen Jacob (orgs.). **Mídia e recepção**: televisão, cinema e publicidade. Salvador: EDUFBA, 2006.
- TRIVIÑOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

JORNALISMO DE OPINIÃO: o Pan Rio 2007 na Visão de Colunistas da Mídia Impressa Brasileira¹

Giovani De Lorenzi Pires²

Paula Bianchi

Antonio Galdino Costa

Bianca Natália Poffo

Filipi Flor Teixeira

Daiane Raquel Ricken

Huáscar Sidorak Castro

INTRODUÇÃO

A instantaneidade da informação, a partir do advento dos meios eletrônicos de comunicação, levou o jornal impresso a uma encruzilhada, exigindo dele novas alternativas sob pena de tornar-se econômica e socialmente inviável. Uma das saídas foi a de implementar um jornalismo mais breve, em formato tablóide e de forte apelo popular, normalmente com enfoque sensacionalista, especialmente calcado na editoria de polícia. Outra ação estratégica foi o desenvolvimento de versões *on line* dos jornais, com a antecipação das notícias que constarão da versão impressa; essa opção levou ao surgimento dos blogs, como espaços que agendam a leitura do jornal. Uma terceira situação, que pode ser considerada um complemento da anterior, é o investimento na principal e histórica característica do jornalismo impresso, que é formar a opinião dos formadores de opinião, ou seja, focar em um público mais seletivo e num leitor mais seletivo, que não deseja apenas informações breves, mas, sobretudo, elementos de análise para formar sua própria opinião.

Tal objetivo parece estar sendo alcançado, pois apesar dos vaticínios catastróficos, tem aumentado o número de leitores e a venda de jornais no mundo, especialmente nos chamados países emergentes, em

¹ Uma versão deste mesmo trabalho foi apresentada durante o IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Faxinal do Céu/PR, em setembro de 2008.

² Os autores registram e agradecem a participação do professor **Juliano Daniel Boscatto**, da UNOESC/São Miguel de Oeste, na fase inicial deste subprojeto da pesquisa integrada.

torno de 2,8% em 2007; no caso do Brasil, percebe-se ainda o crescimento considerável da fatia da publicidade aplicada em mídia impressa, da ordem de 24% no primeiro trimestre de 2008 (LUCENA, 2008).

Neste sentido, os colunistas adquirem ainda maior destaque, normalmente jornalistas já bastante experientes, que por relações de confiabilidade com suas fontes dispõem de informações privilegiadas e, com isso, gozam de grande credibilidade junto aos leitores. A coluna se constitui como uma possibilidade de jornalismo de opinião, em tempos de grande ênfase na neutralidade e objetividade da notícia. Souza (2005, s/p) assim a identifica:

Uma coluna se define por uma seção especializada de jornal ou revista publicada com regularidade e geralmente assinada, redigida em estilo mais livre e pessoal do que o noticiário comum. As colunas se localizam na mesma posição dentro do jornal, sempre na mesma página, o que facilita sua localização pelos leitores habituais.

Uma característica do colunismo na mídia impressa é que estes profissionais, além de assinarem seus trabalhos, assumindo individualmente, portanto, responsabilidade pelo que publicam, pautam livremente seus assuntos, podendo abordar questões nas quais são considerados *experts* ou, ainda, temas que estejam na ordem do dia, merecendo destaque maior. Não raro, alguns assuntos que serão depois debatidos nas primeiras páginas da imprensa saem primeiro em colunas famosas de grandes jornais (SOUZA, op.cit.).

MARQUES (2001, s/d) explica que:

(...) os autores [de colunas] praticam um texto mais analítico e opinativo, em que o trabalho com a palavra (uma das principais características da obra literária) não é assumido como principal preocupação do ato enunciativo (...). Os colunistas procuram, com seus textos, explicar e teorizar questões ligadas aos fatos jornalísticos do dia-a-dia. Seus textos diferem da notícia propriamente dita porque, nesta, a preocupação não é explicar os fatos, mas relatá-los enquanto tal.

Por conta disso, no jornalismo impresso há certa sedução exercida pelo escritor de colunas, em parte explicada por Souto (2004, s/d):

Apesar de também sujeitos a certos cânones do profissionalismo, os colunistas se encontram licenciados para o exercício de um texto mais livre de algumas normas jornalísticas, não estando obrigados, por exemplo, a escrever na terceira pessoa do singular, um dos principais recursos do jornalismo para assegurar a impessoalidade na exposição da notícia. A faculdade de poder escrever na primeira pessoa do singular [...] engendra um poder e dá uma visibilidade ao jornalista-colunista, interditados à grande maioria dos demais integrantes do “campo”, destinados, em geral, a permanecer anônimos para a grande maioria do público.

No entanto, existem alguns autores como Chauí (2005) que criticam uma tendência do jornalismo opinativo veiculado nas colunas de muitos articulistas de jornais e revistas, por perderem o vínculo com a análise crítica e formativa sobre fatos, acontecimentos e situações e gastar páginas nos contando seus sentimentos, preferências e opiniões sobre pessoas, lugares, eventos, etc.

Os colunistas estão distribuídos em praticamente todas as editorias do jornal, obedecendo a certa hierarquia que começa, especialmente, pelos campos econômico e político, passando pelo colunismo social e cultural, entre outros. E chega ao caderno de esportes, com características muito próprias, até porque nem sempre ocupada, necessariamente, por jornalistas, mas abrindo espaços para ex-atletas, ex-árbitros e outros profissionais oriundos do campo esportivo.

Em estudo que visou examinar como os principais jornais do país se utilizaram da estratégia de reforçar o corpo de colunistas para a cobertura da seleção brasileira nas Copas do Mundo de futebol de 1994 e 1998, Marques (2001, op.cit.) identificou basicamente quatro grupos de colunistas:

(...) há o caso dos jornalistas esportivos “oficiais” de cada jornal, ou seja, aqueles colunistas que escrevem normalmente para seus veículos (...). Em segundo lugar, destacam-se os cronistas e escritores que, convidados a cobrir determinada

Copa do Mundo, compõem relatos que se distanciam da mera análise das partidas, mas que não deixam de ter o futebol como tema de seus textos. Em terceiro lugar, aparecem os jornalistas da editoria de política e os colunistas sociais e de comportamento que, durante a Copa do Mundo, não estão preocupados com o desenrolar das partidas, mas sim com os acontecimentos que estão ao redor do jogo em si. Por último, há ainda cantores, treinadores e jogadores de futebol contratados pelos jornais para a cobertura das Copas do Mundo: essas análises (...) simbolizam um texto de grande apelo popular, devido ao reconhecimento e à identificação que os autores mantêm com o público devido à grande exposição que têm na mídia.

Numa editoria menos restrita à objetividade imposta às demais, o campo do jornalismo esportivo apresenta, como se afirmou acima, características próprias, tal como aponta Souto (2004), em estudo que analisou relações entre identidade nacional e a Seleção Brasileira de Futebol, tomando como objeto as colunas de três gigantes do jornalismo esportivo nacional: Fernando Calazans (*O Globo*), Tostão (*Jornal do Brasil*) e Juca Kfourri (*Lance!*). Segundo ele,

Se as editorias de Esporte são, por seu caráter “mais leve”, menos “objetivas”, as colunas publicadas neste espaço são as mais explicitamente subjetivas. São um dos raros territórios em que o jornalista, sem precisar negar o mito da objetividade, está liberado para exercitar sua subjetividade mais abertamente e até explicitar o clube pelo qual torce. Entre o conjunto de peculiaridades que constituem os colunistas esportivos como segmento do “campo do jornalismo”, deve-se salientar o próprio objeto com que lida, encharcado pelo subjetivismo, tanto na relação com o leitor, quanto no trato com os integrantes do universo do esporte em geral e do futebol em particular.

Assim, num evento como os Jogos Pan-Americanos realizados no país (Rio/2007), era de se esperar que os colunistas da mídia impressa, de todas as editorias, e não só a de esporte, tratassem de sua realização nos seus espaços jornalísticos, seja abordando a partir da interface dos Jogos com suas temáticas tradicionais, seja como meros torcedores. Deste modo, nosso objetivo nesta pesquisa foi verificar como colunistas de jornais da considerada grande imprensa nacional enfocaram o Pan/2007, tentando interpretar e classificar as abordagens produzidas a partir de um conjunto de categorias previamente estabelecidas, a partir do quadro teórico de referência construído na pesquisa matricial a que este estudo específico está vinculado.³

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, com abordagem quantitativo-qualitativa do recorte procedido; o *corpus* de análise constituiu-se da análise das colunas dos jornais selecionados. Consideraram-se, nessa pesquisa, apenas as colunas que de forma direta ou indireta referiam-se aos Jogos Pan-Americanos-2007.

O quadro abaixo apresenta os jornais selecionados, o número de edições e o período de observação de cada um deles:

JORNAL	NÚMERO DE EDIÇÕES	PERÍODO
O Globo	19	13 a 31/7/2007
Folha de São Paulo	22	11/7 a 01/8/2007
Diário Catarinense	17	13 a 29/7/2007
Estado de São Paulo ^(*)	16	13 a 26/7; 30 e 31/7/2007

A realização da pesquisa constituiu-se de três etapas:

- a) clipagem das colunas que faziam referência aos Jogos Pan-Americanos;
- b) leitura para classificação de cada coluna, segundo as categorias estabelecidas.
- c) cruzamento e análise dos resultados obtidos, apontando as suas repercussões na área da Educação Física e dos Esportes.

³ Este texto integra projeto de pesquisa integrado que se encontra em desenvolvimento pelo Grupo de Estudos Observatório na Mídia Esportiva com apoio da Rede CEDES/SNDEL/Ministério do Esporte (PIRES *et al.* 2008).

^(*) tendo em vista a falta de alguns exemplares, os dados do Estado de São Paulo acabaram não sendo analisados na pesquisa.

A análise das colunas para a respectiva classificação foi procedida por meio da análise de conteúdo (BARDIN, s/d). A constituição das categorias de análise, que envolve toda a pesquisa matricial já referida (PIRES *et al.*, 2008) foi feita a partir de um estudo-piloto, realizado com parte do material coletado para análise dos diversos subprojetos. Para a análise das colunas publicadas nos jornais, foram utilizados os textos e as fotos, quando havia, procurando classificá-las em onze categorias para análise pré-estabelecidas, que são as seguintes:

a) **Técnica:** nesta categoria são contemplados aspectos que tratam do rendimento/performance/treinamento dos atletas;

b) **Infra-estrutura:** colunas que façam referências a questões de infra-estrutura (espaço físico, logística e instalações) do Pan-Americano;

c) **Política:** faz referências às relações entre os aspectos e personalidades políticas e o evento esportivo;

d) **Segurança:** referente às questões de segurança pública, estratégias criadas para os Jogos e sobre o cotidiano de vida na cidade durante esse período;

e) **Econômica:** esta categoria trata de aspectos da economia, negócios, orçamento, propaganda e do marketing gerados pelo Pan-Americano ou envolvendo a imagem dos atletas. Também, aos benefícios e desvantagens trazidos pelo Pan para a economia do Brasil, do Estado e cidade do Rio de Janeiro;

f) **Cultural:** ligada às manifestações sociais, apresentações artísticas e participação de pessoas envolvidas com o Pan, entre eles: atletas, técnicos e dirigentes em eventos sociais;

g) **Turística:** exaltação da natureza, da beleza e os principais pontos turísticos do Rio de Janeiro; relações entre a cidade do Rio, o Pan e a escolha do Cristo Redentor como a sétima maravilha do mundo.

h) **Nacionalismo:** exaltação do patriotismo, do ufanismo brasileiro seja, através da participação medalhista dos atletas brasileiros, das belas paisagens do Rio ou da participação da torcida brasileira nos Jogos.

i) **Humor:** contempla elementos humorísticos acerca dos fatos inusitados e/ou pitorescos que envolveram os Jogos e despertaram a atenção dos jornalistas e da população em geral.

j) **Sobre a mídia:** esta categoria reúne os registros de colunas que fazem referências à própria cobertura jornalística dos jogos; diz respeito a informações, comentários e apreciações de colunistas sobre o material divulgado na mídia nacional e estrangeira (especialmente, as

mídias impressa, televisiva e digital), bem como, em alguns casos, sobre o comportamento de jornalistas envolvidos na cobertura do Pan.

k) **Variedades:** esta categoria aborda generalidades sobre o evento, ou seja, informações de lugares badalados, personalidades (pessoas famosas) que freqüentavam os locais de competição e curiosidades que circundaram os Jogos Pan-Americanos do Rio/2007.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

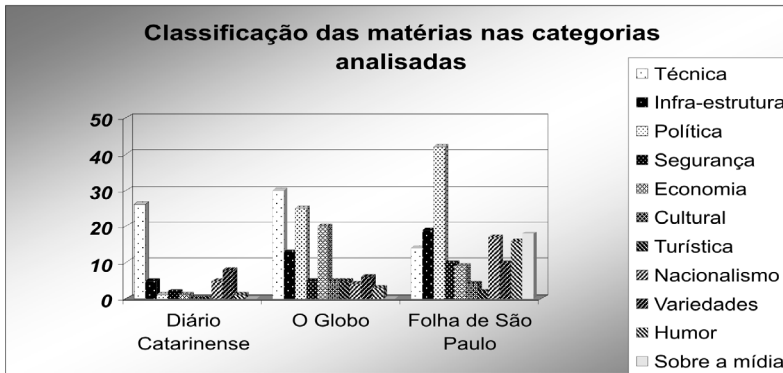
Primeiramente, apresentamos quadro geral (Quadro 1) com dados dos três jornais analisados, com a distribuição das colunas identificadas conforme as categorias em que foram classificadas, tomando como referência o(s) assunto(s) tratado(s) na coluna. Isso implica que uma mesma coluna, por vezes, fosse classificada em mais de uma categoria. Portanto, o total em número absoluto (N) que consta no final das colunas não traduz exatamente o número de colunas identificadas, mas sim o valor de assuntos relativos ao Pan/2007 tratados em colunas dos jornais analisados.

Quadro 1: distribuição das colunas dos 3 jornais cf. categorias estabelecidas.

Jornais	FSP		Globo		DC		Totais	
	N	%	N	%	N	%	N	%
1. Técnica	14	9,15	30	25,86	26	45,61	70	21,47
2. Infra-estrutura	19	12,41	13	11,21	05	8,77	37	11,35
3. Política	42	27,45	25	21,55	01	1,75	68	20,86
4. Segurança	10	6,50	05	4,31	02	3,51	17	5,21
5. Econômica	09	5,88	20	17,24	01	1,75	30	9,2
6. Cultural	04	2,61	05	4,31	--	--	09	2,76
7. Turística	02	1,30	05	4,31	--	--	07	2,15
8. Nacionalismo	17	11,11	04	3,45	05	8,77	26	7,98
9. Humor	16	10,45	03	2,59	01	1,75	20	6,13
10. Sobre a mídia	18	11,76	--	--	--	--	18	5,52
11. Variedades	10	6,50	06	5,17	08	14,04	24	10,17
Totais	153	100	116	100	57	100	326	100

O gráfico a seguir (Gráfico 1) possibilita uma melhor visualização destes dados, tomando como referência apenas a totalização de cada categoria no somatório dos três jornais, em números relativos (%).

Gráfico 1: Distribuição das colunas por categoria nos três jornais, em valores percentuais.



A primeira observação que se pode fazer é a alta concentração dos temas das colunas em três categorias principais: “técnica”, “política” e “infraestrutura”. Parece ser óbvio, por se tratar de um evento esportivo - ainda que não seja considerado de ponta, já que vários países participaram com equipes e atletas de categorias intermediárias, que as informações de ordem técnica, como expectativas e resultados obtidos, classificação e quadro de medalhas, informações sobre equipes e atletas, etc., ocupassem lugar de destaque nas abordagens dos colunistas, que optaram, assim, por comentar as informações factuais veiculadas nas matérias jornalísticas e de reportagem.

O viés mais crítico das colunas, representado pela categoria “política” (a segunda mais referida), reforça a tese de que os colunistas são liberados para enfocarem dimensões mais subjetivas das notícias, estabelecendo conexões do fato em si com contextos sociais mais amplos e oferecendo, desta forma, condições para a formação de opinião. Destaque-se que toda a realização dos Jogos Pan-Americanos do Rio/2007 foi permeada por discussões políticas, especialmente por questões relativas a denúncias de extrapolação do orçamento, superfaturamentos, contratação de obras sem licitação, etc. Além disso, o envolvimento conflituoso dos três níveis de governo também contribuiu para que os Jogos adquirissem forte conotação política. Neste sentido, cabe lembrar a presença maciça de políticos, do Presidente da República e do Ministro do Esporte ao Prefeito da cidade do Rio, em diversos momentos da competição, gerando com isso

várias notícias, inclusive a polêmica vaia (e sobre ela) ao Presidente Lula, que impediu sua participação na declaração de abertura dos Jogos.

Numa posição intermediária e com valores aproximados, constam as categorias “infra-estrutura”, “economia” e “nacionalismo”. A preocupação com a conclusão das obras de algumas instalações esportivas e o não cumprimento da promessa de aperfeiçoamento do sistema viário da cidade do Rio de Janeiro, que se constituiria no chamado “legado do Pan”, foi assunto constante na cobertura jornalística dos Jogos e, por conseguinte, tema de comentários e análises dos colunistas. Da mesma forma, o aludido reforço na economia local, em função tanto das obras quanto da movimentação de pessoas que viriam ao para acompanhar o Pan, também foi motivo de algumas colunas, até mesmo em substituição à categoria “turismo”, pouco referida.

Como não poderia deixar de ser, percebeu-se a presença de várias colunas que se referiam a temáticas classificadas na categoria “nacionalismo”. Estas colunas destacavam, entre outros, o esforço brasileiro para superar Cuba no quadro de medalhas, passando assim a condição de segunda potência esportiva pan-americana, além de destacar o fato de que, em várias modalidades, a vitória no Pan representaria a classificação para a disputa dos Jogos Olímpicos de Beijin/2008. Mas a principal referência ao nacionalismo esteve mesmo ligada ao orgulho de organizar um evento que, para boa parte da imprensa, foi considerado de nível olímpico, logicamente para subsidiar a pretensão brasileira de sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Houve também colunas com críticas ao exacerbado nacionalismo de alguns veículos de imprensa, como por exemplo:

Chegou a dar vergonha o ufanismo vivido pelos narradores da TV na expectativa do primeiro ouro nacional no Pan.

(Juca Kfour, Caderno de Esportes/Jornal do Pan/FSP, 16-07-07, p.65).

Outras categorias como “humor”, “sobre a mídia” e “variedades” também se destacaram no conteúdo analisado, especialmente pelo caráter extrovertido das colunas, que em sua maior parte se referiam a generalidades e fatos curiosos sobre os Jogos e pessoas envolvidas com o evento. É importante ressaltar que a categoria “sobre a mídia” foi identificada apenas em um dos três jornais que compõe o *corpus* da pesquisa - a Folha de São Paulo.

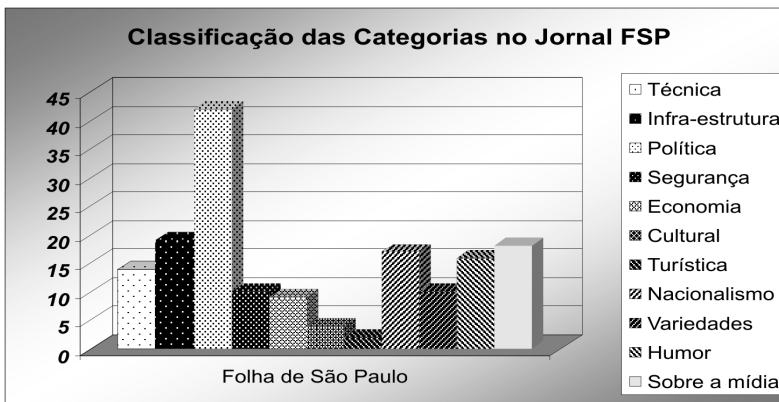
A partir da leitura geral dos dados obtidos, passamos a analisar e refletir criticamente o material veiculado em cada jornal, considerando suas características e especificidades. Com isso, buscamos melhor compreender

os vieses da cobertura jornalística adotados em cada veículo e quais foram os temas (categorias) que mais se destacaram entre eles. Começamos nossa análise pelo jornal Folha de São Paulo.

Folha De São Paulo

Na seqüência, examinamos o quadro de cada jornal, em comparação com os dados mais gerais até aqui explicitados, começando com o jornal Folha de São Paulo (Gráfico 2), sempre trabalhando com valores percentuais.

Gráfico 2: Análise Descritiva das Categorias na Folha de São Paulo.



A respeito deste jornal, um fato que se destaca é que aproximadamente 40% das colunas que se referiram ao Pan, não pertenciam à editoria de esporte. Isso talvez explique o fato de que o jornal acompanha a média geral (Gráfico 1) nas categorias “política” e “infra-estrutura”, com pouca discrepância, mas a análise “técnica” é bastante inferior à média encontrada no conjunto dos três jornais, que era de 21,47%, contra apenas 9,15% na FSP. Nas demais categorias, a FSP também acompanha, de certo modo, a média do quadro geral.

A respeito da categoria “política”, é importante que se afirme a natureza crítica do projeto editorial da Folha, que se reforça pela prática de os colunistas discutirem alguns “furos” de reportagens investigativas

que o jornal faz, repercutindo-as assim e estabelecendo outros nexos. Os exemplos abaixo ilustram um pouco a categoria “política” na FSP:

Não consigo me empolgar com um evento que deveria ter custado R\$ 375 milhões e extrapolou o orçamento até chegar em obscenos R\$ 3,7 bilhões.

(Bárbara Gancia, Caderno Cotidiano, 13-07-07, p. 05).

Nunca antes neste país, digo, nos Jogos Pan-Americanos, o presidente do país anfitrião foi tão vaiado e impedido de fazer o discurso de abertura como aconteceu com Lula no Maracanã.

(Eliane Cantanhêde, Caderno Brasil, 15-07-07, p.10).

Além dessas categorias, também se destacaram na FSP as seguintes categorias: “sobre a mídia”, “humor” e “nacionalismo”. Quanto à categoria “sobre a mídia”, identificada apenas na Folha de São Paulo, ganhou destaque configurando-se como a terceira categoria mais citada, com 11,76% dos registros categoriais encontrados neste jornal; os assuntos contemplados nesta categoria referem-se a informações, apreciações e comentários dos colunistas acerca da própria cobertura jornalística sobre os Jogos Pan-Americanos, ou seja, os colunistas emitiam suas opiniões sobre as diferentes formas como a mídia (televisiva, impressa, eletrônica, etc.) tratava o assunto “Pan-Americano do Brasil, às vezes criticando sua pequena dimensão no cenário mundial e até mesmo estadual, além do modo como as matérias eram veiculadas.

Uma das colunas que priorizou esta categoria foi a Toda Mídia, que se apresenta como um monitor da imprensa nacional e internacional diária, refletindo em pequenas notas as principais notícias que circulam em diferentes veículos da mídia, incluindo blogs de jornalistas e edições *on line* dos jornais diários do Brasil, Europa e Estados Unidos. A categoria “humor” também foi bastante evidenciada pelo jornal, através de episódios ligados ao Pan, especialmente pela coluna do José Simão, além de algumas charges do jornal. Ambas as categorias estão ilustradas respectivamente nos recortes abaixo:

No New York Times, Larry Rohter abordou ontem, desde o título, como a gafe nos Jogos Pan-Americanos acirra sentimento antiamericano no Brasil.

(Toda Mídia/Nelson de Sá, Caderno Brasil, em 11-07-07, p.02).

E sabe por que Cuba não ta indo bem em natação? Porque os melhores nadadores já chegaram em Miami! Rarárá!

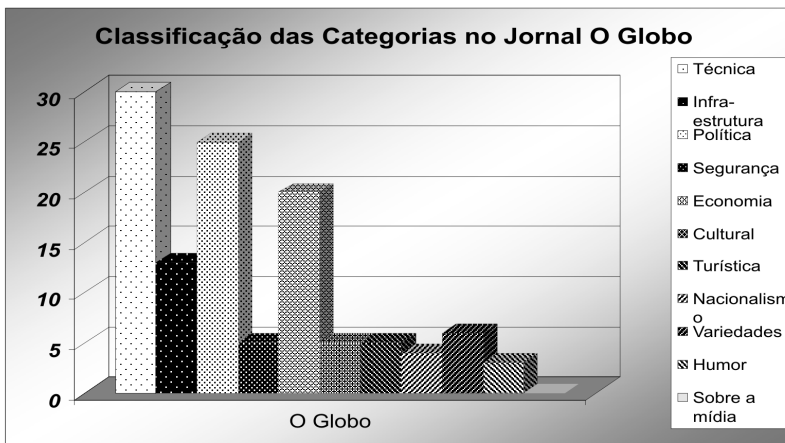
(José Simão, Caderno Ilustrada, 19-07-07, p.29).

A partir dos resultados, é possível concluir dizendo que a FSP abordou os Jogos nas suas colunas sob um viés crítico, destacando as vantagens, bem como as desvantagens de realizar um evento como esse no Brasil. Percebemos, na Folha, um maior interesse em contextualizar o Pan-Americano para além da “técnica” e do saldo de pontos e da *performance* dos atletas, chamando a atenção para aspectos intimamente relacionados ao esporte e ao Pan como política e economia.

O Globo

A seguir, passamos a apresentar e comentar a distribuição das colunas referentes ao Pan no jornal O Globo (Gráfico 3) nas categorias de análise, sempre em valores percentuais.

Gráfico 3: Análise Descritiva das Categorias no jornal O Globo.



Assim como na média geral, também predominam em O Globo as colunas classificadas nas categorias “técnica”, “política” e “economia”.

Podemos observar aqui a principal diferença de O Globo em relação à Folha de São Paulo na categoria "técnica". Se para o jornal paulista os resultados não foram, muitas vezes, objeto de comentários dos colunistas, para o diário carioca a questão técnica esteve bastante presente nas suas colunas, superando inclusive a média geral de 21,47%, contra 25,86% de O Globo. Estes números podem ser explicados pelo fato de que, em O Globo, os colunistas da editoria de esporte têm como principal característica o fato de aterem-se aos aspectos técnicos das informações jornalísticas, discutindo preparação técnica, resultados, expectativas, etc., diferentemente de a FSP, que conta com colunistas de perfil bem mais críticos, do ponto de vista político-social, na editoria de esporte, como Juca Kfoury e Tostão.

Ainda neste sentido, podemos perceber que a análise técnica do esporte, em O Globo, às vezes extrapolava o campo esportivo, mostrando uma visão superficial e ingênua do esporte; isso se expressa, por exemplo, quando resultados de atletas brasileiros serviram para destacar que o investimento do país em esporte resultaria em um forte atrativo para novas empresas se instalarem no país, gerando mais emprego e renda, bem como ações sociais para diminuir o número de crianças e jovens nas ruas, além de contribuir para melhorar a imagem internacional do país. Isso pode ser observado de forma mais evidente, no exemplo a seguir, que trata da relação de Cuba com a preparação esportiva dos seus atletas: "Esporte em Cuba é ideologia, política, educação, orgulho e controle da juventude. [...] E Cuba levou isso a sério no seu sistema educacional, integrando o esporte como uma parte da educação", (Miriam Leitão, Caderno Economia, p.26, 28-7-2007).

Além de compreender o esporte como uma possibilidade de mobilidade social para crianças e adolescentes brasileiros de baixa renda, o jornal O Globo, não se esqueceu de retratar a clássica relação entre esporte e fê, como mostra o comentário do cardeal Dom Eugênio Sales (Caderno Opinião, p.7, 14-7-2007) numa abordagem que exalta a *performance* dos atletas elevando-a a máxima da criação divina: "Os jogos Pan-Americanos/Rio 2007 nos mostram a grandeza da obra-prima do Onipotente. O invisível, o espírito manifesta-se na robustez dos atletas e na capacidade de superar obstáculos."

Outra diferença significativa na análise dos colunistas dos dois principais jornais do país se dá na categoria "economia", e não apenas no que se refere aos índices percentuais (5,88% das colunas na FSP e 17,24% em O Globo) mas também no conteúdo das colunas. Na Folha, as colunas classificadas nesta categoria, em número bem menor, expressavam um caráter de crítica às questões econômicas gerais, principalmente no que se refere ao orçamento extrapolado, e repercutiam a reversão de expectativas

de que o turismo e a realização dos jogos serviriam para movimentar a economia do Rio de Janeiro. Já em *O Globo*, estas expectativas foram bastante referidas, de forma positiva, sendo que os colunistas procuraram através de suas colunas evidenciar os ganhos com a realização do Pan e como este evento é capaz de contribuir para a criação de novos negócios:

Hotelaria carioca espera faturar 80 milhões (...) a competição esportiva pode ser o detonador da recuperação.

(Miriam Leitão, *Caderno Economia*, p. 30, 14-07-2007).

PIB do Pan chega a R\$ 5,7 bilhões. Cálculo: gastos de turistas e investimentos públicos e de empresas entram na conta.

(Cláudio Motta, *Caderno Esporte*, p. 11, 15-07-2007).

Ainda no campo econômico, a imagem dos atletas é diretamente associada à publicidade. O mercado aproveita o bom desempenho dos atletas brasileiros para contratá-los como garotos-propaganda, uma forma de ampliar seus patrocínios, aproveitando a boa fase das suas carreiras que podem ser efêmeras, o que não escapou do olhar dos colunistas:

Musa do Pan, Jade, a menina de ouro do Pan, fechou contrato para ser garota-propaganda da marca de adolescentes *Get Girls*.

(Ancelmo Góis, *Caderno Rio*, p. 20, 18-7-2007).

A categoria “infra-estrutura” também foi bastante evidenciada (11,21%) em várias das colunas analisadas, apresentando como um dos assuntos principais, o legado do Pan. Tema este, que gerou inúmeras especulações e curiosidades dos jornalistas, com questionamentos como: o que será feito das instalações construídas? Que benefícios o Pan deixou para a segurança da cidade? E as modernizações no trânsito urbano contidas no projeto do Pan e que não saíram do papel? Valeu a pena todo o investimento financeiro neste evento? Essas foram algumas das especulações observadas. Em relação aos investimentos em instalações esportivas, uma exigência se impunha:

Passada a euforia do Pan, impõe-se também a obrigação de utilizar – e bem! – as novas

instalações esportivas que foram deixadas em caráter definitivo.

(Renato Maurício Prado, Caderno Esporte, p. 6, 29-07-2007).

Também foi destaque a categoria “variedades” que entre os temas abordados buscou fazer uma avaliação geral do evento, relacionando ao conjunto de fatos sociais que concorreram com o Pan na cobertura jornalística, como se observa na seguinte frase:

Pan do Rio: nota 8. Primeiro foi a vaia em Lula no Maracanã. Depois, a queda do avião da TAM. Agora, é a morte de ACM. Tudo isso tirou um pouco o foco do noticiário para Pan do Rio.

(Ancelmo Gois, Caderno Rio, p.20, 22-7-2007).

Destacamos que durante a cobertura jornalística do Pan, alguns acontecimentos como o acidente aéreo acontecido no aeroporto de Congonhas, em São Paulo e a morte do político Antônio Carlos Magalhães modificaram consideravelmente o foco de boa parte das colunas publicadas no jornal e conseqüentemente reduziu o espaço dedicado aos Jogos, que passou então a ser focado principalmente nas colunas jornalísticas de comentaristas de esporte.

Como um diário carioca, acostumado a publicar a violência urbana que marca a cena do Rio de Janeiro, O Globo tratou da questão da “segurança” de forma até romântica, em vista da presença de policiais nas ruas da cidade, que quebrou a rotina da cidade, garantindo a “paz” nos jogos e para a população:

A volta da cadeira nas calçadas. A visível melhoria da sensação de segurança mudou a rotina carioca.

(Elenilce Bottari, Caderno Rio, p.18, 22-7-2007)

As categorias “turística”, “nacionalismo” e “cultural” foram pouco enfatizadas em O Globo. Acreditamos que isso tenha ocorrido porque os conteúdos das colunas têm, geralmente, um enfoque mais opinativo dos jornalistas que as escrevem, ficando para as reportagens jornalísticas tratar mais amplamente de assuntos ligados a estas categorias. A nostalgia

do nacionalismo teve destaque, em algumas colunas como nos mostra o exemplo, ao se referir à abertura dos Jogos Pan-Americanos: “Tudo tão lindo e elegante; tudo revelava a capacidade de organização, treino metódico e a nossa melhor marca: a surpreendente criatividade” (Miriam Leitão, p.26, Caderno Economia, 18-7-2007).

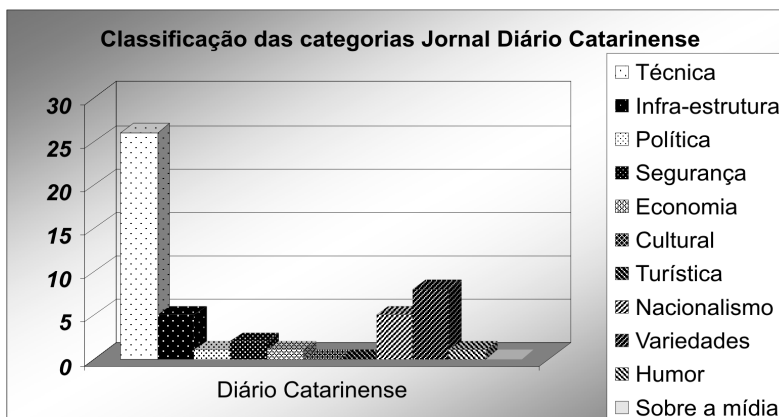
E por fim, a categoria “humor” foi identificada em algumas colunas de O Globo, abordando um humor sarcástico, algumas vezes, irônico sobre o Pan e os aspectos político-econômicos que o cercam como ilustra o exemplo: “Pan 2007: é couro para o Brasil! Ao contrário de todas as modalidades do Pan, o verdadeiro esporte nacional é a corrupção. Agora mesmo um grupo de executivos da Petrobras bateu mais um recorde em arremesso de verba à distância! É ouro para o Brasil! Quer dizer é ouro para quem participou da negociata.” (Agamenon, Segundo Caderno, p. 8, 15-7-2007)

Diário Catarinense

Embora não seja um jornal considerado de circulação nacional, a análise das colunas do Diário Catarinense, além de permitir um olhar local/regional (em relação aos autores deste texto), também possibilita uma visão de contraste entre enfoques dos colunistas dos maiores jornais do país e do diário de maior circulação no Estado de Santa Catarina.

Da mesma forma que procedida em relação aos demais jornais analisados, também aqui começa-se pela apresentação da distribuição das colunas nas categorias (Gráfico 4).

Gráfico 4: Análise Descritiva das Categorias no Diário Catarinense.



A observação do gráfico 4 demonstra claramente que a cobertura do Diário Catarinense foi essencialmente “técnica” (45,61%), seguida pela categoria “variedades” (14,04%). Essa situação, isto é, o predomínio destas duas categorias, embora com percentual bastante superior quanto à categoria “técnica”, acontece no jornal catarinense de forma semelhante a dos demais jornais analisados. Já diferentemente dos outros, podemos perceber no Diário Catarinense que a categoria “política” é pouco expressiva, com índices iguais a “economia” e “humor”: 1,75% em todas as três.

Na categoria “técnica”, vamos encontrar comentários que transitam entre a exaltação de resultados de atletas brasileiros e alguma ironia no que diz respeito aos (maus) resultados de equipes adversárias, o que se pode observar nos exemplos abaixo. No primeiro, glórias ao nadador brasileiro que ganhou cinco medalhas de ouro. No outro, uma pequena “flauta” nos rivais tradicionais, os argentinos:

Não fosse por Maria Lenk, um mito da natação brasileira, o Parque Aquático do Rio/2007 bem que poderia passar a se chamar Thiago Pereira. O maior fenômeno do esporte nos Jogos já deixou o seu nome na história.
(Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 8, 22-07-2007).

Adios hermanos: o futebol da Argentina está perto de dar *adios* ao torneio masculino. A derrota de ontem por 2 x 0 deixou o time em situação delicada. Definitivamente, o Brasil não tem feito bem à Argentina.
(Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 8, 19-07-2007).

A categoria “variedade” apresentou como um dos principais temas abordados a presença de ídolos esportivos nacionais na condição de comentaristas de televisão, neste caso, sem deixar de expressar certo deslumbramento do próprio jornalista, apesar de sua larga experiência, com a proximidade com os ex-atletas. Vejamos o exemplo:

Há algum tempo, as maiores redes de televisão têm lançado mão do artifício de contratar ídolos do esporte para trabalhar na cobertura dos grandes eventos (...). Nestes 15º Jogos Pan-Americanos não é diferente. Basta

percorrer os locais de competição para cruzar com um deles.

(Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 8, 19-07-2007).

Interessante observar que os próprios ex-atletas, por hábito ou para demonstrar intimidade com o meio esportivo, traduzem essa ambigüidade em seus comentários na mídia, como no que segue:

Está repercutindo muito o corte de Ricardinho da seleção de vôlei. O técnico Bernardinho **me** disse que a medida foi a gota d'água de uma relação já desgastada" (sem grifo no original).

(Renan Dal Zotto, Diário do Pan, p.7, 24-07-2007).

Ainda no que se refere à categoria “variedades”, assim como ocorreu em O Globo, o acidente aéreo que aconteceu durante a realização dos Jogos, vitimando quase duas centenas de passageiros e tripulantes, repercutiu junto ao ambiente do Pan-Americano e ganhou destaque em colunas da mídia esportiva, tanto no jornal carioca quanto no catarinense, bem como afirmou Olavo Moraes (Diário do Pan, p. 8, 19-07-2007):

Solidariedade: três dias de luto nos Jogos, bandeiras hasteadas a meio-pau, minuto de silêncio e a orientação das delegações para os atletas usarem uma faixa preta foram algumas das medidas tomadas ontem em solidariedade às famílias das vítimas dos acidentes do voo JJ3054 da TAM.

Como já afirmamos, “infra-estrutura” e “nacionalismo” foram categorias que ficaram empatadas com cerca de 8,77% das referências em colunas. Quanto a categoria “infra-estrutura” podemos observar certa ingenuidade no que se refere à descrição da infra-estrutura produzida para os Jogos, como o espaço reservado para a fé – “Os competidores do Pan têm onde fazer suas preces na Vila. Representantes de cinco religiões estarão presentes no Oratório do Atleta” (Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 8, 13-07-2007) – ou a qualidade dos equipamentos – “O Rio de Janeiro foi quem mais ganhou com o Pan. Os equipamentos esportivos construídos estão todos lá para que se dê sequência a um trabalho maior, com vistas à

Olimpíada de Pequim” (Roberto Alves, Esportes, p. 36, 27-07-2007). Mas neste quesito nada supera a extasiada descrição das belezas naturais da cidade no percurso por onde passarão os maratonistas do Pan:

A maratona começa na exuberante praia de São Conrado, depois passa pela avenida Nyemeyer e pelas praias do Leblon, Ipanema, Copacabana e Botafogo. Avança pelo Aterro do Flamengo até o Museu de Arte Moderna. A partir daí a prova passa para as ruas históricas do Centro, ainda percorrendo visuais como o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor até alcançar a Administração do Parque do Flamengo. (Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 2, 22-7-2007).

As categorias “política” e “segurança” também foram observadas, porém apresentando valores muito inferiores (1,75% e 3,51% respectivamente) quando comparadas as mesmas categorias citadas nos demais jornais analisados (Folha de São Paulo e O Globo). Os exemplos abaixo nos ajudam a ilustrar estas categorias:

Futebol feminino é ouro: após o show, as meninas pediram mais apoio. Cansadas de velhas promessas e da falta de incentivo de políticos e cartolas, as meninas aproveitaram para reivindicar apoio à modalidade. [...]. Talvez levado pelo afã da conquista, o Ministro dos Esportes, Orlando Silva, prometeu a criação de um campeonato forte no país. Alguém aí jogaria suas fichas no compromisso do Ministro? (Olavo Moraes, Diário do Pan, p. 4, 27-07-2007).

O Rio de Janeiro continua lindo: jogos mudam a cara da capital carioca. Cidade parece que tem mais harmonia, que cuida do cidadão. Pena que esse cuidado tenha prazo para terminar. (David Coimbra, Diário do Pan, p. 4, 13-07-2007).

Show no Maracanã: a abertura dos Jogos Pan-Americanos foi de uma beleza rara. Coisa de

Olimpíada. Muita plasticidade, sincronização e o prenúncio de que teremos realmente um acontecimento histórico no Brasil.

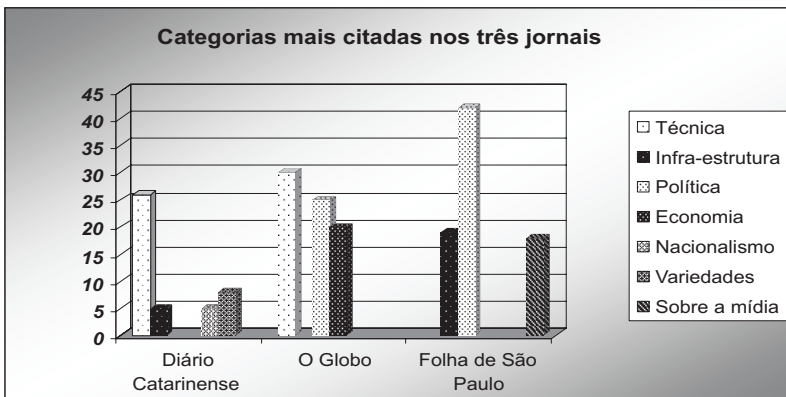
(Roberto Alves, Esportes, p. 28, 14-07-2007)

A partir destes exemplos, percebemos um certo senso crítico nas duas primeiras transcrições (“política” e “segurança”), colocando em dúvida a promessa do Ministro e ironizando a breve assepsia social promovida pela segurança dos Jogos. Já a última coluna transcrita, ao enaltecer e deslumbrar-se com a solenidade de abertura dos Pan-Americanos, não faz nenhuma referência a um dos principais acontecimentos daquela ocasião, a vaia ao Presidente da República, que o impediu de declarar abertos os Jogos. Com isso, podemos dizer que o Diário Catarinense, de modo geral, priorizou nas suas colunas jornalísticas enfatizar os aspectos positivos do Pan, especialmente resultados e desempenho técnico dos competidores, destituindo-se de qualquer preocupação crítica ou contextualizadora sobre o evento diferentemente do que ocorreu, por exemplo na Folha de São Paulo.

Distribuição das principais categorias em cada jornal

A partir da análise do material coletado, apresentamos e comentamos no gráfico abaixo (Gráfico 5) a distribuição dos registros categoriais que mais apareceram nas colunas analisadas considerando cada jornal (Diário Catarinense, Folha de São Paulo e O Globo).

Gráfico 5: Análise Descritiva das Categorias mais citadas nos jornais em valores percentuais.



Ao observarmos o gráfico 5 é possível perceber que a cobertura jornalística dos três jornais apresentou algumas semelhanças no que tange a ênfase dada por cada jornal as categorias de análise. Nesse sentido, os jornais O Globo e Diário Catarinense apresentam em comum o fato de a categoria "técnica" ser a que teve maior espaço nas colunas jornalísticas desses dois periódicos, com 25,86% e 45,61% respectivamente. Também, destacou-se em O Globo, a categoria "política" com 21,55%, assim como na Folha de São Paulo com 27,45%, sendo a categoria mais evidenciada neste jornal, a frente de "técnica" e "economia". Já no jornal catarinense (Diário Catarinense), diferentemente do que ocorreu nos outros jornais, a presença da categoria "política" (1,75%) no material analisado é quase nula, não fosse uma única coluna que abordou o tema.

Verificamos ainda, entre os aspectos em comum apresentados pelos jornais, que o Diário Catarinense e a Folha de São Paulo enfatizam em suas colunas a categoria "infra-estrutura", que aparece com 12,41% na Folha de São Paulo e 8,77% no Diário Catarinense.

Na análise dos resultados, é possível observar que os jornais também apresentam diferenças entre si, quanto ao trato jornalístico utilizado na elaboração das colunas, que acreditamos estarem ligadas as especificidades e características editoriais de cada jornal. Assim, destacou-se, com exclusividade, na Folha de São Paulo a categoria "sobre a mídia", "economia" em O Globo e "variedades" no Diário Catarinense.

No Diário Catarinense o assunto das colunas alternava essencialmente entre técnica, variedades e nacionalismo, dando pouca ênfase a outras categorias como "política" e "economia". De modo geral, neste jornal, os colunistas priorizavam noticiar resultados de jogos, desempenhos individuais ou coletivos dos atletas, generalidades sobre o Pan, como a participação de personalidades famosas (artistas, cantores, empresários, políticos, etc.) nos Jogos, curiosidades e fofocas que "rolavam" durante a competição e aspectos sobre cidade sede do evento (Rio de Janeiro). Portanto, podemos dizer que observamos uma certa limitação na cobertura jornalística dos colunistas neste jornal, restringindo-se a opinar sobre pessoas, lugares e fatos do que ao evento propriamente e suas relações com esferas sociais, econômicas e políticas.

Na Folha de São Paulo, como falamos anteriormente, as colunas enfatizaram na sua maioria, elementos das categorias "política" (27,45%), "infra-estrutura" (12,41%) e "sobre a mídia" (11,76%). Um dos aspectos que chamou a atenção foi a ausência de "técnica" entre as categorias mais evidenciadas e o surgimento de uma nova categoria - "sobre a mídia", o que diferencia a cobertura jornalística da FSP dos demais jornais, demonstrando

de forma bastante evidente um caráter crítico em suas colunas. Na FSP, é possível perceber um esforço (se assim podemos chamar) dos colunistas em não se deter apenas na informação de resultados ou comentários ufanistas e até ingênuos sobre a realização do evento no Brasil, percebemos que procuraram tecer comentários que relacionassem o tema “esporte” e o evento Pan-Americano a outros contextos, como o político.

Exemplo disso são as colunas que tratam e discutem, de forma mais crítica, sobre aspectos referentes ao Pan-Americano que circulam na mídia em geral, especialmente impressa, televisiva e eletrônica, numa tentativa de avaliar as repercussões deste evento nos meios de comunicação nacionais e internacionais, o que deu origem a categoria “sobre a mídia”. Nessa mesma perspectiva, se apresentam as colunas que se referem a categoria “infra-estrutura”, segunda mais enfatizada pelo jornal, que procurou destacar os aspectos positivos da realização do Pan, mas também os casos mal-sucedidos do Pan, como desvio de verbas públicas e obras inacabadas.

Em O Globo, dentre as três categorias mais enfatizadas em cada jornal aparece pela primeira vez “economia”. Na maior parte das vezes, essa categoria é tratada pelos colunistas com um olhar entusiasmado para os bons resultados econômicos que um evento do tamanho e com a repercussão do Pan pode trazer para a cidade do Rio de Janeiro, para o Estado fluminense e até para o país. Assim como verificamos no jornal Diário Catarinense, em O Globo a cobertura jornalística dos colunistas priorizou, principalmente, comentar e opinar o Pan-Americano sob uma perspectiva “positiva”.

Logo, a partir da análise comum dos dados e das especificidades apresentadas por cada jornal foi possível identificar algumas características da cobertura jornalística sobre os Jogos Pan-Americanos, como a ênfase a técnica, aos resultados e ao que se passou nos “bastidores” dos Jogos (festas, bares, cidade do Rio), bem como os enfoques diferenciados veiculado em cada jornal sobre o evento, como por exemplo na Folha de São Paulo onde se evidenciou a categoria “política”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização de um grande evento esportivo possibilita observar claramente as relações entre esporte e economia, esporte e turismo, esporte e nacionalismo, entre outras. Durante os Jogos Pan-Americanos, a cidade do Rio de Janeiro recebeu turistas (bem menos do que se esperava e que a prefeitura da cidade alardeava) e ganhou visibilidade mundial. A realização

dos Jogos no Rio de Janeiro teve como um dos principais objetivos a tentativa de resgatar os turistas, afastar a imagem de cidade violenta e demonstrar competência organizativa, a fim de fortalecer a sua candidatura à sede das Olimpíadas de 2016. Nesse sentido, a cobertura jornalística em boa parte das colunas analisadas contribuiu para consolidar tais objetivos, resgatando a imagem de uma cidade maravilhosa, genuinamente brasileira, que aparece ilustrada nos versos da música de Gilberto Gil: “O Rio de Janeiro continua lindo...” No Pan do Rio, os jogos em si parecem ter funcionado como pano de fundo para mostrar, revelar as belezas e principalmente as capacidades (ou incapacidades, por alguns jornais analisados) que a cidade e o país oferecem na organização de um grande evento esportivo.

Observamos, nas colunas, que embora o Brasil tenha conquistado inúmeras medalhas, o caminho a ser percorrido até que se consiga resultados semelhantes nos Jogos Olímpicos é longo e exige muito trabalho dos atletas, comissões técnicas e apoio financeiro, mas não só governamental, como foi no caso dos Pan-Americanos, como também da iniciativa privada, que investe apenas no curto prazo, quando não só depois dos resultados terem sido apurados.

Por meio da análise e discussão dos resultados, foi possível verificar que existem peculiaridades em cada jornal, tendo o Diário Catarinense e O Globo dado mais ênfase a categoria “técnica” em suas colunas, veiculando assuntos ligados à *performance* dos atletas e resultados. Já em Folha de São Paulo, identificamos que a categoria “política” foi priorizada, o que se explica pelo fato deste jornal possuir uma coluna voltada somente à política, a qual durante o evento esportivo abordou especificamente as relações entre política e os Jogos Pan-Americano.

As colunas analisadas reforçam o conceito de esporte de rendimento e da busca por bons resultados, transformando esse esforço numa responsabilidade nacional, que extrapola o plano esportivo, transformando-se numa questão de Estado. Muito se comentou sobre os bons resultados obtidos pela delegação brasileira, que foi 3ª colocada no quadro de medalhas, todavia, quase nada se falou sobre aqueles que não conquistaram medalhas, mas que driblaram a falta de incentivo, de apoio financeiro e a baixa qualidade técnica para participar dos Jogos. O destaque dado aos atletas que tiveram bom desempenho esportivo é ilustrado no exemplo a seguir, publicado no jornal O Globo: “Que dirigentes aproveitem os resultados obtidos aqui, para buscar condições de investir no aprimoramento daqueles que realmente têm chance de brilhar nos jogos Olímpicos, no ano que vem.” (Grifo nosso, Renato Maurício Prado, Caderno Esporte/O Globo, p. 6, 29-7-2007).

A mídia esportiva sempre oferece, ainda que de maneira bastante superficial, conteúdos que podemos trabalhar durante as aulas de Educação Física, porém é durante os grandes eventos que conseguimos notar mais facilmente a presença do esporte nos meios de comunicação. As discussões que podem ser feitas, a partir da cobertura jornalística sobre os esportes, são amplas e dependem da criatividade e capacidade de criar novas metodologias e conteúdos por parte do professor, que precisa estar atento à grande visibilidade que os assuntos esportivos ganham durante esses eventos, buscando problematizá-los em suas aulas.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

LUCENA, Elenora de. O futuro dos jornais. **Folha de São Paulo (Caderno Mais)**, 08/6/2008, p.4.

MARQUES, José Carlos. Futebol de Griffê (a coluna e a crônica em tempos de copa do mundo). Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 24, **Anais...** . Campo Grande/MS: INTERCOM, setembro, 2001.

PIRES, Giovani De Lorenzi (coord.) *et al.* **OBSERVATÓRIO DA MÍDIA ESPORTIVA: acompanhamento e análise da cobertura jornalística do esporte recreativo e do lazer na mídia catarinense**. Projeto de Pesquisa. Rede CEDES/Ministério do Esporte. Florianópolis: Centro de Desportos. UFSC, 2008.

SOUTO, Sergio Monteiro. Os colunistas esportivos e a construção da identidade nacional da seleção brasileira. Simpósio de Pesquisa em Comunicação da Região Sudeste – SIPEC, 10, **Anais...** . Rio de Janeiro: dezembro/2004.

SOUZA, Rogério Martins de. A sedução do colunismo: uma análise das colunas de Ancelmo Gois e Ricardo Boechat. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28, **Anais...** . Rio de Janeiro: INTERCOM, setembro/2005.

BLOGS E BLOGUEIROS DO PAN 2007: um estudo sobre os jogos no ciberespaço

*Diego S. Mendes
Rodrigo Duarte Ferrari
Rogério Santos Pereira
Victor de Abreu Azevedo
Fábio de Carvalho Messa
Daniel Minuzzi de Souza¹*

INTRODUÇÃO: ABRINDO UMA “NOVA” JANELA...

Com o crescimento da pesquisa em mídia e Educação Física, diversos estudos têm surgido no horizonte das chamadas análises de produtos da mídia, especificamente no que se refere aos conteúdos da cultura de movimento². Neste cenário, observa-se constante preocupação com a análise de produtos televisivos ou com os meios impressos; porém, as análises ainda são incipientes quando se pensa nas possibilidades de investigação no âmbito da internet. Desta forma, este estudo partiu da premissa de que a cobertura dos jogos Pan-americanos do Rio 2007 se daria não apenas através das mídias mais tradicionais, mas também fazendo uso de ferramentas digitais. Assim, nesse trabalho investigou de que maneira a cobertura dos jogos Pan-americanos foi apresentada no ciberespaço³, a partir da análise de blogs específicos sobre o evento.

¹ Os autores destacam que essa pesquisa contou com a participação da acadêmica de Educação Física/UFSC e de Jornalismo (Estácio/SC) **Lyana Virgínia Thediga** e do mestre em Educação Física/UFSC **Cláudio Leão Silva Tonetti (Madiba)** em diferentes fases do estudo. Neste sentido, fica registrado o agradecimento dos autores por suas inestimáveis contribuições.

² A cultura de movimento é definida por Kunz (2001. p.38) como “uma conceituação global de objetivações culturais, em que o movimento humano se torna o elemento de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas tradicionalmente em determinadas comunidades ou sociedades”.

³ Neste texto perdura o entendimento de que o ciberespaço não é um mundo dissociado das experiências cotidianas, mas sim uma dimensão constituinte das *sociedades complexas moderno-contemporâneas* (GUIMARÃES Jr, 2000; MÁXIMO, 2006). Assim, faz-se necessário refletir sobre a tecnologia em sua dimensão social, compreender o ciberespaço como cenário de ação constituinte da vida cotidiana.

A justificativa para a realização desse trabalho de observação de blogs se deve ao fato destes conterem algumas características que demarcam especificidades típicas do ciberespaço, tal como a possibilidade de interação direta entre produtores e receptores/consumidores de conteúdos. Outra peculiaridade deste meio reside na possibilidade de transitar por diferentes fontes de informações simultaneamente, através de redes de acesso interligadas por diferentes caminhos, denominados de *links*⁴. Sendo assim, acredita-se que a apresentação e o acompanhamento de notícias a respeito dos jogos Pan-americanos do Rio 2007 nesses veículos circunscrevem possibilidades diferenciadas para seus participantes, tais como a televisão ou os meios impressos.

Nesta direção, é preciso considerar que a dinâmica cambiante que compõe as relações entre blogs, blogueiros e redes sociais faz desta esfera uma importante representante das práticas sociais que ocorrem na internet. Significa dizer que os blogs representam, em suma, a dinâmica de interações proposta e possibilitada pela internet para diferentes funções sociais, entre elas, para o jornalismo esportivo, ou mesmo para manifestações pessoais a respeito dos elementos da Educação Física.

Uma investigação neste sentido pressupõe, mesmo que indiretamente, a análise de conteúdos supostamente “íntimos” (opiniões) em conteúdos compartilháveis/compartilhados, motores da interação e da produção de significados a respeito de temas de interesse do esporte e da Educação Física. Afinal, como reconhece Schittine (2004), com as possibilidades de participação direta dos leitores nos blogs, criam-se “redes de cumplicidade” pelo compartilhamento de afinidades, interesses e experiências, o que possibilita a investigação de como um evento de grande evidência midiática é partilhado na atmosfera virtual.

Procedimentos Metodológicos do Estudo

Para realização do estudo foi feito inicialmente um levantamento na internet dos blogs que tratavam especificamente dos jogos Pan-americanos do Rio 2007. Em uma pré-seleção, foram escolhidos seis blogs, sendo dois deles pertencentes ou vinculados a sites de jornais impressos tradicionais, como o *Blog do Diário do Rio* e *Blog dos Colunistas Lance!net (Felipe Mendes)*; outro blog era ligado às organizações Globo, empresa midiática promotora do evento (*Blog do Galvão Bueno*) e um blog

⁴ Os *links* são dispositivos de acessos codificados que estabelecem ligações diretas para arquivos (de um mesmo *site* ou entre diferentes *sites*) ou endereços eletrônicos diferenciados situados na internet. Normalmente esses dispositivos se apresentam como palavras ou imagens grafadas em destaques.

denominado *A verdade do Pan 2007*, cuja autoria (perfil) nunca ficou muito explícito, sendo assumido por Diana e depois por Isaac.⁵ Além destes, pré-selecionamos também dois blogs de atletas participantes, o *Blog de Juliana Veloso* (atleta do salto ornamental) e o *Blog do Mosiah Rodrigues* (atleta da ginástica artística), totalizando seis blogs.

Levando em consideração a regularidade das publicações nos blogs, o da atleta Juliana Veloso foi descartado das análises por falta de periodicidade na publicação de informações. Assim, cinco blogs foram selecionados para compor o *corpus* de análise do trabalho⁶.

Os blogs foram acompanhados do dia 01 ao dia 31 de julho de 2007, mês de realização dos jogos Pan-americanos do Rio 2007. Todas as postagens realizadas nos blogs no período referido foram salvas posteriormente em arquivos digitais⁷. Essas foram tratadas a partir de análise descritiva do tipo frequência absoluta e relativa, para quantificação dos dados, seguido do procedimento de análise de conteúdo, segundo o referencial de Laurence Bardin (1977), para o trato qualitativo. Para tanto, eles foram agrupados em nove categorias pré-estabelecidas:

- a) **Técnica:** nesta categoria são contemplados aspectos que tratam do rendimento/performance/treinamento dos atletas;
- b) **Infra-estrutura:** colunas que façam referências a questões de infra-estrutura (espaço físico, logística e instalações) do Pan-Americano;
- c) **Política:** faz referências às relações entre personalidades políticas e os aspectos do evento esportivo ou de ações/estratégias políticas envolvendo o evento e a comunidade;
- d) **Segurança:** referente às questões de segurança pública, estratégias criadas para os jogos e sobre o cotidiano de vida na cidade durante esse período;

⁵ No dia seguinte ao encerramento do Pan, todo o conteúdo deste blog foi retirado, sendo assim que o mesmo permanece até hoje. Isso limitou sua análise, ocasionando que os dados referentes a este blog foram considerados apenas parcialmente no estudo.

⁶ Faz-se necessário refletir sobre o ofício do pesquisador diante da configuração da internet como um campo de pesquisa. Apesar de uma aparente facilidade para coleta de dados na rede, visto que a tela do computador se abre para o acesso a diferentes informações a qualquer hora, o formato digital possui efemeridade e transitoriedade. Contrastando com o acesso ágil e facilitado, o campo (digital) também pode ser constantemente alterado ou mesmo eliminado da rede, como de fato ocorreu com o blog “A verdade do Pan”.

⁷ Com exceção do blog *A verdade do Pan 2007*, que pôde ser salvo apenas durante a primeira semana do evento – do dia 01/07 ao dia 06/07, devido à retirada de seu conteúdo da rede.

- e) **Economia:** esta categoria trata de aspectos da economia, negócios, orçamento, propaganda e do marketing gerados pelo Pan-americano ou envolvendo a imagem dos atletas. Também, aos benefícios e desvantagens trazidos pelo Pan para a economia do Brasil, do Estado e cidade do Rio de Janeiro;
- f) **Cultura:** ligada às manifestações sociais, apresentações artísticas e participação de pessoas envolvidas com o Pan, entre eles: atletas, técnicos e dirigentes em eventos sociais;
- g) **Turismo:** exaltação da natureza, da beleza e os principais pontos turísticos do Rio de Janeiro. Relações entre a cidade do Rio, o Pan e a escolha do Cristo Redentor como a sétima maravilha do mundo;
- h) **Nacionalismo:** exaltação do patriotismo, do ufanismo brasileiro seja, através da participação medalhista dos atletas brasileiros, das belas paisagens do Rio ou da participação da torcida brasileira nos Jogos;
- i) **Outros:** compõe aquelas categorias que foram identificadas na pesquisa e não fazem parte das categorias já definidas, tais como notícias relativas a humor, agendamento esportivo, divulgação de eventos isolados relacionados aos jogos etc.

PELA TELA DOS BLOGS: ROTAS DE NAVEGAÇÕES E NAUFRÁGIOS

Quem nos dias atuais não ouviu falar em blogs, fotologs, vlogs, entre outros? Por certo, parte da população brasileira já se deparou com os termos ou mesmo teve a possibilidade de se aventurar por esses espaços. Afinal, o Brasil, entre 2000 e 2008, aumentou o número de conexões à internet em 900%, segundo revela pesquisa da ONG americana Internet World Stats, publicada na revista Carta Capital de 13/08/2008. A mesma revista revela ainda que o país é considerado aquele cujos usuários da rede passam mais tempo por mês conectados, além de, pela primeira vez na história, ter vendido mais computadores do que televisores no ano de 2007. Tais dados não deixam dúvidas quanto ao crescente acesso dos brasileiros à internet e seus recursos, entre eles os blogs. Mas, afinal, o que são os blogs?

Definidos como diários *online*, páginas pessoais na internet, sequências de *links* com comentários, página da internet disposta por postagens abertas ao público em ordem cronológica, espaços virtuais de discussão, entre outros, os blogs têm sua origem semântica na palavra *Weblogs* (BARBOSA; GRANADO, 2004). O neologismo *blog*, no entanto,

surgiu nos EUA, em 1997, como derivação do termo anterior, sugerido por Jorn Barger (americano considerado por muitos como o “criador” do blog) para designar sua pioneira página pessoal na internet (BARBOSA; GRANADO, 2004). Apesar da origem da palavra, em termos práticos, um híbrido das tentativas de definições apontadas anteriormente caracteriza bem a constituição da ferramenta.

Para Araujo (2004, p. 2-3), essas características podem ser sintetizadas da seguinte forma:

- Ser um suporte digital *on-line*, entendendo suporte digital como meio de comunicação na internet;
- Possuir brevidade textual;
- Dispor de discurso que se apresenta por vezes desapegado da norma culta e, portanto, próximo da coloquialidade;
- Ser atualizado constantemente;
- Ser elaborado normalmente a partir de um documento pré-moldado, que dispõe o material em ordem cronológica (o documento mais recente em cima e o mais antigo em baixo);
- Permitir co-participação, colocando o leitor numa posição de co-enunciador (no caso da ferramenta de comentários);
- Construir um “estilo blog” de expressão, com figuras de linguagens próprias, etc.;
- Adotar com grande recorrência outros discursos como referência e elaborar mecanismos textuais e discursivos para remissão à intertextualidade (*links*).

A popularização dos blogs se deu particularmente pela atratividade encarnada nas possibilidades de interatividade entre diferentes enunciadore, pela particularização do discurso que a ferramenta oferece, além dos baixos custos de produção, uma vez que vários servidores oferecem o serviço gratuitamente e com fácil operacionalização técnica. A convergência de editores de texto, imagens e vídeos aos blogs permitiu que o manuseio dessa ferramenta fosse realizado sem a necessidade de conhecimentos técnicos específicos do universo da tecnologia de informação, como por exemplo, o domínio de alguma linguagem de programação, como a *HTML*, (*HyperText Markup Language / Linguagem de Marcação de Hipertexto*), que no início foi o protocolo responsável pela viabilidade técnica e o sucesso da internet.

Tal popularização trouxe consigo uma das principais potencialidades que se tem vislumbrado nos meios virtuais, na forma de uma esfera pública comunicativa renovada, que tem como pilar a liberação do pólo emissor (indistintamente) na produção de bens simbólicos com visibilidade em escala planetária.

Entendemos que uma mudança fundamental propiciada pela estrutura de informação em rede é a constituição de uma esfera pública renovada, ao menos potencialmente, pela pluralidade das possibilidades de emissão. Trata-se de um ambiente informativo denso, uma arena conversacional que reduz os custos da participação coletiva (ALDÉ; CHAGAS, 2005, p. 22)

Uma das principais características, que diferencia a internet dos demais meios, é o que Aldé e Chagas (2005) denominam de dispersão da emissão, ou seja, “o fato de passar de uma relação comunicativa de um para um, como o telefone, e de um para todos, como a televisão e o rádio, para uma situação de comunicação em que todos podem, ao menos em potencial, comunicar para todos” (p. 6). Deste modo, qualquer receptor pode tornar-se emissor, produtor e/ou divulgador de informação na internet, numa verdadeira circularidade de papéis intercambiáveis (GOMES, 2001).

Os meios virtuais possibilitam, portanto, o fim do monopólio da fala, típico dos meios tradicionais, como a televisão. A comunicação na rede, e, especialmente nos blogs, tem como característica emissões dispersas e capilarizadas, por vezes anônimas, que tentam produzir eventos noticiáveis, procurando atrair a atenção de algum público.

Evidentemente, além das confluências que se apresentam entre redes tecnológicas e redes sociais, contradições também são evidentes nesse processo, conforme sugere Lemos (2004). No caso da internet e dos blogs, o grande desafio está na capacidade do público encontrar e processar as inúmeras informações dispersas na rede mundial de computadores. O excesso de informações na rede tem feito com que muitos internautas naufraguem ao tentar navegar pela internet em busca de informações confiáveis e demasiado específicas.

Se por um lado abriam-se as portas para que a população em geral se manifestasse potencialmente sob diferentes assuntos, por outro, a quantidade de informações dispostas e dispersas na rede limitam a capacidade desses enunciados serem encontrados. Para Machado e Palácios (2003) não é possível dar conta do excesso de informações disponíveis na internet. Virtualmente está tudo online, mas, na prática, devido às limitações técnicas, de tempo e interesse, cada usuário acessará somente algumas das muitas informações, sites e blogs. Nesse emaranhado, os mais visíveis, aparentemente, são aqueles de personalidades da mídia tradicional.

Contradições à parte, o princípio dos blogs e da conexão generalizada na internet tem propiciado que diferentes vozes surjam no panorama das trocas simbólicas e na atmosfera comunicacional. “Ganha-se [...], ao menos em potencial, uma maior abertura para a interatividade, a veiculação de valores culturais e a consciência crítica” (PEREIRA, 2006. p. 4).

Esporte e mídia em tempos de blogs: “novos olhares e novas práticas”

O esporte apresenta uma história de sucesso em sua associação com a mídia, que envolve cifras bilionárias e milhões de espectadores espalhados pelo globo. O espetáculo criado aos moldes dos meios de comunicação de massa oferece o esporte-mercadoria, determinando o que o vai ser visto, discutido, criticado, aplaudido. Pires (2002, p. 102), denuncia ser a “cultura esportiva conformada pela indústria midiática uma cultura desencarnada, desprovida do potencial crítico-reflexivo que caracteriza a formação cultural autêntica”.

A massificação da oferta e o consumo simbólico do espetáculo esportivo geram um novo tipo de atividade para ocupação do tempo livre, caracterizada por ser passiva, tecnologicamente mediada e por incluir necessariamente relações mercantis. (PIRES E GONÇALVES, 2001). Os diferentes meios de comunicação de massa, dos quais a televisão recebe destaque, são os agentes da indústria cultural. O potencial crítico da linguagem (incluindo as múltiplas linguagens associadas ao fenômeno esportivo) enquanto possibilidade para uma tomada de posição contra a generalização do imprestável, perde-se pela oferta barata de padrões de expressão (MÜLLER, 1996, p. 214).

O esporte na/da mídia evidencia diferentes interesses, relações de poder, disputas econômicas e ideológicas que se desencadeiam a partir dessa interação desigual que apresenta o pólo emissor controlado pela indústria cultural. Mas como pensar no esporte e na mídia sob a nova dinâmica técnico-social da internet? Como ressalta André Lemos (2003, p. 15), “pela primeira vez, qualquer indivíduo pode, a priori, emitir e receber informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta”.

Presente em milhares de sites, jornais on-line, fóruns de discussão e em outros formatos veiculados pela internet, o esporte também ganhou espaço na interatividade dos blogs. O esporte, sempre tão associado ao controle midiático da indústria cultural, vivencia a liberação do pólo emissor, agregando um universo de “vozes” que se cruzam, aumentando a possibilidade de escolha de fontes de informação por parte do cidadão comum. Copa do Mundo, negociações de jogadores de futebol, o ranking

de tenistas da ATP, os times amadores de futebol, a corrida de rua do fim de semana, a rodada e as polêmicas do “Brasileirão”, etc. Esses assuntos e quase todos os outros que são possíveis de ser imaginados estão presentes nos blogs e abertos para a contribuição, discussão, construção coletiva. Uma breve pesquisa no site www.technorati.com, que acompanha seis milhões de blogs em todo o mundo, encontrou 5.567 referências à palavra esporte e 174.015 à palavra *sport* - e esse número aumenta a cada segundo.

As características do esporte moderno não estariam ganhando contornos próprios no ciberespaço? É necessário compreender como as informações sobre os esportes e mesmo a cobertura jornalística sobre os grandes eventos esportivos, que se encontra diante da liberação do pólo da emissão, estão se comportando diante do surgimento de uma comunicação bidirecional sem controle de conteúdo.

O desafio atual parece residir exatamente na tarefa de tematizar as informações veiculadas pelos múltiplos canais de comunicação fornecidos pelo universo dos blogs sob uma perspectiva pedagógica, promovendo leituras da realidade diferenciadas do senso comum, como indicam os trabalhos de Pereira (2009) e Bianchi (2009), que levantam alguns questionamentos: será que as características dos blogs como a abertura para a contribuição, discussão e construção coletiva não seriam úteis no trato da mídia esportiva nas aulas de Educação Física? A liberação do pólo de emissão da comunicação propiciado pelos blogs não pode ser um instrumento para a construção e re-elaboração de conhecimentos e informações (antes centralizadas) dentro do ambiente escolar?

É em meio a valores, significados e representações que fazem parte de uma alquimia tecnológica de resultado incerto que a cultura esportiva se encontra a espera de uma compreensão e de um possível trato pedagógico. Pensar em formas de inserir a discussão sobre as novas tecnologias de comunicação e informação nas reflexões desenvolvidas pela Educação Física é impulsionar a área para o encontro com as transformações pelas quais a sociedade vem atravessando.

Neste intuito é que se analisou a cobertura dos jogos Pan-americanos do Rio 2007 em diferentes blogs sobre assunto, na tentativa de compreender melhor os modos pelos quais essas informações foram divulgadas, considerando-se as incontáveis possibilidades de criação, edição e re-significação que esses canais permitem aos seus emissores. Quais possibilidades de análise e intervenção pedagógica podem surgir da cobertura de um evento como os jogos Pan-americanos em blogs? Será que esse meio tem realmente garantido uma emissão/produção de informações mais opinativas, particularizadas e diferenciada dos meios tradicionais de comunicação? Será que as possibilidades

de contato e interação direta com o público têm alterado a forma da divulgação das informações sobre os grandes eventos na internet?

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

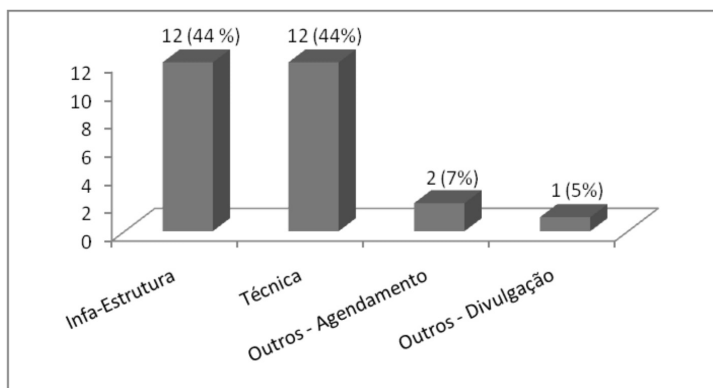
O procedimento adotado no texto será o de apresentar individualmente cada um dos blogs, expressando de forma gráfica a classificação das postagens segundo as categorias pré-estabelecidas, acompanhado a seguir de comentários a respeito de suas peculiaridades e características principais.

Blog dos Colunistas Lance!net (Felipe Mendes)

Este blog foi escrito pelo repórter e colunista do jornal LANCE!, Felipe Mendes. O escritor do blog é o jornalista esportivo desde 2003 e atuou durante os jogos Pan-americanos do Rio 2007 como responsável pela cobertura da preparação da cidade do Rio de Janeiro.

Durante o período de análise, o blog contou com o total de 31 notícias postadas pelo autor, sem, no entanto, manter uma frequência regular diária de acréscimo de informações. As categorias mais frequentes no blog do colunista Felipe Mendes são “Técnica” e “Infra-Estrutura”, ambas com 44% de aparições (12 postagens). Constatou-se também o interesse do autor do blog em realizar o agendamento das competições presentes nos jogos, o que ocupou 7% (2 postagens) das notícias presentes no blog. Estes dados podem ser visualizados no gráfico a seguir.

Gráfico 1 – Frequência das notícias postadas no blog Lance!net durante os jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007.



A periodicidade de postagem de notícias no blog indicou que, aparentemente, a manutenção do mesmo por parte do jornal e de seu autor não foi prioridade, como forma de cobertura dos jogos Pan-americanos. Isto foi observado quando em longos períodos o autor do blog nada escreveu, como durante o intervalo entre os dias 5/07 a 10/07, antes do início dos jogos, e também entre os dias 26/07 e 29/07, período final das competições, quando provavelmente muitas notícias relevantes poderiam ser veiculadas a respeito do encerramento do evento, seus balanços finais, etc.

Outro fator que corrobora para a aparente pouca importância atribuída ao blog refere-se a qualidade deste. As postagens do autor eram geralmente sucintas e, quando muito, ofereciam resultados dos atletas brasileiros. “Críticas” à organização dos jogos também foram verificadas, num caráter de denúncia aos problemas ocorridos por falta de planejamento e/ou desorganização do evento. Esta crítica, no entanto, era superficial e pouco esclarecedora sobre os problemas ocorridos, conforme se pode observar no texto destacado abaixo:

[...] Estive ontem à noite na arena olímpica cobrindo a final por equipes da ginástica artística feminina. E o que foi que eu vi? Arrogância de alguns funcionários do Comitê Organizador do Pan (Co-Rio). Principalmente com integrantes da imprensa. Vi o descaso com o público ao ver muita gente quase que brigando para conseguir comer alguma coisa no Bob's. Aliás, o que são os preços do Bob's? É quase um assalto. (postagem “*Confusões na arena olímpica*”, 15/07/2007).

Chamou atenção a relativamente pequena participação dos leitores no blog, que contou com uma média diária de 4,2 comentários do público no período. Apesar desta pouca participação diária, duas postagens isoladas receberam muitos comentários, uma no dia 16/07, sobre a organização do evento (com 51 postagens), e outra no dia 19/07, a respeito da derrota da seleção brasileira feminina de voleibol (com 30 postagens). As duas postagens juntas foram responsáveis por mobilizar 64% dos comentários totais do blog. A primeira postagem que chamou a atenção dos internautas e que contou com 51 comentários referia-se a uma provocação feita pelo autor do blog ao ter constatado a falta de público espectador do evento em algumas das principais instalações esportivas do Rio de Janeiro. A questão

levou os participantes do blog a debaterem sobre as possíveis causas do acontecido. A discussão do público também se mostrou superficial em grande parte das intervenções, em que prevaleceu um debate acerca das qualidades da cidade do Rio de Janeiro, questionada inicialmente por interlocutores de outras regiões do país. Outros participantes atribuíram o fato da ausência de público aos preços dos ingressos, à falta de conhecimento de algumas modalidades etc.

Já a segunda notícia mais comentada do blog, referente à derrota da seleção feminina de vôlei no torneio, teve uma característica peculiar. Após o colunista ter tachado as brasileiras, de forma apressada, de despreparadas psicologicamente, a maior parte dos participantes comentaram a notícia também de maneira superficial, destacando o fato de a seleção ter “amarelado”. No entanto, outro participante do debate apresentou comentários de qualidade diferenciada, conforme revela a passagem abaixo:

Mecano - E se elas [*a seleção feminina de vôlei* – grifo nosso] fizessem a carteirinha do SUS para poderem tomar a vacina contra a febre amarela, será que não evitariam isso nas finais? Não tem desculpa, toda final é assim, pô!

Marcelo Toledo – Pra aqueles que só lembram das vitórias, essa geração de Giba, Ricardinho e Gustavo perdeu tb pra Itália nas semifinais do Mundial de 1998, depois pra Cuba na decisão do Bronze [...] Ninguém disse que eram amarelões [...] O problema é que a imprensa criou uma ilusão na cabeça dos torcedores, dizendo que a seleção feminina era imbatível. **(Comentários da postagem “De novo?”, 19/07/2007).**

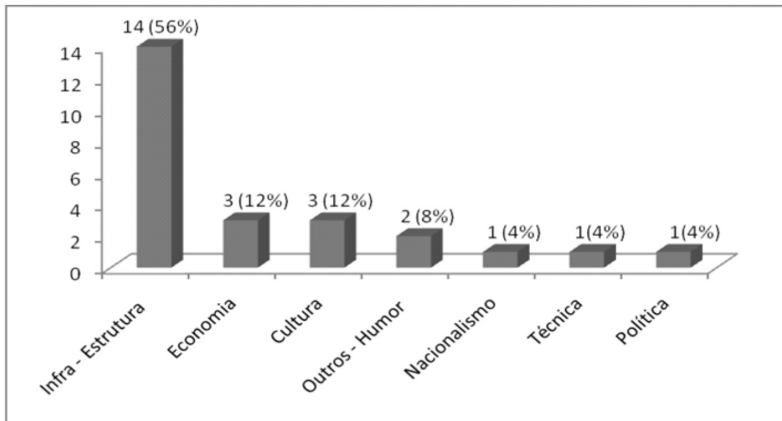
O fato aponta o potencial crítico de alguns participantes do blog, que transportaram a discussão de um âmbito meramente técnico, centrado nos resultados, para uma contextualização mais contundente acerca do papel da mídia e do colunista enquanto mediador cultural dos fatos esportivos, o que remete também ao potencial que os blogs permitem para a consolidação de um debate mais democrático *com, sobre e através* dos meios (RIVOLTELLA apud FANTIN, 2006).

Blog Diário do Rio

O blog vinculado ao jornal carioca Diário do Rio contou com nove escritores e colunistas diferentes para a cobertura dos jogos Pan-americanos, entre eles André Duarte, que escreve o site Histórias do Rio; Flavio Serrano, criador e editor do site Ruas Cariocas e Quintino Gomes, editor do Diário do Rio. Entre as principais características do blog pode-se destacar o papel de “porta-voz” informal da assessoria de imprensa do governo municipal do Rio de Janeiro.

Marcado por inúmeras postagens compostas somente por imagens (fotos e vídeos), institucionais ou propagandas do governo Cesar Maia e textos sucintos, as principais matérias apresentadas no blog carioca referiam-se a elogios e comentários gerais a respeito da infra-estrutura do evento (56% das postagens). Os principais destaques dessas publicações eram sobre as obras realizadas, complexos esportivos, hospedagem dos participantes, logística e trânsito. Geralmente eram produzidas e fornecidas pela prefeitura (via assessoria de imprensa da Secretaria de Obras da Prefeitura do Rio) e pela organização do evento, com a intenção explícita de promover o Pan. O gráfico a seguir mostra estes dados.

Gráfico 2 – Frequência das notícias postadas no blog Diário do Rio durante os Jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007.



Um exemplo do caráter simplista e mesmo tendencioso do blog pode ser observado, numa referência à categoria Infra-Estrutura, em postagem intitulada “*Parque aquático Maria Lenk - inaugurado hoje!*”,

de 08/07, que era precedida de uma foto de perfil do prefeito do Rio de Janeiro Cesar Maia em entrevista à imprensa sobre a inauguração do Parque Aquático do Pan:

Dando continuidade a minha maratona pelos ginásios Panamericanos, estive hoje no Parque Aquático Maria Lenk. Muito bonito. O Cesar Maia estava lá e passou pertinho de mim para dar entrevista (tirei essa foto dele abaixo).

Outras duas categorias que tiveram destaque no blog do Diário do Rio referiam-se à Economia e Cultura. Na primeira categoria apareceram postagens a respeito dos números obtidos pelo evento ou formas de publicidade dos jogos. Já na categoria cultura destacaram-se notícias sobre a apropriação da indústria cultural (Horkheimer e Adorno, 1987) sobre os jogos, que se transformaram em tema (mercadoria) da escola de samba carioca Portela ou de uma edição especial dos quadrinhos de Mauricio de Sousa, denominada de “*A turma da Mônica e o Cauê no Pan*” (05/07). Outro exemplo que compreende a categoria Cultura pode ser observado na seguinte passagem:

A Prefeitura do Rio divulgou hoje os vencedores do concurso ‘Nossa Rua, Nosso Pan’, no qual as ruas competiam para saber quais eram as mais bem decoradas para o Pan 2007. Segundo a Prefeitura, foram mais de 250 ruas inscritas. O primeiro lugar ganhou 64 ingressos para o Pan, como abertura, final de vôlei e encerramento do Pan [...] Os quesitos para a escolha das ruas foram beleza, criatividade e uso dos símbolos. Veja foto das ruas no blog do concurso (postagem “*Ruas do Pan já tem vencedor*”, 08/07/2007).

Categorias como Outros (Humor), Política e Nacionalismo, embora com pouquíssima frequência, se fizeram presentes. No âmbito humorístico, duas charges do prefeito César Maia foram apresentadas no blog e com repercussões diferentes entre o público participante. A primeira charge foi divulgada em uma postagem denominada “*A César o que é de César*” (12/07). Na ilustração, o prefeito é comparado ao imperador Romano Júlio César, tendo ao fundo uma imagem do Rio de Janeiro em chamas e um *slogan* dizendo: “O Rio já está no clima do Pan!!!”, numa provocação

de que a cidade estaria em chamas por causa do evento. O autor da charge faz referência ao pão e circo, deixando implícito o dúbio sentido da figura: crítica ou elogio? César Maia, Ditador ou Soberano? A cidade, consumida pelo fogo (caos) ou liberando energia térmica pelo esplendor dos jogos?

No entendimento dos leitores a interpretação da imagem referiu-se apenas à sua positividade. Os três comentários à postagem seguiram elogiando o então prefeito da Capital carioca como o principal responsável pelo acontecimento no Rio de Janeiro, conforme o exemplo: “*André* disse: gostem ou não dele, discordem dos seus métodos, mas não podem ser injustos, o mérito pelo Pan é do prefeito César Maia. Sem ele o evento jamais teria vindo para o rio...” (Comentário da postagem “*A César o que é de César*”, 12/07/2007).

Outra charge, um desenho do mascote dos jogos (Cauê) com o rosto de César Maia, seguido da frase: “Caô é...”, publicada no dia 09/07/2007, foi acompanhada de duas críticas à imagem do prefeito. Um dos leitores comentou: “Se ele não é ‘caozeiro’, é no mínimo incompetente... ou mal intencionado... eu fico com a última opção!” (Comentário da postagem “*César Cauê Maia*”, 09/07/2007).

A discussão política sobre o evento teve um pequeno espaço no blog, a partir de uma postagem sobre os interesses políticos e econômicos gerados pela tentativa da Rede Globo de denominar os jogos Pan-americanos do Rio 2007 de “Pan do Brasil”. O texto original é da revista *Veja*, assinada por Tutty Vasques, e foi publicado no blog com o título “Pan do Brasil é o ‘escambau’” (01/07/2007). Os comentários não acrescentam muito à discussão e reforçam a idéia original da postagem de que o Pan é do Rio e não do Brasil, sendo esta última denominação uma estratégia de nacionalização do evento para seu consumo nas mídias de massa.

É interessante notar o discurso localista/bairrista inflamado da postagem original: “Ei, você aí, acorda: a Globo está roubando o Pan do Rio de Janeiro. Vamos lá, proteste [...] Troque de estação ou desligue a televisão toda vez que [...] anunciarem o ‘Pan do Brasil’! Repitam comigo: ‘Pan do Brasil é o escambau!’ É Pan do Rio...” (postagem “*Pan do Brasil é o ‘escambau’*”, 01/07/2007). A provocação da autora suscitou respostas mais criteriosas do público comentarista (nove, no total), ao contrário do ocorrido na maioria das notícias do blog, em que os comentários, em sua vasta maioria, eram românticos e condizentes com o teor propagandista das postagens.

Por fim, a postagem mais comentada de todo o blog se referiu a uma avaliação do evento, classificada na categoria nacionalismo. Situada como a última postagem do blog, denominada “*Encerramento do Pan*”

(29/07/2007), o texto se restringiu apenas ao seguinte enunciado: “Fale o que você pensa sobre este assunto”. Entre os comentários, uma avaliação extremamente positiva do evento e uma propaganda (nacionalista-bairrista) desmedida do Rio. De um lado, os interessados política e economicamente em defender e fazer propaganda dos jogos e do Rio de Janeiro e, de outro, aqueles que demonstram as falhas, ilicitudes e limites do evento.

Entre os comentários, tomemos como exemplo o abaixo (“Pan já deixa saudades”, 29/07/2007), de um participante em resposta à postagem “*Encerramento do Pan*” (29/07/2007):

E se a previsão foi extrapolada? Qual o problema disso? Isso é sinônimo de que houve roubo? Isso é ilegal? Se tivesse custado 50 vezes mais, isso não teria importância, mas a informação que custou 8 vezes mais está errada. Uma das causas é a megalomania de Lulla em aumentar os números [...] isto não constitui (sic) crime, falta de ética, roubo nem nada que desabone o maravilhoso PAN que nossa Cidade organizou [...] os jogos foram um sucesso!

O que parece ter prevalecido no blog do Diário do Rio foram discursos de forte conteúdo localista, na linha de adesão quase irrestrita ao governo da Prefeitura da cidade do Rio, que encontraram eco nos comentários do público participante, com extrema similaridade ao discurso pró-Pan divulgado pelos autores do blog.

Blog do Galvão Bueno

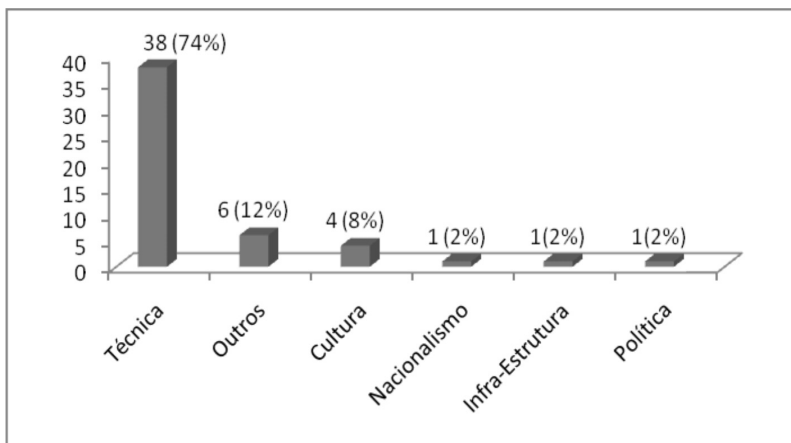
O Blog do Galvão Bueno tem uma aparência diferente da maioria dos blogs da internet. Possui o que a própria rede em que trabalha convencionou chamar “Padrão Globo de Qualidade”. Em sua parte superior aparece o slogan do Pan-americano, junto ao nome do jornalista. Neste blog estão postadas algumas imagens do jornalista sorrindo para seus “telespectadores” e trabalhando nas narrações esportivas. No restante da página existem postagens que veiculam imagens dos atletas durante as competições.

Há uma descrição do perfil do jornalista, em que são destacados seus 30 anos de carreira, sua primeira transmissão esportiva e sua estréia na Rede Globo, dando ênfase na sua participação em algumas importantes conquistas do Brasil, como as Copas do Mundo de 1994 e 2002, bem como o tri-campeonato mundial de Ayrton Senna.

O blog vinculado à rede Globo contou com 51 postagens, no período de 11/07//2007 a 27/07//2007. O fato curioso neste blog dedicado ao Pan-americano são as postagens que dizem respeito ao mundial de Fórmula-1, Copa América de Futebol, Liga Mundial de Vôlei masculino e outros acontecimentos paralelos ao Pan. Pode-se entender que o blog, apesar de ancorado no evento principal do calendário esportivo brasileiro do ano, pretendia aproveitá-lo para estabelecer vínculos deste com os demais acontecimentos esportivos que a Rede Globo transmitia concomitantemente aos jogos.

Nas 51 postagens analisadas, a categoria que mais se destacou foi Técnica, com 74% de frequência percentual, seguida pelas categorias Outros (12%) e Cultura (8%). As categorias Nacionalismo, Infraestrutura e Política tiveram menos destaque no blog, aparecendo com apenas 2% de frequência percentual cada.

Gráfico 4 – Frequência das notícias postadas no Blog do Galvão Bueno durante os jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007.



Entre as principais características do blog, pode-se destacar que as postagens tentaram reproduzir a linguagem oral característica do locutor e comentarista Galvão Bueno na cobertura de eventos esportivos na televisão. As mensagens estão carregadas de emoção, como se reproduzissem a narração de um evento televisivo. Expressões típicas do locutor como “Bem, amigos...”, “haja coração”, entre outras, apareciam com frequência.

Em relação às postagens, constatou-se que a categoria Técnica reproduziu, em certa medida, o perfil editorial do jornalismo esportivo da empresa à qual o blog é filiado. É importante destacar que as postagens referentes a tal categoria, em sua maioria, veiculam implicitamente a idéia de nacionalismo. Geralmente estas aparecem numa mesma postagem, em que eram enaltecidas as características da cidade do Rio de Janeiro, da organização do evento ou qualidades da nação brasileira e seus atletas com ufanismo e identificação com a nação. Num segundo momento, era dada ênfase aos resultados dos jogos, treinamentos, entre outras características da categoria.

Olá amigos bloqueiros! Apenas um dia nos separa da abertura oficial dos jogos Pan-americanos, aqui no Rio de Janeiro. Será realmente uma grande e belíssima cerimônia, onde os atletas se confraternizarão com o público, entre si e com a “Cidade Maravilhosa”. [...] Hoje as meninas do Brasil começaram muito bem sua disputa no futebol feminino: 4 a 0 nas uruguaias... (postagem “*Começamos Bem!*”, 13/07/2007)

Outro motivo para esta categoria (nacionalismo) aparecer ainda que subliminarmente muitas vezes foi quando dos lamentos pelos resultados de insucesso, conforme sugere a postagem intitulada “*Ginástica passa perto do bronze!*” (16/07/2007): “Para as brasileiras o dia nas disputas de Ginástica Artística foi dramático. Jade Silva tinha a vitória nas mãos e deixou escorregar, literalmente”.

Grande parte das postagens não recebeu comentários, porém quando elas (as postagens) se referiam a conquistas de medalhas, resultados expressivos e abertura dos jogos, notava-se maior participação nos comentários. A postagem que obteve a maior participação de bloqueiros e que, conseqüentemente, recebeu maior número de comentários, tratou da conquista de uma vaga na final do voleibol feminino (36 comentários).

Blog do Mosiah

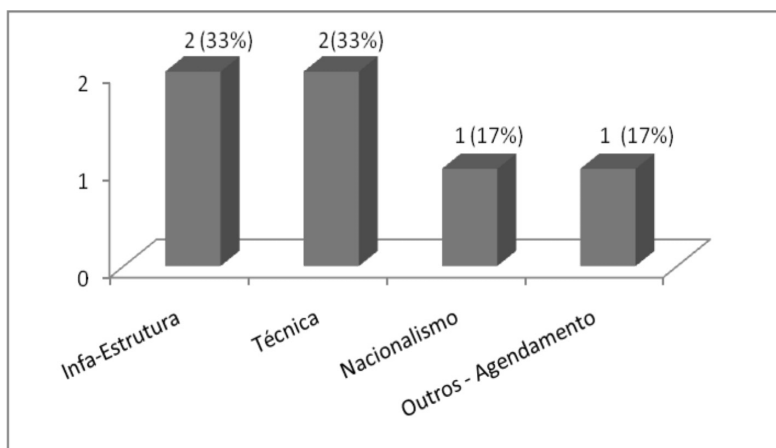
Em seu blog, o atleta de ginástica artística comenta sobre seus treinamentos e competições das quais participa ou participará. Agradece aos seus fãs pelo apoio e sempre se justifica aos leitores quanto à falta de postagens com mais regularidade devido à sua agenda de treinos intensivos e competições contínuas.

As postagens sempre ressaltam seus treinamentos, seus familiares, e o agradecimento aos fãs pela boa receptividade e reconhecimento aos seus esforços. O atleta geralmente insere fotos dos locais em que esteve – como nos ginásios e demais dependências dos jogos –, sendo algumas delas relacionadas a participações suas em eventos, por exemplo.

Predominam as postagens do autor que se encaixam nas categorias Técnica e Infraestrutura, com 33,33% do total das categorias, cada uma. Como exemplo, podemos citar a sua descrição sobre o local onde foram realizadas as provas de Ginástica Artística, modalidade a qual participaria:

Fui no Ginásio onde vamos competir...é muito bom! Não tem nada parecido no país. A infra-estrutura é muito parecida com a de um ginásio que competi na França este ano. São 12 mil lugares para os espectadores!! Normalmente, os treinos são feitos em locais menores, mas vamos treinar lá até o dia de início do Pan. (postagem sem título - 06/07/2007).

Gráfico 5 – Frequência das notícias postadas no Blog do Mosiah durante os jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007.



Foi verificada a recorrência também à categoria Nacionalismo, como no dia 24/07/2007, quando o autor narra a conquista de sua medalha nos jogos, num forte teor ufanista:

A sensação de subir no pódio e ver a bandeira do Brasil é algo inexplicável. Dá uma emoção muito forte, pensei nos momentos de treinamento e em pedaços da competição. Com certeza, essa será a imagem que vou levar deste Pan comigo.

Destaca-se a recepção dos leitores do blog nos dias 13 e 17 do mês de julho, com 17 e 48 respostas de postagens destes no total, respectivamente. Esses dias compreendem o período anterior a sua participação nos jogos, quando ocorre grande incentivo de seus torcedores, e posterior a sua vitória na competição, com palavras de reconhecimento ao esforço do atleta e homenagens dos torcedores pelo seu bom desempenho.

Blog A Verdade Do Pan 2007

Definindo-se como “um documento histórico e jornalístico do Evento Pan 2007, que mostrará sua real significação”, o blog intitulado “A verdade do Pan 2007” foi uma iniciativa não se sabe se pessoal ou de algum grupo ou associação, cujo titular era um internauta que se apresentava pelo pseudônimo de Diana (em algum momento no decorrer do evento o autor passou a denominar-se Isaac). Este blog surgiu na internet aproximadamente dois anos antes do acontecimento do evento (2005), propondo-se a monitorar diferentes notícias sobre os jogos, especialmente informações críticas e de pouca circulação na imprensa de massa. Deste modo, compôs uma espécie de observatório alternativo sobre as críticas, suspeitas e limites do evento que circulavam na imprensa brasileira e que praticamente não ocupavam as pautas dos grandes telejornais do país, nem dos veículos institucionais - quase sempre focados em apresentar o caráter rentável e os supostos benefícios do Pan, em clara determinação propagandista.

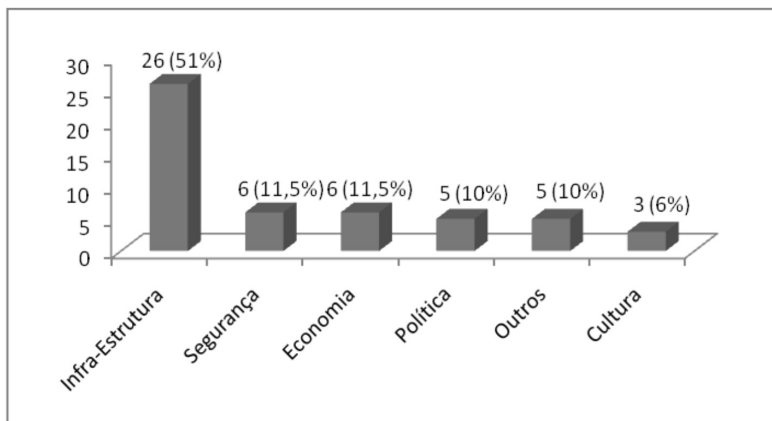
O blog se tornou mais popular na rede após ser citado por jornalistas esportivos de renome como José Trajano e Juca Kfourir, e apresentava quase diariamente um *clipping* de matérias de diferentes fontes (mídia impressa, internet e até televisão) com denúncias e advertências sobre a preparação, a realização e o chamado “legado” do Pan-americano de 2007. No ano de realização dos jogos, o número de comentários no blog aumentou consideravelmente e as postagens tornaram-se frequentes, com ao menos três notícias novas por dia. Somente na primeira semana de julho de 2007, o blog já contava com frequência diária de 8,5 postagens e 26,3 comentários.

Os números indicam que “A verdade do Pan 2007” foi o blog mais informativo e com maior número de participação do público durante o período de realização dos jogos. Esses números tornam-se surpreendentes, considerando que não se tratava de um blog institucional, de nenhuma personalidade do universo midiático ou esportivo.

Apesar de todo sucesso, alguns dias após o encerramento dos jogos, todo o conteúdo do blog foi misteriosamente retirado do ar. Não se sabe o motivo do sumiço, ainda que o mais comentado entre jornalistas mais críticos era o de que se tratava de alguma censura à livre expressão. Especulou-se que o desaparecimento do blog estaria vinculado à existência de uma queixa de calúnia, injúria e difamação impetrada pelo presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, contra a autora do blog. Segundo o “Blog da União dos Torcedores Brasileiros”⁸, o processo estaria sendo investigado pela Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática do Rio de Janeiro e a suspeita era de censura. O caso continua sem qualquer explicação.

Devido a este fato, somente foi possível coletar dados do blog veiculados entre os dias 01/07/2007 e 06/07/2007, ou seja, na semana que precedia a abertura do evento. Os demais dados foram retirados do ar antes de serem salvos pelos pesquisadores. Mesmo assim, “A verdade do Pan 2007” revelou particularidade que se contrasta com os demais blogs analisados pelo estudo.

Gráfico 6 – Frequência das notícias postadas no blog A verdade do Pan .2007 durante os jogos Pan-americanos do Rio de Janeiro 2007.



⁸ Ver [HTTP://torcedoresbrasil.blogspot.com/2007/08/ateno-blog-verdade-do-pan-2007-est-fora.html](http://torcedoresbrasil.blogspot.com/2007/08/ateno-blog-verdade-do-pan-2007-est-fora.html)

A categoria com maior frequência percentual no blog, tal como em outros (Lance!net, Diário do Rio, Mosiah), foi Infraestrutura, com 51%. Uma característica diferenciadora dessa categoria em “A verdade do Pan 2007” residia em seu viés crítico, propondo-se a apontar os limites, atrasos e ilegalidades nas obras, denúncias quanto à organização e segurança do evento, entre outros. Já os demais blogs analisados associavam tal questão aos supostos benefícios do Pan para a cidade do Rio de Janeiro (o chamado legado dos jogos), ou mesmo à capacidade tecnológica e logística do país para receber o evento esportivo.

Quase cinco anos após terem vibrado com a escolha da cidade para sediar os Jogos, as autoridades ainda festejam o investimento, mas escondem debaixo do tapete o mais importante: em vez de menos poluição e engarrafamentos, o bairro terá justamente o contrário. Tudo devido às faixas seletivas que darão trânsito livre às delegações, mas espremerão ainda mais os carros dos cariocas. Além do estresse de gastar mais horas entre a casa e o trabalho, virão juntos no pacote do Pan o aumento da poluição do ar, causadora de doenças respiratórias, e o despejo de esgoto. Expansão do metrô, saneamento e urbanização de favelas no entorno da Vila e do Autódromo, só nas promessas de suas excelências. (postagem “Oportunidade jogada no lixo”, 05/07/2007).

As demais categorias presentes tiveram paridade de frequência percentual, revelando que os demais conteúdos apresentados tiveram espaço relativamente igualitário na pauta do veículo. Entre esses, pode-se destacar Política, Economia e Segurança, que foram menos frequentes nos demais blogs ou mesmo sequer apareciam.

Quanto à Segurança (6% de frequência), o blog apresentava críticas ao esquema de segurança montado para o Pan ou, ainda, notícias sobre a repercussão (negativa) da segurança da cidade do Rio de Janeiro durante os jogos. Um exemplo pôde ser observado na postagem intitulada “*Inacreditável! São sempre os mesmos*” (05/07/2007), que versava sobre uma licitação que impedia a realização do evento em defesa do meio ambiente *Live Earth* na cidade do Rio por falta de policiamento, uma

vez que o Estado já havia destinado boa parte do contingente estadual de segurança pública para o Pan.

Foi encontrada também uma nota polêmica sobre a segurança das informações veiculadas sobre/durante o evento pelos atletas, que deveriam ser vigiados e punidos caso violassem ou infringissem. A postagem “Ditadura escancarada” (06/07/2007) apresentou uma notícia do jornal do Estado de São Paulo que apresentava a decisão do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) de expulsar do Pan quem criticasse o evento ou as organizações esportivas (tais como federações, ou mesmo o próprio COB) publicamente. Vale dizer que, para tal, os atletas foram alertados sobre cuidados a serem tomados quanto à produção e veiculação de conteúdos sobre o evento em blogs. A decisão do órgão instituiu um clima de censura à produção de blogs por atletas brasileiros durante o evento.

Sobre Política (5% de frequência), não se restringiu a notificar a presença de personalidades do cenário político do país no evento, conforme a postura dos demais blogs. Havia principalmente registros da guerra particular travada entre governo estadual e municipal do Rio a respeito de orçamentos (alguns supostamente desviados) e das obrigações políticas de cada um dos poderes em relação à organização do evento.

Outra questão importante foi sobre a intervenção de política educacional instituída por uma ONG carioca durante o Pan, com jovens carentes do Rio, na perspectiva da Mídia-Educação.

Um grupo de jovens moradores de comunidades carentes do Rio de Janeiro promete trazer um novo olhar para a cobertura jornalística dos Jogos Pan-americanos 2007. Serão jovens que vivenciam no dia-a-dia histórias de violência e de negação à cidadania, e eles vão ter um contato mais direto com as comunidades em que vivem, vão mostrar como essas comunidades estão vendo o Pan. Vão participar, também, das atividades e dos jogos do Pan. [...] Os adolescentes também participarão de cursos sobre comunicação e, depois, poderão escolher se querem trabalhar com rádio, vídeo, texto ou fotografia durante os jogos. (postagem “Um olhar diferente sobre o Pan 2007”, 03/07/2007)

Os conteúdos sobre Economia também apresentaram um teor mais analítico, não se atendo apenas à apresentação das cifras empregadas nos jogos, entre outros. Tratou de analisar o impacto econômico do Pan para a cidade do Rio de Janeiro, revelando incoerências, debilidades ou fragilidades nas perspectivas apontadas para os investimentos, assim como os supostos retornos financeiros ligados ao Pan. Um exemplo pôde ser observado na postagem intitulada “Só isso” (06/07/2007), que apontava as expectativas de especialistas para um crescimento na rede hoteleira do Rio de Janeiro de cerca de 20% nos cinco anos após o evento, seguido do seguinte comentário da autora do blog: “Quer dizer que vendemos a cidade por míseros 20% a mais de visitantes?”. A postagem foi seguida de cinco comentários, quatro deles corroborando com a questão suscitada pela autora e trazendo novos dados que punham em dúvida se tal aumento seria realmente alcançado.

Outra característica relevante de “A verdade do Pan 2007” é que as categorias Técnica e Nacionalismo, presentes em outros blogs, não foram identificadas no período de análise, o que evidencia uma possibilidade pouco presente nos veículos de notícias sobre esporte, ou seja, a ocorrência de um jornalismo esportivo com enunciados que vão além da falação esportiva, da reducionista, caricata e repetitiva fórmula da apresentação exclusiva de resultados de jogos, ou da ênfase na vida íntima de “personalidades” do mundo dos esportes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados e reflexões apresentadas, destacamos agora alguns aspectos a serem comentados. Os blogs de jornalistas e/ou de órgãos de imprensa podem ser identificados como uma forma de extensão sintetizada ou complemento dos conteúdos produzidos pelas mídias mais tradicionais (televisão, jornais, revistas...). Já os blogs dos atletas seriam uma espécie de diário de impressões pessoais; por fim, o *A Verdade do Pan 2007* continha comentários mais densos e questionadores. Isso demonstra que, do ponto de vista dos meios de comunicação, apesar das possibilidades de transformação da informação num espaço mais democrático, a lógica mercadológica ainda prevalece. Isso atesta que apesar da liberação concreta do pólo emissor, a produção de conteúdo e as relações comunicacionais ainda obedecem à lógica midiática tradicional, inclusive na postagem de comentários dos leitores.

Outro aspecto que reforça a noção de acomodação da audiência é o predomínio das categorias infraestrutura e técnica na centralidade temática

dos blogs ligados a veículos da mídia tradicional, além da quase ausência de discussões e reflexões aprofundadas, tanto nas postagens quanto nos comentários.

Conforme foi descrito, os conteúdos publicados estão sujeitos a comentários, e isso abre a possibilidade de continuidade do diálogo, que configura a construção coletiva do conteúdo. Contudo nem sempre isso ocorre, ou encontram-se comentários que apenas reafirmam o que foi dito, ou parabenizam o autor da postagem, enfim contribuições vazias que não complementam a postagem. Uma das possíveis explicações para esse fenômeno pode ser o condicionamento do usuário na condição de receptor passivo, que ainda não está adaptado a essa nova realidade/possibilidade representada pelos blogs. É exatamente aqui que a importância do trato pedagógico da mídia se revela e se amplia. Se antes o papel da mídia-educação era mais centrado no ensinar e contribuir com a formação de olhares críticos em relação ao que é produzido por alguns emissores, agora a responsabilidade se alarga em direção à formação crítica e ética de emissores em potencial que podem manifestar suas opiniões e dividir seus conhecimentos em busca do esclarecimento através da produção coletiva da informação.

A existência do Blog *A Verdade do Pan 2007* pode ser compreendida como a materialização da possibilidade transformadora desse instrumento, e exemplo desse caminho que se percebe com possibilidade de transformação das relações midiáticas, sendo exatamente isso que pode e deve ser explorado em intervenções pedagógicas num contexto produtivo. Por exemplo, a criação de um Blog pode ser associada às pesquisas e questionamentos levantados por alunos e professores de determinada disciplina, seguida por procedimentos especulativos na rede sobre determinada problematização ou temática abordada em aula, como no caso da pesquisa de Bianchi (2009).

Contudo, se os blogs permitem a produção independente de informação, desatrelada de dispositivos de poder, as velhas formas de controle também já podem ser observadas. O blog *A Verdade do Pan*, por exemplo, saiu de circulação do dia para a noite, sem qualquer justificativa a posteriori. Só restaram inferências sobre censura ou patrulhamento ideológico. Apesar da obscuridade desse fato, fica registrada a urgência da sociedade em se apropriar dessa ferramenta de forma crítica, para garantir e usufruir das possibilidades democráticas ofertadas pelo mundo digital.

Também se observou que o blog muitas vezes serve como extensão de colaboradores ou editorias específicas de determinados veículos de comunicação tradicionais. Será que isso ocorre apenas por uma questão de demarcação territorial no espaço virtual, já que se tem a impressão de que os conteúdos são criados para outros meios, principalmente a televisão?

Outra questão relevante que merece mais atenção em futuros trabalhos diz respeito à opção que se tem de controlar os comentários, numa espécie de polícia do pensamento, em que o administrador pode ocultar ou manipular uma discussão de acordo com seus interesses, como em qualquer outro processo de produção e veiculação de conhecimento e informação.

Por fim, resta ao contexto pedagógico vislumbrar o blog como ferramenta significativa no trato da mídia esportiva em aulas de Educação Física, considerando todos os limites e dificuldades inerentes a essa proposta. Estimular não apenas a reflexão e o estudo das mídias digitais, assim como a experiência de criar, modificar, contribuir... Enfim, produzir e socializar conhecimentos, significados e informações relativos à cultura de movimento, em busca da constituição de uma prática educativa que se materialize no cotidiano, supere os muros das escolas, amplie os diálogos e desencadeie efetivamente uma transformação das relações midiáticas a partir dessa revolução da tecnologia da informação.

REFERENCIAS

ALDÉ, A.; CHAGAS, Viktor. **Blog de política e identidade jornalística (transformações na autoridade cognitiva e na relação entre jornal e leitor)**. *Pauta Geral*, v. 12, n. 7, p. 17-25. Salvador: 2005.

ARAUJO, A. V. A notícias que é notícia: o blog jornalístico. **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas**, v. 1. São Paulo/SP: 2004.

BARBOSA, E.; GRANADO, A. **Weblogs: diários de bordo**. Porto: Porto Editora, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIANCHI, P. **Formação continuada em mídia-educação (física): ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/Santa Catarina**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2009.

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

GOMES, Wilson. **Opinião pública na internet**. Universidade de Brasília, 2001. Disponível em: <www.unb.br/fac/comunicacaoepolitica/2001.html>.

GUIMARÃES Jr., Mário J.L. **Vivendo no Palace: etnografia de um ambiente de sociabilidade no ciberespaço**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2000.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

LEMOS, André. **Cibercidade. As cidades na cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora e-papers, 2004.

_____. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.). **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições GJOL/Calandra, 2003.

MÁXIMO, Maria Elisa. **Blogs: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas**, Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFSC. Florianópolis: 2006. Disponível em <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PASO0197-T.pdf>>. Acesso 14 novembro 2008.

MÜLLER, Uwe. Esporte e mídia: um pequeno esboço. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 17, n. 3, p. 212-219, maio/1996.

PEREIRA, Rogério Santos. **Avatares no Second Life: corpo e movimento na constituição da noção de pessoa on-line**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2009.

PEREIRA, Rogério. Santos. Cibercultura esportiva: o esporte sob a influência dos blogs. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, **Anais...** Santa Maria/RS: 2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

PIRES, Giovani De Lorenzi; GONÇALVES, Aguinaldo. Cultura esportiva e mídia: abordagem crítico-emancipatória a partir da Educação Física. Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12, **Anais....** Caxambu, 2001.

SCHITTINE. Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

PARTE II



O PAN/RIO – 2007 NA PERSPECTIVA DA MÍDIA IMPRESSA MINEIRA¹

*Scheila Espindola Antunes
Ângelo Máximo da Silva²
Luana Aparecida Ferreira Nunes²
Valquíria da Cruz Moreira²*

Algumas considerações iniciais sobre o estudo realizado

Uma questão que interpela o mundo em rede, hoje constituído pela globalização econômica e massificação cultural, é o confronto entre os elementos que caracterizam o local e o global. As novas tecnologias de informação têm promovido uma espécie de compressão do espaço e do tempo dos diversos acontecimentos cotidianos, transmitindo a sensação de vivermos numa única realidade espaço-temporal. Nessa perspectiva, os símbolos culturais locais passam a cumprir, além da função de identificação local-regional, a função de elemento significador para a socialização de acontecimentos globais. Essa afirmação reside sob o entendimento de que no campo da cultura há possibilidades de coexistência do global e do local, a partir de relações dialeticamente estabelecidas e reforçadas por identidades híbridas, cosmopolita e local, construídas á base das relações sociais, políticas, culturais e econômicas presentes nas sociedades modernas (HELAL, 2001).

No que diz respeito à esfera esportiva, observa-se que essa coexistência do local e do global movimenta transformações que interferem, direta ou indiretamente, no conceito de esporte e de prática esportiva que circula pelo imaginário coletivo socialmente partilhado dentro e fora das instituições de ensino (PIRES *et al.*, 2006). Ou seja, as tecnologias de informação e comunicação modernas, em especial as mídias eletrônica e imprensa, têm agregado novos valores sócio-culturais ao esporte moderno gerando transformações significativas nos processos de apreensão dos sujeitos sobre o que representa o esporte nas sociedades contemporâneas.

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, realizado em Uberlândia/MG, em setembro de 2008.

² Pesquisadores colaboradores; acadêmicos do Curso de Educação Física da Faculdade do Futuro, Manhuaçu/MG.

Em suma, independente da forma como o esporte for trabalhado dentro das aulas de educação física, não se consegue mais fugir às transformações sofridas pelo esporte por conta de suas relações com a indústria midiática. Inserida no cotidiano das pessoas influenciando, em maior ou menor grau, hábitos, comportamentos, consumos e práticas das pessoas, inclusive os sujeitos em fase escolar (ANTUNES, 2007).

Tais reflexões são cruciais aos âmbitos sociais, especialmente o escolar, onde a comunicação local é determinante, porque envolve possibilidades subjetivas de percepção, identificação e formulação de significados a respeito das informações veiculadas em escala global. Disso dependem os padrões de consumo dos produtos culturais mundializados, que são oferecidos como mercadorias (BELLONI, 2001). Eventos esportivos tais como, Jogos Olímpicos, são produzidos e disponibilizados pelas mídias em esfera global, porém, são passíveis de direcionamento ao consumo local. Em 2004, por exemplo, nos Jogos de Atenas, segundo Bittencourt (2004), 15 mil jornalistas de todo o mundo levaram o evento global ao seu público local, utilizando-se de símbolos culturais identificáveis pelas populações locais. Foram utilizados elementos da cultura local, identificados a partir da referência feita aos atletas regionais/locais participantes no evento. Esses atletas funcionaram como elementos divulgadores do evento e das mídias que o cobriram no sentido de aproximar o público-alvo (local), consumidor do veículo (local), ao evento (global).

Com base nessas argumentações reflexivas, realizou-se uma pesquisa de cunho descritivo-interpretativa, com abordagem quantitativa-qualitativa, para conhecer e analisar o discurso midiático empregado pelo jornal '*Estado de Minas*', um dos principais veículos da mídia impressa do estado de Minas Gerais, para divulgar a participação de atletas "locais" nos Jogos Pan Americanos/Rio-2007.

A coleta de dados foi realizada a partir da leitura e fichamento técnico das matérias esportivas do caderno de esporte, do referido jornal, no período de 1º a 31 de julho/2007. Período que compreendeu preparação, realização e avaliação dos Jogos Pan-Americanos/Rio 2007.

Além do registro dos dados em ficha técnica, referente às matérias analisadas, foi empregado ranqueamento estatístico dos atletas mineiros conforme o número de matérias sobre os mesmos, mensuração (em cm²) do espaço ocupado por matéria textual e imagética (foto) e análise de conteúdo das matérias.

Vale ressaltar que, essa pesquisa além de ter sido realizada em caráter local/regional (estado de Minas Gerais) aliou-se ao âmbito global, integrando-se à pesquisa idealizada e desenvolvida pelo Grupo de Estudos

*Observatório da Mídia Esportiva*³, que teve por objetivos conhecer e analisar os discursos midiáticos empregados em diferentes meios de comunicação de massa nas cinco regiões brasileiras, cada uma delas representadas por um estado, a saber: Sul (SC), Nordeste (SE), Centro-Oeste (MS), Norte (AM) e Sudeste (MG).

Os dados coletados, quando submetidos ao processo de análise de conteúdo, foram adequados às categorias de análise, pré-estabelecidas, segundo estudo similar realizado pelo Observatório da Mídia Esportiva⁴.

As categorias de análise utilizadas para o estudo foram:

Referência ao Local: reportagens com ênfase no fato dos atletas serem "mineiros" ou reconhecidos como representantes de Minas Gerais, tendo assim uma relação de identidade com o povo "local/mineiro".

Expectativas e Realismo: conjunto de informações e registros que geram expectativas otimistas quanto ao desempenho dos atletas mineiros em períodos que antecedem a participação dos mesmos nas provas esportivas junto a colocações mais modestas, que oscilam entre uma esperança, anterior às provas e condições reais de disputa e êxito.

Preparação: reportagens que se referem ao treinamento físico, técnico, tático ou psicológico; rotinas e rituais; cientificidade competição-treino entre outras.

Retrospecto: reportagens que se referem às conquistas e derrotas anteriores ao Pan/2007, posições no ranking nacional e mundial, parte da história do atleta em sua modalidade, apreciação ao esporte praticado, iniciação no mesmo, atividades e atitudes necessárias para se manter treinando na modalidade, clubes que representados, etc.

Ineditismo Feminino: registros que destacam o fato de Minas Gerais ter pela primeira vez atletas do naipe feminino em alguma modalidade dos jogos.

Avaliando a Participação: reportagens que tentam justificar derrotas, referem ao consolo, participações honrosas, decepções e eliminações.

Presente Perpétuo: reportagens que estipulam metas a médio e longo prazo para os atletas mineiros, projetando outros eventos como os Jogos Olímpicos/2008, por exemplo.

³ Grupo de Estudos do LABOMÍDIA/NEPEF/CDS/UFSC, sob coordenação do Prof. Dr. Giovanni De Lorenzi Pires.

⁴ Pesquisa do Observatório da Mídia Esportiva sobre a cobertura catarinense dos Jogos Olímpicos de Atenas/2004. Os resultados da pesquisa podem ser encontrados nos anais do II Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte do CBCE de setembro/2005.

Avaliando o evento e suas instalações: matérias sobre os mineiros e dificuldades encontradas durante a competição por conta das instalações/infra-estruturas.

Dramas pré-competição: matérias que apontam dificuldade de alguns atletas em garantir participação no evento por conta de contratemplos com o Comitê dos Jogos e/ou com as respectivas confederações, moção de ações judiciais, etc.

Ineditismo Brasileiro: conquistas inéditas no cenário esportivo brasileiro e/ou inéditas no cenário pan-americano em relação aos atletas brasileiros.

Pela inviabilidade espacial deste artigo em disponibilizarmos toda riqueza de dados obtidos com o estudo realizado, optamos por apresentar dois momentos específicos da pesquisa, aos quais atribuímos relevância significativa às reflexões pretendidas nesse momento. Dessa forma, descreveremos momentos iniciais da cobertura do jornal *Estado de Minas (EM)* dando destaque ao caderno especial editado para o Pan/Rio – 2007 e a apresentação dos dados analisados quantitativa e qualitativamente.

Conhecendo parte da cobertura do Pan/2007 na perspectiva do “Estado e Minas”

A partir das nossas análises, apresentamos os dados obtidos com o estudo e suas respectivas descrições e interpretações.

No período de 1º a 09/07/2007, os cadernos de esportes trouxeram notícias sobre futebol, as quais ocuparam o maior espaço no caderno, inclusive as chamadas e matérias de capa. No entanto, durante esse período, há pelo menos uma nota e uma matéria sobre o Pan/2007.

As notas e reportagens versam sobre disponibilidade ou falta de ingressos para o evento, modalidades e etapas mais procuradas e informações sobre atletas em preparação para o Pan/2007, em evidência as seleções feminina e masculina de voleibol. O foco de atenção desse período para infra-estrutura dos Jogos que enfrentava problemas em suas finalizações.

De 08/07/2007 a 12/07/2007 na capa do caderno de esportes, localizada no canto inferior direito da página, foi inserida uma foto de uma bandeira verde apresentando, no centro dela, a contagem regressiva para o início dos jogos em letras amarelas e, acompanhada da logomarca do jornal com frase: “Cobertura Especial PAN 2007”.

A partir do dia 10/07/2007, matérias sobre o Pan começam a ocupar mais espaço no caderno, o foco de atenção é reordenado e o futebol vai perdendo, gradativamente, sua condição hegemônica quanto á ocupação

de espaço nessa editoria. As matérias sobre o Pan começam a aparecer a partir da página central até a penúltima página do caderno, com fotos em preto e branco e matérias em segundo plano.

No dia 11/07/2007, além do caderno habitual de esportes acompanha o jornal um caderno especial para o PAN/2007. A capa desse caderno traz a logo do Pan/RIO 2007, com fotos de Daiane dos Santos, Thiago Pereira, Ricardinho do vôlei e Juliana Veloso. As fotos desses atletas em suas respectivas modalidades estão dispostas sobre o 'pano de fundo' que é a logomarca criada para a edição de 2007 do Pan. Tudo em cores e no canto inferior direito da página há uma nota sobre a expectativa pela abertura oficial dos jogos, acompanhada da informação de que essa edição do evento acontece 44 anos após São Paulo ter servido de sede para o mesmo evento esportivo. Ainda nesse espaço a editoria anuncia que o Jornal *EM* oferece esse Guia Especial sobre o Pan/2007 para melhor informar o leitor sobre as modalidades esportivas do evento, suas respectivas instalações e mineiros que devem ser destaque em suas modalidades.

Nesse caderno encontramos a organização das matérias que serviram para informar os leitores sobre modalidades, atletas e demais informações pertinentes e necessárias ao entendimento dos procedimentos e desenvolvimento do evento.

Da página 02 à página 05, em ordem cada uma dessas páginas recebeu um subtítulo: "*Vai Rolar a Festa*" (p:02), "*Quase tudo pronto*" (p:03), "*Memória*" (p:04) e "*Delegação Brasileira*" (p:05). Nesses respectivos espaços as matérias apresentaram os principais investimentos empregados na construção e restauração da infra-estrutura organizada para abrigar o evento, expectativas para a abertura oficial e um breve resgate histórico sobre as edições anteriores dos Jogos (retrospecto de 1951 à 2007) apresentando selos comemorativos de cada edição e países sede. Tudo em cores.

A página 05 apresenta um breve resgate histórico sobre atletas brasileiros que foram destaque em edições anteriores do Pan: João do Pulo e Adhemar Ferreira da Silva (salto triplo), Néelson Pessoa (hipismo), Fernando Meligeni (tênis), Bernard Rajzman (Vôlei), Vanderlei Cordeiro de Lima (atletismo), Oscar Schmidt, Hortência e Paula (basquete). Esses atletas, no título da matéria, foram chamados de *heróis verde-amarelos*. Acompanham a matéria fotos em preto e branco, com os textos em segundo plano.

Ainda na página 05, estão listados todos os atletas brasileiros participantes da edição 2007 dos Jogos, com informações sobre a modalidade que disputam e estado que representam. A matéria recebe um destaque: "*Recorde Histórico*" em função do número de atletas brasileiros participantes no evento.

No decorrer do caderno também foram disponibilizadas informações sobre o cronograma das atividades do evento trazendo data, modalidade, disciplina e local de todas as etapas das provas. Junto á essas informações há destaque para a programação televisiva das emissoras Rede Globo, Record, Bandeirantes, Bandsports, Sport TV e ESPN Brasil.

Na página 08 encontramos uma estratégia midiática de interatividade com o leitor, a partir do “QUIZZ: O que você sabe sobre os Jogos Pan-Americanos?”. Um teste de conhecimentos para o leitor aplicar seus conhecimentos sobre o Pan. O jogo vem estruturado com 20 perguntas sobre o evento com questões de múltipla escolha e as respostas estão em rodapé na posição invertida.

Na página 09 apresentou-se a “*Cidade do Esporte*”. Em meio ao mapa das instalações do Pan/2007, informações sobre hospedagem, transporte aéreo e terrestre até o Rio com seus respectivos valores (avaliando o percurso BH-RJ) junto a informações sobre o custo das instalações para os jogos. A matéria ainda especula o número de pagantes esperados para as Edições de 2007 do Pan e Para-Pan.

Nas páginas 10 e 11 “*Templos do Esporte*”, desenhos coloridos do Maracanãzinho, do Complexo Esportivo do Autódromo, do Parque Aquático Maria Lenk, da Cidade do Rock, do Clube Marapendi, da Arena Multiuso, do Complexo Riocentro, do Complexo Esportivo de Deodoro e do Gigantinho. Há informações sobre o material utilizado na construção e restauração desses locais.

Na página 12 “*Novos Esportes*” são apresentadas informações sobre os novos esportes inseridos na edição de 2007: futsal, BMX (antigo bicicross) e maratona aquática, trazendo sucintas informações sobre essas modalidades.

A partir da página 13 foram apresentadas modalidades esportivas que seriam disputadas no evento. Inicia-se com o “*Atletismo*” e informações sobre cada uma de suas provas, dando destaque ao maratonista Frank Caldeira (mineiro da cidade de Sete Lagoas) junto aos nomes de João do Pulo e Adhemar Ferreira, referendando-os como destaques do atletismo brasileiro.

Sobre a “*Natação*” estão em destaque, com fotos coloridas, Gustavo Borges, Fernando Scherer, Maria Lenk, Djan Madruga e Tiago Pereira, com foto em destaque. Nesse espaço foram disponibilizadas informações sobre os quatro estilos de nado com desenhos coloridos da piscina e suas dimensões, viradas e posicionamento da arbitragem.

Sobre o “*Futebol*”, as informações ficaram restritas as dimensões do campo e da bola, posicionamento dos jogadores e esclarecimentos sobre

o impedimento. O destaque é para Renan Ribeiro (Paulista, goleiro do Atlético/MG), com foto preto e branco. Junto às informações vieram fotos de Taffarel e Carlos Alberto. Ao contrário das demais, a página está editada em preto e branco, inclusive fotos e desenhos.

No "*Judô*", o destaque foi para Luciano Ferreira, com foto preto e branco em primeiro plano acompanhada das fotos de Aurélio Miguel, Flávio Canto e Vânia Ishii. A matéria trouxe informações sobre a modalidade, surgimento e evolução, pontuação e algumas regras. Junto ao futebol, foram as únicas matérias editadas em sua totalidade em preto e branco.

No "*Tiro com Arco*", destaque para Leonardo Lacerda de Carvalho (Mineiro). Desenhos da área de competição e alvo, com suas respectivas dimensões, arco com a sinalização e nomenclatura de cada uma de suas partes, informações visuais e textuais sobre o posicionamento do corpo e a forma de segurar o arco para a realização das provas.

Sobre o "*Hipismo*", destaque, com foto colorida, para o mineiro Bernardo Cardoso Resende Alves. Informações sobre a prova, com desenhos coloridos dimensões e posicionamentos dos obstáculos. No canto inferior direito da página fotos, coloridas, de Néelson e Rodrigo Pessoa.

Página 19, "*Vôlei Feminino*" com destaque para a foto de Fabiana (Mineira), informações sobre a quadra de voleibol, a bola e principais fundamentos técnicos de jogo. Uma pequena nota sobre o líbero. No canto direito inferior as fotos de Fernanda Venturini e Marta Miraglia.

Para o "*Vôlei Masculino*" apresentação visual e textual do sistema de jogo 5-1. Em destaque, foto maior e colorida Anderson (Mineiro) e ao lado dela fotos, coloridas, dos "*Doze Homens de Ouro*" (caracterização empregada pelo jornal). Na lateral direita, da metade inferior da página um resgate histórico da "*Era Bernardinho*" com foto colorida dele ao final da coluna.

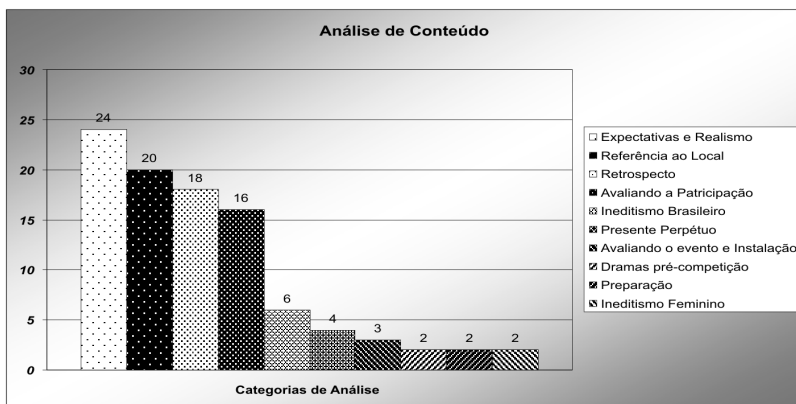
Levando em consideração a descrição parcial do caderno especial encontrado na edição de 11/07/2008 do *EM* é possível perceber que as reportagens trazem informações básicas e diversificadas sobre as modalidades apresentadas. As matérias desse caderno especial demonstraram a preocupação do jornal em disponibilizar aos seus leitores uma espécie de pacote de informações que os instrumentaliza a um melhor entendimento das modalidades do Pan.

Sobre esse aspecto, subentende-se que tal estratégia pode gerar no receptor, consumidor do jornal, o desejo em consumir o evento a partir do momento em que ele se sente preparado para compreender as diferentes situações que poderão se apresentar no decorrer das disputas nas modalidades. Uma vez que, muitas delas não possuem visibilidade midiática, exceto em casos de grandes eventos esportivos onde há a

divulgação massificada das mesmas. Consideramos, assim, o fato de que a partir do momento em que um novo elemento é disponibilizado pelos meios de comunicação de massa às populações há a necessidade de se disponibilizar, junto a ele, informações básicas para que se garanta o consumo desse novo elemento com um mínimo de entendimento para aqueles que o consumirão.

Os atletas mineiros em foco...

Quanto às análises realizadas sobre os atletas mineiros julgamos necessário refletirmos sobre dois aspectos: a classificação de conteúdo das matérias sobre os atletas mineiros e o número de matérias sobre esses mesmos atletas. Para tanto, apresentamos o gráfico I: Categorias de Análise encontradas no período de estudo⁵.



Analisando os dados disponibilizados pelo gráfico acima, quanto às categorias de análise encontradas nas matérias jornalísticas coletadas no EM, fica evidente que a estratégia utilizada pelo jornal na divulgação dos atletas mineiros foi a tentativa de gerar expectativas em relação aos mesmos, a partir da exploração textual sobre esperanças de conquistas significativas para o cenário esportivo mineiro. Isso pode ter estimulado no leitor a curiosidade, oportunizando certo nível de fidelização com

⁵ O número em cima das torres deste gráfico representa a quantidade de matérias onde foram encontradas as referidas categorias. Vale ressaltar que, esses números não representam o total de matérias analisadas, pois várias delas puderam ser classificadas, pela riqueza de informações apresentadas, em mais de uma categoria de análise.

a cobertura oferecida pelo veículo midiático. Isso porque, as matérias classificadas nessa categoria trazem informações sobre medalhas já adquiridas pelos atletas, recordes obtidos, treinamentos realizados e outras formas de preparação para as provas a serem disputadas. Tudo com o intuito de justificar porque o atleta tem chance de obter bons resultados.

Na área da Comunicação Social, em especial, no jornalismo existe uma teoria chamada *Agenda-Setting* (WOLF, 2001) que aplica exatamente essa intenção utilizada pelo *EM*. Agendar expectativas no receptor/leitor para que ele se disponha a consumir a mídia em busca de informações que atendam suas necessidades de consumo em relação às expectativas geradas em torno do evento/acometimento que está sendo divulgado.

Segundo Mauro Wolf (2001), o agendamento ou *agenda-setting* permite que a mídia e suas diferentes formas de inserção social apresentem às pessoas elementos sobre os quais julgam existir a necessidade de se ter opinião e discutir sobre os mesmos. Os meios de comunicação não detêm o poder absoluto de dizer exatamente como as pessoas devem pensar sobre determinado assunto, mas, possuem uma espantosa capacidade para eleger temas sobre os quais as pessoas devem construir suas opiniões por meio das mensagens diárias veiculadas pelas mídias de massa.

Dado o número de vezes em que a categoria Referência ao Local apareceu, pôde-se constatar que a definição do atleta como um representante legal do estado de Minas Gerais foi outra estratégia muito utilizada pelo *EM*. Tal fato ficou evidente quando percebemos casos como o de Thiago Pereira, constantemente classificado como mineiro, representante do Estado pelo fato de ser atleta do Minas Tênis Clube de Belo Horizonte.

Nessa perspectiva, para caracterizá-lo como mineiro foi considerado seu local de treinamento. A partir disso, pôde-se agregar á sua imagem a responsabilidade de representar o estado de Minas Gerais como um atleta mineiro. No entanto, Thiago Pereira não é natural do estado de Minas Gerais, e sim do estado do Rio de Janeiro (Resende). Informação que provavelmente alguns leitores não tenham conhecimento ou simplesmente tenham relacionado o atleta ao clube, adotando a classificação veiculada massivamente pela mídia. Assim, assimilam o atleta ao estado de Minas e atribuem a ele a função de representante legítimo da identidade esportiva mineira.

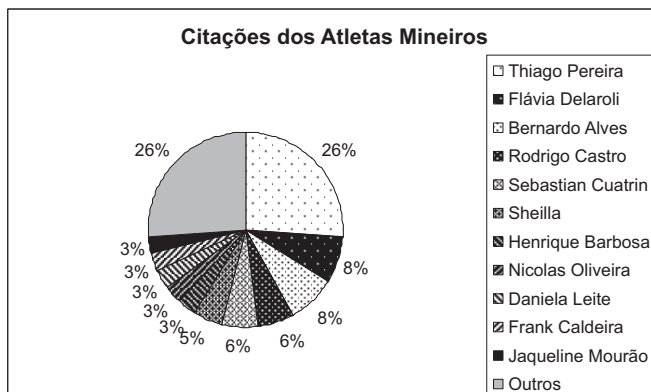
Durante as matérias sobre esse atleta, um dos brasileiros mais cotados para as provas de natação, não há utilização de frases como, 'o carioca Thiago Pereira é promessa na natação representando o estado de Minas Gerais', ou 'Thiago Pereira, o carioca que tem trazido grandes conquistas para o Minas Tênis Clube', etc. Isso porque não há interesse da mídia local

transmitir tais informações que relacionem o atleta á outras unidades federais que não a de Minas Gerais. Nesse sentido, tem-se a necessidade de classificar o atleta como local, como mineiro, mais uma tentativa de fidelizar o consumo por parte dos leitores mineiros pela identificação local.

A categoria Retrospecto foi utilizada para avaliar a participação dos atletas em edições anteriores dos Jogos, trazendo informações sobre índices olímpicos obtidos, performances individuais e serviu, ainda, de suporte para o agendamento de expectativas aos atletas em relação á participação na edição de 2007. Essa estratégia serviu unicamente para dar suporte ao processo de agendamento necessário para que a mídia criasse no leitor expectativas sobre atletas e possibilidades de vitórias. Para essa mesma função serviu a categoria Avaliando a Participação, pois os dados e informações utilizados na composição das matérias também são orientados pela teoria *agenda-setting* (WOLF, 2001).

Quanto ao número de inserção dos atletas mineiros nas matérias analisadas segue o gráfico que sinaliza o percentual de veiculação da imagem e informações sobre atletas identificados como mineiros. Foram registradas somente as matérias que versavam sobre mineiros participantes do Pan – Rio/2007, totalizando, durante o período de análise de 1º a 31 de julho/2007, 89 matérias.

Gráfico II: Quantificação das citações de atletas mineiros nas matérias analisadas.



Observa-se, conforme o gráfico, que o atleta ‘mineiro’ em evidência, durante o período de análise foi o nadador Tiago Pereira, ocupando mais de um quarto do total das matérias sobre os mineiros participantes na edição

2007 dos Jogos. A natação possui um período relativamente curto dentro do evento, porém a modalidade foi veiculada a partir de 23 inserções da imagem de Tiago Pereira num total de 89 matérias analisadas.

Tal fato evidencia a necessidade da mídia local em destacar Tiago Pereira como um atleta mineiro. Dado ao favoritismo nacional criado em torno da imagem desse atleta. Nesse sentido, a imprensa mineira buscou gerar no leitor mineiro uma identificação local com o atleta, utilizando elementos da identidade esportiva mineira (local) com intuito de garantir o consumo do produto esportivo disponibilizado no momento. Fazendo com que o leitor fosse despertado para interessar-se pela representatividade esportiva do estado de Minas Gerais em âmbitos nacionais possibilitados pela ascensão esportiva de Tiago Pereira no cenário nacional.

Já os demais atletas mineiros, com resultados satisfatórios dentro das reais possibilidades de suas respectivas modalidades, tiveram pouco espaço de ocupação no jornal analisado. Resgatando os dados sistematizados no gráfico acima, percebe-se que atletas como Frank Caldeira, legitimamente mineiro ocupa, junto com outros nove atletas mineiros, 48% do espaço do jornal destinado às matérias esportivas. Considerando, ainda, o fato de que a maratona, como as demais provas do atletismo, é um esporte pouco veiculado na mídia, da mesma forma como a natação. Modalidades esportivas como essas ainda não ocupam espaços de grande representatividade no que diz respeito aos interesses esportivos da população numa visão generalista, apenas recebem atenção em períodos historicamente definidos, como a São Silvestre e no caso da natação Pan e Olimpíadas, por exemplo.

Vale ressaltar que, unindo os atletas mineiros que obtiveram percentual inferior a 3% nas citações das matérias analisadas ocupam o mesmo espaço, no jornal, que o nadador Tiago Pereira, no mesmo período de análise.

Nesse sentido, que valores culturais agregados à identidade esportiva mineira estão sendo difundidos à população local?

Considerações Finais

Com base nas premissas apresentadas no decorrer deste artigo, concluímos que a mídia local analisada, utilizou-se do esporte para agregar novos valores a ele. De uma forma contribuiu para a difusão das modalidades esportivas uma vez que, anuncia promessas de desenvolvimento significativo no cenário esportivo nacional, difundido informações sobre as diferentes modalidades, atletas, incentivadores e até mesmo investimentos de ordem

pública e privada que geram novos espaços para práticas esportivas, programas de incentivo ao esporte e/ou implantação de políticas públicas de esporte e lazer.

No entanto, há uma outra realidade sustentada pela relação entre esporte e mídia observada pelo estudo realizado. A mercantilização esportiva. O produto esporte e suas relações com seus consumidores em potencial. A lógica do consumo pautada pela geração de expectativas e a criação de uma falsa necessidade de consumo segmentada para atender as produções de diferentes setores.

Se por um lado a mídia massificada pode levar informação em larga escala à população, ampliando seus repertórios de conhecimento sobre o esporte moderno, por outra perspectiva agrega á essa difusão novos valores ao esporte (produto) que veicula. Isso gera no senso comum, ou seja, no imaginário coletivo socialmente partilhado, transformações inegáveis ao conceito de esporte e no conceito de prática esportiva, por isso, identificados atualmente como polissêmicos.

Com base nas estratégias midiáticas constatadas por este estudo para a veiculação da imagem de Tiago Pereira, por exemplo, podemos pensar na possibilidade de identificar o atleta, e conseqüentemente o esporte, como ferramentas de uma estratégia mercadológica lançada durante o evento. Ou seja, Minas Gerais passou a ganhar maior representatividade, enquanto unidade esportiva de potencial, no imaginário coletivo da população brasileira. Com isso outros segmentos da comunicação de massa ganham novos espaços para a veiculação de imagens e produtos.

As empresas mineiras podem usufruir desses novos espaços midiáticos agregando suas imagens, produtos e mensagens ao esporte em evidência, com iniciativas de incentivo ao esporte, patrocínio de eventos futuros e/ou com campanhas publicitárias de apoio ao esporte focado no momento. Basta resgatarmos parte de nossa memória quanto às campanhas publicitárias que foram lançadas paralelas ao evento ou imediatamente após o término do mesmo. Onde a imagem do atleta foi utilizada para vender produtos que só possuirão relação direta com a esfera esportiva a partir do patrocínio.

Momentaneamente podemos sinalizar que ainda nos resta compreender melhor a mídia enquanto uma mediação cultural entre o esporte moderno e a população leitora, consumidora em potencial do esporte midiático. Resta-nos também, buscar compreender de que maneira a educação física pode se apropriar dessa relação entre esporte e mídia para transformar a mídia esportiva numa ferramenta pedagógica no ensino do esporte dentro da escola.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Scheila E. *O País do futebol na Copa do Mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação Física/Área de Teoria e Prática Pedagógica em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

ANTUNES, Scheila E.; PIRES, Giovanni De Lorenzi *Estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo: identificando algumas das estruturas de mediação das culturas juvenis*. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3, **Anais....** Santa Maria/RS: CBCE, 2006.

BELLONI, Maria L. *O que é mídia-educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BITENCOURT, Fernando G. *et al. Ritual Olímpico e os Mitos da Modernidade: implicações na Dialética Universal/Local*. Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte, 2, **Anais...** Criciúma, SC: 2004.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

PIRES, Giovanni De L. *et al. Catarinenses Olímpicos na mídia impressa regional I: alguns aspectos quantitativos da cobertura de Atenas/2004*. Florianópolis: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC, 58, **Anais...** 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo e o newsmaking*, 6 ed. Lisboa: Editorial Presença, 2001.



OS ATLETAS SERGIPANOS EM DEBATE: análise da cobertura jornalística do PAN RIO-2007

*Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro
André Marsiglia Quaranta
Luciana Carolline Pina Garcia
Paula Aragão*

INTRODUÇÃO

Este estudo analisa a cobertura jornalística acerca dos atletas sergipanos, a partir da mídia impressa e televisiva¹, que participaram dos Jogos Pan-americanos realizados no Rio de Janeiro. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa e, na “colheita” dos dados, selecionamos um jornal de circulação diária², envolvendo todo mês de julho de 2007, capturando as informações sobre os atletas que participaram dos Jogos. No tocante à mídia televisiva, observamos a cobertura feita pela TV SERGIPE³ a partir de uma reportagem que nos chamou a atenção intitulada “Retrospectiva do Pan 2007”, na qual é feita uma síntese da participação dos atletas sergipanos neste evento. Assim, segue a linha de análise do trabalho⁴ realizado pelo Observatório da Mídia Esportiva⁵ sobre os atletas catarinenses que participaram das Olimpíadas de 2004.

No âmbito acadêmico, no tocante à pesquisa (ensino e extensão), vêm-se desenvolvendo estudos que relacionam a Educação Física, esporte e mídia - a exemplo de Santa Catarina/UFSC - num “campo” específico

¹ Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada no IV Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, realizado em setembro de 2008, em Faxinal do Céu/PR. Agradecemos as sugestões que foram feitas naquela oportunidade, especialmente a de incluir a análise da programação televisiva.

² JORNAL DA CIDADE. Jornal de grande circulação e tradição no Estado de Sergipe. Fundado em 02 de fevereiro de 1970.

³ Emissora afiliada à Rede Globo de Televisão no Estado de Sergipe.

⁴ PIRES et al. (2006). Catarinenses Olímpicos na Mídia Impressa Regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004.

⁵ O grupo Observatório da Mídia Esportiva, fundado em 2003 na UFSC, tem como objetivo, além da reflexão do fenômeno Mídia, estimular o ensino, a pesquisa e a extensão. A partir de outubro de 2007, constituiu-se também no DEF/ UFS.

denominado cultura esportiva⁶. Neste aspecto, aqui se configura mais um destes “campos”, bem como convida-nos a ficarmos com o olhar atento, “observando” o fenômeno esportivo em suas teias e tramas no jogo do poder, seja ele político, econômico, coercitivo ou/e principalmente, simbólico⁷.

Sendo assim, seguimos algumas categorias que foram levantadas no estudo de Pires *et al.* (2006) e que servirão de reflexão neste, como: **Referência ao local** (reportagens com ênfase na Naturalidade dos atletas e sua relação de identidade com o local); **Expectativas e Realismo** (as expectativas dos atletas/público/jornalistas e dificuldades enfrentadas); **Preparação** (reportagens que fazem referência ao treinamento dos atletas – físico, técnico, tático ou psicológico, entre outros); **Retrospecto** (as conquistas e derrotas que ocorreram em outras competições, bem como o ranking dos atletas); **Ineditismo Feminino** (reportagens que envolvem a primeira mulher a participar em alguma modalidade ou nos Jogos – acrescentamos o caráter inédito do único atleta nordestino no ciclismo); **Avaliando a Participação** (envolvem as reportagens de “consolo” aos atletas e público, pelo fato da derrota) e **Presente Perpétuo** (esta categoria é formada por reportagens que projetam para outras competições, como é o caso das Olimpíadas de Pequim).

Portanto, abriremos uma discussão conceitual que norteia nosso “olhar” sobre o fenômeno esportivo, bem como, analisaremos a partir da mídia impressa local, a cobertura jornalística dos atletas “sergipanamericanos”⁸.

CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS NO TRATO COM O FENÔMENO ESPORTIVO

Os Jogos Pan-americanos representam para as Américas a grande competição com perfil Olímpico, apesar dos Estados Unidos não considerarem pelo menos no grau de prioridade uma competição tão importante, pois seus interesses estão voltados para as Olimpíadas e Campeonatos Mundiais, visto que os melhores atletas, bem como, as

⁶ Recorte da cultura geral que se refere ao âmbito das manifestações do fenômeno esporte, incluindo-se aí suas práticas, intencionalidades e sentidos/significados, e que são socialmente produzidos e compartilhados, com a participação cada vez maior da mídia esportiva (PIRES, 2007). Ver também Pires (2003) – Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física.

⁷ Ver Bourdieu (2002).

⁸ Em alusão ao termo usado pela mídia televisiva local referindo-se aos atletas sergipanos que participaram dos Jogos.

melhores equipes não vêm para a competição na sua maioria. No entanto, ela simboliza, em âmbito americano, o potencial de interesses políticos, sociais, econômicos, a partir do fenômeno esportivo.

Todavia, por trás deste Evento Esportivo, há representações para além das marcas, dos índices, dos recordes, das conquistas dos atletas, ou seja, a rede de interesse que perpassa os Jogos ganha uma dimensão para além do aspecto esportivo, principalmente, o aspecto econômico⁹. Para Campos (2007, p. 66):

[...] o projeto criado pelo Comitê Organizador do evento previa, além de infra-estrutura em nível olímpico [...], também a realização de uma série de projetos que beneficiariam a cidade-sede, como a despoluição da Baía da Guanabara e a extensão do Metrô até a Barra da Tijuca.

Percebe-se então que um investimento massivo de capital era esperado e, portanto, os interesses neste Evento multiplicaram-se. Sem contar que o Estado – Federal, Estadual, Municipal – garantiu a maior parte destes investimentos. Além do quê, o próprio Governo Federal¹⁰ vê os Jogos Pan-americanos como “uma oportunidade de investimento na cidade do Rio de Janeiro e no País”¹¹. Ora, temos então, no centro desses interesses, o esporte¹² que possibilita a aglutinação de uma rede de corporações e entre elas, a mídia. Para Pires (2007), as grandes mudanças no esporte, em grande medida, foram provocadas pela facilitação e acesso ao espetáculo esportivo através dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão. Neste sentido, constitui-se uma cultura “nova”, ou melhor, uma cultura esportiva. Não é à toa que o CONFEF (Conselho Federal de Educação Física)¹³ fora convidado

⁹ Guardadas as suas devidas proporções, vemos na antiguidade uma possível similitude desses interesses observados na atualidade, onde para Pitágoras havia três tipos de pessoas que iriam assistir aos jogos olímpicos, eram elas: os atletas, que seriam aqueles que estavam para brilhar; aqueles que estavam para assistir aos jogos; e aqueles que só estavam ali para comercializar os seus produtos, não importando o que acontecia (CHAUÍ 2003, p. 25).

¹⁰ “Governo injeta mais R\$ 467 mi (sic) no Pan e, na linha fina, foi lembrado que, com esse valor, a participação da instância federal já era de R\$ 1,28 bilhão e que esse valor já superava em quase dez vezes a previsão inicial de gastos governamentais com o evento” (CAMPOS, 2007 p. 72).

¹¹ *Ibidem*.

¹² Aqui, seguimos a idéia do esporte enquanto uma instituição que se caracteriza no final do século XVIII e início do XIX, na Inglaterra e ganha o caráter hegemônico, expandindo-se para o resto do mundo (ver BRACHT, 1997).

¹³ Cf.: EF. Órgão oficial do confef. Setembro de 2007. (p. 18-22).

a participar do programa de Observadores Rio 2007, com o objetivo de discutir questões que aumentem as chances de candidaturas a grandes eventos esportivos. Longe de ser um órgão legítimo e representativo da Educação Física Brasileira, o Conselho aqui mostra sua “cara” com seus reais interesses quando se trata da prática esportiva.

Para Betti (apud Pires, 2003) o esporte, como produto cultural cujo reconhecimento e aceitação global aumentam à medida que se torna cada vez mais um telespetáculo, configura-se um bom exemplo de como a cultura se adapta às novas formas de oferta e consumo tecnologicamente mediado. Assim, vemos nas transmissões dos jogos um prolongamento da casa. Os atletas e as disputas ficam muito próximos e com eles, os produtos da mídia, como diria Thompson (1988), para potenciais consumidores.

Nos estudos de Pires (1998), percebe-se o quanto o fenômeno esportivo, ao longo da história, é apropriado para diversos interesses, sejam eles funcionais, ideológicos, sob a pseudo-ideia de sociabilização, a partir da ótica do espetáculo e da mercadorização. Obviamente que o elemento mediador destes interesses é a mídia. No “enredo” dos Jogos Pan-americanos Rio-2007, existe a marca destas apropriações no conchavo de bastidores e que nossos olhos não conseguem captar todas as “tramas”, mesmo assim, segue o alerta de Pires e Silva (2006, p.12):

Apesar das críticas, houve quem ganhasse com os Jogos [...]: começa pelas grandes empreiteiras nacionais, as mesmas de sempre, passando pelas administrações públicas nos três níveis de governo, que ganharam visibilidade e reconhecimento social como benfeitores do esporte brasileiro, mesmo que às custas de verbas públicas; continua pelo COB, que levou também os louros do “sucesso” dos Jogos, especialmente seu Presidente Carlos Nuzzman e seus familiares e amigos, cujas empresas viraram prestadoras de vários serviços ao Co-Rio, sem qualquer concorrência¹⁴. E ganharam também os dirigentes profissionais do esporte brasileiro que, com a organização do Pan, obtiveram “cacife” para vôos maiores, na gestão de novos eventos esportivos internacionais no Brasil.

¹⁴ Cf.: EF. Órgão oficial do confef. Setembro de 2007. (p. 18-22).

Hoje vivemos numa "ditadura"¹⁵ do esporte-espetáculo. Parafraseando Adorno e Horkheimer (1985), não há saída, só adaptando-se. O consumo deste bem simbólico está posto: na programação televisiva, no fetiche que provoca nos pequenos/grandes Jogos escolares e principalmente, no culto ao herói esportivo.

Para Adorno e Horkheimer (1985), a mídia exerce um papel importante na domesticação da natureza crítica e assim, ao banalizar a cultura para um consumo em massa – Indústria Cultural - tolhe a capacidade de reflexão crítica do sujeito. Não é estranho que um Evento desta natureza atraia tantos interesses, pois a lógica no campo do entretenimento (produzindo bens simbólicos)¹⁶ destina-se a ocupar o tempo do trabalhador e assim, o prolongamento do trabalho a partir do consumo destes bens, concretiza-se.

Portanto, este estudo não deixará de lado estas considerações ao analisar a participação dos atletas, "heróis" sergipanos, num Evento esportivo de caráter internacional.

ANALISANDO: OS HERÓIS DO PAN OU DA SOCIEDADE? [...] PELA MÍDIA

Aqui, apresentaremos a partir das categorias enunciadas, como a mídia impressa local (Jornal da Cidade), cobriu os Jogos Pan-americanos no tocante aos atletas sergipanos. Neste sentido, o foco das observações refere-se aos atletas: Wagner Romão (Pentatlo Moderno); Nivalter Santos (Canoagem); Hélio Justino, o "Helinho" (Handebol); Rogério Alves (Futsal) e Marcos Alcântara, o "Manchinha" (Ciclismo).

Referência ao Local

Nesta categoria, é notório o quanto a mídia impressa local regionaliza as informações referentes aos atletas do Pan. A "impressão" é que a presença em nosso meio esportivo, desses atletas, parece ser frequentemente acompanhada, não só pelos meios (mídia impressa) quanto pelo público sergipano, independente do momento Esportivo em destaque. Apesar disto, vimos que a realidade dos atletas é outra. Enquanto uns apenas nasceram aqui e nunca mais retornaram, outros vêm esporadicamente ao

¹⁵ Consideramos que a opressão para o consumo exercida pelo telespetáculo esportivo corrompe outras possibilidades de práticas esportivas. No mínimo, seu fetiche materializado na figura dos heróis esportivos, perpassa no imaginário das pessoas, principalmente das crianças.

¹⁶ Ver Thompson (1998) e Bourdieu (2002).

Estado, seja para uma visita, seja para uma pequena competição. Acreditamos que isto é um reflexo do perfil do esporte em Sergipe, ou melhor, para seguir uma carreira vencedora na elite do esporte brasileiro e internacional, os atletas têm que migrar para outros centros que dêem condições de preparação e principalmente, econômico/financeira. No entanto, em momento algum, esta realidade é posta em questão pelos emissores das mensagens.

O sucesso então dos atletas, ou mesmo apenas sua participação, esboça ao público uma relação de cumplicidade com o povo sergipano. A vitória/participação não é apenas do atleta, mas sim, a vitória de Sergipe. Neste sentido, gostaríamos de destacar alguns recortes do Jornal em que envolvem, principalmente, o regionalismo e sua relação de identidade, pois Sergipe (todo) é representado pelos atletas do Pan. Um “feito” heróico digno das proezas dos deuses.

Sergipanos podem brilhar no Pan

O Estado será representado nos jogos por cinco atletas: Rogério, Wagner, Nivalter, Manchinha e Helinho. [...]. Outro sergipano de sucesso é o capitão da seleção masculina de handebol, o Helinho [...] (JORNAL DA CIDADE, 13/07/2007 p. b-7).

Sergipanos nos Jogos

A marca do Norte-nordeste: O sergipano manchinha [...] começou sua carreira ainda no esporte em Sergipe, sendo mais tarde contratado por uma equipe de São Paulo [...] ele é um sergipano que não esquece sua origem e sempre está participando de campeonatos aqui no Estado [...]. Estreando num Pan-Americano, este sergipano é mais uma boa representação do nosso estado nos jogos deste ano. (JORNAL DA CIDADE, 15 e 16/07/2007 p. 3).

Futsal: o sergipano Rogério, goleiro da seleção brasileira, estréia nos jogos Pan-Americanos com chances de medalha de ouro. [...] na seleção brasileira, mais um sergipano brilha representando o estado. (JORNAL DA CIDADE, 22 e 23/07/2007 p. 01).

Sergipano estréia competindo no pentatlo moderno: O sergipano Wagner Romão é um dos quatro atletas que compõem a equipe brasileira de pentatlo moderno (JORNAL DA CIDADE, 24/07/2007 p.b-7).

Portanto, vimos que através da “esperança” de vitórias ou superação de “marcas”, os atletas sergipanos cumprem as ordens (“os caprichos”) do príncipe eletrônico (IANNI, 2001) que aglomera uma imensidão de poderes sob si. No entanto, vê-se a presença do fetiche que a relação global-local esconde os interesses nas transmissões destas mensagens. A pergunta é: e depois do Pan, o que resta a esses homens, não mais Deuses?

Outro destaque refere-se ao fato que nas matérias sobre os atletas sergipanos, o jornal (equipe jornalística) teve sempre a preocupação em buscar depoimento de um representante oficial da modalidade no Estado, ou seja, os respectivos presidentes de Confederações e Federações, como é o caso de: Manuel Luiz Oliveira (Presidente da Confederação Brasileira de Handebol), Tarcísio Correa (Presidente da Federação Sergipana de Handebol), Manuel Cruz (Presidente da Federação Sergipana de Futsal), Gilvan Costa Cavalcante (Presidente da Federação Sergipana de Ciclismo), entre outros. Parece-nos que para legitimar o discurso midiático é necessário levantar os depoimentos das “autoridades” em cada modalidade.

Percebe-se ainda, que os atletas Helinho (Handebol) e Rogério (futsal) aparecem com mais ênfase em destaques nas matérias, talvez pelo fato de especular-se a certeza de medalha nestas duas modalidades, como também por se tratar de modalidades tradicionais e “populares”.

Expectativas e Realismo

As evidências do “Agendamento”¹⁷ esportivo ficam marcadas nesta categoria. A força simbólica que está presente no enunciado da mensagem e nas imagens veiculadas nas páginas dos jornais, carrega em si

¹⁷ Mezzaroba (2008) aponta que o *agendamento* é a tradução do termo *agenda-setting* (uma das Teorias da Comunicação) e se trata de um processo relacional entre a agenda midiática e a agenda pública, com o que alguns grupos (financeiros, econômicos, políticos e a própria mídia em si) objetivam pautar temas de seu interesse na esfera social, colocando desta maneira sua opinião, com o interesse de torná-la hegemônica. No caso do *agendamento esportivo*, este não é realizado apenas ao pautar determinado evento, trazendo informações prévias do mesmo ou de seus personagens, mas sim ao abordar os mais variados contextos (econômico, político, social, cultural e o esportivo propriamente dito).

um sentido de esperança, bem como, o de atenção permanente, ou seja, desfocar os olhos para um outro lugar seria um erro (toda preparação previamente agendada, conduz a uma verdade, ou seja, seguir os passos das informações veiculadas) ou um prejuízo (o consumidor do espetáculo esportivo não pode desvencilhar-se de seu produto) como vemos abaixo:

[...] Dentre as modalidades de tradição e mais aguardadas pela torcida são a ginástica artística e rítmica, o vôlei, o basquete, o handebol, o futebol e o futsal [...], entre outras. [...] Para o Presidente da Federação Sergipana de Futsal, Manuel Cruz, os adversários não vão ser moleza, [...] mas mesmo com essa dificuldade a esperança que temos é que se sagre campeão' [...] (JORNAL DA CIDADE, 13/07/2007, p. b-7).

Em Sergipe, como em todo Brasil a expectativa é grande para que os brasileiros alcancem uma boa colocação, e todos estão começando a entrar no clima dos jogos [...] (JORNAL DA CIDADE, 13/07/2007 p. b-7).

Sergipano Helinho é destaque da seleção [...] estou esperando muito que ele traga o ouro [...], pois será um prêmio muito bom para ele e para Sergipe. Comentário (COM): Fala do Presidente da Federação Sergipana de Handebol. (JORNAL DA CIDADE 14/07/2007 p. b-7).

A expectativa de conseguir uma medalha é muito difícil, principalmente no individual, tendo em vista que os canadenses, os americanos e os cubanos são muito fortes, mas na prova em equipe será mais fácil (JORNAL DA CIDADE 15 e 16/07/2007 p.3). COM: Refere-se ao ciclismo e ao atleta “manchinha”.

A partir desta segunda-feira, outro que começa a caminha (sic) rumo à medalha de ouro é o goleiro da seleção de futsal, Rogério. Estreante no Pan, o camisa 1 do Brasil poderá trazer mais uma dourada para o estado (JORNAL DA CIDADE, 22/07/2007 e 23/07/2007 p. 2).

Apesar de o Realismo pôr os “pés no chão” quando se trata da busca da medalha de ouro, a Expectativa sobressai. Enfeitiçada/enfeitiçando pelo momento pré-jogos, a mídia esboça em cada modalidade a esperança de obter êxito. Não dá para não ter a sensação, como leitor das matérias nos jornais, que todos os atletas sergipanos trarão uma medalha. Agendam-nos e dão-nos a esperança que a conquista é só uma questão de tempo (será?).

Preparação

A conquista numa competição não deve representar algo simples, do acaso, fortuito, ou seja, dos caprichos da Deusa Fortuna, mas necessariamente árduo, viril (ligado à Virtù), com foco e planejamento como se estivesse pensando numa guerra¹⁸. Todas as estratégias são pensadas, seja no plano individual ou coletivo dos atletas, seja no plano econômico/financeiro. Vejamos alguns destaques:

Reforçada por um patrocínio poderoso, a Confederação Brasileira de Handebol decidiu jogar e há um ano e meio convocou dois técnicos espanhóis para não somente comandar as equipes, mas também para organizar toda a modalidade no país e criar uma “escola brasileira”. Jordi Ribeira assumiu o grupo masculino, enquanto Juan Oliver se tornou treinador do time feminino. (JORNAL DA CIDADE, 22/07/2007 e 23/07/2007 p.05).

¹⁸ Maquiavel (“O príncipe” - Editora Hemus, com comentários de Napoleão Bonaparte) retrata o significado das deusas Fortuna e Virtù na organização do Estado e principalmente na preparação para a guerra. Aqui se percebe que Virtù, como em “O príncipe”, é o segredo para vencer as batalhas e superar os “obstáculos”.

[...] Porém, procurou manter a forma treinando natação durante os três anos que passou longe, já que era difícil conseguir um local adequado para as outras modalidades. (JORNAL DA CIDADE 24/07/2007 p. b-7).
COM: Refere-se a Wagner Romão no Pentatlo Moderno.

“Observamos” também, que esta categoria aparece com muita veemência nas matérias. Sempre que havia um comentário sobre os atletas, traziam em si (a notícia) o esforço (trabalho) árduo para atingir os melhores resultados. Como se nos dissessem que não é por “acaso” que ele (atleta) está aí. Ou seja, a Preparação é a condição *sine qua non* para o êxito atlético, além disso, parece-nos que o público precisa saber disto.

Todavia, não “percebemos” uma análise mais crítica e fidedigna acerca das reais condições dos atletas sergipanos que optam por treinarem em seu estado. Por que os “melhores” atletas migram para o Centro-Sul do país? Por que entre os 5 (cinco) atletas nenhum reside (e prepara-se) em seu estado? Como o poder público vê estas questões?

Talvez, as respostas bem como as perguntas sejam ingênuas, no entanto, cremos que a mídia deveria preocupar-se também com isto e não só entrar na “roda viva” do furor dos Eventos Esportivos Internacionais. Ora, se querem lutar pelo esporte que o faça por completo e não nos digam o que já sabemos!

Retrospecto

Percebemos nesta categoria que a mídia impressa local preocupou-se em trazer o passado histórico dos atletas assim como suas vitórias e derrotas anteriores, sendo os Jogos Pan-americanos um evento que celebrou o esporte nas Américas e procurou mostrar os novos heróis com suas superações e a vontade de vencer. Demonstrou-se através de suas reportagens a trajetória dos atletas com suas experiências e títulos, buscando sempre destacar as equipes as quais defendiam, bem como as participações em eventos diversos (Olimpíadas, Jogos Pan-americanos, campeonatos mundiais, campeonato de clubes, Grand Prix, entre outros). Fica evidente ser tarefa fundamental da mídia aproximar o público ao atleta, até por que alguns são completamente desconhecidos.

[...] sergipano de 34 anos já tem uma vasta experiência e acumula vários títulos ao longo de sua carreira, que começou no ano de 1982 quando jogava nas escolinhas do SESI [...] octacampeão da liga nacional, tricampeão sul-brasileiro e hexacampeão paulista, [...] vice-campeão dos jogos pan-americanos [...] em 1999, campeão em [...] 2003 [...]. (JORNAL DA CIDADE, 14/07/2007). COM: Refere-se ao Helinho.

Em 1991, integrava o Banespa, [...]. Entre 1994 e 1997 fez parte do Santa Cruz, [...]. Disputou para as equipes nacionais e atualmente, ele está numa equipe de Santa Catarina, a Joinville/krona/DallPonte. [...]. Participou do Mundial de 2000 [...] Tricampeão da Liga Futsal [...], campeão Brasileiro de Seleções [...] e bicampeão Internacional de Clubes [...] foi Campeão da Taça America [...], Tetracampeão Sul-americano [...], Bicampeão do Grand Prix [...] e campeão dos jogos da Lusofonia [...]. (JORNAL DA CIDADE, 22 e 23/07/2007). COM: Refere-se ao Rogério.

O retrospecto, a nosso ver, ganha um caráter de legitimidade (mensagem subliminar para o leitor) para o atleta em relação ao público leitor (consumidor). Não há esse que ao ler sobre a epopéia do atleta não reconheça nele o potencial para as conquistas, pois o perfil heróico e invencível está posto. Será que contar para o leitor as proezas heróicas dos atletas é certificado aprovado e com garantia?

Ineditismo

Apesar de, no trabalho anterior,¹⁹ esta categoria denominar-se “Ineditismo Feminino”, destacamos o caráter “inédito” representativo no discurso midiático, a exemplo de dois momentos: o primeiro, referente à técnica da seleção Brasileira de Ginástica Rítmica. Observa-se que ela

¹⁹ Ver Pires *et al.* (2006) e Bitencourt *et al.* (2005).

obteve destaque nas reportagens do Jornal pelo fato de estar à frente de uma modalidade esportiva que havia esperança de medalhas.

O segundo refere-se ao “feito” do ciclista, em certa medida representa algo inédito, não só pelo fato do atleta carregar a tocha do Pan em sua passagem por Sergipe, mas principalmente de ser o único nordestino na sua modalidade. Vejamos:

[...], na ginástica, principalmente a rítmica, já que a seleção treina em Aracaju e a técnica é sergipana Cristina Vidal, um bom resultado também é esperado [...].(JORNAL DA CIDADE, 13/07/2007 p.b-7).

GRD: Cristina Vidal comanda a seleção nas provas de Hoje

[...] O grande destaque da Seleção Brasileira, além das ginastas, é claro é a sergipana Cristina Vidal, técnica da seleção permanente [...].(JORNAL DA CIDADE, 26/07/2007 p.b-8).

A Marca do norte-nordeste: O sergipano Manchinha é o único representante da região no ciclismo de velocidade nos Jogos do Rio 2007. [...] Manchinha participou do revezamento da tocha pelas ruas da cidade e foi o único atleta do norte-nordeste classificado, nesta modalidade, para o Pan-Americano. (JORNAL DA CIDADE, 15/07/2007 e 16/07/2007 p.3).

Entendemos que as modalidades Pentatlo Moderno e Canoagem – Wagner Romão e Nivalter Santos – respectivamente, são inéditas para o Estado no tocante à participação nos Jogos Pan-americanos. No entanto, a força simbólica que está nos enunciados focaliza mais a presença da Técnica da Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica, bem como, o destaque norte-nordeste do atleta Manchinha (ciclismo).

Talvez, fosse interessante um maior destaque nessas modalidades pela mídia local. Sergipe possui um estuário propício para prática de modalidades náuticas e ainda, seria um estímulo a outras práticas que fugiriam do enraizado futebol. Será que se houvesse um volume de investimento de capital por parte dos conglomerados econômicos – que ditam o esporte no mundo – para estas práticas esportivas, a “história” nas matérias seria diferente?!

Avaliando a participação

É notório, a partir dos recortes observados, que não há chance para a derrota dos atletas nos jogos, ou seja, somente a vitória interessa para aqueles que descrevem os feitos nos jogos. O "herói" não pode morrer, nem tampouco errar, já que a criação de um mito é importante para muito possivelmente, de acordo com os estudos de Leach apud Bitencourt et al (2005), ser utilizado a favor de interesses políticos. A seguir apresentamos a trajetória do atleta sergipano "manchinha" (que, apesar de não conseguir o êxito de ir às finais do pan-americano na modalidade ciclismo, obteve como consolo o fato de ter ficado à frente do atleta número um do ranking nacional), bem como o lamento na modalidade Pentatlo Moderno. Vejamos:

[...] Quem já competiu e não teve a mesma sorte foi o ciclista Mancha, que acabou apenas na 13ª colocação na prova de velocidade, mesmo assim foi a melhor atuação do país, visto que o outro brasileiro Fernando Firmino terminou em 14º. (JORNAL DA CIDADE, 22/07/07 p. 2).

Pentatlo: Sergipano Termina Apenas Em 11º Lugar

Os brasileiros Daniel Santos e Wagner Romão, de Aracaju, terminaram o torneio de pentatlo moderno na oitava e 11ª colocações, respectivamente. O primeiro se manteve na briga por medalha até a quinta e última prova, a corrida, em que ficou na 15ª colocação. [...] O sergipano chegou em 12º lugar na corrida, anotando 984 pontos, mas na classificação final obteve 5.076. (JORNAL DA CIDADE, 25/07/2007 p. b-8).

Para nós "observadores", acreditamos que fosse interessante uma discussão mais ampla acerca do esporte - entrelaçado - com as competições internacionais, bem como pôr em cheque as dificuldades de ser o **primeiro lugar** e ainda, provar para o mundo e a si mesmo, que não se trata de (in)competência, mas que no cenário esportivo mundial o privilégio é de poucos.

Por que a mídia esportiva analisada, não abriu/abre um possível debate com os “sujeitos receptores”/leitores sobre esta questão? No entanto, deparamos com uma “omissão” que pouco esclareceu à sociedade que não haveria chance para todos. O êxito na conquista da medalha não é apenas uma questão de competência. No universo de 5.500 atletas participantes dos jogos, somente 1.050²⁰ subiram ao pódio, ou seja, mais de 80% (oitenta por cento) não receberam a desejada medalha. Neste sentido, é fato que a frustração já está agendada antes mesmo da competição.

Presente Perpétuo

O “Ritual Olímpico”, ou mesmo seu espectro, ronda quase todas (não seria exagero tal expressão) as competições. O sonho de obter uma medalha olímpica persegue os sujeitos numa contemplação desmedida. Este “feito”, atributo de poucos atletas, representa o auge e apogeu do mundo esportivo/midiático. Não basta ganhar uma competição local, regional, nacional ou internacional, pois a “esperança” estará sempre rondando, como um fantasma, no sonho olímpico e depois, todo o processo se renova para continuar o presente perpétuo. É o que percebemos nas matérias do Jornal, conforme abaixo:

[...] há quase cinco anos trabalhando com o objetivo de conseguir a vitória nestes jogos e conquistar as olimpíadas de Pequim, em 2008. O duelo em busca do ouro e da vaga nas Olimpíadas de Pequim-2008 está marcado para as 10h30 deste domingo. (JORNAL DA CIDADE, 22/07/2007). COM: refere-se ao Handebol masculino.

[...] Já o próprio goleiro espera bons resultados, visando a vaga olímpica [...]. (JORNAL DA CIDADE, 22/07/2007 e 23/07/2007 p.04). COM: refere-se ao futsal.

[...] Romão administra quatro treinos entre suas tarefas diárias e seu trabalho no quartel - Preparação para Pequim (JORNAL DA CIDADE, 2007 s/p).

²⁰ www.correioweb.com.br/pan2007, acesso em 30/07/08.

De modo geral, o “sonho olímpico” está presente nas ações heróicas dos atletas brasileiros e em particular, dos sergipanamericanos. Para alguns atletas os Jogos Pan-americanos já representam um momento fascinante e magnífico, como é o caso de Nivalter Santos e Wagner Romão, pois não percebemos uma apologia às Olimpíadas. Já para outros (Manchinha e Helinho), esta é uma competição de “trampolim”, ou seja, a vaga olímpica é tão (e até mesmo mais) importante quanto a medalha de ouro.

E A TV? DISCURSOS QUE SE APROXIMAM...

O material analisado foi exibido no dia 29/12/2007²¹ no programa VIVA ESPORTE²². Com duração de 07 minutos e 14 segundos e denominada “Retrospectiva do Pan 2007”, a matéria traz um panorama geral da cobertura jornalística feita pela emissora no período em que ocorreram os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro.

De maneira preliminar, a retrospectiva é iniciada com a apresentação dos “sergipanamericanos” envolvidos nos jogos, situando-os no “Pan do Brasil”. Em seguida, podemos observar 03 (três) sequências na seleção das imagens dos atletas, todas com seus respectivos depoimentos:

- a)** a primeira sequência aponta os atletas que não conquistaram medalhas (Wagner Romão e “Manchinha”);
- b)** na segunda parte da descrição dos atletas estão os que conseguiram medalha de bronze (Nivalter Santos e a paraense Ana Paula Scheffer – esta por ter como técnica da seleção brasileira de Ginástica Rítmica a sergipana Cristina Vidal);
- e)** na última descrição estão os atletas que conquistaram medalhas de ouro (“Helinho” e Rogério Alves).

As categorias observadas na análise do material impresso dos atletas sergipanos no Pan-Americano também se encontram no discurso televisivo desta reportagem. Tratamos de observar as semelhanças nos discursos, o que de certa forma se apresenta de maneira similar nos distintos meios de comunicação. Vejamos alguns exemplos:

[...] O menor estado da federação no maior evento esportivo das Américas. Uma conquista fruto do sonho de cinco atletas e de uma

²¹ www.emsergipe.com (acessado em março/ 2009).

²² Programa transmitido aos sábados no período vespertino.

técnica de Ginástica Rítmica. Uma aventura que motivou outro sonho: o de acompanhar com exclusividade para os telespectadores da TV SERGIPE, a trajetória dos nossos heróis “sergipanamericanos”. [...] (48”)

Na narrativa supracitada, a relação de proximidade entre os atletas com o Estado de Sergipe é muito forte, desde a introdução da matéria - quando nos apresentam os “sergipanamericanos” - até os depoimentos dados pelos mesmos, alimentando o pertencimento ao Estado de Sergipe, o que evidencia a categoria “Referência ao Local”.

[...] Pira acessa! Agora é aguardar o bom desempenho dos nossos “sergipanamericanos” e, com certeza, medalhas. A TV SERGIPE na cobertura dos jogos Pan-Americanos. [...] (1’ 35”)

A categoria “Expectativa e Realismo” apontada por último, se refere às primeiras palavras da matéria observada, trazendo o repórter local na abertura dos jogos e no discurso, já evidenciando a certeza de que as medalhas serão conquistadas pelos “sergipanamericanos”.

Para os atletas que não conseguiram suas medalhas, a desculpa que justifica o sentimento de perda é apresentada de maneira que a conquista fora apenas adiada. Isso demonstra a maneira “branda” para com aqueles que não subiram ao podium foram retratados. Vejamos um exemplo da categoria “Avaliando a Participação”:

[...] A 12ª (décima segunda) colocação na prova de velocidade, e o 5º (quinto) lugar na prova de velocidade olímpica, acabou adiando o sonho de medalhas. Mas, não diminuiu a emoção de “manchinha” de fazer parte do “pan” do Brasil. [...] (1’ 57”)

No que diz respeito à categoria “Ineditismo Feminino”, a primeira e única mulher sergipana evidenciada não se trata de uma atleta, mas sim de uma técnica de Ginástica Rítmica. O destaque é observado no início da matéria, em que são apresentados os cinco atletas sergipanos com o

acréscimo da técnica Cristina Vidal, a partir da conquista da medalha de bronze pela paraense Ana Paula Scheffer. O repórter ao entrevistar a atleta, traz a sergipana para o foco de discussões pelo fato da conquista.

Mesmo com vários destaques de que a medalha já está aparentemente ganha pelo discurso televisivo, de todas as participações citadas a categoria “Preparação” só emerge no discurso da atleta Ana Paula Scheffer que treinou “[...] um ano e meio, e foi graças ao trabalho da Cristina, técnica sergipana, que eu consegui [...], e a técnica Cristina Vidal apontando que foi [...] o resultado de muito esforço, tanto das ginastas quanto nossa [...]”.

Diante da categoria intitulada “Presente perpétuo” os “heróis” esportivos precisam estar presentes no cotidiano e devem gerar uma expectativa para que possamos estar atentos aos seus passos. Claramente observamos a chamada para o próximo grande evento esportivo, as Olimpíadas de Pequim, em que atletas sergipanos também se fizeram presentes. Vejamos a chamada:

[...] nós temos 04 bons motivos para comemorar: duas medalhas de bronze, duas medalhas de ouro. 04 bons motivos para continuar dizendo: e Viva o esporte. Rivando Góis, cobertura dos jogos Pan-Americanos para a TV SERGIPE. Até a próxima! Ano que vêm tem olimpíada e “viva o esporte”.

Podemos observar que a matéria comporta um duplo papel: o retrospecto da participação dos atletas sergipanos no Pan Rio-2007, apresentando as conquistas de medalhas; e ao mesmo tempo o agendamento para as Olimpíadas de Pequim em 2008, já que a participação de atletas “sergipanamericanos” era esperada no maior evento esportivo do planeta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS? O DIÁLOGO ESTÁ SÓ COMEÇANDO...

O destaque desses atletas durante o Pan Rio 2007, no Jornal de circulação local, evidencia sua estreita relação com a participação nos Jogos, pois não percebemos em outros momentos sequer uma informação ao público que eles estariam na competição, ou mesmo, independentemente do Pan, serem importantes na constituição do esporte sergipano/brasileiro.

O Evento Internacional representa a “deixa” para se mencionar as cinco modalidades, ou seja, quando vamos ouvir falar novamente de Wagner Romão? Não pela sua modalidade (Pentatlo Moderno) que é rara e quase inexistente no Estado de Sergipe, mas devido a esse atleta residir em outra Região (sul do país) há um bom tempo e, ao que parece, ter sido forjado no momento do Pan como sergipano do dia-a-dia, constantemente presente em nossos cotidianos. O próprio Nivalter Santos (Canoagem) configura-se como um sujeito “estranho” em nosso contexto. No entanto, pelo fato de conseguir uma medalha (bronze) e também a vaga olímpica, ouviremos “soar” seu nome no meio midiático, mas até quando?

Diante das categorias analisadas na mídia impressa, podemos observar muitas semelhanças com o enfoque dado pela mídia televisiva em seu discurso veiculado. É claro que esta é apenas uma primeira aproximação e necessita de “olhares” mais pontuais, já que a TV alcança um número maior de pessoas em nosso cotidiano. Acreditamos que se abre um leque de possibilidades de pesquisa, como por exemplo, análises do discurso midiático ou estudos de recepção a partir das manifestações do fenômeno esportivo no Estado de Sergipe.

A lógica do esporte (hegemônico) institucionalizado, marcado pela ótica do processo de mercadorização, que tem a mídia como aliado inseparável e que se materializa no Olimpismo – aqui Jogos Pan-americanos – impede que esses “heróis”, a nosso ver construídos através da mídia, apareçam em outros momentos/contextos da vida esportiva sergipana, ou seja, sem a competição, portanto, exigência de classificação para tal, eles são apenas espectros, até por que o tempo do entretenimento passou e à procura por novos heróis recai em outras possibilidades – presente perpétuo – da Indústria Cultural. Imediatamente à desclassificação ou eliminação da competição, morrem-se os “heróis”.

Os estudos desenvolvidos por Pires *et al.* (2006) e Bittencourt *et al.* (2005) sobre os atletas catarinenses nas olimpíadas de 2004, foram significativos para que percebêssemos a lógica do discurso midiático - a partir das categorias elaboradas - nas matérias veiculadas nos jornais. É evidente que outras categorias surgirão, principalmente por entendermos que a dialética não é estática e acompanha o *devenir* humano. Portanto, é crucial que continuemos “observando” os fenômenos que nos cercam, principalmente os do campo esportivo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BITENCOURT, Fernando *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/local. Catarinenses Olímpicos na Mídia Impressa Regional: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. **Revista Pensar a Prática**. Vol. 8, nº 1, jan/ jun, 2005.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. UFES: Vitória 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CAMPOS, Anderson Gurgel. Os jogos pan-americanos na mídia impressa: breve análise da cobertura econômica do Rio 2007. In: MARQUES, José Carlos (org). **Comunicação e esporte: diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor, 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

EF - ÓRGÃO OFICIAL DO CONFEF. Rio de Janeiro, setembro de 2007. p. 18-22.

IANNI, Octávio. **Enigmas da modernidade – mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FAUSTO NETO, Antônio. Agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. **Revista da Comunicação**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2002.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. São Paulo: Editora Hemus, 1996.

MEZZAROBA, Cristiano. **Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Cultura Esportiva e Mídia**: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, vol. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

_____. O esporte e os meios de comunicação de massa: relações de parceria e tensão. Possibilidades de superação. In: GRUNENVALDT, T. *et al.* (orgs.). **Educação Física, esporte e sociedade**: temas emergentes. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Educação Física, 2007.

_____. *et al.* **Catarinenses olímpicos na mídia impressa regional**: a dialética local-global na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004. Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 3. Santa Maria/RS, 2006.

PIRES, Giovani De Lorenzi; SILVA, Mauricio Roberto. Do Pan RIO/2007 à Copa 2014 no Brasil. Que Brasil? E para qual Brasil? **Revista Motrivivência (editorial)**, ano XVIII, nº 27 p. 09-17, Dezembro 2006.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TV SERGIPE. Retrospectiva do Pan 2007 (programa exibido no dia 29/12/2007). Disponível em www.emsergipe.com. Acessado em março/2009.

O HERÓI ESPORTIVO DEFICIENTE: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007

*Gisele Carreirão Gonçalves
Beatriz Staimbach Albino
Alexandre Fernandez Vaz*

Introdução: aproximando o leitor da problemática

Observando a repercussão pública cada vez maior do paradesporto, que de certa forma se desenvolve como consequência do forte e atual discurso da inclusão, o presente texto¹ ocupa-se desta temática.² Pensar em inclusão é percorrer diferentes campos, entre eles certamente o do desporto, que também acolhe de alguma forma os *excluídos*.³ Sendo assim, é cada vez mais acentuado o apelo do caráter inclusivo do paradesporto vivenciado por aqueles que não se encontram nos padrões de normalidade ou excepcionalidade positiva, em especial do desempenho atlético: os paratletas.

Permitir que amputados, deficientes sensoriais e físicos, se envolvam de alguma maneira em atividades esportivas, é o que propicia ao paradesporto seu discurso inclusivo – basta pensar nas oportunidades que se relacionam com o fato de a deficiência se fazer presente na vida de alguns sujeitos, como viajar pelo mundo e tomar parte de uma seleção brasileira, a parapanamericana ou paraolímpica. Em muitos casos, o não ser deficiente poderia limitar (ao menos nos termos anteriores) possibilidades. Desta forma, a inclusão acaba sendo salientada,

¹ Agradecemos a Giovani De Lorenzi Pires pelas sugestões interpretativas realizadas no âmbito da disciplina “Educação Física e Mídia” do PPGEF/UFSC - 2007/3, por ele ministrada, quando a versão embrionária do presente trabalho foi apresentada.

² O trabalho é resultado parcial do programa de pesquisa *Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II*, financiado pelo CNPq (Auxílios pesquisa, bolsas de produtividade em pesquisa, apoio técnico, doutorado, mestrado e iniciação científica).

³ Referimo-nos àqueles que de alguma forma vivem à margem da sociedade, ou dos padrões instituídos socialmente como de felicidade, como, por exemplo, o menino que veio da pobreza, os dependentes químicos, os órfãos.

exaltada, como se todas as pessoas portadoras de algum diagnóstico de deficiência⁴ pudessem despontar para o mundo paradesportivo.

Embora seja feito esse destaque, a proposta desse texto não é abordar especificamente a relação inclusão/paradesporto, ainda que seja importante salientar esta coexistência – sobretudo, por ser o discurso da inclusão o que em grande medida proporciona legitimidade ao paradesporto –, mas é seu objetivo central analisar como se constitui na mídia impressa esportiva o discurso/construção cultural a respeito dos paratletas –, ainda que a questão da inclusão não deixe de se fazer presente.

Para tanto tomamos como fonte reportagens sobre o tema presentes na revista *A+* e nos jornais *Lance* e *Folha de São Paulo*.⁵ Essas reportagens são correspondentes ao período anterior, concomitante e também posterior ao Parapanamericanos 2007 – jogos realizados na cidade do Rio de Janeiro no mês de agosto daquele ano, destinados às pessoas com diagnóstico de deficiência e com o mesmo caráter dos Jogos Panamericanos, ocorridos em período proximamente anterior.⁶

A análise das reportagens foi qualitativa e feita a partir do discurso escrito veiculado por esse material da mídia, seguindo alguns princípios teóricos de Gill (2002). Assim, a presente investigação ocupou-se de apreender como se estruturaram os textos e seus conteúdos, entendendo-os como um constructo social, dialético, ou seja, que o uso e a omissão de determinadas expressões e argumentos não é inócua, mas apresenta uma intencionalidade mais ou menos implícita, sendo, por meio dessas escolhas, reprodutora e produtora de “verdades”. Entendendo-os dessa maneira, trata-se então de fazer um exercício de estranhamento daquilo que é conhecido, ou, dito de modo mais direto: de olhar mais a fundo, interpretar os argumentos que são apresentados pelas reportagens, analisando suas mensagens a partir do modo como eles se organizam para se tornarem persuasivos (GILL, 2002).

Para essa análise também dialogaremos com Erving Goffman (1988), abordando, ainda que brevemente, uma discussão sobre a pessoa estigmatizada; em nosso caso, as pessoas com diagnóstico de deficiência, em especial os paratletas.

⁴ Optamos pelas expressões “diagnóstico de deficiência” ou ainda “histórico de deficiência” devido ao nosso entendimento de deficiência enquanto possível produção social, já que o diagnóstico não pode dizer, por si só, das possibilidades e as impossibilidades dos sujeitos.

⁵ O material jornalístico da *Folha de São Paulo* foi acessado no site da UOL (www.uol.com.br).

⁶ De modo mais específico, há reportagens que são datadas de 28 de dezembro de 2006 até 06 de maio de 2008. A maior parte é do período de agosto e setembro de 2007.

Nas páginas que seguem apresentamos alguns apontamentos históricos sobre os Jogos Paraolímpicos (e esportes adaptados), e em seguida os resultados obtidos a partir da análise sobre a temática do discurso da mídia desportiva referente aos paratletas. Nesse capítulo é detalhado o modo como se configura, por meio da recorrência à tragédia vivida por esses sujeitos e outras características morais, um ideário que vincula o paratleta à imagem mítica de herói – muito vigente no esporte convencional, mas que encontra alguns paradoxos quando construída a respeito das pessoas com diagnóstico de deficiência. No último capítulo, assinala-se para a relação de dependência que o paradesporto estabelece com o esporte convencional, a fim de obter legitimidade e prestígio, e para o fato do paradesporto também operar pela lógica da exclusão. Por fim, destaca-se a ênfase na superação e no sacrifício, entendido como uma via de ascetismo e como algo inerente à imagem do paratleta, como um mecanismo de compensação da deficiência, mas que ao mesmo tempo reduz o sujeito à condição de deficiente. Destaque-se que tal discurso – o de inigualável esforço e sofrimento vivido por essas pessoas – fomenta a construção de um ideário de prestígio moral para o paradesporto que deve pretensamente ser, ao menos nesse quesito, superior ao esporte convencional.

Notas sobre a origem dos Jogos Paraolímpicos e o esporte adaptado⁷

As Paraolimpíadas tiveram sua primeira edição nos anos de 1960.⁸ Realizadas em Roma, mesmo local em que se sucederam as Olimpíadas naquele ano, ela foi a concretização de movimentos existentes na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, para que os Jogos Internacionais de Stoke Mondeville, destinados a pessoas com histórico de deficiência e existentes desde 1948,⁹ se tornassem de fato um evento internacional.

⁷ As informações que compõem esse capítulo foram obtidas do estudo de Souza (2004).

⁸ De acordo com pesquisa de Souza (2004), originalmente as Paraolimpíadas eram denominadas *As olimpíadas dos paralisados*, para após isso ser chamada de *As olimpíadas dos Deficientes Físicos*, no Canadá em 1976. Nos Jogos de 1984 receberam o nome de *Paraolimpíada*, a partir da fusão das palavras paraplegia e olimpíada. Todavia, Freitas e Cidade (citados pelo próprio Souza, 2004, p. 09), discordam dessa versão da origem do termo, *Paraolimpíada* referir-se-ia à paraplegia e teria sido utilizado originalmente por Alice Hunter, com diagnóstico de paraplegia, que escrevera para uma revista em 1984 o artigo “*Alice nas Para-olimpíadas*”, contando sua história esportiva.

⁹ Os primeiros jogos em Stoke Mondeville se deram em 1948, mas somente em 1952 estes passaram a se chamar Jogos Internacionais de Stoke Mondeville.

Nos primeiros Jogos de Stoke Mondeville participaram ex-combatentes de guerra de dois hospitais de Londres, tendo como competidores nos anos que se sucederam militares veteranos de outros países, como Itália, Bélgica, França e Holanda. A participação desse público nos Jogos se deve aos motivos que fomentaram o próprio surgimento dos *esportes adaptados*.¹⁰ Esses tiveram origem a partir da Segunda Guerra Mundial, frente o grande número de pessoas com lesões decorrentes desse conflito e da Primeira Guerra Mundial. Os idealizadores dos esportes adaptados acreditavam que eles poderiam contribuir no processo de reabilitação daquelas pessoas, o que também ajudaria a reinseri-las socialmente.

Os eventos esportivos como as Paraolimpíadas foram criados para garantir a prática sistemática dos esportes pelas pessoas com diagnóstico de deficiência, tendo como referência a presumida relação com a saúde humana a partir da atividade física, e a reintegração dessas pessoas à sociedade. Pressupostos estes que de certa forma continuam a escrever a história do paradesporto, contribuindo para sua permanência.

Os Jogos Parapanamericanos seguem os mesmos princípios, mas trata-se de um evento em menor escala, realizado apenas com atletas provenientes de países do continente americano, sendo atualmente classificatórios para as Paraolimpíadas. Os Jogos realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2007 correspondem à terceira edição do evento, que teve início em 1999.

Sobre a construção do herói paratleta – contra e a favor do estigma

Renato Leite era motoboy e jogador de futebol das categorias de base do São Caetano e sonhava se profissionalizar um dia, apesar de saber das dificuldades. No dia 2 de janeiro de 2002, às 11h, porém, o destino do jovem, na época com 19 anos, começava a mudar completamente (ASMAR, 2007, p. 22).

É assim, como o anúncio de um trágico acontecimento, que grande parte das reportagens analisadas inicia a história daqueles inscritos no Parapan-americanos 2007. A partir de seu anúncio, o fato é descrito

¹⁰ Até os anos de 1969 as Paraolimpíadas mantiveram a tradição de ter como seu público participante apenas pessoas com histórico de deficiência causado pela guerra. A partir de então pessoas com outros diagnósticos, como seqüelas de poliomielite e amputações, passaram a participar dos Jogos.

de modo detalhado, salientando-se as dificuldades enfrentadas pelos protagonistas para chegarem à posição de “prestígio” que hoje possuem. Como um elemento constante nas reportagens, a tragédia vai gradativamente se mostrando como fundamental na constituição da imagem dos paratletas, especialmente na relação que essa vai sorrateiramente estabelecendo com a construção do personagem heróico, aquele cai, sofre, mas supera as adversidades e vence.

Na investigação mais atenta sobre esse componente da narrativa desenvolvida na mídia sobre os paratletas, o momento trágico emerge como ambíguo na vida de seus personagens. Ao passo que se apresenta como já superada, pois os paratletas conseguiram mudar o destino infeliz traçado no momento em que nasceram – no caso daqueles possuidores de uma deficiência congênita –, ou ainda quando sofreram o acidente, concomitantemente a narração também denota a não superação, já que deve ser insistentemente referida como seu núcleo fundador e legitimador. A repetição desse núcleo atribui aos paratletas um reconhecimento, pois um deficiente, “antes de vencer nas pistas, [...] passou por muitas dificuldades.” (CONDE, 2007c, p.14).

Nesse sentido é válido fazer referência, ainda que breve, aos escritos de Goffman (1988). Esse autor, ao operar com o conceito de *estigma*, destaca que o estigmatizado (que nesse estudo refere-se à pessoa com diagnóstico de deficiência), apresenta-se como se estivesse *em exibição*, de modo que suas condutas são inalcançáveis pelas outras pessoas, sobretudo se considerar que os *outros* não passaram por todas as provações que eles, já que não possuem nenhum tipo de deficiência. Assim, “Seus menores atos, ele sente, podem ser avaliados como sinais de capacidades notáveis e extraordinárias nessas circunstâncias.” (GOFFMAN, 1988, p. 24).

Exemplar sobre o modo como essa reflexão se expressa no material analisado é a reportagem intitulada: “Engenhão vira sala de aula para alunos valorizarem a ‘diferença’”. (RANGEL, 16/08/07). Nela, discorre-se sobre o fato do estádio em que a competição da modalidade atletismo ocorria ter se transformado em destino de excursão para escolas do Rio de Janeiro, pois o que lá transcorria era uma importante lição pedagógica para a vida de todos os alunos. Nesse sentido, são os paratletas que estão *em exibição* para serem “admirados”. O espetáculo esportivo só faz sentido ao ser composto pela presença dos estigmatizados, ao não ser apontado como justificativa para a ida dos alunos ao estádio ou pista de atletismo.

Complementando esse aspecto da *exibição* que caracteriza a pessoa estigmatizada, está a *espetacularização da deficiência* – pois o que emociona é a forma que estes corpos deficientes apresentam suas

particulares *performances*. Configuram, portanto, seu espetáculo específico ao proporcionar àqueles que visitam o território paradesportivo a presença no espaço próprio de uma *estética da anormalidade*: “As histórias de corpos diferentes, suprimidos, expulsos dos espaços culturais hegemônicos, [eles] remetem-nos a lugares proibidos, ora maculados pela piedade, ora escondidos pelas sombras das forças estéticas da normalidade.” (NOVAES, 2007, p. 169). É no paradesporto, local de exposição dos corpos deficientes, que a deficiência transformada em espetáculo aparece em meio ao discurso de “piedade” e “(n) as sombras das forças estéticas da normalidade”, tal como nos sugere um depoimento presente em reportagem:

‘Eles são um exemplo para todos nós. A partir de hoje, vou valorizar muito mais a minha vida. Aprendi muito hoje’, disse Gilberto Pinto, 17, aluno do terceiro ano do ensino médio de um colégio estadual. ‘O resultado é o que menos importa. Incentivo todos’(RANGEL, 16/08/07).

Trazidos “à luz”, à exposição, os paratletas são considerados exemplos da superação e usufruem de algum reconhecimento social devido a todo seu empenho e sacrifício em se inserirem na sociedade por meio da prática de esportes adaptados – que em sua versão convencional encontra legitimidade justamente pelo ideário da *sobrepujança*.¹¹

É essencial assim que se conte sua história trágica, bem como se reforce uma pretensa característica também ressaltada para os atletas convencionais: a de que eles são moralmente corretos. Não é raro encontrar alusões à qualidade do bom caráter dos paratletas. Os exemplos são diversos, mas paradigmático nesse sentido é o caso de Renato, que perdeu aquele que estivera envolvido no acidente que resultou na amputação de sua perna e não lhe prestara auxílio (ASMAR, 2007). Não são sem importância as ações de caridade por eles realizadas. Em uma entrevista são lembradas pelo próprio paratleta, o qual as considera como responsável por parte do seu reconhecimento (CONDE, 2007c, p.15).¹² Vale ainda destacar que o paratleta

¹¹ Entre outros autores, abordam esse assunto de modo mais ou menos transversal Bracht (1992), Kunz (2003) e Vaz (1999).

¹² “Além das medalhas e recorde, em sua carreira você ganhou alguns prêmios importantes como o ‘Role model of 21st century’ e ‘US Olympic Spirit Award’. Por que você acha que recebe tanto reconhecimento? Acho que é porque dedico boa parte do meu tempo treinando e trabalhando com caridade (...)”.(CONDE, 2007c, p.15)

assume o discurso veiculado pela mídia sobre si, sendo um exemplo concreto da efetividade desse veículo como mecanismo de subjetivação.

Nesse mesmo sentido, é preciso ainda salientar a presença no paradesporto do "bom moço", daquele moralmente exemplar, vitimizado pela irresponsabilidade de outrem, não sendo notado ao longo dos relatos investigados nessa pesquisa a ênfase a paratletas baleados no passado por conta de uma atividade eventualmente criminosa, mas somente o acolhimento daqueles de "boa conduta". Compõem o universo paradesportivo as "pessoas de bem" – os sujeitos justos, porém sofrendores, os caridosos, porém desgraçados. É como se a figura do marginal pudesse contaminar o universo paradesportivo. Este universo é purificado pelo sacrifício que impede a entrada de qualquer vestígio da impureza – que podemos compreender como as atividades ilícitas de sobrevivência – e por isso a assepsia social é tão importante.

Frente ao enaltecimento do deficiente, é possível tentar compreendê-lo à luz do que Goffman (1988) denomina como a *figura dos representantes*. O *representante* de um determinado grupo seria a ele pertencente (pode ser um cego, um cadeirante, um deficiente mental etc), portanto, alguém que conhece os problemas vividos e assume algum destaque social. Cabe a eles amenizarem socialmente o rótulo dos grupos a que pertencem. Os *representantes* também "são heróis da adaptação, sujeitos a recompensas públicas por provar que um indivíduo desse tipo pode ser uma boa pessoa" (GOFFMAN, 1988, p. 34). Certamente os paratletas acabam assumindo esse papel ao serem apresentados como detentores de qualidades morais como o fato de serem afeitos à caridade, à bondade, ao perdão; mas, principalmente, porque passaram por caminhos "tortuosos ou trágicos, [mas mesmo assim] construíram belas histórias" (CONDE, 2007b, p. 12), no sentido de que conseguiram ter superado as dificuldades impostas pela deficiência tornando-se pessoas vitoriosas, moralmente corretas e felizes, tal como deixa perceber o discurso presente na mídia impressa analisada.

Ainda nessa perspectiva, são dignos de atenção os seguintes textos: "Agora, esses três atletas paraolímpicos servem como exemplo para outros portadores de deficiência. É esse o objetivo do comitê dos EUA." (FOLHA DE SÃO PAULO, 12/08/07). Parece haver um duplo sentido nesse discurso, que ao operar com a idéia de ser um *exemplo* a outros, ressaltando o que Goffman (1988) chama de *representantes*, também sinaliza para a necessidade de que todas as pessoas com diagnóstico de deficiência sejam paratletas. Reforça ainda essa "missão" a seguinte frase: "Vamos buscá-los em visitas ao Departamento de Defesa, a hospitais e em outros locais

onde há veteranos” (MATTOS; RANGEL, 12/08/07). Esta declaração foi proferida por um dirigente de um programa militar que recruta ex-combatentes mutilados para a prática do paradesporto. Assim, a “saída” dada às pessoas com diagnóstico de deficiência seria o paradesporto, sendo esse apontado como a salvação da vida desses sujeitos apresentados como necessitados desse mecanismo de “redenção”.

Provavelmente a indicação ao paradesporto está atrelada a sua repercussão social, como recurso capaz de amenizar o peso da deficiência, e dessa maneira livrá-los da imagem da invalidez.¹³ A carreira de paratleta é o modo encontrado para que o “defeito” físico/sensorial seja compensado. São compreensíveis assim as afirmações de que os paratletas aproveitaram sua “segunda chance” – proporcionada pelo paradesporto – e obtiveram um “final feliz”. Um desfecho de suas vidas que, de modo paradoxal, possivelmente não seria possível se a tragédia não tivesse acontecido. É isso ao menos o que afirma Renato, um dos jogadores da seleção de vôlei sentado:

Se não fosse aquela batida, poderia ser um motoboy até hoje, já que é difícil crescer no futebol sem um grande empresário. Graças ao vôlei sentado, consegui bolsa integral para cursar faculdade de educação física e sou formado. Além disso, estou com bolsa na pós-graduação e já viajei para vários países, como Argentina, Eslovênia e Holanda” (ASMAR, 2007, p. 22).

Aqui cabe recorreremos a Paiva (2007) sobre pessoas amputadas, que assinala que:

A amputação ocasiona a morte real de uma parte do corpo do indivíduo, como também, a morte

¹³ De acordo com o que defende Pappous et all (2009), a representação midiática quanto aos paratletas e seus corpos ocupam um papel elementar na ruptura nas normas de corpo existentes ou na reprodução da imagem de invalidez associada as pessoas com diagnóstico de deficiência. Em seu estudo, tais autores apontam para o modo como ambas as possibilidades se expressam no material iconográfico das Paraolimpíadas de 2000 e 2004, veiculados em oito jornais da Europa. No que se refere as cenas analisadas como “positivas” com relação a imagem midiática do corpo dos paraolímpicos, essas seriam aquelas em que há destaque das capacidades compensando a discapacidade, ênfase no contexto do mundo esportivo, e quanto a deficiência não está retratada. Compreendemos que a dita “representação positiva” resume-se a tentativa de esquecimento do corpo discapacitado e consequentemente a negação daquilo que justamente caracteriza o paratleta e que são elementos centrais dos Jogos *Para* (os portadores de diagnóstico de deficiência): a diferença corporal.

simbólica de um estilo de vida, de uma forma de ser e de uma identidade. Porém, diante de uma situação-limite como a amputação, mais do que nunca o imperativo é ‘fazer viver’, mesmo que para isso o indivíduo abdique de uma parte de si, de um modo de vida para reviver numa outra ‘forma’ corporal. (p. 151)

Parece-nos que as palavras do paratleta Renato corroboram a assertiva da Autora supracitada, porém, sem expressar pesar por isso. Renato diz ao leitor que só lhe foi possível ser paratleta em função do seu acidente. Isso registra a “morte simbólica de um estilo de vida, de uma forma de ser e de uma identidade”, afinal seu estilo de vida de atleta se constrói no paradesporto, a partir de sua nova forma corporal, nos termos da Paiva (2007). Igualmente ocorre com sua atual construção de uma identidade de paratleta, possível para esta nova corporalidade.

Como explica Goffman (1988), “o estigmatizado pode, também, ver as privações que sofreu como uma bênção secreta, especialmente devido à crença de que o sofrimento muito pode ensinar a uma pessoa sobre a vida e sobre as outras pessoas” (GOFFMAN, 1988, p. 20). Exemplar dessa relação com a aprendizagem é a fala de um paratleta entrevistado: “Fiquei paralisado do pescoço para baixo. Já recuperei parte dos movimentos. Mesmo assim não mudaria em nada. *Aprendi muito com o acidente.*” (CONDE, 2007b, p. 13 – grifos nossos).

Partindo ainda de um pressuposto semelhante, Goffman (1988) relata que o estigmatizado aponta as limitações daqueles que se encontram dentro dos padrões de normalidade. Ilustrando tal consideração, podemos recorrer ao trecho de uma reportagem na qual o paratleta dá o seguinte depoimento: “Eu não sei o que as pessoas vêem na Olimpíada, pois quando você olha uma Paraolimpíada, você não vê apenas esportes, você vê dedicação, perseverança. Eu sou um atleta paraolímpico e tenho muito orgulho.” (CONDE, 2007c, p.15). De acordo com o entrevistado – e aqui mais uma vez é notável que o paratleta em alguma medida assuma o discurso sobre ele é feito –, as Olimpíadas são inferiores às Paraolimpíadas, uma vez que o esporte por si só não basta. É preciso que haja o sofrimento, a perda, uma morte (neste caso de um membro do corpo ou da visão, por exemplo). Tais elementos enriqueceriam, ou ainda prevalecem sobre, o espetáculo (parad)esportivo. Por outro lado, esse discurso sugere ser inferiores o sofrimento, a dedicação e a perseverança que, mesmo que não estando atrelados a uma amputação, circunscrevem o universo do esporte.

É por essas vias que se percebe a construção do discurso a respeito dos paratletas. Um discurso digno de heróis – ou ainda “astros”, “estrelas”, tal qual eles são denominados nas reportagens analisadas – que se configura pouco a pouco como mito, seja pela relação com o sacrifício inigualável, com a alusão a suas características morais, ou ainda pela impossibilidade de separação do momento trágico. Vê-se assim a constituição do que poderia talvez ser denominado de “mito do herói deficiente”.

Mais um comentário, talvez político, sobre o irrenunciável encontro entre o paradesporto e seu correlato convencional

Frente a esse elogio dos paratletas à conquista de legitimidade social por meio do esporte e indiretamente da própria deficiência(!) não é possível deixar de questionar: como lidar com o enaltecimento da alta *performance* entre aqueles que nunca (ou raramente) alcançarão aquela que seria uma *performance máxima* quanto ao desempenho humano, como fazem os atletas do esporte convencional? Seria este o sonho sempre a ser buscado, como ilustram as reportagens abaixo?

O velocista sul-africano Oscar Pistorious, que tem as duas pernas amputadas, desistiu de competir nas Olimpíadas de Pequim, em agosto, mas deve continuar sua luta para poder correr nos Jogos de Londres, em 2012. O corredor, estrela do circuito paraolímpico, participou do processo de seleção do time olímpico da África do Sul, mas sua participação foi vetada pela IAAF (Federação Internacional de Atletismo). (...) Apesar da luta para conquistar o direito de competir, Pistorious ainda não tem índices para chegar às Olimpíadas. (VELOCISTA..., 2008, s/p)

Depois dos Jogos, a sul-africana traçou uma meta: não se contentaria novamente com sua ‘segunda opção’. (...) No sábado, Natalie, enfim, atingiu sua meta. Aos 24 anos, deve ser a primeira amputada a disputar, na Olimpíada, prova que exige coordenação de todos os membros. (...) ‘Nunca havia chorado depois de uma competição, mas isso significa muito para

mim. Tenho os mesmos sonhos e as mesmas metas das outras nadadoras, não importa se minha aparência é diferente da delas.’ (FOLHA DE SÃO PAULO, 06/05/08)

A “ascensão” dos paratletas ao universo do esporte convencional raramente é concedida, vigorando a máxima de que é preciso mantê-los confinados ao mundo das deficiências e das próteses. É importante salientar ainda que o ascenso emerge de forma paradoxal, pois conforme destacado por um paratleta em entrevista citada no primeiro capítulo desse texto, as Paraolimpíadas configuram um mosaico de relações para além do esporte, o que tornaria o evento superior àquele nos moldes convencionais – as Olimpíadas. Além disso, como já descrito neste texto, ao paratleta é necessário não desvincular-se da deficiência, afinal estar no mundo (para) esportivizado só é possível por conta desse fator.

Apesar disso, ao que parece, o paradesporto se propõe a cumprir uma posição de segunda categoria, devido à maneira como se estrutura e dos ideais que coloca para si mesmo. Em analogia com o esporte convencional e compartilhando o mesmo tipo de organização racional, o paradesporto reproduz o desporto: vence o melhor, as competições seguem a mesma sistematização, é preciso superação diariamente, constrói-se a partir de muita disciplina e treinamento, está ligado ao rigor técnico. Além do mais, a própria gênese do paradesporto é o desporto, logo, as regras das modalidades sofrem poucas alterações.¹⁴ Sendo assim, o paradesporto não tem o objetivo de romper com a estrutura desportiva, ao contrário, quanto mais próxima, maior sua legitimidade.

Essa intrínseca relação com o esporte convencional é apreendida a partir do que foi escrito até aqui: busca da performance, do sacrifício, descrição de características morais (super-homem) e a referência aos paratletas por meio de expressões idênticas àquelas dirigidas aos atletas convencionais (astros, estrelas). Outro fato a ser destacado é a corrente comparação com os atletas convencionais: “Assim como a estrela Thiago Pereira, André terá mãe na torcida e chance de ganhar muitas medalhas.” (CONDE, 2007d, p. 16). Permanece a idéia de que a legitimidade social dos paratletas só é atingida pela relação que esses conseguem estabelecer com os atletas do esporte convencional. É isso o que talvez autorize afirmações como: “[ele mostra] que já domina o discurso dos campeões” (CONDE,

¹⁴ O goalbal é uma exceção, pois foi criado especialmente para ser praticado por pessoas cegas. Não é adaptado de nenhum outro esporte.

2007d, p. 16); ou ainda, “com desempenho *digno* de astro.” (CONDE, 2007d, p. 16 – grifo nosso). Nesse caso, a dignidade é alcançada pela equiparação. Aqui mais uma vez fica claro que o objetivo não é romper com o desporto, mas aproximar-se dele. Apesar de o paradesporto apresentar-se para a deficiência, acaba por primar à eficiência. Sendo assim, vence o mais eficiente entre os deficientes.

As relações entre ambos os modelos esportivos são tão evidentes que até mesmo as formas de transgressão se equivalem; tal como deixa notar o título de uma reportagem: “Rio-07 registra caso de doping até no Parapan” (ITOKAZU, 11/12/07). Como se vê, transgredir também faz parte da dinâmica paradesportiva, colocando-se nos mesmos moldes: a do *doping*. Em que pese aqui a constante tentativa de purificar o paradesporto – nesse caso simbolizada pela palavra “até” –, insinuando-se que ele de alguma maneira estaria “acima” do esporte convencional, ainda que seja em princípios morais. Algo que se mostra como falso pelos próprios dizeres acima referidos a respeito do *doping*, mas notável também em outras reportagens, em especial por uma publicada pela Folha de São Paulo (19/08/07), intitulada “Espanha usou não-deficientes para levar ouro”. Assim como no esporte convencional é vencer ou vencer, e para isso cometem-se, inclusive, ilegalidades – o que desbanca a falsa imagem da pureza atrelada ao esporte praticado por paratletas.

Mais um exemplo da analogia com o esporte convencional é a presença no paradesporto do ambíguo discurso sobre a “vitória”. Por um lado, o que se afirma é que qualquer resultado já é uma vitória (CONDE, 2007b, p. 13), ao mesmo tempo em que se reforça a idéia de que o importante mesmo é vencer (SÁ, 2007, p. 23).¹⁵ Possivelmente essa ambigüidade ganhe contornos ainda mais imprecisos entre aqueles que chegam a ser exaltados pelo simples fato de serem “sobreviventes” (CONDE, 2007b, p. 13). Novamente evidencia-se a dificuldade em se lidar com a idéia de *performance* para os que não se adequam, devido às limitações físicas ou sensoriais, ao padrão do atleta, enquanto imagem de um “super-homem”,

¹⁵ Bassani, Torri e Vaz (2003) identificaram a presença dessa ambigüidade (rendimento X participação/valores morais) em uma pesquisa sobre o esporte escolar, sobretudo na tentativa de conciliação por parte do professor/técnico entre o imperativo da vitória, pertencente a dinâmica do esporte em si, e a “formação” dos alunos/atletas. De acordo com os autores, frente às incoerências entre o dito e o feito, “atualiza-se uma pergunta antiga que acompanha constantemente as crianças, ainda que ela não seja verbalizada: o que vale no esporte é ou não vencer? A resposta elas aprendem na prática (...), [pela] celebração do sacrifício, valorizado como prova de superação e generosidade, ao se motivar alguém a competir, mesmo estando lesionado/a.” (BASSANI, TORRI, VAZ, 2003, p. 110).

quase um “deus”, em que se expressa a fantasia da possibilidade de um *desempenho máximo* da humanidade dentro de determinada modalidade esportiva ou, ainda mais radicalmente, na performance de um atleta.

Não questionamos a existência da *performance* na atuação do paratleta, seja no seu treinamento, ou na competição. Ao abordar essa questão a partir da relação entre *performance* e próteses, Novaes (2007) atenta para o fato específico de que:

No caso do atleta portador de deficiência, a ação potencializadora não se estabelece apenas com a colonização tecnológica de seu corpo [devido ao uso da prótese], mas a partir de ajustes na prótese através de dispositivos técnicos que possibilitam a instrumentalização de sua própria *performance* (p.173).

É preciso lembrar, no entanto, que a prótese como “potencializadora da performance” também é o elemento que nega a participação do paratleta em competições esportivas. De modo que poderíamos dizer que é ela quem demarca o território de intervenção do atleta paradesportivo.

A partir do exposto vale questionar o próprio caráter de inclusão social que o paradesporto afirma assumir. Como o esporte, que busca legitimidade pelo viés da inclusão, mas que não a cumpre por ser incompatível com a lógica que lhe é anunciada, assim também acontece com o paradesporto, no qual vigora a máxima da *performance* e conseqüentemente da exclusão, notável pela presença unânime nas reportagens apenas daqueles que são promessas de medalhas; e ainda do privilégio de patrocínio ser concedido somente aos melhores.¹⁶ Assim como no esporte convencional, no paradesporto também é vitorioso somente o mais veloz, o mais forte, o mais ágil. A diferença é que velocidade, força

¹⁶ Nesse sentido, as discussões a respeito de uma adaptação mais adequada das regras aos participantes com histórico de deficiência, a fim de que haja uma maior inclusão dessas pessoas nesse tipo de prática, é apenas a ponta de lança de uma problematização que deve englobar o questionamento da própria lógica do esporte em si; e a partir daí ponderar então sobre o que se pretende ao buscar uma analogia do paradesporto a ele. O exercício de crítica ao esporte vem sendo feito no Brasil desde a década de oitenta a partir de um movimento teórico nascido na Europa, conhecido como “Teoria Crítica do Esporte”. Para uma análise sobre os desdobramentos da teoria crítica do esporte no Brasil, ver Torri e Vaz (2006).

e agilidade aparecem entre próteses, vendas nos olhos e outras adaptações estruturais.¹⁷

Particularmente no evento sobre o qual estamos nos debruçando, é possível detectar, de modo mais específico a falácia do discurso inclusivo que ecoa cotidianamente em todas as esferas sociais. A chamada da reportagem que alerta: “Parapan falha no acesso de deficientes” (BELCHIOR, 13/08/07); é acompanhada, poucas linhas abaixo, das seguintes assertivas: “Festa inaugural apresenta problemas na segurança para usuários de cadeira de rodas e falta de legenda para deficientes auditivos” (BELCHIOR, 13/08/07). Ironicamente esse evento esportivo fora organizado para pessoas com alguma deficiência, o que sinaliza de modo mais explícito o caráter de jargão que adquiriu o discurso inclusivo, tal como identificado nas reportagens analisadas a respeito do paradesporto.

Por fim, ressalta-se aqui a dificuldade de sustentar o paradesporto como possuindo valor em si mesmo, já que se estrutura e apresenta sempre em relação ao desporto convencional, não podendo assim cumprir mais do que a função de ser uma segunda categoria deste. Enquanto o esporte convencional em nada depende do paradesporto para ter seu reconhecimento, o mesmo não acontece com este último, já que sua existência só é possível porque o esporte se coloca como um fenômeno social de grande importância. Os trechos que seguem abaixo são exemplares:

Apesar das reclamações, o público aplaudiu a festa, uma versão reduzida da abertura do Pan, com muito playback. A platéia, só para convidados, começou tímida. Quarenta minutos antes, havia menos de 20 pessoas nas arquibancadas. No fim, segundo o Co-Rio, 70% dos assentos estavam ocupados – o que só ocorreu depois que a entrada foi liberada. (BELCHIOR, 13/08/07).

Escusas vão de questão cultural à constatação de que, ao disputar os Jogos, os competidores

¹⁷ Se de acordo com Novaes (2007) o corpo híbrido, composto de carne e prótese, é apenas uma das expressões do investimento humano contemporâneo de fazer uso da técnica e da tecnologia para reconstrução das subjetividades, o que destacamos como problemático é a onipresença do ideário da potencialização, da eficiência, da “capacidade” como elemento central da constituição do “eu”, ao ponto de parecer extremamente positivo que os corpos deficientes também encontrem algum meio – e o autor destaca a importância da prótese do paratleta nesse sentido – de expressarem eficiência.

não atuarão na condição de profissionais. (GRIJÓ, 04/04/07).

(...) havia um compromisso da organização dos eventos para que os serviços oferecidos fossem os mesmos para os competidores do Pan e do Parapan. Os atletas paraolímpicos tiveram à disposição apenas a rede pública de saúde. (TORRES, 12/09/07).

O presidente deve ir a pelo menos um dia no Parapan, diz o ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior. Mas não há certeza de sua presença na abertura dos Jogos, no domingo, por causa de seus compromissos. (FOLHA DE SÃO PAULO, 08/08/07).

“Versão reduzida do Pan”; amadorismo esportivo; necessidade de pelejar a igualdade à assistência médica, que mesmo assim não ocorreu; possível ausência do presidente da república em tal evento de abrangência internacional, são questões que acabam por ilustrar mais uma vez a secundarização oferecida ao paradesporto em relação ao desporto convencional. Arelada à dependência está a subalternidade, uma vez que para a abertura do Parapan-americanos o playback é que anima a festa, não há a necessidade de convidar artistas reconhecidos para o evento. Bem como a total desimportância expressa na negação de convênios de saúde, ficando os paratletas sujeitos ao atendimento do serviço público. Sem grande significado foi também a abertura do evento, expressa na possível ausência do presidente da república nessa (nem tanto!) grandiosa festa. São todos esses elementos que vão apontando para a inferioridade daquele que reivindica ser de grande importância social: o paradesporto.

Algumas considerações

Ao longo da exposição dos resultados proveniente da análise desenvolvida, destaca-se o modo como a idéia da superação é constantemente atrelada à imagem do paratleta. Resultante de um discurso romântico, que enfatiza as tragédias da vida dessas pessoas, tal ideário exalta repetidamente o sofrimento como forma de ascese. Um discurso que tem algo de similar àquele referente aos atletas convencionais – associados correntemente ao

universo da pobreza, do preconceito, do ser órfão, etc. –, mas que precisa ser considerado como inigualável. Talvez essa seja uma forma de compensação para o fato de que a condição de deficiente, na maioria dos casos, não pode ser modificada, por maior que seja a capacidade de redenção concernente ao sofrimento. Somente por isso, o esforço dessas pessoas em se tornarem paratletas parece ser considerado – ao menos no material analisado – como suficiente para que eles sejam louvados como heróis.

Nesse sentido, tal discurso que enfatiza a deficiência, acaba em alguma medida retirando a dimensão de humanidade desses sujeitos. Dito de outro modo, o fato de alguém ter determinada deficiência, por esse único motivo, é tomado como suficiente para que esse seja apresentado às pessoas como moralmente correto, incapaz de cometer equívocos ou atos de crueldade. Novamente emerge a perspectiva de compensação – essa sempre associada ao *mas* –, expressando que é deficiente, *mas* é um excelente sujeito.

Dialogando com Goffman (1988), a análise indica ainda que a deficiência em determinados momentos pode ser encarada como algo bom, como se por meio da fatalidade algo divino estivesse atrelado a vida dessas pessoas. E isso, pretensamente os torna melhores que as pessoas não deficientes, assim como seus atos também se tornam melhores. Pensando no contexto do paradesporto, o esporte convencional pode ser equivocadamente reduzido ao “prazer”, ao descompromisso, à ausência de perseverança e de dedicação. Conceito esse de esporte totalmente errôneo e reducionista, pois é sabido que a história do desporto se faz através de muito sofrimento, muita labuta, independentemente dos sujeitos não possuírem alguma deficiência.

O que se presume aqui é que esse seja o meio encontrado para a constituição de uma identidade (e também de um prestígio) que seja singular ao paradesporto, uma vez que ambos operam em uma lógica comum. Mais do que isso, é possível afirmar que reproduzir a racionalidade do esporte convencional é o único fim do paradesporto, uma vez que este é dependente da dinâmica do desporto – inclusive no que se refere ao princípio de exclusão dos menos aptos/fortes/habilidosos.

Com o auxílio de Goffman (1988), é possível dizer que o papel desempenhado socialmente pelos paratletas pode ser descrito como o de pessoas que ocupam o lugar de *representantes* do seu grupo (de pessoas com diagnóstico de deficiência). Esses sujeitos amenizam o peso de ser uma pessoa com deficiência. Afinal, mostram constantemente por meio do paradesporto, o que são capazes de fazer, o que proporciona certo consolo àqueles que de algum modo são sempre vistos pelas suas “incapacidades”.

Por outro lado, cabe o questionamento: são realmente capazes de fazer? Por mais que estejam alicerçados no universo da eficiência (característica do paradesporto), conseguem de fato aproximar-se dela? Ou, em última análise, poderíamos visualizar uma *deficiência performática*?

REFERÊNCIAS

ASMAR, T. Admiração inabalável. *Jornal Lance!* p. 22 de 18 de agosto de 2007.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. *Movimento*. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003.

BELCHIOR, L. Parapan falha no acesso de deficientes. *Folha de São Paulo*. 13 de agosto de 2007.

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

CONDE, A. Nova largada: nível de olimpíada. *Revista A+*, p. 8, ano 7, n° 360, 11 a 17 de agosto de 2007a.

_____. Veteranos sobreviventes. *Revista A+*, p. 12 e 13, ano 7, n° 360, 11 a 17 de agosto de 2007b.

_____. De olho na raia 5. *Revista A+*, p. 14 e 15, ano 7, n° 360, 11 a 17 de agosto de 2007c.

_____. Agora é: vai, André! *Revista A+*, p. 16 e 17, ano 7, n° 360, 11 a 17 de agosto de 2007d.

DA REPORTAGEM LOCAL. Amputada garante vaga em Pequim. *Folha de São Paulo*. 06 de maio de 2008.

DA REPORTAGEM LOCAL. Espanha usou não-deficientes para levar ouro. *Folha de São Paulo*. 19 de agosto de 2007.

DA REPORTAGEM LOCAL/DA SUCURSAL RIO. Esporte é trilha para reinserção pós-guerra. *Folha de São Paulo*. 12 de agosto de 2007.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 4ª edição, 1988.

GOMIDE, R. Policiais cadeirantes são incorporados à Força Nacional no Parapan. *Folha de São Paulo*. 15 de agosto de 2007.

GRIJÓ, F. “Amador”, Pan não numera ingresso. *Folha de São Paulo*. 04 de abril de 2007.

ITOKAZU, F. Rio-07 registra caso de doping até no Parapan. *Folha de São Paulo*. 11 de dezembro de 2007.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 5ª ed. Ijuí: Ed. Ijuí, 2003. 160p.

MATTOS, R. e RANGEL, S. Parapan constrói ponte Bagdá-Rio. *Folha de São Paulo*. 12 de agosto de 2007.

NOVAES, V. de S. A *performance* do híbrido: corpo, deficiência e potencialização. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Org.) *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007, p. 165-180.

PAIVA, L. L. Corpos Amputados e Protetizados: “Naturalizando” novas formas de habitar o corpo na contemporaneidade. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Org.) *Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007, p. 143-163.

PAPPOUS, A. *et al.* La representación mediática del deporte a la discapacidad em los medios de comunicación. *Ágora para la educación física y el deporte*, Universidade de La Rioja; n. 9, 2009, p. 31-42.

Parapan. Após vaias, Lula deve voltar ao Rio. *Folha de São Paulo*. 08 de agosto de 2007.

RANGEL, S. Engenhão vira sala de aula para alunos valorizarem “a diferença”. *Folha de São Paulo*. 16 de agosto de 2007.

SÁ, E.M. de Uma tribo bem rubro-negra. *Jornal Lance!* p. 23 de 18 de agosto de 2007.

SOUZA, L. R. *Olimpíadas/Para-olimpíadas & inclusão: aproximações*. Florianópolis: UDESC, 2004. Monografia de Especialização em Educação Inclusiva. 45p. (MIMEO)

TORRES, S. Câmara dos Vereadores instala CPI para apurar Jogos. *Folha de São Paulo*. 12 de setembro de 2007.

TORRI, D.; VAZ, A. F. Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. *Rev. Bras. de Ciências do Esporte*. Campinas; v. 28, n.1, p. 185-200, set. 2006.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes* (Org. de SOARES, C.L.), Campinas, ano XIX, n. 48, p.89-108, agosto 1999.

VELOCISTA amputado desiste de competir nas Olimpíadas de Pequim. *Esporte Uol*: online. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2008/01/28/ult5584u261.jhtm>> Acesso em: 01 fev 2008.



O PAN RIO-2007 NA AGENDA MUDIÁTICO-ESPORTIVA: estudo de recepção midiática e (possíveis) repercussões para a Educação Física escolar¹

Cristiano Mezzaroba

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Mais recentemente, alguns autores, seguindo a tendência de uma Educação Física (EF) mais crítica/reflexiva, passaram a considerar a importância da *mídia* no processo educativo/formativo dos indivíduos. Além disso, também se destaca, nos últimos anos, algumas importantes aproximações que vêm sendo feitas entre a EF e as Ciências Humanas e Sociais com o objetivo de permitir uma melhor compreensão daquele que é um dos fenômenos mais marcantes da nossa sociedade: *o fenômeno esportivo*.

É de entendimento geral a importância que a mídia tem no mundo atual na construção de sentidos e significados dentro da cultura contemporânea. Com relação à EF mais especificamente, entendida como uma área de *intervenção pedagógica*, a mídia, principalmente a televisão, influencia os entendimentos a respeito das diversas práticas corporais, transformando aquilo que seria a *cultura corporal de movimento*² (BETTI, 2003) em outras formas de consumo, ou, ainda, modificando as formas de perceber/praticar/analisar o esporte (este último considerado o conteúdo hegemônico das aulas de EF).

¹ O presente texto foi produzido a partir de dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, em 29/02/2008 (MEZZARROBA, 2008), sob orientação do professor Giovanni De Lorenzi Pires. Uma versão preliminar deste texto foi publicada nos anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), em Recife/2007.

² Entende-se este termo como “a parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício (em geral sistemático e intencionado) da motricidade humana – jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas” (BETTI, 2003, p. 96-97).

Segundo dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística³, relativos a 2006, a televisão está presente em 93% dos domicílios brasileiros, sendo a mídia mais utilizada, com importante participação no cotidiano da sociedade brasileira. Por isso, ela acaba sendo também a mídia *mais poderosa* na disseminação de informações, responsável por mais de 80% daquilo que é discutido nos mais diversos espaços sociais (segundo GUARESCHI⁴, 1998, apud LISBOA, 2004).

Com essa participação significativa da televisão no processo de comunicação na sociedade contemporânea, e da importância que se atribui ao esporte, torna-se necessário analisar essa relação entre esporte e mídia televisiva com mais atenção – um dos pontos a que este estudo se destina.

Pelas suas características e pela capacidade de atrair telespectadores de todas as idades, nacionalidades, níveis de instrução e de condição social, e com isso patrocinadores, o esporte passou a ser um bem sucedido investimento financeiro, uma fonte inesgotável de notícias, de público e de lucro (KENSKI, 1995), tornando-se, conforme Pires (2002, p. 90) “o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva”.

A programação esportiva está presente nas mais diversas emissoras e suas grades de programação cada vez mais destinam espaços de tempo maior às transmissões esportivas ou programas que têm como foco/conteúdo o esporte; sem contar o espaço que é destinado a este conteúdo nos telejornais, nos programas de variedades ou entretenimento e em documentários (geralmente quando tratam de questões relacionadas à saúde e qualidade de vida).

Isso colocado, convém mencionar que um grande evento esportivo, de proporção continental, realizou-se em território brasileiro (na cidade do Rio de Janeiro) no ano de 2007: os *Jogos Pan-americanos Rio 2007*⁵, que incluíam esportes do programa olímpico e outros não disputados em Olimpíadas, jogos estes que são realizados de quatro em quatro anos, sempre nos anos anteriores aos Jogos Olímpicos, entre os países da América do Sul, Central e do Norte.

Pela segunda vez realizado no Brasil (a primeira foi na quarta edição dos Jogos, em 1963, na cidade de São Paulo), agora na cidade do

³ Informações obtidas no site: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/default.htm.

⁴ GUARESCHI, P. O meio comunicativo e seu conteúdo. In: PACHECO, E.D.P. (org.). **Televisão, criança, imaginário e educação**. Campinas: Papyrus, 1998.

⁵ Informações obtidas no site: http://www.rio2007.org.br/pan2007/portugues/jogos_historico.asp.

Rio de Janeiro, em sua 15ª edição, esse evento que reuniu todos os países do continente americano pôde possibilitar uma discussão e reflexão em torno do fenômeno esportivo em nossa sociedade (as representações do esporte, os sentidos e significados que lhe são atribuídos e vinculados pelo discurso midiático, o que a população pensa a respeito do tema, entre outras questões).

A Educação Física Escolar brasileira, tendo no esporte seu conteúdo hegemônico e, diga-se de passagem, preferencial, não poderia negligenciar este importante momento histórico do esporte nacional, já que a organização e realização de tal evento se configurava como um dos “degraus” às entidades esportivas (confederações, empresas e órgãos governamentais) em almejar que o nosso país sedie a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Já há algum tempo (desde 2002, quando a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida para sediar os Jogos em 2007, principalmente após a realização dos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, em 2003), a mídia vinha divulgando e veiculando informações sobre tais Jogos no Brasil. A cidade do Rio de Janeiro foi a escolhida para abrigar a competição, tendo em vista todo o seu potencial turístico. Mas, para isso, era preciso adequar-se em infra-estrutura, ou melhor, que se fizesse uma reestruturação urbana, como já ocorreu com outras cidades-sede, principalmente com relação aos Jogos Olímpicos (basta citar, por exemplo, as últimas edições: Barcelona/92, Atlanta/96, Sydney/2000 e Atenas/2004).

Mascarenhas (2006, p. 343) escreve sobre o legado dos grandes eventos esportivos e procura argumentar que no caso da cidade do Rio de Janeiro, do ponto de vista urbanístico, contrariamente ao que foi realizado nas cidades-sedes das últimas Olimpíadas, optou-se por uma política urbana com concentração espacial dos investimentos nas áreas consideradas privilegiadas, o que fará emergir do evento uma cidade que consolidará “um modelo excludente e segregador.”

Percebeu-se, portanto, um alto investimento na organização de tais jogos e, junto a isto, uma forte tematização do mesmo nos mais variados veículos midiáticos, principalmente na televisão, com programação exclusiva referente aos Jogos, o que fazia supor a realização de uma cobertura do mesmo que se configurou no “agendamento”, conceito que será apresentado a seguir e que na seqüência do texto terá um tópico específico.

Segundo Traquina (2001), o *conceito de agendamento* é apenas uma tradução do *agenda-setting* no inglês, e a sua idéia básica é a seguinte:

“a capacidade da mídia em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu importante papel na figuração da nossa realidade social, isto é, de um pseudo-ambiente, fabricado e montado quase que completamente a partir dos mass mídia” (MCCOMBS and SHAW⁷, 1977, citado por TRAQUINA, 2001, p. 14).

Pode-se dizer, de forma introdutória, que o *agendamento* é um processo relacional entre a agenda jornalística (midiática) e a agenda pública (social), em que há uma tentativa de alguns grupos (financeiros, econômicos, políticos e a própria mídia) em pautar temas e assuntos de seu interesse na esfera social e colocar, desta maneira, sua(s) opinião(ões) com o objetivo de torná-la(s) hegemônica(s). O agendamento, portanto, é sempre exercido pela mídia, veículo que opera tais interesses, mas tem uma relação de interação com a opinião pública, assim como com grupos privados ou da esfera pública, fazendo com que, em sua operacionalização, vários campos⁸ se cruzem.

Diante disso, é necessário também que se pense nas (possíveis) repercussões que esse grande evento esportivo, com toda essa “propaganda”, acarretará à Educação Física Escolar, mais precisamente com relação à utilização pelos alunos das representações apresentadas e reforçadas pela mídia. Será que os jovens estudantes apenas reproduzem as informações esportivas nas aulas de Educação Física ou procuram ressignificá-las? Se a resposta para esta última opção for afirmativa, de que forma isso acontece?

Para que se chegue a qualquer tentativa de resposta, é necessário que se saiba mais sobre os *receptores*⁸, isto é, os jovens estudantes, entendendo-os como participantes de várias instituições, neste caso, especificamente, da instituição escolar, que realiza a chamada “mediação escolar”.

Com essas primeiras considerações, em seguida apresentamos os elementos mais específicos que constituíram esta pesquisa, a qual teve não

⁶ Nas referências da obra de Traquina não é mencionada esta pesquisa de McCombs and Shaw (1977).

⁷ Segundo Bourdieu (1997, p. 57), *campo* “é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças.” De forma sintética, pode-se dizer que *campo* é um microcosmo com suas leis próprias e que tem relação com outros microcosmos. Pode-se citar como exemplos de campos o econômico, o jurídico, político, literário, artístico, científico, esportivo e jornalístico/midiático.

⁸ Não desconhecemos as diferenças significativas dos diversos processos de recepção em função das especificidades dos diversos veículos midiáticos. Por exemplo, sabemos que a *internet* permite uma interatividade que outros meios não permitem. No entanto, neste estudo, consideraremos para todos os efeitos recepção como processo geral de percepção, apropriação e (re)significação das mensagens midiáticas.

só a intenção de ser um estudo que abarcasse tanto o discurso midiático-esportivo (e suas interfaces) referente aos Jogos Pan-americanos no Brasil em 2007, mas principalmente o que os jovens escolares fazem com tal discurso.

Apresentando os objetivos, problema de pesquisa, percurso e as opções metodológicas

Esta pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter descritiva (GOLDENBERG, 2005), caracterizada como um estudo de recepção (de acordo com a *Corrente Latino-americana da Sociologia da Comunicação*), teve por objetivo analisar como os jovens percebem, compreendem e analisam o agendamento midiático destes JPA, com possíveis repercussões disso na EF Escolar.

Apartir do objetivo central do estudo, outras questões de investigação foram examinadas com maior atenção, as quais, concomitantemente ao estudo, procuramos responder, como por exemplo:

- Os contextos sócio-culturais nos quais os jovens se inserem têm ou não influência na compreensão do discurso midiático-esportivo referente aos JPA Rio/2007?
- Os jovens percebem interesses implícitos nos discursos (a questão do consumo, a mercadorização/espetacularização do esporte, a utilização política dos Jogos, estratégias de criação de ídolos, tensionamentos da relação local/global)?
- Quais as possíveis repercussões desses discursos para a prática pedagógica da EF como componente curricular integrado ao projeto político-pedagógico da escola?

Assim, considerando-se a EF escolar como uma intervenção pedagógica que faz sua mediação, e essa relação tão próxima entre esporte e mídia atualmente, o seguinte problema de pesquisa foi elaborado: ***como os jovens estudantes expressam a sua compreensão a respeito do discurso midiático-esportivo dos JPA no Brasil em 2007?***

Procuramos pautar nossa discussão fundamentada pelos princípios dos *Estudos de Recepção* (MARTÍN-BARBERO, 2003), e na *Dialética das Múltiplas Mediações* (OROZCO, 1993), isso porque constatamos que vêm sendo desenvolvidos diversos estudos⁹ no Brasil, sendo que a ênfase

⁹ Pesquisa coletiva realizada em 2005 no *Seminário Avançado de Pesquisa em EF e Mídia* (PPGEF/CDS/UFSC) constatou que os estudos sobre mídia esportiva no Brasil dirigem-se, em sua maioria, à análise da produção midiática (ênfase nos meios emissores), sendo incipientes os estudos que se propõem à recepção. (PIRES *et al*, 2006). (http://www.nepef.ufsc.br/labomidia/observatorio_pesquisa_producao.php).

geralmente é dada ao pólo emissor (mídia), esquecendo-se dos sujeitos que recebem e ressignificam tais produções (a recepção).

A pesquisa de campo foi realizada com alunos de uma escola particular de Florianópolis, que constituíram um pequeno grupo de discussão/observação, sendo desenvolvida através da coleta de questionários-recordatórios e encontros periódicos com o grupo, fazendo-se uso também de um diário de campo.

Para sistematização e interpretação dos dados, foi adotado o procedimento de *análise de conteúdo* (BARDIN, s/d), o que permitiu relacionar o objeto em estudo com as questões teóricas na forma de categorias (conforme Quadro 1). Tais categorias constituíram-se, neste estudo, na maneira como o agendamento para os JPA Rio/2007 foi empregado pela mídia, sendo percebido e identificado pelos jovens estudantes ao atribuírem significado ao discurso midiático-esportivo.

A realização deste estudo se justifica porque, ao levarmos em conta que a escola é um local possível de esclarecimento e a mídia neste espaço pode ser usada como um suporte para o *saber/conhecer*, consideramos que é necessário que a EF escolar se insira no processo da *educação para as mídias*¹⁰ (BELLONI, 2001; FANTIN, 2006), aprofundando conhecimentos a respeito da mídia em geral para abordá-los nas aulas, dando um enfoque mais crítico ao esporte e aos demais conteúdos seus.

É imprescindível que estudos sejam feitos e disseminados no meio acadêmico e escolar para que não se tenha uma visão nem “apocalíptica” que ressalta modos perversos/negativos das mídias em geral, tampouco “integrada” (ECO, 1970), sem análise aprofundada, de visão otimista e ingênua. É preciso, conforme Pires (2003, p. 19-20) que se “afine o olhar” sobre a mídia, isto é, que se inclua no processo ensino-aprendizagem da área “elementos conceituais e técnicos capazes de levá-los [os cidadãos] a reconhecer e interpretar criticamente a mensagem do discurso midiático, a fim de se relacionarem autonomamente com ela.”

¹⁰ Trata-se, segundo Belloni (2001) “de um novo campo de saber e de intervenção, que vem se desenvolvendo desde os anos de 1970 no mundo inteiro (...) cujos objetivos dizem respeito à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação.” (p.12). Fantin (2006, p.31) acrescenta que “a educação para as mídias é uma condição de educação para a cidadania, um instrumento para a democratização de oportunidades educacionais e de acesso ao saber”.

ELEMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS CONSTITUTIVOS DA PESQUISA

Cultura esportiva e televisão

Atualmente, o esporte pode ser percebido como um produto mercadológico, uma mercadoria que pode ser consumida no dia-a-dia, principalmente enquanto sua forma atual de manifestação – a midiaticizada – que seria a forma como a mediação eletrônica, na figura onipresente da televisão, oferece ao público as manifestações esportivas e o seu consumo. (PIRES, 2001).

Essa forma “midiática” de se conhecer o esporte, ou, segundo Betti (1998; 2003), o *esporte telespetáculo*, é a maneira como a televisão constrói os discursos sobre o esporte, configurando-se como uma nova modalidade de consumo para a sociedade, tendo em vista a sua linguagem audiovisual e a utilização dos mais modernos recursos na transmissão dos eventos esportivos.

Esse processo de espetacularização é promovido pela cultura da mídia que, na busca de audiências e de aumentar o poder e o lucro da indústria cultural, promove espetáculos cada vez mais sofisticados. Tal processo se intensificou nas últimas décadas, visto que “as indústrias culturais possibilitaram a multiplicação dos espetáculos nos novos espaços midiáticos e em *sites*, e o espetáculo em si tornou-se um dos princípios organizacionais da economia, da política, da sociedade e da vida cotidiana.” (KELLNER, 2006, p. 119).

Uma outra peculiaridade do esporte telespetáculo que merece atenção se refere à questão dos ídolos ou das celebridades esportivas, os quais, para Kellner (2006, p. 126):

são as divindades fabricadas e administradas. São ícones midiáticos e deuses e deusas da vida cotidiana. Para se tornar uma celebridade, é necessário o reconhecimento como uma estrela no campo do espetáculo, seja com esportes, entretenimento, negócios ou política. (...) espetáculos sempre contêm dramas de celebridades que atraem a atenção do público e que podem até mesmo definir uma época.

Cada vez mais os indivíduos deixam de presenciar os acontecimentos através de suas próprias experiências para estar em contato com formas virtuais de realidade, principalmente a televisão. As experiências com o

esporte não são diferentes: se antes se praticavam modalidades esportivas, passou-se a assisti-las (presencialmente nos estádios, ginásios ou quaisquer outros lugares) e agora, assiste-se virtualmente através da televisão. Segundo Escher (2005, p. 31), “O que acontece é que novas sensibilidades se formam, novos gostos são construídos, que acabam substituindo as antigas formas de assistir a uma partida.”

Essa maneira como se “conhece o esporte” (à maneira da *falação esportiva*, em que o esporte deixa de ser realizado em primeira pessoa, tornando-se um discurso sobre o jogo, conforme ECO, 1984), além de deixar os sujeitos limitados (pela superficialidade das informações e porque na tevê prevalece a imagem do esporte rendimento), acaba tirando a oportunidade de experienciar a prática do esporte. (BETTI, 1998; PIRES, 2002).

Trata-se daquilo que Pires (2002, p.102) considera ser a substituição da experiência formativa pela mediação tecnológica: “a substituição da vivência do esporte por sua assistência mediada pela TV”. Assim, “a ausência da experiência formativa, substituída pela assistência, tanto ‘ao vivo’ quanto pela televisão, faz com que o esporte perca a oportunidade de desenvolver sua dimensão emancipatória”. (Ibid., p. 103).

É necessário considerar também a idéia de *cultura esportiva* ao se tratar do esporte telespetáculo e de sujeitos receptores, ainda mais em tempos de grandes eventos esportivos, como o ocorrido quando da realização dos Jogos Pan-americanos Rio-2007. Isso porque tal conceito permeia os significados referentes ao mundo esportivo na sua propagação pela mídia em geral (principalmente) e também como um aspecto que está inserido no cotidiano de boa parte da população.

De forma sintética, podemos dizer que a cultura esportiva, como parte integrante de uma cultura contemporânea globalizada, tende a universalizar as diferentes manifestações esportivas, padronizando práticas, regras, discursos e comportamentos – através da contribuição decisiva da indústria de comunicação de massa. (PIRES, 2002)

A *cultura esportiva*, portanto, refere-se aos saberes e aos fazeres relacionados à relação entre esporte e mídia no cotidiano das pessoas e também na Educação Física Escolar.

Reconhecendo que as crianças e adolescentes acabam sendo influenciadas por este modelo esportivo que é disseminado pelo *esporte-espetáculo* e que isso acaba repercutindo também nas aulas de EF Escolar, é necessário que se “olhe” de forma mais atenta e crítica para essa problemática, opinião corroborada por Rodrigues e Montagner (2003, p. 14), quando os mesmos escrevem que:

A Educação Física Escolar, no geral, vem sendo confundida e baseada em um recorte essencialmente voltado ao esporte, reproduzindo o discurso da mídia, transformando seus alunos cada vez mais em consumidores do esporte-espetáculo, subordinados a uma pedagogia tecnicista e seletiva.

Assim, podemos dizer que é inegável o papel que a mídia tem em espetacularizar o mundo esportivo (e outras esferas também), por meio das mais diversas formas, a fim de cada vez mais transformar as modalidades e eventos esportivos em produtos a serem consumidos pelas crianças, jovens e adultos.

A hipótese da *agenda-setting* e a mediação escolar

Atualmente acredita-se que os efeitos da mídia se dão de forma acumulativa, como conseqüências de longo prazo (efeitos indiretos), diferentemente do que se acreditava há algum tempo, quando se pensava que a mensagem emitida pelo emissor atingia o receptor no mesmo momento em que este a recebia (efeitos diretos – *teoria da agulha hipodérmica*), sem considerar o contexto sócio-cultural dos receptores. (WOLF, 2001)

No início dos anos 80, com a transição nos estudos de comunicação de massa surge a hipótese do *agenda-setting*, criada por MacComb e Shaw (EUA), a qual defendia que:

em conseqüência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os mass media incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos mass media aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas. (SHAW¹¹ apud WOLF, 2001, p. 144).

¹¹ SHAW, E. (1979). *Agenda-setting and mass communication theory*. *Gazette*, vol. XXV, nº 2, pp. 96-105.

De acordo com Santaella (2001), a formação da realidade social, na perspectiva da *agenda-setting*, é desempenhada através dos editores e programadores, pela responsabilidade que ambos têm na seleção e classificação das informações. Para ela, a *agenda-setting* “não defende que os *mass media* pretendam persuadir” (Ibid., p. 36), mas tem a pretensão de apresentar ao público aquilo sobre o qual é necessário ter uma opinião e discutir.

Wolf (2001) apresenta três características importantes da relação entre a ação da mídia e o conjunto de conhecimentos sobre a realidade social: *acumulação* (poder da mídia em criar/manter a relevância de um tema); *consonância* (mensagens mais semelhantes que dessemelhantes) e *onipresença* (difusão quantitativa da mídia).

Da mesma forma, ao se referir sobre essa relação entre mídia e realidade, Bourdieu (1997) comenta sobre o fato das mesmas informações circulando entre diversos veículos de comunicação (círculo vicioso), denominado por ele como *circulação circular de informação*. Para ele, “os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita.” (p. 30). Essa “homogeneidade” denunciada pelo autor pode servir (ou influenciar) àquilo que propõe a *hipótese da agenda-setting*, ou seja, colocar em pauta, de forma coesa, os temas/assuntos da ordem do dia.

Conceitualmente, as *agendas*, de acordo com Fausto Neto (2002, p. 13), “são dispositivos de poder que os campos põem em movimento para se fazer poder à sua maneira”. Já o agendamento “é um trabalho discursivo que passa pelo modo de dizer de cada veículo e, é também nessa peculiaridade do modo de tratar a realidade com que cada jornal cria vínculos com seu leitorado, e também a maneira pela qual outros campos sociais atribuem confiabilidade ao dito do jornal.” (Ibid., p. 16).

Embora a televisão tenha certa capacidade de influenciar poderosamente sobre o processo de representação da realidade através da audiência, “moldando” a maneira como as pessoas “enxergam o mundo” (LINS DA SILVA, 1985, p. 52), é necessário que se considere o “receptor” (leitor, telespectador, ouvinte, internauta) como sujeito que ressignifica o discurso e os acontecimentos.

O que ocorre é a *mediação* (conceito utilizado pela corrente da sociologia latino-americana), a qual entende os produtos midiáticos não como elementos prontos/acabados, como se fossem dados e assim assimilados de forma homogênea. Desta forma, os estudos de recepção propõem a reflexão sobre aquilo que o público faz com o discurso vindo da mídia a partir dos seus diferentes contextos sócio-histórico-cultural.

Optar pela perspectiva da recepção é interessar-se na *decodificação* realizada pelos indivíduos daquilo que eles vêem na mídia. (RUÓTOLO, 1998).

Segundo Jacks (1999, p. 48-49), a *mediação* é:

um conjunto de elementos que intervêm na estruturação, organização e reorganização da percepção da realidade em que está inserido o receptor, tendo poder também para valorizar implícita ou explicitamente esta realidade. As mediações produzem e reproduzem os significados sociais, sendo o 'espaço' que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção.

Essa busca de integração nos enfoques, entre o que é veiculado pelo emissor com o que é (re)significado pelos receptores, corresponde à necessidade atual dos estudos da comunicação, pois se antes os estudos dos efeitos (limitados ou ilimitados) tinham como certas as ações dos veículos midiáticos, recentemente "tal certeza entra em declínio e estes novos estudos vão caracterizar os efeitos dos meios de comunicação pela sua natureza difusa, indireta e cognitiva." (FERREIRA, 2005)

Assim, de acordo com a dialética das múltiplas mediações, a *escola* é vista como algo que exerce papel fundamental na chamada *mediação institucional*, e essa mediação escolar no trato com os saberes e as informações que produzem a realidade pode representar um diferencial na qualidade da compreensão do discurso midiático.

O agendamento esportivo

Conforme Fausto Neto (2002, p.12), ao se analisar o esporte, este deve ser entendido como um "campo social":

o agendamento do esporte na esfera das mídias, no Brasil, por exemplo, é uma conseqüência de inúmeras e complexas 'transações' que se desenvolvem entre campos e, principalmente, no âmbito de vários deles, envolvendo interesses, diferentes agendas e uma multiplicidade de significações de natureza simbólica.

Didaticamente, de acordo com Fausto Neto (2002) há três grandes atores que constroem as agendas: *os promotores* (instituições empreendedoras da atividade esportiva, de natureza pública e privada:

agregações, agências, atletas); *os divulgadores* (esfera midiática que faz a veiculação) e *os consumidores* (o público, aficionados).

Entretanto, pode-se dizer que atualmente há uma relação muito próxima entre aquilo que Fausto Neto apontou como *promotores* e *divulgadores*, considerando aquilo que Bucci (1998) citado por Pires (2002) identifica como uma das funções quase-ideológicas da mídia, ou “promotoras-da-notícia”. Trata-se da mídia como promotora e divulgadora daquilo que ela mesma produz, ou, dito de uma forma mais completa:

Está na cobertura esportiva a chave para desmontar uma das charadas do jornalismo em televisão. A charada é a seguinte: o telejornalismo promove – financia, organiza e monta – os eventos que finge cobrir com objetividade. É no esporte que esse fenômeno é mais transparente. [...] As técnicas jornalísticas, dentro das coberturas do esporte pela TV, são cada vez mais uma representação. Aquele espetáculo que aparece na tela não é uma notícia conseguida pela reportagem, mas uma encomenda paga. (BUCCI¹², 1998 citado por PIRES, 2002, p. 44).

De acordo com Borelli & Fausto Neto (2002) o jornalismo institui o esporte de várias maneiras: cultuando o herói; criando atores do mundo esportivo; bisbilhotando a vida dos *olimpianos* (celebridades esportivas); analisando competições e conjecturas; fofocando; sondando fatos, causas e conseqüências, orquestrando relatos sobre um fato particular (despedida de um atleta, conquista de títulos, o fracasso etc.).

Em épocas como as que presenciamos recentemente no ano de 2007, ano de realização dos Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro, o discurso midiático-esportivo reforçou ainda mais a questão da personificação. Buscaram-se no âmbito esportivo aqueles atletas que são/poderão vir a ser os heróis esportivos brasileiros. Acompanhando-se a cobertura realizada, pode-se dizer que, em momento anterior à realização deste grande evento esportivo, tivemos um panorama discursivo-midiático que enfatizou atletas como Falcão, o grande astro do futsal nacional; Leandrinho, o principal jogador de basquete brasileiro; a volta de Nalbert à seleção masculina de vôlei; a possível ausência do principal atleta brasileiro de hipismo, Rodrigo Pessoa; a lesão de Diego

¹² BUCCI, E. Cinco funções quase-ideológicas na televisão. *Imagens*, n.8, p. 20-25, maio/ago., 1998.

Hipólito, principal nome da ginástica masculina brasileira; entre outros que foram exemplos claros das estratégias de construção/sustentação de ídolos.

De forma mais geral, não faltaram exemplos desse “agendamento esportivo” relacionado aos Jogos Pan-americanos Rio-2007. Podemos citar, por exemplo, o que foi “produzido” e “veiculado” como forma de agendamento relacionado aos Jogos, isto é, os mecanismos que foram sendo criados e implementados, principalmente na mídia televisiva brasileira, inclusive com propagandas em horário nobre (não só no ano de sua realização – 2007 – mas também no ano anterior, principalmente na Rede Globo) que tiveram como protagonistas grandes ídolos do esporte nacional (a ginasta Daiane dos Santos, o jogador de vôlei Giovane, o judoca Flávio Canto, o iatista Torben Grael entre outros).

Outra estratégia foram os programas especiais que tematizaram o evento futuro (o próprio Pan-2007) ou competições que se encaixavam na grade televisiva nos finais de semana, sem deixar de mencionar um dos acontecimentos durante a espera pelos Jogos Pan-americanos – a escolha, via internet e com urnas nas principais cidades do país, do nome da mascote dos Jogos: *Cauê*.

Um outro exemplo em relação ao processo de agendamento realizado em torno dos JPA Rio-2007 foi o que aconteceu durante o mês de abril de 2007: faltando ainda três meses para a abertura dos Jogos, foi dada ênfase quanto ao fato de faltarem “100 dias” para o início do grande evento esportivo, isso nos mais variados meios.

Tal acontecimento tornou clara a tentativa de *interatividade* dos JPA com a população, foi uma estratégia de estabelecer interação na tríade mídia/esporte/público, procurando criar uma certa identificação com a população brasileira.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Com a entrada no campo na segunda quinzena de abril de 2007, inicialmente detectamos que os alunos, tanto da escola particular como da escola pública, respectivamente com 93,7% e 83,8%, sabiam da realização deste grande evento esportivo em território brasileiro no ano de 2007, o que pressupõe que, naquele momento, o agendamento para os JPA, no mínimo, já havia conseguido tematizar o evento, principalmente através da televisão e internet, bastante citados pelos sujeitos.

Ao partirmos para a segunda etapa da pesquisa, tivemos o imprevisto da greve na rede municipal de Florianópolis, impossibilitando a realização do acompanhamento com os alunos da escola pública, o que acabou prejudicando uma das questões de investigação deste estudo, que

era a descrição de dois contextos sócio-culturais distintos, restringindo-se apenas ao contexto dos alunos da escola particular.

Durante os 42 dias de acompanhamento com o pequeno grupo (de 01/06/2007 a 13/07/2007), constituído por 4 alunos da escola particular, recolhemos 22 questionários-recordatários e realizamos 6 encontros, os quais denominamos *grupos de discussão*. Nesta segunda etapa da pesquisa, ao analisar os dados, identificamos cinco categorias: *Treinamento e Delegações*, *Infra-estrutura e segurança*, *Variiedades*, *Tocha Pan-americana* e *Contagem regressiva* – que foram, a nosso ver, a maneira como a mídia, principalmente a televisiva, promoveu o agendamento para os JPA Rio-2007 segundo os escolares pesquisados. No quadro abaixo apresentamos as categorias e em seguida, fizemos uma discussão mais ampla no interior de cada uma delas.

Quadro 1 – Identificação e apresentação das categorias

<i>Treinamento e delegações</i>	Refere-se aos registros que informavam sobre o treinamento feito para disputar o Pan e as preocupações anteriores ao evento, ou seja, aspectos relacionados ao caráter técnico da preparação, não só referente à delegação brasileira, mas também às delegações de outros países (com ênfase nos atletas brasileiros).
<i>Infra-estrutura e segurança</i>	Categoria criada em função das informações que os sujeitos pesquisados relataram tendo como foco os aspectos da infra-estrutura (por exemplo, as obras e a preocupação com atraso, o sistema de transporte na cidade do RJ) e segurança do evento (preocupação com a violência e com a polícia).
<i>Variiedades</i>	Categoria formada por uma variedade de informações, dos mais diversos temas, como por exemplo, aspectos históricos dos Jogos, política, moda, uniformes, hino, tabela de disputas, a chegada de atletas na Vila Pan-americana e as movimentações por lá, casos de doping, o início dos Jogos e as primeiras vitórias brasileiras, além de curiosidades em geral.
<i>Tocha Pan-americana</i>	Categoria constituída com as informações que fizeram o acompanhamento do percurso da tocha dos JPA pelas cidades brasileiras, desde seu acendimento no México até o acendimento da pira no dia da abertura do evento na cidade do RJ.
<i>Contagem Regressiva</i>	Categoria formada pelas informações que desde o primeiro dia de preenchimento do questionário-recordatário (02/06) até o último dia (13/07) se referiam aos dias que faltavam para a abertura dos JPA Rio-2007.

Treinamento e delegações

Esta categoria foi a que mais recebeu menções dos sujeitos pesquisados, totalizando 120 informações relatadas pelos alunos no acompanhamento do discurso midiático-esportivo relacionado aos JPA Rio-2007. Refere-se aos registros que informavam sobre o treinamento feito para disputar o Pan e as preocupações anteriores ao evento como as convocações, ou seja, aspectos relacionados às questões técnicas da preparação, não apenas dos atletas da delegação brasileira, mas também das delegações de outros países participantes (com ênfase nos atletas brasileiros).

No caso específico dos atletas brasileiros, podemos dizer que houve uma ênfase naqueles que são mais conhecidos pelo público em geral, como por exemplo: *Bernardinho* (técnico da seleção masculina de vôlei), *Ricardo e Emanuel* (vôlei de praia), *Janeth* (basquete), *Rodrigo Pessoa* (hipismo), *Daiane dos Santos* (ginástica), *Guga* (tênis), *Jardel Gregório* (salto triplo), *Maureen Maggi* (salto em distância) e *Marta* (futebol feminino).

A mídia, principalmente os veículos televisão e internet, que predominaram nas respostas dos sujeitos da pesquisa (com quase 98% das referências), tem como uma de suas primeiras estratégias, ao pautar um acontecimento ou evento, como no caso dos JPA Rio-2007, apresentar nomes, criar expectativas e assim, aos poucos, criar um vínculo entre os espectadores/torcedores com o evento que aconteceria a seguir.

Ao apresentar principalmente os atletas brasileiros que participariam dos JPA, os veículos midiáticos tiveram, entre tantas pretensões possíveis, ao menos duas que podemos discutir neste momento.

A primeira pretensão seria uma tentativa de criar uma identificação do público com os JPA Rio-2007 a partir dos atletas brasileiros¹³, e a segunda, embora o evento fosse realizado em solo brasileiro, da utilização daquilo que conhecemos por “dialética local/global” (BITTENCOURT *et al*, 2005; PIRES *et al*, 2006), ou seja, a forma como a mídia local se utiliza de estratégias para vender/informar sobre um evento global, geralmente se identificando com características do local¹⁴.

¹³ Atletas já bastante conhecidos do público e que, portanto, “chamam a atenção”, como por exemplo: Guga, Vanderlei Cordeiro, Janeth, Nalbert, Ricardo e Emanuel, Rodrigo Pessoa, Daiane dos Santos, Jardel Gregório, Maureen Maggi, Marta, Hugo Hoyama e os técnicos de vôlei Bernardinho e Zé Roberto.

¹⁴ Quanto aos 49 atletas catarinenses que estavam participando dos JPA Rio/2007, os sujeitos da pesquisa demonstraram pouco conhecimento em relação a tais atletas “locais”, talvez por dois motivos: (1) porque realmente a mídia local, ao ser acompanhada pelos sujeitos, não enfatizou os atletas do estado de Santa Catarina ou da cidade de Florianópolis; (2) ou pela baixa expectativa de bons resultados/medalhas desses atletas é que a mídia local acabou não dando tanta atenção e utilizando esta estratégia.

Percebemos, assim, que a discussão em relação a esta categoria nos remete às questões de personificação e ídolos. São eles, esses *super-atletas* (ou *olimpianos*),¹⁵ as celebridades do mundo esportivo na qual sua veiculação caracteriza-se como uma das principais estratégias da mídia para dar inteligibilidade ao acontecimento e também porque, ao apresentar ao público informações dos principais atletas, a mídia acaba estimulando o torcedor a torcer pelo seu ídolo, tendo, em sua figura, a esperança do êxito, constatação esta corroborada por Marchi Júnior (2001, p.139) ao afirmar que:

Comumente, à mídia é atribuída a função de aproximar os leitores e telespectadores dos eventos esportivos aos principais personagens que compõem o espetáculo esportivo, ou seja, os atletas. Esses, por sua vez, transformam-se rapidamente em ídolos e transmissores de mensagens e estereótipos, dotados de um potencial de consumo enraizado na cultura esportiva de massas.

Infra-estrutura e segurança

Tal categoria foi estabelecida a partir de 73 registros dos sujeitos pesquisados em seus questionários-recordatórios ao fazerem o acompanhamento do agendamento esportivo relacionado aos JPA Rio-2007, sendo que tais sujeitos enfocaram os aspectos da infra-estrutura (obras e preocupação com os atrasos; o sistema de transporte carioca e os congestionamentos) e segurança do evento (preocupação com a violência e com a polícia, muito em função da grande quantidade de turistas na cidade motivados pelos JPA).

Com relação aos gastos previstos para a organização dos JPA Rio/2007, podemos tecer algumas críticas, também apontadas pelos sujeitos pesquisados, com relação às políticas públicas voltadas ao esporte, e de forma geral, à nação brasileira, considerando-se a questão de prioridades nacionais (para o Brasil). Ocorreu uma inversão de prioridades, por parte do governo federal, em favor da construção do “grande palco” para os JPA,

¹⁵ Expressão utilizada por Edgar Morin (1997), referindo-se aos astros de cinema, campeões, príncipes, reis, *playboys*, exploradores e artistas célebres, considerando-os como “sobre-humanos no papel que eles encarnam, humanos na existência privada que eles levam.” (p.106).

tanto em relação às questões de infra-estrutura, como também priorizar o esporte de alto rendimento em detrimento de políticas públicas de inclusão pelo esporte, opinião corroborada e ampliada pelo jornalista Jufa Kfourri (2007), em entrevista publicada no site *Observatório da Imprensa*:

O papel do Estado, principalmente em um país com as carências do Brasil, é promover o esporte como fator de saúde para a população brasileira. Esporte de alto rendimento não deve ser preocupação do Estado. O Estado tem que massificar o esporte, e naturalmente da quantidade sairá a qualidade. (...) O que há aqui é uma inversão. Não temos uma política esportiva para o país, não se pensa o esporte como fator de inclusão social, não se pensa o esporte como um fator de prevenção de doenças, e nós temos todas essas distorções.

Com relação ao “legado” do Pan, os sujeitos pesquisados em muitas ocasiões relataram informações que tinham como foco a construção da Vila Pan-americana, do Estádio João Havelange e demais equipamentos esportivos construídos para este evento, informações estas com caráter crítico (atraso nas obras).

Entretanto, o legado dos JPA, de acordo com seu projeto inicial, deveria extrapolar os interesses ligados apenas às construções de instalações esportivas ou da Vila do Pan, pois considerando-se um evento da envergadura como este e a necessidade de reestruturação urbanística da cidade do RJ, mais transformações deveriam ter sido efetivadas (como a nova linha de metrô; saneamento da baía de Guanabara e da lagoa Rodrigo de Freitas).

Outra discussão quanto a esta categoria foram os investimentos feitos para a realização dos JPA como uma porta de entrada do Brasil em sediar eventos esportivos de dimensões globais, como a Copa do Mundo de 2014 e também a possibilidade do RJ ser a cidade brasileira sede das Olimpíadas de 2016. Sobre tais possibilidades do país sediar mega-eventos esportivos, Nozaki e Penna (2007) afirmam que:

(...) o discurso comum ao governo federal e aos órgãos ligados à organização do Pan é o da necessidade do sucesso de sua organização e sua realização para que este seja uma porta para eventos de maior porte, posto os anseios

de sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014. Ou seja, a realização do Pan se justifica, para estes casos, na busca de realização de eventos maiores, portanto, abre-se a necessidade infundável da realização destes eventos como uma forma impulsionadora da economia e do desenvolvimento do próprio esporte.

Consideramos com isso, que a mídia, ao apresentar principalmente a crítica ao atraso das obras para o evento esportivo, acabou criando uma expectativa nos torcedores, em torno da pergunta “será que vai ficar pronto?”, ao mesmo tempo em que ia familiarizando o público com os locais das disputas esportivas. Evidenciou-se, também, que as críticas apresentadas pelos pesquisados não foram além das próprias críticas apresentadas pelos veículos midiáticos os quais acompanharam, sem apresentar muita profundidade.

Variedades

Esta categoria foi formada em virtude das 69 menções dos sujeitos em seus questionários-recordatários, as quais abarcavam uma variedade de informações, de temáticas gerais que não se enquadram nas demais categorias, como por exemplo, aspectos históricos dos Jogos, política, moda, uniformes, hino, tabela de disputas, a chegada de atletas e as movimentações na Vila Pan-americana, casos de doping, o início dos Jogos e as primeiras vitórias brasileiras, além de curiosidades em geral.

Percebemos, com tais informações, que muitas das notícias citadas pelos sujeitos ao acompanhar o discurso midiático-esportivo referente aos JPA Rio-2007 circularam em torno do que poderíamos chamar “notícias de entretenimento”, sem muita preocupação com aspectos mais amplos ou esclarecedores sobre o evento e suas repercussões.

Por meio desta categoria podemos supor que o discurso midiático, o qual é composto por três dimensões – informação, entretenimento e publicidade – realmente segue a tendência de, cada vez mais, ter as “fronteiras” entre suas dimensões de maneira bem tênue, mesclando informação, entretenimento e publicidade.

Quando este discurso midiático tem o esporte como tema principal – o *discurso midiático-esportivo* – o que se percebe é que tais fronteiras se suavizam ainda mais, talvez pela própria *polissemia* (BETTI, 1998) que

o campo esportivo permite. Além da já conhecida relação (simbiótica) entre esporte e publicidade, há também a tendência geral do telejornalismo que se caracteriza no “imbricamento entre jornalismo e entretenimento”. (MAURÍCIO, 2005)

Percebemos que o programa mais referido pelos sujeitos da pesquisa foi o *Globo Esporte*, tornando-se uma referência quando querem se informar sobre os assuntos esportivos, algo que, segundo Orozco (2006, p.88) pode ser chamado de “ritualidade comunicativa”, ou seja, práticas comunicativas que geram hábitos e promovem regularidade nos sujeitos, os quais interiorizam comportamentos e modelos ou padrões de reações diante das referências comunicativas (processo que supõe familiaridade e tempo).

Além disso, em função dos sujeitos citaram a emissora *Rede Globo* (o *Grupo Roberto Marinho* em geral, seja televisão, seja internet) com muita frequência e intensidade, e considerando sua hegemonia nacional quando se fala em mídia no Brasil, podemos fazer alusão ao que Bourdieu (1997) denomina de “circularidade circular da informação”, pela constituição homogênea dos meios e sua veiculação para os mais variados tipos de audiência, considerando-os uma “massa homogênea”.

Com relação às discussões em torno da publicidade, os JPA Rio/2007 também se vinculou às questões de mercado, ou seja, a publicidade. Para a realização dos JPA, *Petrobrás*, *Caixa Econômica Federal* e *Correios* foram os patrocinadores públicos; *Olympikus*, *Oi*, *Caixa*, *Sol* (cerveja), *Petrobrás* e *Sadia* foram os patrocinadores oficiais; os quais tiveram ainda como parceiros *Golden Cross* e *Bob's* e como fornecedores a *Odonto Prev* (Planos Odontológicos do Brasil).

Consideramos, por fim, que os sujeitos identificaram algumas empresas patrocinadoras dos JPA Rio-2007 devido à sua veiculação principalmente na televisão e que os mesmos afirmaram saber do poder e da função da publicidade, mas consideram que nem sempre agem da forma como ela determina, apesar de relatarem que consomem produtos/serviços que aparecem na televisão devido às formas “inconscientes” de atuação das mensagens publicitárias.

Tocha Pan-americana

Esta categoria foi formada devido às 63 referências dos sujeitos investigados quanto às informações que fizeram o acompanhamento do percurso da tocha dos JPA por diversas cidades brasileiras, desde quando o fogo simbólico foi aceso no México (04/06/2007) até o acendimento da

pira Pan-americana na cidade-sede dos Jogos (RJ), no dia 13/07, data da abertura do evento. A partir dos relatos dos questionários-recordatários, podemos dizer que este discurso em torno da *tocha pan-americana* foi bastante rotineiro e intenso.

A mídia, ao veicular notícias sobre a tocha pan-americana, procurou utilizar em seu discurso aspectos da *identidade nacional* (nos remetendo às *mediações culturais*, de acordo com Martín-Barbero, 2003), considerando a passagem deste símbolo unificador dos Jogos por todos os estados brasileiros.

Se o objetivo do revezamento da tocha pan-americana por diversas cidades brasileiras era a unificação dos povos e a divulgação dos valores do esporte, acreditamos que a mídia aproveitou-se deste discurso e conferiu, à sua maneira, um discurso de *integração nacional* a partir das notícias que tratavam da tocha. Em cada cidade que ela passava, aspectos históricos e culturais dos locais eram apresentados ao público, inclusive com a utilização, no revezamento, não só de *atletas locais de destaque* como também outras *celebridades locais*, com o objetivo de chamar a atenção do público e já ir, aos poucos, criando uma identificação deste para com os JPA.

A intenção, obviamente, com este agendamento utilizando a estratégia da tocha pan-americana, além de pautar o evento, tornando-se assunto a ser visto e discutido pelas pessoas, era a de preparar, desde já, o público que acompanharia os JPA, levando tais informações para todo país. Sobre isso, acreditamos que a *Rede Globo* (por ter sido a emissora mais citada pelos sujeitos) tenha criado o *slogan* “O Pan do Brasil”, ajudando a “vender” o evento, de acordo com o que foi expressado por Bucci (1998) citado por Pires (2002): a mídia como promotora e divulgadora dos JPA Rio-2007. Tal estratégia foi identificada pelos sujeitos pesquisados, apesar de saberem que o nome do evento era “Jogos Pan-americanos Rio-2007” (e não “O Pan do Brasil”).

Pela forma e pela intensidade com que foi tratada pelos veículos midiáticos, a questão da tocha pan-americana caracterizou-se como uma das estratégias mais evidentes no agendamento para os JPA.

Contagem regressiva

Para a elaboração desta categoria, levamos em conta 41 registros que se referiam à quantidade de dias que faltavam para o início dos JPA Rio-2007.

Durante os 42 dias de acompanhamento por meio dos questionários-recordatários, desde o primeiro dia do preenchimento (02/06/07) até o último dia de preenchimento deste mesmo instrumento (13/07/07 – abertura do

evento), apenas no dia 03/06 nenhum dos sujeitos pesquisados mencionou quantos dias faltavam para a abertura dos JPA Rio-2007.

Trata-se daquilo que aqui chamamos de *agendamento* no seu sentido manifesto, ou seja, no dia a dia das pessoas procurava-se apresentar, de forma regressiva, o número de dias que ainda faltavam para que os JPA tivessem seu início oficial.

Considerando-se o que o conceito de agendamento explicita – a pretensão que a mídia tem ao oferecer ao público temas para pensar e discutir, projetando um evento e buscando, com isso, uma interação com a opinião pública (TRAQUINA, 2001; WOLF, 2001) – devemos levar em conta que tal processo iniciou há muito tempo, talvez desde quando a cidade do RJ foi escolhida para sediar os JPA, ainda em 2002. Precisar uma data não é nossa intenção e nem temos condições de fazer isso. O que queremos dizer é que levando-se em conta que o agendamento supõe a questão temporal (longo prazo) e que seus efeitos se dão de forma acumulativa, vimos que aos poucos o evento foi sendo colocado pela mídia como algo que iria acontecer em território brasileiro futuramente, atraindo as atenções de todos.

Entendemos que a *contagem regressiva* foi a forma manifesta de se realizar o *agendamento* para os JPA, a “virada de página da agenda”, fazendo o público acompanhar esta contagem, pautando o evento e permitindo ao público mobilizar seu imaginário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se viu – e isso foi percebido pelos sujeitos pesquisados e se revela pelas categorias elaboradas neste estudo – foram as mais variadas estratégias de agendamento, procurando articular diferentes campos e interesses que convergiam ao campo esportivo. Referimo-nos às categorias construídas neste estudo como uma síntese das principais estratégias de agendamento para os Jogos Pan-americanos, acreditando que possivelmente outros mecanismos de agendamento tenham sido mobilizados pela mídia. Ao analisá-las, consideramos que esta foi a forma como os sujeitos atribuíram significado e expressaram a sua compreensão a respeito do discurso midiático-esportivo que agendou o Pan Rio-2007 –, demonstrando uma percepção ampla e precisa, embora, como já apontado, apresentando superficialidade nas críticas, às vezes reproduzindo a crítica superficial dos meios.

Os sujeitos investigados perceberam, ao acompanhar o discurso midiático-esportivo, a ênfase que a mídia, por seus mais variados veículos, atribuiu aos atletas considerados “mais famosos” do âmbito esportivo brasileiro, como uma forma de criar uma identificação com o público em

geral e também de gerar boas expectativas de vitória, aproximando as questões de identificação cultural como um atrativo para se acompanhar o evento esportivo. Isto ficou mais claro com a identificação da categoria *Treinamento e delegações*.

Outra estratégia identificada pelos sujeitos pesquisados e que aqui denominamos como *Infra-estrutura e Segurança* também se configurou em uma das maneiras como o discurso midiático-esportivo (articulado com discursos econômicos, políticos e sociais) atuou ao realizar o agendamento para o Pan 2007. Neste caso, as notícias veiculadas sobre os aspectos das construções/reformas de instalações esportivas para os Jogos e os aspectos da segurança na cidade do Rio de Janeiro para o grande evento esportivo tinham como intenção criar uma interação com a opinião pública, fazendo o público acompanhar o desfecho das obras com bastante expectativa, já que as críticas apresentadas não extrapolavam as próprias críticas veiculadas pela mídia, que no máximo destacavam o atraso nas obras.

As notícias de entretenimento que veiculavam informações sobre os Jogos Pan-americanos Rio-2007 também foram percebidas e relatadas pelos sujeitos da pesquisa, as quais foram agrupadas na categoria que identificamos como *Variedades*, uma categoria que foi elaborada em função de notícias que pautavam assuntos não muito importantes ou esclarecedores sobre o evento, além dos aspectos da publicidade dos Jogos. Sua presença permite observar que as fronteiras do discurso midiático realmente estão cada vez mais misturadas, mesclando informação, entretenimento e publicidade. Sobre tais aspectos, podemos dizer que a questão da mercadorização do esporte, ou seja, o esporte como algo a ser vendido e consumido, não esteve muito presente nas falas dos sujeitos da pesquisa. Apesar disso, quando foram provocados a falar da publicidade e sua relação com o esporte e a mídia, os sujeitos foram capazes de identificar algumas empresas patrocinadoras do evento e demonstraram um certo conhecimento em relação aos objetivos da publicidade, argumentando que eles nem sempre agem da forma como a publicidade força a todos agirem.

Dentre todas as estratégias de agendamento realizadas pelo discurso midiático-esportivo em relação aos Jogos Pan-americanos Rio-2007, talvez as que foram mais visíveis tenham sido o acompanhamento da Tocha Pan-americana pelo território brasileiro e a contagem regressiva que se fez dia a dia para a abertura oficial dos Jogos. Tanto a primeira como a segunda foram identificadas e descritas pelos sujeitos pesquisados, as quais acabaram originando duas categorias: *Tocha Pan-americana* (funcionou como uma forma de mobilização da mediação cultural, conforme MARTÍN-BARBERO, 2003, com a intenção de criar uma identificação nacional do

público com o evento que aconteceria em seguida, numa dialética local/global) e *Contagem regressiva* (seria a própria “virada de página da agenda”, contando os dias que faltavam até a abertura dos Jogos).

Entendemos que os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade cada vez mais iminente da Educação Física, como componente curricular, basear-se nas questões midiáticas ao realizar suas intervenções, considerando-se que a mediação tecnológica se faz cada vez mais presente e intensa na vida dos jovens e que, no mínimo, precisa ser confrontada com outros saberes, neste caso, o da Educação Física como prática pedagógica.

Acreditamos, com isso, que é imprescindível que a Educação Física, tendo como um de seus conteúdos o *esporte*, assuma sua responsabilidade com uma intervenção pedagógica que permita aos sujeitos um conhecimento mais amplo, e com isso mais crítico, fazendo uso daquilo que há muito tempo é propagado pela *mídia-educação*: uma educação que objetive contribuir na formação de indivíduos com menos encantamento acrítico em relação a toda espetacularização promovida pela mídia, que lhes permita desenvolver maior autonomia, com um olhar mais atento e amplo aos acontecimentos da dinâmica cultural e da cultura esportiva.

Por fim, cabe perguntarmo-nos se a Educação Física deixou passar em branco um momento singular que foi a realização desses Jogos em território brasileiro e de tudo que aconteceu em função dele. Os dados deste trabalho, no caso específico observado, pelo menos apontam que sim. Por isso, mais do que nunca é necessário que novas abordagens sejam incorporadas a este campo de conhecimento, e aqui estamos sugerindo, diante dos dados empíricos encontrados e da discussão que fizemos com a literatura, que a Educação Física passe a considerar seus alunos sujeitos-receptores (dos discursos advindos dos mais variados veículos midiáticos), sedentos de novas abordagens. Isso vai ao encontro das idéias de Orozco (1997, p. 65), o qual considera que a “escola e os professores têm, junto ao enorme desafio que lhes colocaram os MCM [meios de comunicação de massa], um grande potencial para desenvolver.” O processo é longo, mas necessário...

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

BELLONI, M.L. *O que é mídia-educação?* Campinas: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. (org.). *Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas*. São Paulo: Hucitec, 2003.

BETTI, M. *Janela de vidro: esporte, televisão, educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

BITTENCOURT, F.G. *et al.* Ritual olímpico e os mitos da modernidade: implicações midiáticas na dialética universal/global. *Pensar a prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 21-36, 2005.

BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Jornalismo esportivo como construção. *Cadernos de Comunicação*, Santa Maria, n.7, p.61-74, dez.2002.

BOURDIEU, P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

ECO, U. A falação esportiva. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p.220-226.

ESCHER, T. de A.; REIS, H.H.B. dos. Futebol e televisão: fechem os portões liguem as câmeras – o show vai começar! *Revista Conexões*. Campinas: v.3, n.1, p. 26-35, 2005.

FANTIN, M. *Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. *Verso & Reverso*, São Leopoldo: Unisinos, ano XVI, n.34, p. 9-17, jan./jun. 2002.

FERREIRA, G.M. Uma leitura dos estudos dos efeitos: da era das certezas às incertezas e mistérios da recepção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/17295/1/R0868-1.pdf>>. Acesso em: 13 ago 2006.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

JACKS, N. *Querência – cultural regional como mediação simbólica: um estudo de recepção*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

KELLNER, D. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, D. de (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 119-147.

KENSKI, V.M. O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na educação física. *Motriz*. Rio Claro/SP: v.1, n.2, dez.1995, p.129-134.

KFOURI, J. Pauta para depois dos Jogos Pan-Americanos. *Observatório da Imprensa*, ano 12, n. 443, 24 jul. 2007. Entrevista concedida a Lucas Ferraz. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=443IMQ004>>. Acesso em: 22 out. 2007.

LINS DA SILVA, C.E. *Muito além do jardim botânico*. São Paulo: Summus, 1985.

LISBOA, M.M. *Televisão, representações sociais e cultura de movimento: tecendo reflexões de uma trama no contexto da infância*. Florianópolis: 2004, Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Universidade Federal de Santa Catarina.

MARCHI JÚNIOR, W. *“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)*. 2001. 267 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MASCARENHAS, G. O legado dos grandes eventos esportivos: elementos para refletir sobre os jogos pan-americanos na cidade do Rio de Janeiro. In: MELO, V. A.; TAVARES, C. *O exercício reflexivo do movimento: Educação Física, lazer e inclusão social*. Rio de Janeiro: Shape, 2006, p. 332-346.

MAURÍCIO, F. Jornalismo esportivo como área específica da Televisão: o pacto sobre o papel do jornalismo no Globo Esporte e Bate-bola In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28, 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: INTERCOM, 2005. Disponível em: <<http://repositorio.portcom.intercom.org.br/handle/1904/18312>>. Acesso em: 23 set. 2006.

MEZZAROBIA, Cristiano. *Os Jogos Pan-americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: UFSC/PPGEF, 2008.

MORIN, E. Os olímpicos. In: _____. *Cultura de massas no século XX*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997, p. 105-109.

NOZAKI, H.T.; PENNA, A.M. Jogos Pan-americanos Rio de Janeiro 2007: por trás das cortinas do grande espetáculo. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, ano 12, n. 110, jul. 2007. Disponível em: <<http://>

www.efdeportes.com/efd110/jogos-pan-americanos-rio-de-janeiro-2007.htm>. Acesso: 22 out. 2007.

OROZCO, G.G. Hacia una dialéctica de la recepción televisiva: la estructuración de estrategias por los televidentes. **Comunicação & Política na América Latina**, São Paulo, ano 8, v. 22 a 25, p. 57-73, 1993.

_____. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. **Comunicação e Educação**, n. 10, p. 57-68, set-dez., 1997.

_____. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos. In: MORAES, D. de (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-98.

PIRES, G. De L. **Análise do esporte mediatizado a partir do conceito de indústria cultural**. 2001. Mimeo. 4p.

_____. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. Cultura esportiva e mídia abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em educação física. In: BETTI, M. (org.). **Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, G. De L. *et al.* Retrato preliminar da produção em Educação Física/Mídia no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ESPORTIVA, 1., Brasília/DF, abr/2006. **Anais...** Brasília: Ministério do Esporte, IASI, 2006. Disponível em: www.esporte.gov.br/conbide.

RODRIGUES, E.F.; MONTAGNER, P.C. Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar. **Conexões**. Campinas: v.1, n.1. 2003. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/feff/publicacoes/conexoes/v1n1/5esporte.pdf>>. Acesso em: 09 set 2006.

RUÓTOLO, A.C. Audiência e recepção: perspectivas. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista Digital, n. 30, 2. sem. 1998, p. 150-163. Disponível em: <http://editora.metodista.br/COM30/cap_07.pdf>. Acesso: 18 ago 2006.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker, 2001.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2001.

“OBSERVANDO” O PAN RIO/2007 NA MÍDIA: sínteses, comentários e novas demandas como considerações finais do estudo

*Giovani De Lorenzi Pires
Fernando Gonçalves Bitencourt*

Este capítulo final, ao revisitar os textos que o antecedem, tem o propósito de proceder a uma síntese que visa articular e dar organicidade aos resultados encontrados nos subprojetos da pesquisa, o que pretendemos efetuar pela sumarização e comentários sobre os mesmos. Também buscou-se a identificação de novas demandas para estudos neste campo de interface entre Esporte e Mídia no material sobre a cobertura jornalística do Pan Rio/2007. Obviamente, para tanto, mais uma vez recorreremos às fontes jornalísticas que nos têm acompanhado nesta investigação, especialmente a mídia digital, através de recursos como sites, blogs e outros mecanismos que possibilitam a recuperação da informação.

-O-O-O-O-

No momento em que estamos concluindo a elaboração deste livro-relatório da pesquisa, completam-se exatamente dois anos que os Jogos Pan-Americanos Rio/2007 aconteceram no país. De um ponto de vista factual, eles já são passado; mas como bem advertiu o poeta Mario Quintana: “o passado não reconhece o seu lugar; está sempre presente”.

Sim, podemos afirmar que, passados dois anos, o Pan ainda está presente porque, na esteira da sua realização, um conjunto de fatos, desdobramentos e consequências continua mantendo os Jogos ou dimensões específicas deles no foco da imprensa nacional ao longo destes dois anos. Não bastasse a aprovação da realização da Copa do Mundo da FIFA (em 2014) no Brasil e a candidatura nacional para o Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos de 2016, projetos certamente potencializados pela realização do Pan no Brasil, como exemplo, a recente manifestação do TCU sobre o Pan, que mereceu destaque na imprensa¹.

¹ O Tribunal de Contas da União (TCU) pronunciou-se pelo arquivamento de dois processos contra os organizadores do evento - COB e Ministério do Esporte - referentes a gastos executados sem licitação para as solenidades de abertura e encerramento dos jogos, e de superfaturamento nos serviços de hotelaria da Vila

Deste modo, reconhecendo sua pertinência e atualidade, parece-nos justificável que se aprofunde a análise da cobertura midiática dos Jogos. Para tanto, passemos, pois, a uma síntese dos resultados dos seus vários subprojetos da pesquisa. E iremos começar pelo subprojeto que investigou a presença e a importância dos atletas ditos “locais” na cobertura dos jornais de cada região do país, no entendimento de que, por ter características mais exclusivas e categorias específicas, diversas dos demais, a análise dos resultados deste subprojeto precisa ser efetuada de forma interna, isto é, sem que seja possível estabelecer relações diretas com os demais.

De forma geral, podemos considerar que, no esforço realizado pelos pesquisadores diretamente responsáveis por este subprojeto, consta a leitura e análise de 155 exemplares de jornal (5 jornais diários, nos 31 dias do mês de julho/2007). Foram identificados e classificados nas categorias utilizadas um total de 233 registros de matérias que tratavam de atletas “locais” na cobertura dos Jogos Pan-Americanos. Considerando uma média, 50% destes registros foram categorizados como *Referência ao Local*; o que significa dizer que o tema principal da metade de todas as matérias sobre os atletas regionais tinha como objetivo pontuar a relação daquele atleta à sua região de origem. Esta foi sempre a primeira ou, no máximo, a segunda categoria mais referida em cada jornal; assim, podemos perceber que a estratégia de fazer uso da dialética global-local foi bastante empregada na cobertura do Pan realizada por esses jornais, ainda que as formas utilizadas não tenham sido sempre as mesmas.

Acreditamos que aspectos como a tradição esportiva regional e as características culturais da região no trato com a informação local possam ter sido fatores determinantes para a existência destas diferenças. Podemos citar como exemplo o fato de que a cobertura do jornal A Gazeta (Cuiabá) foi frágil em relação aos atletas “locais” no Pan provavelmente porque, além de serem poucos os atletas nessa condição, aquele estado não tem uma tradição esportiva muito grande, exceto em relação ao futebol. Assim, faz sentido que a matéria mais repercutida, isto é, que promoveu o maior agendamento do evento nas páginas de A Gazeta foi a passagem da Tocha Olímpica pela cidade. A cobertura dos Jogos, a partir do momento do seu desenrolar propriamente dito, centrou-se quase exclusivamente na divulgação dos resultados e no anúncio da programação (informações técnicas). Os atletas

do Pan. Mais de uma centena de outros processos e denúncias sobre mau uso do dinheiro público nos Pan-Americanos estão ainda sendo analisados nas esferas do judiciário brasileiro. Os gastos do Pan também originaram uma CPI na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, que chegou a ser criada, mas não foi implementada.

“locais” destacados foram o nadador Felipe Lima (integrante da equipe de 4x100 medley), sobre o qual havia alguma expectativa de boa colocação e a ciclista Cremilda Fernandes, que praticamente só apareceu na cobertura quando obteve sua medalha de bronze.

A região Norte, igualmente com pouca tradição nos esportes olímpicos em disputa no Pan, usou muito do expediente da imagem (fotografia) para destacar nas páginas do A Crítica, de Manaus, a presença e participação de atletas amazonenses no Pan, sendo o jornal em que a categoria *Referência ao Local* foi a mais recorrente. Os resultados pouco expressivos dos seus atletas “locais” (com exceção de Sandro Viana, ouro nos 4x100 rasos) implicaram o quase desaparecimento de matérias sobre os Jogos de um determinado momento da cobertura em diante.

Estes fatos mostram que, para proceder ao agendamento da cobertura, os jornais se valeram bastante da estratégia de ancorar as notícias do evento (global) na figura de pessoas cuja característica “local” contribuía como forma de identificação com os leitores regionais. No entanto, como a mídia é factual e se interessa prioritariamente por resultados, essa identidade desaparecia das páginas a medida que tais atletas não se sagravam vitoriosos, sendo este fenômeno inclusive responsável pela redução do espaço da própria cobertura dos Jogos nos jornais destas regiões.

A estratégia de agendamento e geração de expectativas configurou-se muito presente em todos os jornais acompanhados. No Diário Catarinense, a edição especial de um caderno (Diário do Pan), que mostrava com dados biográficos e fotos os quase cinquenta atletas do estado que participariam dos Jogos, serviu de abertura para a cobertura daquele jornal. No decorrer da competição, os atletas mais conhecidos e, por coincidência, que obtiveram bons resultados (como Falcão, do futsal, e Eduardo Deboni, da natação) ganharam a companhia de alguns vitoriosos inesperados (p. ex., Lucélia Ribeiro, ouro no karatê) e de ex-atletas “locais” consagrados (como o nadador Xuxa) nas estatísticas de atletas mais referidos nas matérias. Mesmo assim, podemos caracterizar a cobertura do Diário como também factual e essencialmente técnica, orientada para a apresentação dos resultados das provas e jogos, utilizando para isso muitos infográficos, com pouquíssima matéria analítica e de opinião.

A publicação de um caderno especial veiculado previamente ao início dos Jogos Pan-Americanos, contendo informações sobre a participação dos atletas “locais”, foi também a opção do jornal O Estado de Minas para agendar a cobertura do Pan entre seus leitores. A geração de expectativas por bons resultados dos atletas regionais fez inclusive que fosse a categoria *Expectativa e Realismo* a mais presente nas suas matérias,

fundadas especialmente no retrospecto (embora sem referência direta a essa categoria) de atletas vencedores como o nadador Tiago Pereira e o maratonista Franck Caldeira.

Um diferencial deste caderno do Estado de Minas foi que, além dos atletas “locais”, havia informações técnicas sobre os esportes em disputa no Pan, de modo a esclarecer os leitores como compreender as notícias sobre cada modalidade esportiva. Na sequência dos Jogos, essa preocupação com a formação esportiva do leitor arrefeceu e, tal como vimos nos demais jornais, a cobertura passou a restringir-se aos resultados das provas e jogos, com maior destaque para aquelas modalidades mais conhecidas do grande público.

Finalmente, cabe referirmo-nos à cobertura dos chamados “sergipanamericanos”, denominação dada aos atletas “locais” do estado de Sergipe no Jornal da Cidade. Não há, todavia, diferenças significativas em relação aos demais jornais das outras regiões. O agendamento e a geração de expectativas iniciais foram sendo substituídas, ao longo da cobertura, pela informação técnica dos resultados e da programação, visando a orientar os leitores. A participação vitoriosa dos “locais” Helinho (handebol) e Rogério (futsal) foi o que, praticamente, garantiu a permanência dos atletas da região nas páginas daquele jornal durante o Pan.

-O-O-O-O-O-O-

Os outros três subprojetos (colunistas, JN e blogs) procederam à classificação do material coletado observando algumas categorias em comum, definidas pela leitura preliminar desse material do campo; todavia, pelas especificidades de cada veículo, suporte ou editoria que caracterizam seus *corpus* de pesquisa, também efetuaram algumas outras abordagens paralelas à discussão das categorias. Por isso, neste tópico vamos comentar o que lhes é comum assim como as singularidades de capa subprojeto.

Começamos pela distribuição do material nas categorias, cuja descrição quantitativa nos relatos demonstra uma diferença muito grande entre os dados dos subprojetos. Em que pese as categorias *Técnica* e *Infraestrutura* predominarem nos três campos/objetos, pudemos observar que as informações de natureza técnica (resultados, programação de provas/jogos, etc.) são menos presentes nos blogs, especialmente nas postagens principais, enquanto que as condições de infraestrutura dos Jogos praticamente não são referidas no JN, talvez porque outros telejornais e a programação esportiva da emissora tenha dado esse destaque. Já em relação ao estudo dos colunistas dos jornais, as duas categorias acima

citadas também estão presentes em percentuais significativos, mas são superadas pela categoria *Política*, a mais citada, cujos números são elevados principalmente em função das colunas do jornal Folha de São Paulo. É também no estudo dos colunistas que podemos observar a maior dispersão de assuntos relativos ao Pan, com cinco categorias obtendo percentuais de referência iguais ou superiores a 10%.

Ajustando um pouco mais o foco no estudo dos colunistas, foi possível confirmar pelos dados do campo o que havia sido sugerido na literatura quanto à liberdade de escolha dos assuntos a serem comentados de que dispõem esses jornalistas, especialmente quando o projeto editorial do jornal favorece isso, como é o caso da Folha de São Paulo. Para ilustrar essa afirmativa, vale ressaltar que neste jornal a maioria das colunas que faziam referência aos Jogos não pertencia à editoria de esporte, mas às de política, economia, variedades, humor etc. É também interessante constatar que na Folha praticamente não existem colunas com comentários de ordem técnica do Pan, seja quanto a perspectivas ou a resultados, o que não se repete, por exemplo, nos dois outros jornais acompanhados. Como já se afirmou acima, na Folha predominam os comentários de natureza mais política, revelando uma clara e tensa disputa de interesses entre os três níveis de governo envolvidos (federal, estadual e municipal) e suas tentativas de capitalizar para si a realização dos Jogos no Rio de Janeiro, entre outros temas de conotação política.

Neste sentido, até mesmo outras categorias de possíveis interfaces com temas políticos são tratadas de formas diversas nos três jornais, como é o caso das dimensões turística e econômica: enquanto no Diário e em O Globo, colunistas saúdam o prometido acréscimo no turismo e na economia do Rio durante e na esteira do Pan, algumas colunas da Folha, com base em estudos feitos por órgãos mais independentes, classificam de insignificante esse possível incremento no turismo carioca, travado pela sensação de insegurança, o que a realização do Pan não conseguiria minimizar². Aliás, é interessante observar como essa categoria (*Segurança*) aparece em várias colunas dos jornais, especialmente na comparação entre O Globo e os demais. No jornal carioca, as mudanças de hábitos no cotidiano da população da cidade, em virtude da presença de tropas da Força de

² Quanto à questão econômica dos eventos esportivos e sua relação com a mídia, no caso aplicadamente aos Jogos Pan-Americanos de 2007, vale fazer referência às observações do jornalista Anderson Gurgel Campos à cobertura do Pan, a partir das reportagens e colunas de várias editorias do jornal Folha de São Paulo, colhidas durante o mês de janeiro de 2007 (GURGEL CAMPOS, 2007).

Segurança Nacional nas ruas, evocam um sentimento nostálgico em alguns colonistas, do tempo em que as pessoas colocavam cadeiras nas calçadas, sem qualquer referência ao fato de que aquela sensação de segurança dos cidadãos seria passageira, temporalmente ligada apenas à realização do Pan na cidade. Nos demais jornais, com maior ênfase no Diário Catarinense, tal fato também é destacado, mas acompanhado de um quase lamento por sua provisoriedade.

Por fim, um comentário sobre a categoria *Nacionalismo*, outra que teve referências diversas nas colunas dos jornais observados. Em O Globo e no Diário Catarinense, ainda que de forma comedida, os colonistas fizeram uso de alusões ao sentimento nacionalista para enaltecer tanto atletas e equipes brasileiras quanto a qualidade da organização e das instalações do Pan e até mesmo as belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro; já na Folha de São Paulo, o tema do nacionalismo é enfocado como crítica à cobertura feita por outras mídias, especialmente a televisão, cujo ufanismo exacerbado é caracterizado por alguns colonistas do jornal paulista como uma espécie de equivocada competição midiática para verificar quem é mais torcedor brasileiro, inclusive com referência a ex-atletas travestidos de comentaristas de emissoras por assinatura, cujo comportamento às vezes denunciava não terem sido informados da sua nova condição e estariam demonstrando pouco preparo para a função, inclusive quanto ao conhecimento da própria cultura esportiva³.

Esse sentimento nacionalista evocado pelas emissoras de televisão pode ser constatado também pela classificação do material analisado nas categorias referentes ao que foi veiculado pelo Jornal Nacional. Se a categoria *Técnica* é a mais amplamente citada, com mais de 50% dos registros, o *Nacionalismo* é a segunda categoria em número de referências, presente em quase 1/4 das matérias sobre o Pan naquele telejornal. Isso parece corroborar, por um lado (quanto ao conteúdo nacionalista da cobertura), para uma crítica ao modo como o esporte é emocionalmente tratado pela televisão até mesmo no campo jornalístico, em tese caracterizado por desejável neutralidade; por outro, a predominância das informações técnicas demonstra que a celeridade da linguagem televisiva combina mais com o enfoque factual da notícia, no caso a esportiva, em detrimento das análises e do estabelecimento de relações do fenômeno esportivo com outras instâncias socioculturais do cotidiano.

³ Referência explícita ao ex-jogador de basquete Oscar Schmidt, trabalhando como comentarista do SportTV, que teve sua atitude criticada por estar, no ginásio de ginástica artística, gritando “vai cair!” no momento da apresentação de atletas de outros países.

Tal preocupação com a dimensão de noticiabilidade dos fatos fica ainda mais evidente quando observamos as mudanças significativas no tempo dedicado à cobertura do Pan no JN ao longo da realização dos Jogos, cuja trajetória de forma simplificada é abaixo destacada, para depois comentarmos:

- dia 13/7/2007 – 55% do tempo total do JN (abertura do Pan)
- dia 17/7/2007 – 14%
- dia 28/7/2007 – 40% (véspera do encerramento)

De forma isolada, estes índices poderiam demonstrar que, para a produção do JN, os telespectadores estariam mais interessados nos momentos de início e finalização do evento, quando os temas dos Jogos predominaram na cobertura do telejornal. Todavia, no dia 17/7, pouco mais de uma hora antes do JN entrar no ar, um acidente com avião da TAM, no aeroporto de Congonhas/SP, fez com que matérias relativas a este fato reduzissem consideravelmente o espaço atribuído ao Pan – diga-se de passagem que este acidente, em solo, com imagens do avião, dos passageiros e de pessoas que se encontravam no prédio atingido sendo consumidos pelo fogo, constituiu-se num fato midiático espetacular, além do seu evidente interesse jornalístico. Nos primeiros dias subsequentes ao acidente, o tempo da cobertura esportiva permaneceu reduzido, dividindo-o com matérias sobre o acidente⁴. Cerca de 10 dias após, na véspera do encerramento dos jogos, o próprio acidente aéreo havia perdido importância em sua noticiabilidade, sendo largamente superado pelas notícias relativas aos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, que efetuavam um balanço preliminar da sua realização e agendavam as finais de alguns esportes e as solenidades de encerramento do evento para o dia seguinte.

Observando a cobertura dos Jogos feita pelo JN, ao longo da realização daquele evento esportivo, constatamos a completa ausência de matérias veiculadas que pudessem ser classificadas na categoria *Política*.

⁴ A este respeito, o jornalista Dorrit Harazim escreveu a coluna “Um parêntese de felicidade” no jornal O Globo, que foi reproduzida no Blog do Juca (http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2007-07-29_2007-08-04.html). Ela começa assim: “Desde que as rotas do XV Pan e do Airbus da Tam se cruzaram na funesta terça-feira de 17 de julho, o país passou a alternar momentos de alegria vulcânica com abismos de horror. Para quem assistiu de casa ao noticiário ininterrupto e consecutivo dos dois dramas, as lavadas d’alma e o medo foram sendo expiados um após o outro, em privado. Resultado: um estado de bipolaridade (termo tão na moda) nacional que especialistas haverão de estudar por muito tempo ainda”.

Até mesmo fatos notórios, de óbvia conotação política e ampla repercussão em outros meios, como a vaia que impediu o pronunciamento do Presidente Lula na abertura do Pan, no estádio do Maracanã, foi solenemente ignorada pelo JN no dia seguinte. O telejornal mostrou uma edição em que o pronunciamento do presidente do COB, Carlos Arthur Nuzman, declarando abertos os Jogos, em socorro ao Presidente da República que deveria fazê-lo, mas era vaiado naquele momento, foi apresentado como se estivesse rigorosamente dentro do *script* daquelas solenidades. Essa posição do telejornalismo da Globo e, de modo especial, do Jornal Nacional, tão criticado em outros momentos da vida política do país por seu envolvimento com determinados fatos, como a célebre edição do debate final da campanha, entre Lula e Collor em 1989, pode ser vista como um compromisso jornalístico com a isenção da informação; mas também pode ser compreendida como um tentativa de silenciar sobre um fato que atinge o principal patrocinador da sua cobertura, por meio de empresas estatais como a Caixa e a Petrobrás.

Para contextualizar, convém lembrar que, durante o ano anterior ao evento, a Globo foi escolhida para, numa parceria com o COB e o governo federal, fazer uma grande campanha de divulgação institucional do evento, com inserções em horário nobre da televisão e com a participação de atletas de modalidades patrocinadas por essas estatais. Tudo isso faz com que interesses públicos e privados sejam sobrepostos, e a visibilidade ou o silêncio sobre fatos dessa dimensão possam ser compreendidos como decorrentes de motivações políticas, o que não seria novidade no campo midiático-esportivo, mas, definitivamente, não é a maneira mais adequada para se esclarecer a opinião pública e tampouco para promover a formação da cultura esportiva do país.

Por fim, a análise da cobertura do Pan por meio do acompanhamento do material disponibilizado em blogs revelou-se de certa forma ambígua. Havia entre os pesquisadores deste subprojeto certa expectativa quanto ao conteúdo do que seria identificado e recolhido neste recurso da mídia digital, postado por pessoas e/ou instituições com diferentes relações com os Jogos. Foi preciso adaptar alguns critérios e procedimentos específicos para esta observação, porque há ainda uma carência nas metodologias para a pesquisa no campo virtual. O que se constatou, todavia, é que se a forma do blog e a sua plataforma operacional (internet) podem ser consideradas inovadoras no campo midiático informativo, o mesmo não se atribui ao conteúdo neles disponibilizados. A linguagem mais informal, inclusive com algumas grafias simplificadas, típicas das mensagens de meios *on line*, não consegue esconder que o conteúdo dos blogs acompanhados é uma mera

reprodução adaptada de como as mídias mais tradicionais disponibilizam a informação. Isso pode ser constatado pela análise das matérias recolhidas, cuja classificação também privilegiou as categorias que predominaram nos outros meios estudados, *Técnica e Infraestrutura*, inclusive com alguns enfoques e abordagens bastante semelhantes, tanto na postagem principal quanto nos comentários dos seus leitores. Com exceção do blog “A verdade do pan 2007”, os demais transitaram entre comentários elogiosos às condições de prática esportiva encontradas nas novas instalações construídas para o Pan e os prognósticos e as repercussões dos resultados das disputas envolvendo atletas e equipes brasileiras.

Categoria bastante presente nos blogs acompanhados, ainda que de formas diversas, foi a do *Nacionalismo*. E aqui a novidade inesperada: de maneira bastante diferente do enfoque que tradicionalmente faz uso nas coberturas televisivas que envolvem competidores brasileiros, o blog de Galvão Bueno (Rede Globo) pouco se utilizou desta dimensão com que ele normalmente apela ao emocional dos seus telespectadores. As poucas referências elogiosas feitas pelo jornalista a aspectos de possível conotação nacionalista foram quanto às belezas naturais da cidade do Rio de Janeiro. O próprio blog do Galvão pode ser citado para exemplificar o que afirmamos acima, quanto à falta de inovações no jornalismo digital por via dos blogs. Em muitas mensagens postadas por Galvão Bueno, bordões típicos da linguagem oral, usualmente utilizados por ele nas coberturas televisivas, foram repetidos no blog, como os conhecidos “Bem, amigos da Rede Globo...” e “Haja coração!” Em termos de abordagens nacionalistas entre os blogs analisados, o oposto ao do Galvão, isto é, o mais enfático no enaltecimento desse aspecto na cobertura do Pan foi o blog do jornal Diário do Rio. E aqui a idéia de nacionalismo escorrega para um tipo especial, se assim podemos afirmar, que é o de um *bairrismo* explícito, num exercício cotidiano de tentar demonstrar que só na cidade do Rio de Janeiro seria possível contar com todas aquelas condições para a realização do evento, especialmente em se tratando das obras públicas realizadas nas instalações esportivas. Apesar de não dispormos de mais elementos para comprovar essa assertiva, pareceu-nos que o blog do Diário do Rio (e a versão *on line* do jornal, também visitada algumas vezes) pode ser identificado como o que se chama pejorativamente de “jornalismo chapa-branca”; seu projeto editorial pode ser claramente identificado como de apoio incondicional ao governo da cidade do Rio de Janeiro, com diversas inserções de matérias com fotografias do prefeito Cesar Maia, enaltecendo sua capacidade administrativa para sediar a realização dos Jogos no Rio.

Outro aspecto a ser destacado é o fato dos blogs possibilitarem que os receptores (leitores) possam se converter também em emissores, postando comentários às mensagens disponibilizadas pelos titulares dos blogs, e neste sentido, exercerem sua dimensão reflexiva e crítica. Isso parece não ter sido levado muito em consideração pelos frequentadores dos blogs acompanhados. Em geral, os comentários apostos às mensagens iam na mesma direção, isto é, apenas concordando e reforçando o enfoque da mensagem postada originalmente. Apenas em duas mensagens, de dois blogs, observou-se uma “rebelião” dos leitores. A primeira, no blog do jornalista Felipe Mendes (jornal Lance) e a outra no acima referido blog do Diário do Rio. Ambas tinham formatos e conotações diversas e foram fortemente contestadas, ainda que com argumentos bastante simplistas. Enquanto no blog do Lance, a discordância dos leitores foi quanto a uma mensagem na qual o jornalista afirmava que as atletas do voleibol feminino brasileiro teriam “amarelado” na disputa contra a equipe de Cuba; no Diário do Rio, a contestação foi contra uma matéria postada em que, num acesso de nacional-bairrismo e adesismo político, o blog sobrepunha a imagem de Cesar Maia ao da estátua do Cristo no Corcovado.

Quanto à periodicidade das postagens, os blogs do Lance e do atleta Mosiah Rodrigues foram os mais irregulares, o que de certa forma contrariou a expectativa dos pesquisadores do subprojeto, pelo menos em relação ao blog do Lance, que o escolheram por causa da política editorial criativa e independente que caracteriza o jornal. A consequência é que também foram escassos os comentários postados por leitores dos dois blogs, especialmente no de Mosiah, que tinha uma conotação mais atemporal, com mensagens de agradecimento aos fãs, além de várias fotos de treinos e competições anteriores ao Pan (ainda que tenha sido anunciado como um blog que registraria seus treinos, expectativas e participação no evento).

Finalmente, é imprescindível um comentário a respeito do blog que ficou famoso pelo tom das críticas à organização dos Jogos Pan-Americanos Rio/2007, dirigindo seu foco para aspectos de infraestrutura (atraso nas obras), não cumprimento de promessas de melhorias para a cidade, extrapolação do orçamento dos jogos, aplicação de verbas públicas sem licitação, entre outros. O detalhe importante deste blog foi que praticamente não havia produção própria do(s) responsável(is)⁵ por ele, uma vez que as postagens eram restritas a matérias clipadas (recolhidas e reproduzidas) de outras mídias. O jornalista Juca Kfourri, do jornal Folha de

⁵ Como já informado anteriormente, o blog era administrado por alguém que se apresentava como *Diana*.

São Paulo (onde assina duas colunas semanais e mantém um blog atualizado diariamente) e da ESPN Brasil (canal de TV por assinatura distribuída pela NET), considerado um dos cronistas mais críticos e independentes do jornalismo esportivo brasileiro, usou estes espaços para fazer diversas referências ao blog “A verdade do pan 2007”, inclusive utilizando-se de informações contidas nele em seus comentários e colunas. E foi também o jornalista que, encerrados os Jogos, abriu espaços para incisivas cobranças por explicações quanto à retirada de todo o conteúdo do blog, sem qualquer informação prévia, ao final do Pan Rio/2007⁶.

A esse respeito, é interessante observar que nossa pesquisa encontrava-se já em sua fase final (e devido a compromissos institucionais assumidos era impossível prorrogar seu encerramento) quando um novo blog surgiu, cujo nome é “A Verdade da Olimpíada 2016”. Em sua apresentação, o blog se manifesta como “um clipping de matérias sobre o Pan 07, a Copa 14 e a Olimpíada 16”. A seguir, observa-se a afirmação transcrita literalmente: “Este blog serve para informar o leitor. **Lamentamos muito o desaparecimento do blog ‘A Verdade do Pan 07’. Rejeitamos censura**” (grifo nosso). Nele estão disponibilizadas algumas das postagens que faziam parte do blog acima referido, embora os comentários não tenham sido agregados. Mais interessante ainda é que, apesar do nome deste novo blog fazer uma alusão à candidatura do Rio para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, o endereço eletrônico é <<http://averdadedopanoretorno.blogspot.com>> (grifo nosso).

Antes de seguirmos adiante, consideramos relevante comentarmos, ainda que brevemente, os demais textos que compõem a segunda parte do livro.

Os relatórios parciais do subprojeto sobre atletas “locais” na mídia regional, que geraram os textos sobre os “sergipanamericanos” e os atletas mineiros, respectivamente no Jornal da Cidade e Estado de Minas, contribuem para especificar, pelo exemplo, os detalhes de como a estratégia de “localizar” o Pan pela presença dos atletas com maior identidade regional pode ser constatada na pesquisa. Para registro, cabe mais uma vez destacar como o conceito de “local” é flexível e se torna alargado para uso pelas mídias regionais, a fim de viabilizar essa relação global-local. Neste sentido, não importa se o atleta natural daquele estado pouco ou nunca se refira a esta condição, ou se, pelo contrário, a simples vinculação federativa

⁶ Ver, por exemplo, a postagem: **Atenção: Blog “A Verdade do Pan 2007” está fora de ar!!!!** Disponível em: http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2007-08-05_2007-08-11.html . Consulta em: 31/07/2009.

a um clube do estado já se constitui em fato suficiente para transformar “estrangeiros” em “nativos”.

Quanto à pesquisa sobre a (in)visibilidade do Parapan na mídia, embora incipiente e exploratória, ela é de suma importância porque vem cobrir uma lacuna já constatada nas análises sobre a cobertura dos grandes eventos do paradesporto⁷, apesar do discurso inclusivo pelo esporte ser cada vez mais recorrente. Dois aspectos, dialeticamente relacionados, são relevantes na análise das narrativas jornalísticas. O primeiro diz respeito ao caráter heróico atribuído aos para-atletas, condição essa construída pelo discurso do sacrifício e da superação da “tragédia” pessoal vivida por cada um. O para-atleta, portador de alguma deficiência física ou motora, congênita ou adquirida, é apresentado como alguém que, diante das dificuldades decorrentes da sua situação, demonstra pelo exemplo individual possibilidades que todos desfrutariam para serem incluídos e obterem o reconhecimento social pela atuação no esporte. Todavia e contraditoriamente, o mesmo paradesporto, que possibilita essas lições públicas de esforço e superação, ao organizar-se pelo modelo do esporte olímpico, serve também como âmbito para a exclusão, pois, tal como no seu referente, ali também o palco é para poucos, limitado aos detentores das melhores performances e merecedores de medalhas de distinção. Aos demais, a invisibilidade no interior daquilo que já é pouco visível na mídia (o paradesporto) parece ser ainda maior.

Por fim, o artigo decorrente de dissertação de mestrado que trata da percepção de escolares a respeito do agendamento midiático do Pan Rio/2007, revela que os jovens, mesmo demonstrando aparente desinteresse pelos grandes eventos do esporte convencional, estão suficientemente atentos para compreender como se produz o discurso da mídia esportiva e o conjunto de interesses políticos, ideológicos, comerciais etc., que o constitui. Tal constatação reforça os argumentos em favor da importância dos processos de mediação cultural que deve ser desenvolvida por instituições sociais educativas, como a escola, visando à formação de receptores ativos e críticos, conforme preconizam, entre outros, Orozco Gomes (1997) e Souza (2004), com base no pensamento de Jesus Martin Barbero (2002). Aliás, pelo estudo empreendido pelo pesquisador se pode perceber completa ausência desta estratégia de mídia-educação⁸ como

⁷ Embora discordando desta expressão, decidimos segui-la, assim como os autores do capítulo específico também o fizeram, em detrimento de “para-esporte”, no nosso entendimento a mais adequada.

⁸ Sobre este conceito, ver Belloni (2000) e Fantin (2006). Seu uso na Educação Física pode ser encontrado, entre outros autores, nas dissertações de mestrado de Lisboa (2007), Mendes (2008) e Bianchi (2009).

atividade didática do componente curricular Educação Física, no âmbito da escola pesquisada, durante o período em que o estudo foi realizado.

-O-O-O-O-O-O-

Num esforço de síntese, ao final da análise dos resultados levantados nos quatro subprojetos e demais textos, podemos afirmar que, na maioria dos veículos e suportes tecnológicos de mídia acompanhados, a cobertura jornalística dos Jogos Pan-Americanos revelou-se limitada à divulgação dos aspectos técnicos das disputas esportivas, considerando aqui informações sobre jogos e provas previstas na programação, os resultados alcançados e a entrega de medalhas aos vencedores, especialmente quando se tratava de atletas e equipes brasileiras. Em escala um pouco menor, encontram-se as matérias relativas à categoria *Infraestrutura*, destacando as instalações esportivas construídas ou reformadas e a Vila Olímpica, local de hospedagem dos participantes. Outras categorias como *Política* e *Nacionalismo*, de forma geral também foram observadas em índices bem menores e com enfoques diversos e localizados em um ou mais veículos.

De certo modo, podemos concluir que o Pan Rio/2007 teve cobertura jornalística centrada quase exclusivamente na sua condição de uma disputa esportiva internacional, isto é, sua importância como notícia não extrapolou a dimensão convencional do esporte, envolvendo vitórias e derrotas, ainda que com o destaque pertinente a um evento de grandes proporções no cenário esportivo do continente americano. O amplo leque de interfaces sociais abertas no país e na cidade do Rio de Janeiro, decorrente da realização dos Jogos, pouco foi considerado como de interesse do público na cobertura do evento pela mídia. E essa invisibilidade das imbricações do Pan no cotidiano e na história recente do país serviu para reduzir a importância social e política do evento, tratado muito mais como entretenimento do que como objeto de informação jornalística.

Duas exceções precisam ser destacadas, pelas características muito próprias com que fizeram a cobertura do Pan. Tratam-se das colunas da Folha de São Paulo, jornal cujo projeto editorial como um todo enseja aos colunistas liberdade e independência no trato com a informação, estimulando a prática de um jornalismo verdadeiramente de opinião; e o blog "A verdade do pan 2007", que soube aproveitar-se adequadamente do recurso digital para clipar outros meios, reunindo e disponibilizando num único espaço, de livre acesso, uma série de informações e opiniões de natureza crítica, expressadas por outras mídias, pessoas, organizações não-governamentais e instituições, a respeito dos Jogos.

Eventos esportivos como os Jogos Pan-Americanos, que envolvem a representação do país por atletas e equipes, proporcionam experimentar sentimentos de nacionalismo e pertencimento, francamente associados à identidade vitoriosa, que resulta não do silenciar, mas da superficialidade do discurso na cobertura dos Jogos.

Sob perspectiva bastante restrita, o discurso midiático com relação à identidade nacional – uma vez discutido anteriormente o processo de identificação gerado pela cobertura jornalística ao aproximar o evento (global) de seus possíveis leitores/espectadores através de atletas “locais” – que vai do ufanismo à crítica desmedida, se apóia, de fato, sobre uma modalidade singular da relação com o outro, qual seja, a da diferenciação pela disputa. Marca indelével do sistema liberal que organiza o “ocidente” econômica e politicamente, tal premissa acaba por configurar a identidade pelo conflito: a vitória é a metonímia do país que cresce, assim como a derrota o é de nossas mazelas.

O fato, bastante descarado, é que ser brasileiro durante o Pan é participar da derrota de Cuba, dos EUA, da Argentina etc. Não se trata de uma alteridade pela diferenciação, de fato, mas pela desigualdade. É o número de medalhas que nos torna legitimamente brasileiros de um Brasil vencedor. Por outro lado, as perspectivas criadas pelo Pan em torno dos Jogos Olímpicos mergulham nossa identidade na crise ao especular sobre o fracasso como resultado de nossas políticas e nossa economia, da desestruturação das escolas e do despudor de nossos dirigentes. A transição fácil entre o orgulho e a vergonha nacional parece se originar, entre outras coisas, num aspecto importante do sistema jornalístico, o fato de que na velocidade não é possível pensar (BOURDIEU, 1997). Na urgência das pautas ou na atração através da identificação pelo “ao vivo”, o discurso oscila sobre suportes instantâneos, maleáveis e fluidos.

Deste modo, discursando sobre a identidade através da objetificação das diferenças, aspecto que o resultado de uma prova de 100m, de um jogo de voleibol ou o quadro de medalhas trata de reforçar, a mídia transforma o jogo de identidades em uma modalidade especular do par vitória-derrota, diminuindo o espectro tanto mais complexo quanto abstrato das relações sociais práticas e simbólicas constituídas historicamente em diferentes campos do encontro entre humanos. Por fim, não menos importante, tal procedimento aponta para uma generalização na qual o conjunto da sociedade brasileira deve se moldar. A imagem metonímica exige o reconhecimento e a identificação de todos. Aquele que não se adapta ou “é ruim da cabeça, ou doente do pé” e, portanto, mau brasileiro.

Ainda assim, é preciso que se registre, um evento deste porte funciona como um propulsor no qual a sociedade acaba por refletir sobre si mesma. Se o Pan é uma história que contamos para nós sobre nós mesmos (GEERTZ, 1989), esta história não é unívoca, ainda que hegemônica. Estamos nós, ainda hoje, na expectativa dos próximos Jogos (Pan Americanos, Jogos Olímpicos, Copa do Mundo), a cismar sobre nós mesmos: nossas possibilidades de vitória e nossos riscos de derrota. Mas também sobre nossa brasilidade, nosso sistema político-econômico (e nossos políticos e economistas), nosso esporte, nossa escola, nossa educação física, nossa, nossa, nossa...

-O-O-O-O-O-O-

Nesta última parte das considerações finais, pretendemos refletir mais livremente sobre aspectos importantes do entorno (mas nem tanto) do Pan Rio/2007, cujas referências na mídia brasileira foram pequenas ou até mesmo inexpressivas. Estamos nos referindo a fatos, desdobramentos e consequências da realização dos Pan-Americanos no Brasil, cuja repercussão na mídia em geral e na esportiva de forma especial pouco contribuiu para o entendimento dos significados culturais de múltiplas facetadas assumidos pelos Jogos.

Para começar, vamos adentrar no campo técnico-esportivo do Pan, justamente o que esteve mais presente na cobertura jornalística analisada, mas que foi restrito às informações factuais, com pouco ou quase nenhuma reflexão crítica. E escolhemos a alegada performance brasileira para dar início à reflexão.

Ora, ao final dos Jogos, a mídia nacional destacou, com orgulho, o crescimento do país no quadro de medalhas pan-americanas, com quase o dobro da edição anterior (Santo Domingo, 2003), tendo alcançado agora o terceiro lugar geral, apenas cinco ouros atrás da até então inatingível Cuba. Essa informação, sem dúvida, é notícia e fez bem a mídia em dar-lhe tal destaque. O questionável (e criticável, porque induziu a sociedade a desenvolver uma representação incorreta do que isso significa) é que não teve o mesmo destaque na mídia o fato que o Pan-Americano é, reconhecidamente, um evento de pouca importância real do ponto de vista do esporte olímpico, sendo utilizado tradicionalmente pelos países com melhor desempenho olímpico na América apenas como uma etapa preparatória para seus atletas e equipes. É tão pouco considerado que apenas 25% da delegação dos Estados Unidos que participou dos Jogos Olímpicos de Pequim, no ano seguinte, havia participado do Pan no Rio (ATHAYDE,

2009). Além disso, basta verificar os índices obtidos pelos medalhistas do Pan em algumas modalidades, como a natação e o atletismo, bastante abaixo do que se verificou em Pequim, para que se perceba sua condição de evento secundário. Também é pertinente ressaltar que, em muitas das modalidades esportivas não-olímpicas, os campeonatos mundiais ocorrem no final do segundo semestre do ano do Pan, o que corrobora com o argumento de que, de uma perspectiva técnico-competitiva do esporte mundial, os Pan-Americanos representam um evento de importância relativa, válido mais como fase preparatória de treinamento.

Para a sociedade mais leiga sobre o esporte de alto rendimento, em virtude dessa omissão da mídia, como se afirmou acima, ficou uma falsa impressão de que o país teria alcançado esse significativo aumento no quadro de medalhas em virtude de evolução técnica significativa das equipes e atletas brasileiros. E esse entendimento levou a pensar que seria plausível sonhar com uma melhora do Brasil na classificação geral e no quadro de medalhas no ano seguinte, nos Jogos Olímpicos de Pequim. Essa, inclusive, tornou-se a posição oficial do Ministério do Esporte, que estabeleceu, à revelia do Comitê Olímpico Brasileiro (este consciente da pouca expressão dos resultados obtidos no Pan), perspectiva de patamares técnicos de evolução nos resultados a serem alcançados em Pequim e nas olimpíadas seguintes. De fato, o Brasil aumentou em 50% o número de medalhas alcançadas (foram 10 em Atenas e 15 em Pequim), além de aumentar também a presença em fases finais em várias modalidades e provas. Todavia a redução do número de medalhas de ouro fez com que a classificação final do país no cenário do esporte olímpico caísse de 16º, obtida em Atenas, para o 23º lugar em Pequim. Tal fato, pela expectativa criada junto à opinião pública em função da ausência de reflexões da mídia sobre os resultados do Pan, gerou um sentimento de frustração na população, mais uma vez repercutida e ampliada, contraditoriamente, pela mesma mídia esportiva nacional, causando revoltas e provocando críticas equivocadas, o que obviamente não contribuiu para a construção de uma adequada cultura esportiva no país; críticas essas fundamentadas na relação simplista entre investimentos e resultados, especialmente porque o COB levou a Pequim sua maior delegação e o ciclo olímpico (período de quatro anos entre duas edições dos Jogos Olímpicos), que culminou em 2008 foi aquele no qual maiores verbas públicas foram transferidas para o comitê olímpico e confederações nacionais, seja por imposições legais, como as previstas na Lei Agnelo-Piva, seja por aplicações diretas na forma de patrocínios, feitos por empresas estatais.

Falando neste tema do financiamento público do esporte olímpico no Brasil e, mais particularmente, dos gastos com o custeio das obras necessárias para a realização dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro pelos governos, observamos que, quando tratada na mídia esportiva, a questão foi abordada com total naturalidade, com comentários breves, como se fosse esse mesmo o papel do Estado. Ora, se observarmos os efeitos da referida lei Agnelo-Piva, que repassa ao COB e confederações anualmente um percentual do total arrecadado pelas loterias federais, montante estimado em 400 milhões no ultimo ciclo olímpico, podemos afirmar que nunca o esporte de alto rendimento do país teve um aporte financeiro tão alto (HOFMAN; LEAL, 2008). Ainda mais se considerarmos que muitas modalidades olímpicas têm patrocínio direto de empresas estatais, como é o caso dos esportes aquáticos (Correios), do basquetebol (Eletrobrás), do atletismo e da ginástica (Caixa Federal), do voleibol (Banco do Brasil), do handebol e do próprio COB (Petrobrás). Obviamente que não se consegue recuperar anos de mendicância e absoluta falta de verbas em pouco tempo, portanto não são esses repasses, “nunca antes acontecido neste país” (parafrazeando o Presidente Lula), que vão determinar o imediato crescimento da qualidade do esporte nacional em âmbito olímpico. Os questionamentos que cabem aqui são outros: o primeiro é se deve mesmo um país, com tantas e tão antigas dívidas sociais e constantes cortes e contingenciamentos dos orçamentos dos ministérios deste campo, assumir a quase total responsabilidade pelo financiamento do esporte de alto rendimento. Sem negar a importância do esporte olímpico na indução da formação de uma cultura esportiva para o país, é lícito perguntar por que esse esporte, que tem ampla visibilidade na mídia e, portanto, poderia obter patrocínios e financiamentos privados, precisa ser sustentado praticamente apenas por verbas públicas. Se o objetivo desse financiamento público fosse mesmo o de alavancar de forma sustentada o esporte, seria imperioso que as áreas esportivas ligadas aos campos educacional e de lazer/participação, que ancoram a cultura esportiva de base, mas com baixa visibilidade na mídia, fossem contempladas com quinhões maiores destas verbas, de modo a garantir, em médio e longo prazo, a democratização do acesso e a popularização das práticas esportivas, condição para que futuramente se possa ter atletas e equipes de qualidade no alto nível, e educação e participação esportivas igualmente bem desenvolvidas junto a toda a população.

A questão do financiamento público do esporte olímpico causa mais perplexidade porque, além de todos esses repasses e patrocínios estatais às confederações e ao COB, no caso da realização do Pan Rio/2007, o Estado brasileiro, em suas três esferas de governo (federal, estadual e

municipal), foi chamado a pagar a conta da construção ou adequação de arenas esportivas, vila olímpica, custos com solenidades e festas, consultorias internacionais de segurança, trânsito, entre outros. E uma conta pesada, já que multiplicada por oito em relação ao previsto (corrigido) quando o projeto de candidatura brasileira a sediar esta edição do Pan na cidade do Rio de Janeiro foi apresentado, cinco anos antes da sua realização (FOLHA DE SÃO PAULO/Editorial, 2007). As três esferas governamentais, juntas, assumiram custos da ordem de 3,7 bilhões de reais, sem que as melhorias permanentes prometidas para a cidade, que se constituiriam no insuflado “legado do Pan” (como obras viárias, novas linhas de metrô, ampliação da rede pública de saúde, despoluição das lagoas etc.) tivessem saído do papel. Além disso, dado ao caráter de urgência que tais obras foram exigidas ao Governo, pela não confirmação de prometidos financiamentos e patrocínios da iniciativa privada, acarretou que muitas delas fossem feitas sem licitação e com valores tão acima dos padrões de referência que o Tribunal de Contas da União, já na época da concessão das verbas, alertou para a suspeita de superfaturamentos. E, para concluir esses desencontros, é preciso ainda lembrar que muitas destas obras de novas instalações esportivas, apesar do propalado padrão olímpico do Rio/2007, acima do nível de exigências para Jogos Pan-Americanos, revelaram-se inadequadas para acolher provas de Jogos Olímpicos e ainda vieram a tornar-se obsoletos logo após os Jogos pelo completo abandono, como o parque aquático Maria Lenk e o Estádio Olímpico João Havelange (Engenhão), alugado para o Botafogo/RJ, sem que suas instalações esportivas de atletismo estejam sendo apropriadamente utilizadas nem ao menos para competições escolares ou de categorias de base.

Em se tratando de obras relacionadas ao Pan, é impossível deixar de comentar um dos principais argumentos para justificar a importância da sua realização no país e na cidade do Rio de Janeiro, tratado simplificada e pelo slogan “os legados do Pan”. Repetido como um mantra, esses possíveis benefícios para a cidade e a população do Rio de Janeiro se constituiriam numa herança capaz de melhorar as condições da qualidade de vida dos cidadãos e estimular o desenvolvimento da cultura esportiva no país. Ora, logicamente que a idéia de avaliar legados de mega-eventos esportivos, tarefa a que já se propuseram pesquisadores de todo o mundo em cidades, regiões e países que os sediaram, é bastante complexa⁹.

⁹ Passados os Jogos Pan-Americanos, o Ministério do Esporte e a Universidade Gama Filho, com apoio do SESI/RJ, SESC/RJ e CONFED, realizaram seminário internacional sobre legados de mega-eventos esportivos, com a participação de vários destes pesquisadores de diferentes países. Este seminário deu origem a uma publicação sobre o tema (RODRIGUES; PINTO; TERRA; DaCOSTA, orgs., 2008).

Em sua análise, é necessário considerar legados materiais (como obras e instalações esportivas ou não) e imateriais (como a cultura esportiva ou a imagem internacional); legados imediatos (implementados antes e no decorrer dos jogos) e mediatos (previstos para acontecer nos curto e médio prazos); legados diretos (de natureza esportiva) e indiretos (como condições de acesso, sistema viário, segurança pública, despoluição, recuperação de áreas urbanas), entre tantos outros. Assim, mais uma vez o que se pode constatar pela análise do discurso midiático da cobertura do Pan é que o tema foi tratado com extrema simplificação, com a sua orientação sendo definida conforme o interesse de abordagem de cada veículo¹⁰.

Basicamente, o que se viu na mídia foi, por um lado, os defensores da realização do evento no Rio de Janeiro afirmarem que a população carioca herdaria do Pan instalações esportivas de primeiro mundo, que garantiria a realização de outros eventos esportivos de referência, colocando o Brasil no mapa do esporte olímpico internacional. Além disso, asseguravam estes, a educação esportiva seria beneficiada pela divulgação dos Jogos, com o respectivo aumento da procura de crianças e jovens por escolinhas de esportes, na Educação Física Escolar etc. Embora sem a mesma ênfase, esses discursos iam além das questões eminentemente esportivas, considerando também como legados do Pan um possível acréscimo na economia da cidade, imediata e de forma prolongada, pelo incremento do turismo.

Por sua vez, as abordagens mais críticas (e também muito mais escassas e localizadas, como vimos) em relação ao Pan na mídia sustentavam que a promessa dos legados dos Jogos constituía-se em mais um engodo discursivo dos responsáveis pela realização do evento, com a participação da mídia mais adesista, para justificar os abusos nas quantias e nas formas de aplicação dos recursos públicos, os investimentos em obras esportivas cuja ocupação posterior aos Jogos seria mínima. Sobretudo criticavam-se as promessas apostas ao projeto original dos Jogos Pan-Americanos e não cumpridas, de obras e melhorias na cidade, incluindo-se aí novas linhas de metrô, ampliação de vias para trânsito rápido, despoluição da baía de Guanabara e da lagoa Rodrigo de Freitas, ampliação da rede pública municipal de saúde, entre outros.

Por tudo isso, consideramos que a discussão sobre os legados do Pan, tanto na mídia quanto no debate acadêmico, pela importância e

¹⁰ Essa percepção dicotômica da mídia a respeito da realização do Pan no Rio de Janeiro, em que os chamados legados assumem papel importante, também foi referida por Gurgel Campos (2007), em texto já referido.

complexidade do tema e pela pertinência do assunto, em vista da realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 e da candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, precisa ser ampliada e aprofundada. É temerário e tendencialmente equivocado tomarmos posições definitivas e impermeáveis à reflexão, ao debate crítico. Por tudo isso, usando da própria expressão, consideramos que um dos legados (da nossa pesquisa sobre o) do Pan é o interesse em estudos sobre os legados do Pan, o que já está sendo realizado pelo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC, em pesquisa de iniciação científica.

Capítulo à parte na análise do agendamento dos Pan-Americanos de 2007 pode ser observado nas acrobacias e jogos de linguagem quando da entrada do governo federal de forma mais efetiva na organização do evento, junto com a rede de televisão escolhida para divulgar a realização dos Jogos e sensibilizar a população para a importância deste evento esportivo. Fatores como marketing institucional e comercial, permeados por interesses políticos de fundo, fizeram com que a campanha televisiva nacional desencadeada no ano de 2006 pela Rede Globo de Televisão, em parceria com o COB e financiamento de empresas estatais brasileiras, tentasse transformar o Pan Rio/2007¹¹ no “Pan do Brasil”. O slogan utilizado largamente nesta campanha institucional, além de tentar “nacionalizar” os Jogos, de modo a fazer com que a população de todo o país se sentisse mobilizada pela disputa, tinha também o objetivo de “desmunicipalizar” o Pan, numa estratégia de evitar que apenas a Prefeitura do Rio de Janeiro, administrada por um adversário político do governo federal, viesse a capitalizar os dividendos políticos da realização do evento na cidade, especialmente em face da presença significativa do governo Lula no financiamento dos seus custos. Em linguagem figurada, pode-se assim resumir: “por que colocar azeitona na empada dos outros?” Episódios políticos como as vaia ao presidente Lula na abertura do evento, no estádio Maracanã, que teriam sido orquestradas por grupos favoráveis ao prefeito Cesar Maia, pode ser considerado um exemplo do desdobramento objetivo deste embate político subterrâneo.

Para a emissora parceira desta campanha, escolhida sem licitação pelo COB, com base em argumentos no mínimo questionáveis, também se mostrava interessante essa tentativa de nacionalizar a realização do Pan, nem tanto pelos critérios institucionais e políticos do governo; tampouco

¹¹ Na tradição olímpica, da qual os jogos pan-americanos são subsidiários, é praxe utilizar o nome da cidade em que o evento ocorre para denominar aquela edição dos Jogos. Não podendo subverter essa tradição, a estratégia foi ampliar para todo o país a área de interesse do Pan, sendo a passagem da tocha olímpica pela maior parte das capitais do país um destes meios de provocar um sentimento de pertencimento da população brasileira em relação aos jogos.

pela importância de integrar regiões mais distantes do Rio de Janeiro; mas, sobretudo, pelo interesse comercial da emissora no rico mercado publicitário do vizinho estado de São Paulo. Era temerário para o setor comercial da Globo, com sede no Rio de Janeiro, que os possíveis patrocinadores privados, representados pelo empresariado nacional e multinacional baseado em São Paulo, tivessem a percepção da caracterização do Pan como um evento apenas carioca e, portanto, pouco significativo para seus interesses mercadológicos. Ao procurar mostrar ao campo publicitário que os Jogos eram capazes de envolver e mobilizar a atenção de toda a nação, a Globo transformou o Pan numa oportunidade para investimentos que visassem atingir corações (e bolsos) de consumidores por todo o país. Foi isso o que garantiu à Globo a venda de todas as suas cotas de patrocínio dos Jogos Pan-Americanos no início de 2007, numa antecedência que nem de longe lembra a comercialização de suas cotas em outros eventos esportivos internacionais, normalmente negociadas anos antes da sua realização.

Da nacionalização à internacionalização. Sim, enquanto o governo federal e a rede Globo tentavam nacionalizar o Pan de 2007, o COB buscava, por estes e outros recursos, garantir visibilidade internacional ao evento. Seu objetivo estava relacionado ao interesse de que o país (e seu comitê olímpico) demonstrasse à comunidade olímpica internacional capacidades técnicas na realização de um grande evento esportivo de natureza internacional. Neste sentido, se justificava a reforma e construção de instalações esportivas com padrões de qualidade (e custos também) bastante acima dos exigidos para jogos pan-americanos; se justificava a contratação de consultorias internacionais (sem licitação, por critério “técnico”), que já tinham trabalhado em outras edições de Jogos Olímpicos; se justificava a propaganda oficial (nem sempre concretizada) deste ser um evento de “nível olímpico”, que capacitaria executivos e corpo de voluntariado nacionais para acolher e organizar eventos de maior monta no cenário esportivo. Assim, os movimentos políticos do COB, com investimentos bancados por verbas públicas, como se viu, tiveram como propósito principal consolidar uma imagem internacional favorável à proposta de candidatura do Rio de Janeiro (ou seria do Brasil?) para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Neste sentido, é conveniente lembrar que, apesar de ser considerado um “azarão” no início desta disputa, o Brasil surpreendentemente para muitos conseguiu passar pelas primeiras etapas da escolha e encontra-se agora na final, junto com Chicago, Madrid e Tóquio, à espera da decisão do Comitê Olímpico Internacional. Embora sejam entidades e campos diversos, parece ter contribuído também para isso o fato da FIFA já ter confirmado o Brasil como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Resta saber agora, caso seja confirmada a escolha do Brasil para sede dos Jogos Olímpicos Rio/2016, se os ensinamentos proporcionados pelo Pan de 2007, muitos deles formalizados pelo seu contrário, isto é, expressos pela lógica do “como não se deve proceder”, possibilitarão que, desta vez: os encargos e responsabilidades de cada instância envolvida na sua realização sejam melhor estabelecidos e caracterizados, e sobretudo cumpridos; que o esporte brasileiro seja contemplado com maior atenção como um todo, melhorando as condições de acesso e prática esportiva nos âmbitos educacional e de lazer/participação; que a cultura esportiva do país resulte mais elevada, com um bem cultural coletivo que amplia e fortalece a formação humana, tornando a sociedade mais humanizada; que a mídia esportiva brasileira compreenda que a cobertura jornalística de um evento com tais dimensões, mais do que uma disputa por patrocínios e consumidores, é uma grande oportunidade de cumprir com o papel que tanto dignifica uma imprensa livre, que é o de informar e formar receptores igualmente livres, pelo esclarecimento. E, desta forma, que os aludidos “legados do Pan” tornem-se finalmente realidade para a sociedade brasileira e da cidade do Rio de Janeiro, não mais apenas como promessas para depois dos Jogos, mas como condição prévia para a sua realização. A cultura esportiva e o próprio esporte brasileiro agradecerão!

-O-O-O-O-

Para finalizar estas reflexões, desenvolvidas aqui a guisa de considerações finais, entendemos pertinente retornarmos ao nosso ponto de partida, isto é, reafirmarmos uma vez mais o lugar de onde observamos e empreendemos nossos estudos sobre mídia esportiva, com a preocupação de fundamentar nossas intervenções profissionais, que é o campo da Educação Física.

Se concordamos que a mídia é um dos principais interlocutores da sociedade contemporânea e que a partir dessa relação construímos coletivamente um conjunto de representações que intervêm nas escolhas e decisões que tomamos no nosso cotidiano, inclusive no que se refere às práticas esportivas e de lazer, parece relevante que se compreenda como se produz e se socializa o discurso midiático-esportivo para tematizá-lo nas nossas práticas pedagógicas com e na Educação Física, da formação acadêmica inicial à permanente, nas nossas inserções na escola, no tempo livre, nos clubes e demais âmbitos educativos.

Ocasões como essa representada pela realização dos Jogos Pan-Americanos no país, que conseguiu envolver grande parte da população no acompanhamento das disputas esportivas na televisão, carregam também a

atenção para a Educação Física. Os discursos veiculados na mídia insistem, a cada edição de jogos como esses, numa pretensa responsabilidade que a Educação Física escolar teria na descoberta e formação de novos talentos esportivos. Obviamente, esse imaginário, talvez resquício de um tempo em que, para legitimar-se socialmente, a Educação Física procurou associar-se à instituição esporte (BRACHT, 1992), provoca hoje mais prejuízos do que vantagens. Como corolário das discussões mais técnicas, dos resultados e da decorrente postulação de uma brasilidade são os efeitos discursivos sobre o campo da Educação Física, problema que se acelera especialmente quando os resultados não são os esperados. É nesta esteira que a Educação Física aparece nos discursos da mídia. As referências, é verdade, são múltiplas, mas se dividem em duas modalidades especiais, pois reverberam a inconstância do par vitória-derrota. Por um lado, se dá pela citação, em geral ligeira, mas emocionada, por parte de alguns atletas quando da vitória; por outro, através dos debates (normalmente simplistas e apressados) sobre o sistema escolar e a Educação Física, na derrota, ou mais precisamente, no fracasso coletivo que o número de medalhas tão friamente denuncia.

Ainda que não seja o mote mais constante do problema, observa-se que em situações muito particulares, atletas que realizaram o "sonho da vitória" acabam por mencionar sua relação com a escola e a Educação Física. Tal fato se dá, efetivamente, quando "um filme passa na cabeça" e o percurso até o pódio é refeito em imagens emocionadas. É neste momento íntimo e glorioso que a história de vida é relembrada e os passos dados até aquele momento trazem à tona as aulas de Educação Física, os primeiros passos na modalidade e um ou outro profissional, por vezes o próprio professor de Educação Física, é mencionado. Este *flash* acaba por produzir um efeito recorrente: contar tal história detalhadamente.

Ora como efeito tardio, ora como modo de agendamento, a história de vida comporta uma estrutura mítica e contada através do discurso de um intermediário cultural especializado perfaz o tal percurso glorioso desde a incerteza inicial, passando pelos percalços e sofrimentos, para fechar na apoteose gloriosa. É nesta estrutura discursiva, que acaba por nos lembrar que sem dor não há sucesso, que a Educação Física aparece como uma passagem quase romântica, preenchida que é por uma atmosfera de infância ou juventude, de amizades e do olhar certeiro do professor que descobre e incentiva.

Tal romantismo incorpora os discursos sobre identidade, localismo e pertencimento. A Educação Física aparece na aurora dos tempos, e a escola é o palco no qual um talento é descoberto para mais tarde desabrochar. O professor, individualizado em sua prática como aquele que se importa, que incentiva e acredita na capacidade educativa do esporte, é

mencionado como exemplo pois, a despeito da precariedade da estrutura geral da educação e das escolas, faz o seu trabalho com a competência que se imagina que a Educação Física deva ter. Esta versão um tanto cênica da Educação Física no sistema esportivo, pelo olhar midiático, revela, por ironia, outra menos fantástica, mas não menos espetacular: a face do fracasso esportivo brasileiro.

A questão é quase retomada diretamente do ponto no qual, um dia, parece ter se originado: a derrota da seleção brasileira de futebol para o Uruguai na Copa de 1950. Se naquela época havia o problema da “raça”, a mesma, nas circunstâncias que cercam o Pan, é o suporte positivado sobre o qual a questão se levanta: como pode um país tão grande, tão rico e de natureza tão exuberante (natureza corporal, também) ficar atrás no quadro de medalhas ou ser derrotado por países menores (em tamanho, em capital econômico, em população etc.)? Para esta pergunta, a crítica ao sistema esportivo, de que a escola encarna como base da pirâmide, entra em cena, e as comparações com estruturas esportivas diversas se iniciam através de critérios heterogêneos ou mesmo antitéticos.

O “povo” brasileiro volta a ser uma abstração heróica e a estrutura escolar, assim como a Educação Física, passam a purgar, junto com outros “culpados” (dirigentes esportivos, políticos em geral, clubes e empresas...) as agruras da derrota. É interessante, mas não contraditório, que um professor de Educação Física específico seja o artífice de um sucesso, mas que a derrota seja enquadrada no plano genérico do sistema, da estrutura ou da burocracia. Para justificar ou explicar fracassos, especialistas são chamados a darem opinião, ainda que ao professor, mergulhado no cotidiano escolar, a voz lhe seja negada. Tal procedimento aponta para a fórmula tradicional da polemização que superficializa o tema, sem tocar-lhe verdadeiramente o fundo.

Assim, não se especulam questões sobre os sentidos da Educação Física e do esporte fora sua funcionalidade “bio-psico-social” e sua função de promoção e desenvolvimento de talentos, suporte inquestionável da educação dos jovens brasileiros. Como parâmetro comparativo, uma vez que tudo vale a pena desde que medalhas sejam ganhas, o modelo escolar e esportivo adotado pelo socialismo cubano ou o sistema individualista do desporto americano, cuja base se encontra nas escolas e universidades, servem para tramar o pano de fundo do fracasso nacional: falta de organização, pouco investimento, ausência de trabalhos de base, do esporte escolar e universitário, escolas precárias e, por que não, professores de Educação Física desinteressados, despreparados ou incapazes.

Para concluir, reafirmamos que é preciso considerar a contribuição da mídia esportiva na construção da cultura esportiva, pela promoção do acesso da população brasileira à informação sobre o esporte. Na condição assumida pela mídia na contemporaneidade, admitimos que sua função tende a ser de muita relevância. Mas para pensarmos numa cultura esportiva autêntica, que mais do que informação proporcione, como condição de cidadania, a apropriação esclarecida e autônoma do esporte nas suas múltiplas possibilidades, que não devem ser percebidas como incompatíveis entre si (seja como assistência e fruição estética, como prática de tempo livre ou como possibilidade educativa), a dimensão educativo-formativa da Educação Física precisa ser considerada para além da perspectiva pobre do binômio "vitória-derrota", tão presente na mídia esportiva como pensamos ter sido evidenciado em nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Phydia de. Depois do pan, as olimpíadas. **Revista Carta Capital on line**, postada em 05/03/2009; disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=6&i=3477>. Consultado em 08/08/2009.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

BELLONI, Maria Luisa. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2000.

BIANCHI, Paula. **Formação continuada em mídia-educação (física): ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/SC**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. Educação Física: a busca da autonomia pedagógica. In: _____. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO (Editorial). **Os ouros e o tesouro**. Folha de São Paulo, p. 2, 31/07/2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GURGEL CAMPOS, Anderson. Os jogos pan-americanos na mídia impressa: breve análise da cobertura econômica do Rio/2007. In: MARQUES, José Carlos (org.). **Comunicação e esporte: diálogos possíveis**. São Paulo: Artcolor/INTERCOM, 2007.

HOFMAN, Gustavo; LEAL, Ubiratan. A busca do ouro. **Revista Carta Capital on line**, postada em 01/08/2008; disponível em <http://www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=6&i=1655> . Consultado em 08/08/2009.

LISBOA, Mariana M. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdicas das crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2007.

MENDES, Diego S. **Luz, câmera e pesquisa-ação: a inserção da Mídia-Educação na formação contínua de professores de Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: PPGEF/UFSC, 2008.

OROZCO GOMES, Guillermo. Professores e meios de comunicação: desafios e estereótipos. **Revista Comunicação e Educação**, nº 10, São Paulo: Moderna/CCA, 1997.

RODRIGUES, Rejane Penna; PINTO, Leila Mirtes de M.; TERRA, Rodrigo; DaCOSTA, Lamartine P. (orgs.). **Legados dos mega-eventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção televisiva: mediações contextuais. **Revista da USP**, n. 61 (dossiê televisão), mar-mai/2004.

AUTORES

Neste tópico, são apresentados todos os autores/autoras dos capítulos do livro, com os respectivos dados de identificação e endereço eletrônico para contato. Optamos por seguir a ordem em que os nomes aparecem nos capítulos.

Cristiano Mezzaroba - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. MEN/CED/UFSC. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS
Contato: cristiano_mezzaroba@yahoo.com.br

Paula Bianchi - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC); Profa. UNIPAMPA (Uruguaiana/RS). Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: paulacbianchi@yahoo.com.br

Antonio Galdino da Costa - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. IF-SC Campus São José. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: galdino@ifsc.edu.br

Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. DEF/UFSC. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS.
Contato: dorenski@gmail.com

Daniel Minuzzi de Souza - Mestrando em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. UNIVALI (Itajaí/SC). Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: danielxibaba@gmail.com

Scheila Espíndola Antunes - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC); Profa. Faculdade do Futuro (Manhuaçu/MG). Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: scheila_antunes@yahoo.com.br

Cássia Hack - Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC); Profa. da rede Estadual do Mato Grosso (Cáceres/MT). Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: cassiah@terra.com.br

Mariana Mendonça Lisboa – Mestre em Educação Física (UFSC). Profa. da rede municipal de Florianópolis e do curso de Educação Física da UNIASSELVI (Blumenau/SC). Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: marianaml_floripa@hotmail.com

Iracema Munarim - Mestre em Educação (UFSC). Profa. MEN/CED/UFSC. Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: ira.munarim@gmail.com

Giovani De Lorenzi Pires – Doutor em Educação Física (UNICAMP). Professor DEF e PPGEF/UFSC. Coordenador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC e do LaboMídia/UFSC.

Contato: giovanipires@cds.ufsc.br

Bianca Natália Poffo – Graduanda/Licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista de pesquisa da Rede CEDES/SNDEL/ME no Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: bia.poffo@hotmail.com

Filipi Flor Teixeira – Graduando/Licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista do Grupo PET Educação Física/UFSC e pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: filipift@hotmail.com

Daiane Raquel Vieiro Ricken – Graduanda/Licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista de pesquisa da Rede CEDES/SNDEL/ME no Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: day.ricken@hotmail.com

Huáscar Sidorak Castro – Graduando/Licenciatura em Educação Física (UFSC). Bolsista de pesquisa da Rede CEDES/SNDEL/ME no Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.

Contato: sidorak@hotmail.com

Diego Sousa Mendes – Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. DEF/ UFS. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS.
Contato: diegomendes20@hotmail.com

Rodrigo Duarte Ferrari – Licenciado em Educação Física (UFSC). Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: rodrigo@ciclovijagem.org

Rogério Santos Pereira – Mestre em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof. na Faculdade do Futuro (Manhuaçu/MG). Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: rogeriosantosp@gmail.com

Victor de Abreu Azevedo – Licenciado em Educação Física e mestrando em Educação (UFSC). Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: victorazev@gmail.com

Fábio de Carvalho Messa - Doutor em Literatura (UFSC) e mestrando em Educação Física (PPGEF/UFSC). Professor da UFPR-Litoral. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: doctormessa@yahoo.com.br

André Marsiglia Quaranta - Mestrando em Educação Física (PPGEF/UFSC). Prof da rede Estadual de Sergipe (SEED-SE). Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS.
Contato: andrequaranta@yahoo.com.br

Luciana Caroline Pina Garcia – Graduanda/Licenciatura em Educação Física (UNIT/Aracajú). Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS.
Contato: carol_pina_3@hotmail.com

Paula Aragão – Licenciada em Educação Física (UFS) com especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior (Fac. São Luis de França/ Sergipe). Profa. da rede municipal de Graccho Cardoso/SE. Pesquisadora do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC-UFS.
Contato: aragao_paula@hotmail.com

Gisele Carreirão Gonçalves – Mestre em Educação Física (UFSC). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas *Educação e Sociedade Contemporânea*. Professora da rede de ensino do estado de Santa Catarina.
Contato: giselecarreiraogoncalves@yahoo.com.br

Beatriz Staimbach Albino – Mestre em Educação Física (UFSC). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas *Educação e Sociedade Contemporânea*. Professora da rede de ensino do município de Florianópolis.
Contato: bia_ufsc@yahoo.com.br

Alexandre Fernandez Vaz - Doutor em Ciências Humanas e Sociais (Leibniz Universität Hannover). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas *Educação e Sociedade Contemporânea*. Professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/PPGEF). Pesquisador CNPq.
Contato: alexfvaz@uol.com.br

Fernando Gonçalves Bitencourt – Mestre em Educação (UDESC) e Antropologia (UFSC), doutorando em Antropologia (UFSC). Prof. do IF-SC Campus São José. Pesquisador do Grupo Observatório da Mídia Esportiva/UFSC.
Contato: ferbit@ifsc.edu.br